

Ricardo de Campos

*Caboclos **Rebeldes***

*Uma aventura pela
Guerra do Contestado*



Canoinhas, 2016

Ricardo de Campos

*Caboclos **Rebeldes***

*Uma aventura pela guerra do
Contestado*

Copyright © 2016 by Ricardo de Campos

Edição do autor

Capa RICARDO DE CAMPOS

Foto de Capa CLARO JANSSON

Revisão historiográfica ALEXANDRE ASSIS TOMPOROSKI

Ficha Catalográfica

Catálogo na fonte elaborada pela Bibliotecária Camila Guimarães – CRB 14/941

C198c Campos, Ricardo de

Caboclos rebeldes: uma aventura pela guerra do
Contestado / Ricardo de Campos - Canoinhas:
Autor editor, 2016.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-920439-0-2

1. História de Santa Catarina. 2. Ferrovia São
Paulo - Rio Grande. 3. Serraria Lumber. 4. Guerra do Contestado.
5. Sertanejos rebeldes. I. Título.

CDU: 981.05

Sumário Cronológico

<i>Ana e Tobias (janeiro de 1911)</i>	8
<i>O baile de pixirum (janeiro de 1911)</i>	12
<i>A festa de São Sebastião (fevereiro de 1911)</i>	22
<i>Guiado por forças de outro mundo (maio de 1911)</i>	32
<i>Morada de chão batido (junho de 1911)</i>	36
<i>Os senhores dos ervais (junho e julho de 1911)</i>	43
<i>Os três cavaleiros do inferno (outubro de 1911)</i>	54
<i>I'm gonna kill you! (outubro de 1911)</i>	62
<i>O agregado do coronel Osório (outubro de 1911)</i>	65
<i>A Brasil Railway e a Lumber (novembro de 1911)</i>	73
<i>O acampamento e a serraria Lumber (fevereiro de 1912)</i>	86
<i>A bela dama do filme (março de 1912)</i>	100
<i>Conduzindo a tropa (março de 1912)</i>	104
<i>Da seiva ao sangue (abril e maio de 1912)</i>	117
<i>A festa do Bom Jesus de Taquaruçu (agosto de 1912)</i>	126
<i>O monge José Maria (agosto de 1912)</i>	136
<i>Rumo ao Irani (outubro de 1912)</i>	143
<i>A peleja no Banhado Grande (outubro de 1912)</i>	154
<i>The independence day (julho de 1913)</i>	166
<i>A vinda do frei franciscano (novembro de 1913)</i>	174
<i>Lobos na pele de cordeiros (novembro de 1913)</i>	179
<i>O milagre (novembro de 1913)</i>	186

<i>O segundo reduto em Taquaruçu (dezembro de 1913)</i>	196
<i>O mediador frei Rogério Neubaus (dezembro de 1913)</i>	207
<i>O primeiro ataque à Cidade Santa de Taquaruçu (dezembro de 1913)</i>	213
<i>O segundo ataque à Cidade Santa de Taquaruçu (fevereiro de 1914)</i>	224
<i>A segunda Cidade Santa de São Sebastião (fevereiro a março de 1914)</i>	240
<i>Tocaias, disfarces e emboscadas: o combate de Caraguatá (março de 1914)</i>	247
<i>A expedição do general Mesquita (abril de 1914)</i>	259
<i>O ataque à vila de Canoinhas (julho de 1914)</i>	266
<i>Um certo capitão Matos Costa (agosto de 1914)</i>	274
<i>Calmon em chamas (agosto de 1914)</i>	287
<i>Ataques cuidadosos, ataques desastrosos (agosto a setembro de 1914)</i>	292
<i>Inimigo de dois exércitos (setembro de 1914)</i>	303
<i>A fome, a guerra, a peste e a morte: as quatro frentes do general Setembrino (janeiro a fevereiro de 1915)</i>	310
<i>A queda do reduto-mor (fevereiro de 1915)</i>	325
<i>A resistência cabocla (março a outubro de 1916)</i>	332
<i>Açougue: a fase do terror (março a outubro de 1916)</i>	345
<i>Tobias e Ana (fevereiro de 1915 a março de 1920)</i>	362
<i>Bibliografia consultada</i>	376

Dedico esta obra:

Aos primeiros moradores da região do Contestado que tiveram suas crenças, usos e costumes desrespeitados, sua dignidade roubada e suas vozes caladas em nome do lucro e da ganância. E ao meu querido pai, Alair D. F. de Campos, um dos primeiros leitores e incentivadores deste livro.

Agradecimentos:

Ao meu amigo, professor Alexandre Assis Tomporoski, que se tornou importante interlocutor e revisor historiográfico deste projeto. Obrigado por seu incentivo, dedicação e comprometimento.

Sobre o autor:

Ricardo de Campos nasceu em Canoinhas em 13 de novembro de 1971. Formado em Letras – Português e Inglês e Mestre em Educação, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina, atuou como professor de língua portuguesa, literatura brasileira e língua inglesa em escolas do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e privada, escolas de idioma, instituições de ensino técnico e superior. Atualmente, é servidor público federal.

Ana e Tobias

Era uma tarde de verão de 1911. Os raios de sol já se escondiam por detrás das copas de uma diversidade de árvores como as araucárias, imbuías, aroeiras e jacarandás que povoavam o planalto norte catarinense, inclusive as margens do rio Iguaçu.

- Ele fugiu! Fugiu! – gritou José, apontando para o peixe que se debateu na linha, mas conseguiu escapar nas turvas águas do rio.

- Eu já vi...- respondeu seu irmão Tobias, desapontado – Chega de peixe por hoje. Bamo embora que já tá tarde!

- Peraí! – falou o menino. Ele sentiu na linha as fsgadas de mais um peixe que parecia ser um dos grandes.

Não demorou e uma bela traíra surgiu na superfície. Sob os gritos de alegria de José, ela foi arrancada do rio e lançada habilmente para a beira do barranco onde os irmãos estavam.

- Óia só, que beleza! – comentou o menino enquanto observava orgulhoso a traíra que se debatia no capim rasteiro. Olhou para Tobias e com um sorriso malicioso cantarolou, repetidas vezes, a seguinte frase para o irmão mais velho:

- Tobias só pegô 4 e eu peguei 8...- e terminou numa risada provocativa.

- Óóóh...piá! – Tobias ergueu o braço por alguns segundos, como se fosse bater no pequeno.

Tobias era um rapaz de feições sérias, talvez mais sérias que os seus 17 anos exigiam. Ele era moreno ‘cor de cuiá’, assim como seus antepassados africanos e indígenas, olhos castanhos, cabelos negros e escorregadios, magro, porém de uma musculatura desenvolvida – fruto das várias tarefas que fazia com seu pai. Enquanto José, um menino de 14 anos, ao contrário do irmão, era de uma alegria constante. De porte atarracado, tinha olhos pequenos e espertos e uma testa curta abaixo de cabelos grossos e espetados.

Eles recolheram os frutos daquela vitoriosa pescaria. Usando as arestas de uma taquara como ganchos, penduraram os peixes pela cavidade das guelras. E, com a vara sustentada em um dos ombros, começaram a rumar em direção a sua casa. Os meninos estavam longe de sua morada e teriam que atravessar uma boa área de mata. Mas eles conheciam muito bem aquela região devido às caminhadas, às caçadas com o pai e às pescarias no rio Iguaçu.

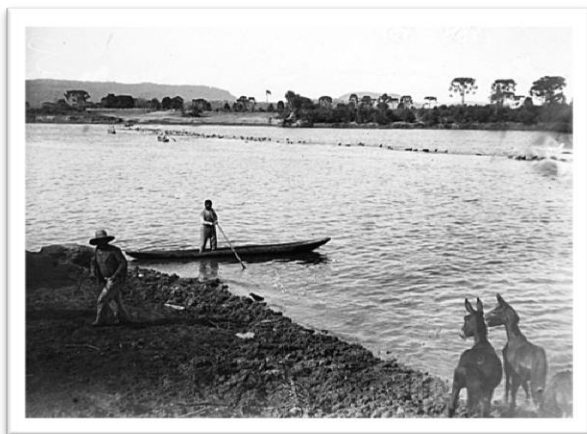


Figura 02 - Mulas cruzando o Rio Iguaçu - Porto União da Vitória 1912. Foto de Claro Jansson.

Perto dali, chegou outro grupo de garotos também para pescar. Todos pertenciam à mesma família de polacos, os Kaminski, vizinhos que moravam não muito distante do rio. Naquele dia, entretanto, estava entre eles a irmã mais nova chamada Ana. Enquanto se afastava pela margem do rio, Tobias pôde ouvir, entre os risos de seu pequeno irmão, o barulho de uma pessoa cair na água.

Ele se voltou para o outro grupo de polacos, curioso sobre o que tinha acontecido. Seguiram-se então gritos e Tobias percebeu que a menina estava na água, sendo carregada pela turbulenta correnteza. Sem hesitar, o caboclo lançou-se ao rio, sob o olhar perplexo de seu irmão. Após algumas braçadas, o rapaz alcançou as vestes da menina e a agarrou com uma das mãos. Os

irmãos de Ana também já estavam dentro da água, com o propósito de salvar a menina. Mas Tobias o fez primeiro, arrastando-a para a margem.

Consciente, a pobre menina estava naturalmente assustada e trêmula, mas sentiu, nos braços daquele jovem desconhecido, uma segurança que ela nunca teve antes. Tobias a segurou por alguns instantes enquanto seus olhos observavam, admirados, o rosto daquela menina: os olhos dela eram tão azuis como o céu limpo de inverno, a pele clara e delicada e os cabelos dourados como a pastagem seca. Um anjo! – pensou ele – lembrando-se de um velho retrato de Nossa Senhora rodeada de anjos que sua mãe ganhara de dona Tica, sua tia. Ele já tinha visto a moça algumas vezes, mas nunca com tal encantamento.

Os irmãos de Ana os cercaram, alguns ainda retomando o fôlego. O jovem caboclo a ergueu enquanto Jorge, o irmão mais velho de Ana, perguntava se ela estava bem. A menina não disse uma palavra, apenas indicou com a cabeça que sim. Tímida, ficara envergonhada por ter se tornado o centro das atenções naquele instante e manteve os olhos voltados para o chão. Seus irmãos então a levaram para casa. Tobias permaneceu no mesmo lugar, observando aquela criatura angelical afastar-se lentamente.

O baile de pixirum

“Carpiam o dia inteiro e cantavam, fazendo relampeá as ferramenta.”

Coincidência ou não, os dois voltaram a se ver algumas semanas depois do incidente no rio. Seu Antenor Kaminski, pai de Ana, pretendia roçar um bom pedaço de suas terras e, como era o costume, pediu auxílio à vizinhança. A este tipo de trabalho cooperativo se dava o nome de pixirum.

Mal os primeiros raios de sol se espalhavam pelo capão verdejante, o grupo já estava reunido em frente à casa de Antenor: um rancho simples, feito de rachão de imbuia, pequenas janelas fechadas com tramela e coberta por um telhado de tabuinhas lascadas. Como se via em muitas outras, a casa era rodeada de árvores frutíferas como pessegueiros, limoeiros ou laranjeiras. Entre os que aguardavam, perto do pequeno portão, estavam Maneco (o pai de Tobias e José); Jeremias; os dois irmãos Fritz, Adalfredo e Abelardo; o gaiteiro Zé Dias; o violeiro Gumercindo, e o jovem Tobias. Depois das saudações costumeiras, Antenor e seus filhos conduziram aqueles homens por um carreiro que atravessava suas terras até o local onde deveriam roçar.

Enquanto as foices e os facões relampeavam, derrubando a espessa vegetação, a prosa corria solta. Contavam-se as novidades, as fofocas e as piadas ouvidas nas redondezas.



Figura 03 – Grande parte da população da região do Contestado era composta por humildes posseiros. Foto de Claro Jansson.

Seu Antenor, que havia convocado o pixirum, tinha trazido três garrações de pinga com limão para a turma. À medida que eles avançavam pelo roçado, os garrações de pinga os acompanhavam, como que demarcando o progresso dos trabalhos. E naquele estado de embriaguez, contavam-se as notícias mais recentes da região.

- Ouvi falá, na bodega do seu Agenor, que tão expursando toda aquela gente que mora perto do rio Paciência. – falou Abelardo Fritz.

- Capaiç! - exclamaram alguns deles.

- Má quem tá aprontando essa marvadeza, compadre? – perguntou Zé Dias.

- O coronel Fabrício Vieira e o Artur de Paula. Disseram pros cabóco que agora eles são os dono dos erval que tem por lá.

- *Eles devia é pregá chumbo na cabeça daqueles coroné assim como eu fiz com os bugre que arrodiam minha casa dias atrais... – disse Gumercindo, todo orgulhoso.*

- *Com os bugre o tratamento tem que sé ôtro! – interrompeu seu Maneco – Se esqueceu dos ensinamento de João Maria?*

- *Não se deve martratá os bugre, compadre! – complementou o gaiteiro Zé Dias.*

Salpicavam também as brincadeiras e gozações entre eles. A labuta e a diversão, então, mesclavam-se.

- *Semanas atrais vi o compadre Jeremias na bodega do seu Agenor negociando três caixa de ovo de codorna. – comentou Gumercindo, com uma risada maliciosa.*

- *Tá carecendo de reforço prá dá conta da muié? – indagou Adalberto Fritz soltando uma enorme gargalhada que foi acompanhada das dos demais com exceção, obviamente, de Jeremias.*

- *Se mate, Jeremias! Tão ratiando de vancê! Ai se fosse comigo! – provocou Zé Dias.*

- *Pregunte prá minha muié se ela tá carecendo de alguma coisa! – esbravejou Jeremias, girando a sua foice no ar de forma ameaçadora.*

- *Óia...mió não arriscá! Que tal que ela diz que sim! – falou Abelardo.*

Outras risadas e, quando parecia que não haveria mais provocações, Gumercindo questionou:

- Os ovinho de codorna já tão fazendo efeito?

Mais gargalhadas ecoaram no roçado.

- Vô picá vanceis e pinxá no rio! – respondeu o alvo das gozações.

- Por falá em ovo de codorna... – disse Maneco num tom mais sério - ...vanceis se alembram do causo do ricação Juca Pimpão?

- Não! – responderam os demais.

- De quando a família dele viu João Maria argum tempo atrais...

- Ah é? Conte esse causo, Maneco!

- Juca tava armoçando com a muié e as criança dele quando chegô um véinho com uma sacadinha nas costa e falô: 'Eu vim pedi uma comida, eu tô meio com fome'. E o ricaço nem deu ouvido e continuou armoçando com a família. A muié dele disse: 'Bamo dá um prato de comida pra esse véinho aí, disse que tá com fome'. O Juca Pimpão respondeu: 'O quê? Que vá trabaiá, esse vagabundo! Se quisé comida que vá trabaiá'. E eles continuaram armoçando e o véinho, coitado, saiu. Uma das criança se afogo-se com um pedaço de carne! A muié, desesperada, pediu pro marido sarvá a criança que tava morrendo. Saiu correndo atrais do véinho e pediu ajuda pra ele. O véinho foi até o piá e disse uma simpatia assim: 'A muié é boa, o marido é malino. Eu quero que Deus desafogue esse menino', e bateu nas cadera do piá. O pedaço de carne pulô longe. Daí o ricaço disse: 'Veja o armoço pro home, pro véinho aí, muié'. Não! Eu tô viajando meu caminho. Já tô almoçado. O véinho era São João Maria.

- *Memo martratado, ele ainda sarvô a vida do piá! – refletiu seu Antenor.*

- *É um santo! – responderam os demais como em um coro.*

O sol estava a pino. Voltaram à casa do seu Kaminski para almoçar e descansar um pouco. Da cozinha já exalava o cheiro apetitoso de virado e mandioca frita com toucinho preparado pela dona Lurdes, uma polaca viçosa e faceira, e suas filhas Fermina e Ana. Atrás da casa, havia uma área coberta e um grande pátio preenchido por pequenas hortas e um enorme pé de pera, ao centro. Uma longa mesa e bancos de imbuia os aguardavam. Alguns já se aproximaram e se sentaram à mesa, seduzidos pelo aroma da comida.

Enquanto o almoço não era servido, Tobias, encostado em um dos pilares que sustentava a cobertura do pátio, observava a agitação na cozinha, com especial atenção a Ana. Na mente do rapaz, formava-se a imagem romanceada de Ana preparando o almoço para os dois, já casados e morando no rancho que tinham recém construído. De repente, Ana percebeu seu olhar e parou por alguns segundos. De volta ao mundo real, Tobias baixou os olhos, encabulado. Mas tomou coragem e voltou a encará-la e percebeu um leve sorriso sair por um dos cantos da boca da moça, antes de voltar às tarefas. Naquele instante, o rapaz percebeu que o sentimento era recíproco e uma grande felicidade invadiu o seu coração.

Dona Lurdes mal saiu da cozinha e pôs as primeiras panelas sobre a longa mesa, o restante dos homens se aproximou e se acomodou nos bancos. Já as mulheres almoçaram na cozinha, como faziam costumeiramente quando

estava apenas a família em casa. Depois de comerem e beberem alguns goles de cachaça ofertada pelo anfitrião, eles decidiram descansar um pouco antes da segunda parte da empreitada à tarde. Zé Dias sentou-se sobre as grossas raízes de um velho pé de pera, pegou sua gaita e começou a tocar algumas canções. Seu Maneco, sob a mesma sombra generosa, preparou tranquilamente um palheiro para fumar. Os irmãos Fritz, Jeremias e seu Antenor permaneceram na mesa, jogando bisca. Tobias e outros rapazes, incluindo os filhos e sobrinhos do seu Kaminski, conversaram em uma roda, sob a sombra lateral da casa.

De repente, Ana surgiu no pátio, caminhando apressadamente em direção aos fundos do quintal. Carregava nos braços uma gamelinha cheia de lavagem que seria dada aos porcos no chiqueiro.

A moça entrou no mangueirão e se aproximou dos animais. Ela se inclinou levemente e despejou a lavagem no cocho que ficava na parte interna. Entre gritos e grunhidos, os porcos cercaram o cocho e começam a devorar toda a ‘saborosa’ comida. Ana ergueu-se rapidamente e, ao voltar-se para a saída do mangueirão, se deparou com a figura de Tobias, a poucos metros de distância, observando-a fixamente. Ela levou as mãos ao peito e exclamou:

- Vancê me deu um baita susto!

O caboclo sorriu e agachou-se para pegar a gamelinha que caíra no chão.

- Discurpa!

Com os olhos baixos de timidez, ele perguntou:

- Não foi mais co seus irmão no rio?

Ana deu uma risadinha e respondeu:

- Ah não! Depois daquela vexamera que fiz... – e falando num tom mais sério - Quase mi afoguei no rio se não fosse vancê...

Eles então ouviram o grupo de homens chamando por Tobias. Estavam retornando ao trabalho. O rapaz correu em direção aos chamados sem deixar por alguns instantes de olhar para ela. A moça achou graça dos tropeços que Tobias deu pelo caminho de volta ao roçado.

- Onde vancê tava, piá? – perguntou seu Maneco segurando outra garrafa da “branquinha” – mais uma oferta do dono do terreno e que seria degustada ao longo dos trabalhos da tarde.

- Tava proseando com a fia do seu Kaminski– respondeu o rapaz.

- Ah! Piá bão! Puxô o pai! He! He! He! – falou Maneco, tendo o cuidado para que seu Antenor não ouvisse.

E o trabalho prosseguiu. Eram cerca de seis horas da tarde quando seu Antenor Kaminski, enfim, falou:

- Terminemo de roçá. Bamo se aprontá pro baile!

Chegou a hora mais esperada por todos: o baile de pixirum. Faceiros, apesar do cansaço, aqueles homens dirigiram-se a um grande paiol erguido pelo seu Kaminski há alguns anos. Lá, reuniram-se também as esposas deles e os outros parentes e vizinhos de Antenor. Zé Dias acomodou novamente sua gaita contra o peito, Jeremias, o cavaquinho e Gumercindo, o violão. Juntos,

sentaram-se sobre banquetas de imbuia num canto do paiol e começaram a animar o baile. Os casais dançarinos rodopiavam no meio do 'salão'. A banda cabocla retumbava. Uma alegria de vozes e sons inundava o paiol.



***Figura 04 - Típico paiol da região do Contestado.
Acervo de Fernando Tokarski.***

Por volta das dez da noite, Adalfredo falou ao organizador da festa de encerramento:

- Ó Antenor, uns home de fora, uma piaçada lá, querem dançá no baile aí com nós.

- Pus mande que entrem. Mais diga que quem tem faca ou revólve, tem que entregá pro Adalfredo se quisé dançá aqui.

Enquanto a turma se divertia pela madrugada adentro, Maneco, Antenor e os irmãos Fritz combinavam o próximo pixirum, em tom de segredo:

- Bamo batê uma surpresa no Jeremias, ele tem uma rocinha que tá quase morrendo no mato! – falou Maneco.

- Eu levo um leitãozinho prá carneá! – disse Abelardo, pois sabia que Jeremias não teria condições de oferecer um almoço para eles.

- E eu a cachaça! – comentou um dos Fritz.

- Juntamo uns déiz cabôco e carpimo a rocinha dele num dia! – concluiu Antenor.

Mas a noite não foi só feita de momentos de alegria e confraternização. Um dos rapazes que entrara mais tarde, conhecido como Reginaldo, das bandas da Serra do Lucindo, depois de muita cachaça, resolveu bancar o valente. Aproveitou-se de um choque casual entre dançarinos e quis puxar briga com um desafeto seu, um alemão chamado Roeder. A turma logo os separou, colocou o exaltado para fora e o mandou embora.

Um casal, entretanto, nem percebeu o desentendimento que ocorrera. Era Tobias e Ana. Estavam dançando por horas. Seus olhos se fitavam numa alegria contida.

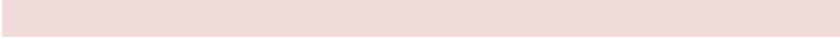
- Semana que vem tem a festa de São Sebastião. Vancêis vão na missa? – perguntou Tobias, quebrando um silêncio momentâneo que se fez entre eles.

- Sim, bamo. O pai vai inté participá de um concurso!

Naquele momento, seu Maneco e sua mulher aproximaram-se do jovem casal e chamaram-no para ir embora uma vez que o sol já estava raiando.

- Se vemo lá então! – falou o jovem caboclo, um tanto atrapalhado, mas sério como sempre.

A moça o viu desaparecer entre o povo do baile. Suas amigas rapidamente se aproximaram dela querendo saber mais sobre o que passava entre eles. Foi difícil esconder delas, pois era um amor que nascia...



A festa de São Sebastião

“[...] dois ou três homens, em geral, assistiam à missa aos domingos e dias santos. Só quando havia festas, o povo vinha não para rezar, (...) mas para se divertir”.

Era festa em homenagem a São Sebastião, o padroeiro da localidade. Enquanto os habitantes das redondezas chegavam para assistir a missa, havia aqueles responsáveis por assar o churrasco que seria vendido após o ato religioso. Outros, sob o comando de seu Otacílio - um senhor alto com longa barba branca e respiração ofegante - erguiam as barracas e botequins na frente da capela para também vender quitutes e bebidas aos participantes do festejo. O lucro de tais vendas seria revertido em prol da reforma e ampliação da própria capela do distrito.

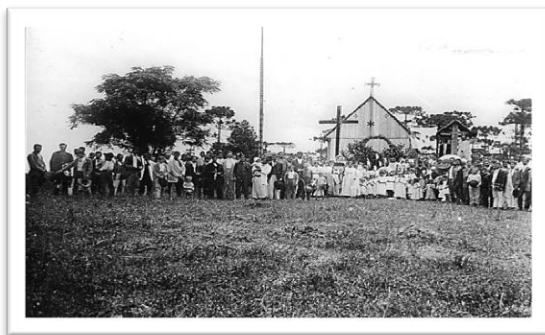


Figura 05 - As festas religiosas representavam um importante momento de socialização e confraternização entre os sertanejos.

Foto de Claro Jansson.

Tobias percebia que os olhos de seu pai brilhavam nestas ocasiões, pois era a oportunidade de se reunir com os amigos e conhecidos, tomar um mate, uma branquinha e conversar, ou melhor, levar um dedo de prosa.

A missa teve início e quem a conduziu foi um capelão leigo chamado Mathias Alvarenga, pois os padres, sempre em lombos de cavalos ou mulas, costumavam visitar as localidades apenas de tempos em tempos. A capela era simples e pequena e não comportava muitas pessoas. Entretanto, não faltou lugar, pois a maioria das pessoas preferia ficar do lado de fora, aguardando o que para elas era o mais importante: o festejo.

O jovem caboclo percorreu com os olhos os presentes e encontrou a sua bela Ana. A família da moça estava sentada na primeira fileira de bancos. Não demorou e a jovem se voltou para trás e os seus olhares se encontraram.

Tobias foi tomado por um encantamento ao vê-la esboçar um leve sorriso, mas ele não foi o único.

Encostado à porta da capela, entre um gole e outro de cachaça, Antônio observava atentamente aquela jovem, desde o momento em que ela chegou ao festejo. Antônio Zumman, ou simplesmente Tonhão, como seus conhecidos o chamavam, era um rapaz alto e forte. Ele estava no vigor de seus 25 anos e exibia na pele clara, nos olhos azuis e nos cabelos loiros, a sua origem europeia. Pertencente à terceira geração dos primeiros imigrantes alemães que chegaram à localidade de Rio Negro por volta de 1829, Tonhão abandonou a vida tranquila de agricultor que seus pais lhe ofereceram e decidiu tornar-se vaqueiro. Nos últimos anos, estava trabalhando na fazenda do coronel Joaquim Osório. Por vezes, quando não tinha muita serventia por lá, ajudava a levar rebanhos de gado para vender em outras paragens, o que lhe ajudou a conhecer muito bem a região.



Figura 06 - No Paraná, a imigração de alemães começou em 1829 com a vinda de 51 famílias na região de Rio Negro.

Fonte: www.imigracaoalemasc.com.br

Dias atrás, Antônio passou pela casa de Ana quando levava alguns bois do coronel Osório para a família dos Pacheco que morava poucos quilômetros dali. Ela estava na janela, colocando alguns cobertores ao sol. Ao vê-la, o vaqueiro sorriu e inclinou o chapéu para cumprimentá-la. A polaca retribuiu com o mais belo sorriso até então visto por aquele rapaz. Antônio ficou completamente encantado por ela. Tratou logo de buscar um pretexto para aproximar-se e falar com a moça.

- Buenas! – disse ele, mantendo o seu cavalo o mais próximo da janela.*
- Buenas! – respondeu a polaca.*
- A moça tem água prá dá? Tá tão quente hoje i eu me esqueci do meu cantil.*
- Tem sim.*

Não demorou e a jovem retornou com uma caneca nas mãos. Atravessou com passos cuidadosos o pomar e colocou-se ao lado do vaqueiro. Antônio pegou lentamente a caneca, não somente para evitar que ela caísse, mas poder também tocar nas mãos daquela que ele considerou a moça mais bela daqueles sertões. Antes de tomar toda a água, o rapaz falou:

- Meu nome é Antônio. E qual é a sua graça?

- Meu nome é Ana.

- Brigado, Ana.

- De nada, moço.

- Vai na festa de São Sebastião?

- Vô com minha família, mais por quê? – indagou a jovem, surpresa com a pergunta.

- Porque vô me apresentá pros seus pais e dizê que vô fazê de tudo pra merecê vancê! – o alemão soltou a caneca nas mãos da moça e voltou a conduzir a tropa de bois.

Ana não lhe disse nada, apenas observou por alguns momentos o vaqueiro afastar de sua casa antes de voltar aos seus afazeres domésticos.

Entretanto, na capela, Antônio percebeu que a bela moça estava sorrindo para outro rapaz: o Tobias. Um mesclado de ciúmes e inveja tomou conta de sua mente já embriagada. Resmungou algumas palavras amaldiçoadoras ao Tobias enquanto acariciava lentamente a sua faca presa à cinta.

A missa terminou. Para muitos, o pós-culto era o que realmente interessava, pois era o momento de comer, beber, conversar e saber das novidades. Os fiéis, aos poucos, foram saindo para a área de festa. A fumaça apetitosa do churrasco já tomava conta do ar e, pouco depois, já se ouviam as conversas animadas tomando conta do lugar.

Ao lado da capela, havia um galpão rústico feito de imbuia onde os participantes podiam sentar-se em longas mesas. O festejo contava também com personalidades importantes da localidade como o Dr. Felipe dos Santos e o Dr. César Otaviano que em breve se tornariam, respectivamente, o juiz de direito e o promotor público da comarca de Canoinhas ainda em 1911. Acompanhando-os, estavam os coronéis Joaquim Osório e Ernesto Veloso, grandes fazendeiros daquela região.

Esses homens, como em todo festejo, reuniam-se em uma mesa com suas famílias. Ernesto, ao contrário dos demais, comia lentamente o seu pedaço de churrasco. Apesar de ser um homem da lida, como diziam, primava pela sua aparência: cabelo molhado e alisado para trás, bigode bem aparado e um terno cinza cuidadosamente confeccionado que delineava sua magreza musculosa. Seus olhos profundos e negros davam-lhe uma imagem de esperteza aguçada. Enquanto comia, observava o povo se divertindo até que comentou em tom baixo, quase para si mesmo:

- Muitos desses vô te que tocá das minhas terra.

- Por causa da alta do preço da erva-mate? Não quer que eles entrem nos seus ervais? – perguntou Otaviano, por um dos cantos da boca ainda cheia de comida.

- Não. É por causa da ferrovia que tão construindo. Aposto que o Governo vai pagá muito bem por onde ela vai passá.

- Eu também ouvi falar da construção do ramal União da Vitória – São Francisco do Sul. Ela está sendo feita por uma empresa americana que ficará responsável pela colonização dessas terras. – comentou Dr. Santos, um senhor de feições arredondadas e cabelos grisalhos.

- Mas não é só isso! – interveio o coronel Osório - Ouvi dizê que montarão serrarias bem maiores que essas que temo por aqui.

- Mais um motivo para tocá essa caboclada de lá! – complementou Ernesto, com um sorriso.

- E conseguir do Governo a escritura de novas terras! – disse Otaviano.

E o festejo continuou, agora, ao som de uma pequena, mas animada banda composta de um rabequeiro, um gaiteiro, um sanfoneiro e um bumbeiro.

Como fora combinado, Tobias e Ana se encontraram atrás da capela. Estavam um de frente para o outro, numa alegria transbordante. O rapaz pegou nas mãos da menina e disse:

- Minha mãe tem uma image de Nossa Senhora pendurada na parede. Toda vez que tem reza em casa, ela pega aquela image. Ela acha bonita a Nossa Senhora por mode que tá cheio de anjinho rodeando ela. Dispois que conheci

vancê, eu fico oiando aquela image também...aqueles anjo me alembra
vancê... seu zoinho azur, seus cabelo...- com a outra mão, Tobias acariciou a
cabeça inclinada de Ana.

Antonio aproximou-se da capela esgueirando-se pela multidão como
um espectro. Arrançou da cinta a sua faca de lâmina curta e afiada, decidido
a interromper da pior maneira possível o primeiro encontro de Ana e Tobias.

- Esse piá de bosta nunca mais vai querê chegá perto da minha polaca!

Ana ergueu lentamente seus olhos. Os dois estavam sorrindo numa intensa
felicidade. Surgiu então uma pessoa diante deles...

Tratava-se de Maristela, a melhor amiga de Ana. Aflita, a moça
exclamou:

- Aninha, teu pai tá te chamando! Logo começa a procissão! Bamo vortá,
depressa!

O Tonhão caminhou a passos largos em direção à capela.

De repente, uma mão caiu sobre o seu ombro direito. Assustado, ele
voltou-se, apontando a sua arma contra um possível agressor.

- Oh, Tonhão! Só eu, Dagoberto! – exclamou outro rapaz, levantando as suas
mãos. – Guarda essa faca, homi! Eu tava te chamando! Ficô surdo?

- O que mecê qué? – perguntou Antônio, raivoso, ainda segurando firmemente
sua arma.

- O coroné te chamô. Ele qué resorvé aquela pendenga com os Vidigal ainda
boje.

- Diga que eu tenho uns assunto prá reservê e já vô!

Tonhã retomou seu caminho em direção à capela. Mas foi novamente contido por Dagoberto que falou:

- Tem que ser agora! Não vai querê fazê essa disfeita pro coroné...vai?

Antonio parou. Lembrou-se das terras que o coronel prometera a ele.

Então Dagoberto pôde perceber o peito de Antônio se inflar numa profunda inspiração como que sinalizando a retomada do seu juízo. Guardou a sua arma e seguiu seu colega. Dirigiram-se até um grupo de cavaleiros armados que os aguardava a certa distância da festa.

- Se vemo perto do rio! – foram as últimas palavras de Ana a Tobias, antes de ser levada por sua amiga.

E a festa prosseguiu de forma animada. Por volta das três da tarde, a banda já se preparava para acompanhar a procissão em homenagem ao santo padroeiro da localidade quando Voiladella, embriagado como muitos, aproximou-se de Poloniski, o bumbeiro da banda, e segurou a mão do músico para bater com mais força no instrumento.

- Bata nesse bumbo como home! – falou o ébrio festeiro.

Poloniski, irritado com a atitude do italiano, advertiu:

- Se mecê viê de novo eu te acerto com essa baqueta na tua cachola!

O aviso não surtiu efeito. O bêbado novamente se aproximou com o intuito de provocar um barulho mais forte no instrumento. Mas, desta vez, o músico cumpriu sua ameaça e o golpeou na cabeça com a baqueta do bumbo,

fazendo Voiladella cair ao solo, desnortado mais pela bebida do que pelo golpe de baqueta.

Surgiu Manoel Athanagildo de Souza, amigo do ferido. Tão embriagado quanto Voiladella, berrou para o bumbeiro:

- Isso não fica assim, seu polaco safado! – retirou da cinta sua faca e a agitou ameaçadoramente no ar.

Mas rapidamente uma pequena multidão o cercou e o desarmou. Voiladella e seu amigo foram então expulsos da festa. Após a briga, o povo seguiu alegremente em procissão, entoando as cantigas religiosas sob a liderança da voz grave do capelão.

Guiado por forças de outro mundo

A noite rapidamente encobriu os contornos já sem folhas dos jacarandás e guatambus. Um vento gélido começava a soprar, confirmando o início de mais um inverno rigoroso. Por entre alguns ramos de arbusto, Antônio comprimiu os olhos e conseguiu ver o pequeno grupo de pistoleiros a cavalo, fazendo a curva da estrada. Tonhão fez sinal com o braço para os demais companheiros escondidos na mata, incluindo àqueles que estavam do outro lado da estradinha de terra batida. Era o sinal para que tomassem posição.

Naquele momento, a adrenalina já tinha consumido toda a cachaça que Antônio havia bebido no festejo. Ele só pensava em terminar o quanto antes o serviço: matar os irmãos Vidigal que aprontaram para o seu patrão. Ele não sabia ao certo qual era o motivo de tal pendenga, mas ele deveria defender os interesses do coronel. Era assim que as coisas funcionavam e era assim que ele deveria proceder.

Os pistoleiros estavam próximos e já era possível distinguir a fisionomia de cada um. Agenor, que estava um pouco atrás, murmurou:

- Ué? Os irmão Vidigal não tão ali...

Ouviram-se estalidos secos e o zúmir de balas rasgando a vegetação. Apesar de estarem de tocaia, foram surpreendidos por trás. Provavelmente

alguém contou aos irmãos Vidigal sobre a emboscada e eles decidiram dar o troco na mesma moeda.

Assustado, Antônio conseguiu apenas voltar-se em direção aos disparos e revidar cegamente. Alguns companheiros não tiveram a mesma sorte e, atingidos pelas costas, tomaram, mortalmente feridos. Os projéteis pareciam agora vir de todas as direções, inclusive do grupo que se aproximava pela estrada.

Depois de ver seu amigo Dagoberto ser atingido no peito e estrebuchar aos seus pés, Antônio decidiu fugir. Dominado pelo medo, embrenhou-se na mata, na esperança de sobreviver àquela matança. A escuridão tomava boa parte do local. O que o guiava era um ponto luminoso a sua frente. Parecia ser uma pequena fogueira feita na mata.

Os disparos cessaram, mas o rapaz ainda ouvia as vozes e os passos rápidos dos homens que ainda corriam em seu encalço.

Um novo disparo foi feito.

Um amortecimento gélido tomou conta de seu corpo.

Ele caiu e acabou rolando vários metros pelo terreno em declive até terminar voltado para cima.

Não conseguiu ouvir mais nada, apenas as batidas rápidas de seu coração e a sua respiração ofegante. Voltou a cabeça para um dos lados e avistou um vulto aproximar-se dele. Era um anjo misericordioso que veio para lhe salvar ou o diabo para negociar sua alma?

Os perseguidores pararam e vasculharam o local com os olhos, mas não encontraram nenhum corpo estendido no chão. Viram apenas uma pequena fogueira feita ao pé de uma jabuticabeira e um chapéu, provavelmente de Antônio. Um deles chegou a roçar a testa suada com o cano do seu revólver mostrando não entender o que acontecera.

Eles ouviram um ruído e se depararam com Antônio, em pé, com sua arma em punho.

As chamas da fogueira subitamente ergueram-se.

Confusos e amedrontados, os dois homens recuaram.

Tropeçaram.

E, enfim, começaram a correr em direção à estrada.

Antônio pegou o chapéu e o pôs na cabeça novamente.

Os outros, que aguardavam na estrada, ouviram novos disparos. Mas o que chamou a atenção deles foram os pedidos de ajuda dos seus colegas. Resolveram entrar na mata para averiguar. Parece que o serviço ainda não tinha sido terminado.

Alguns momentos de profundo silêncio...

Berros...

Outros disparos...

O silêncio novamente.

Antônio saiu do matagal e chamou por seu cavalo que agora entendia a língua do dono e veio ao seu encontro. O sobrevivente daquela matança se

afastou lentamente. Tomou um novo rumo por aquela estrada, guiado, agora, por forças de outro mundo...

Morada de chão batido

“[...] nós vivia na base da roça, plantava de tudo. Cada um tinha que produzir tudo em casa: aipim, batata doce, abóbora, que durava muito tempo. O que o pessoal comprava naquela época era um tanto de café, uma lata de querosene que dava pro ano inteiro, pro lampião olbo de gato, açúcar amarelo e sal. Criava o porco, tinha uma vaquinha pra tirar o leite, umas galinha pra pegá os ovos. E todo mundo vivia bem.”

Mais uma pescaria bem sucedida no rio Iguaçu. Tobias e José pegaram o carreiro rumo à sua casa. Tobias ficou surpreso como o tempo havia passado tão rápido, mas feliz porque lembrou que amanhã veria Ana, como já faziam desde aquele encontro na capela.

Eles deveriam se apressar, pois o dia findava e logo o frio gélido do planalto norte catarinense chegaria para dominar a noite. Mas nada impediu os meninos de brincarem pelo caminho. Costumavam procurar rastros de bugres e usar os seus estilingues para matar passarinhos. Mas, desta vez, Tobias encontrou dois galbos secos de aroeira no chão. Arrancou-lhes as folhas e os transformou em pequenas espadas. Uma delas deu a José, acompanhada da seguinte pergunta:

- Ainda se alembra das lição do Capitão Lourenço? – e empunhou a sua ‘espada’.

- Me alembro, mas eu tô com as mão ocupada – reclamou o menino.

Capitão Lourenço era, na verdade, um combatente que participou da chamada Guerra Federalista. Tal conflito teve início no Rio Grande do Sul em 1893, apenas quatro anos após a Proclamação da República, em novembro de 1889, e pôs em choque duas facções das classes dominantes que disputavam o controle político da região: os federalistas (ou maragatos), berdeiros políticos do antigo Partido Liberal do Império e os republicanos (ou pica-paus), novas lideranças políticas compostas por militares, profissionais liberais e antigos políticos conservadores que passaram a organizar novos esquemas regionais de poder ocupando assim os espaços que pertenciam aos federalistas.

Aliada à Marinha, a coluna federalista comandada por Gumerindo Saraiva, político uruguaio e filho de brasileiro, teve inicialmente grandes vitórias ao conquistar o planalto e o litoral catarinenses, declarando a ilha de Santa Catarina como sede do governo provisório rebelde. Os federalistas chegaram a tomar Curitiba e planejar a investida decisiva à cidade do Rio de Janeiro, então capital do país.

Entretanto, enfrentaram ainda em solo paranaense, a resistência ferrenha das tropas republicanas lideradas pelo coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro que conseguiram enfraquecer os federalistas e fazê-los recuar para o Rio Grande do Sul. O retorno das forças rebeldes foi marcado pela crueldade de ambas as partes. Os vencidos e rendidos em batalha eram

degolados como animais de gado. Isto fez com que o conflito fosse também conhecido como a Guerra da Degola. Em 1895, terminou a Guerra Federalista e os pica-paus acabaram sendo os vencedores.



Figura 07 – Soldados republicanos que enfrentaram o cerco inimigo à Lapa, em Santa Catarina, um dos momentos cruciais da Guerra Federalista. Fonte: Acervo do Museu de Armas – Lapa – PR.

Capitão Lourenço, assim como muitos outros maragatos, com medo de ser preso ou morto, fugiu para outra região em busca de uma nova vida. Agora ele era um modesto criador de gado. Tornou-se compadre do seu Maneco e, em suas visitas ao amigo, encantava Tobias e José com suas histórias povoadas de soldados valentes, emboscadas ardilosas e espetaculares lutas de espadas. Tobias era o que ficava mais entusiasmado ao ouvir os relatos daquele valente senhor maltratado pelo tempo e pelos homens.

Por entre dois pés gigantes de araucária, os meninos já podiam ver a fumaça que constantemente saía da chaminé de sua pequena e modesta

morada. Atravessaram as pequenas roças de milho, feijão e aipim que cercavam o casebre. Encontraram o pai na escadinha que dava para a única entrada da tapera. O caboclo estava de cócoras fumando calmamente o seu palheiro, como costumava fazer todos os finais da tarde. Usava um pequeno chapéu de couro, uma camisa surrada, calças de brim e geralmente andava de pés descalços. Maneco era baixo, possuía um corpo magro, embora a musculatura fosse bem definida, pele morena maltratada pelo sol e mãos calejadas pela lida do campo. Tinha uma força física e determinação invejáveis.

A mulher de seu Maneco, dona Conceição, a alguns metros dali, alimentava as galinhas e porcos criados soltos no terreiro. Ela, por sua vez, era descendente dos índios xokleng que já habitavam aquelas regiões. Quando ainda adolescente, fora levada pelos bugreiros - caboclos especializados em localizar, destruir aldeamentos e capturar alguns sobreviventes, geralmente crianças e mulheres jovens - e transformada em esposa de Maneco. Conceição, assim como seu marido, também era de estatura baixa e tinha olhos pequenos e puxados. Os ossos de sua face eram saltados, formando grandes bochechas que comprimiam os lábios carnudos e pendentes. Seus cabelos negros, longos e lisos, eram cuidadosamente entrelaçados formando um rabo de cavalo. Os ombros eram largos dando-lhe uma estrutura forte e vigorosa.

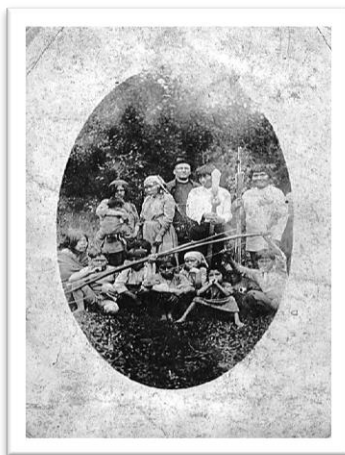


Figura 08 – Um “amansador de índios” de Bela Vista do Toldo – SC, em 1886. Fonte: <http://historiadebelavistadotoldo.blogspot.com.br>

- *Quantos peixe truxeram dessa vez? – perguntou o pai.*

- *Óia, pai, quantos eu peguei! O Tobias pegô bem menos que eu! – Tonico ergueu os peixes capturados como se fossem troféus.*

- *Chispa daqui, piá! – vociferou o irmão.*

- *Oh, piaçada! Onde vancêis tava? – surgiu a mãe, com um balaio feito de folhas de butieiro embaixo do braço - Amanhã cedo começamo a fazê erva!*

Tobias entrou em sua morada. Um rancho de chão batido, de paredes feitas de rachões de pinheiro e coberta por palha de palmeira. Só havia dois cômodos: o quarto e a cozinha. No quarto, dormia-se nas tarimbas: um estrado de taquaras inteiras, dispostas no sentido do corpo, amarradas com

cipó num retângulo de varas suspensas em quatro pequenas forquilha fincadas no solo. Pelegos serviam de colchão e, para cobrir os corpos, ponchos e capas. A cozinha era também sala de jantar e de reunião. Junto à parede, um rústico fogão a lenha feito de argila e coberto por uma chapa de aço. O fogão era mantido aceso para assar ou cozinhar os alimentos bem como aquecer a casa durante o inverno rigoroso. No verão, por sua vez, o fogo era feito fora do casebre. Amarrados nas paredes viam-se feixes de ervas e raízes medicinais que dona Conceição colhia na mata segundo o conhecimento que recebera dos seus ancestrais indígenas.

Ela era uma grande curandeira da região, pois não existiam médicos, enfermeiras e muito menos hospitais naquelas terras. Volta e meia aparecia os familiares de um enfermo pedindo ajuda à cabocla que, com seus preparados e chás da medicina caseira, os atendia prontamente. Dona Conceição auxiliava as pessoas mais simples até as mais abastadas como os membros da família do coronel Pacheco que moravam nas proximidades.

As imagens de Jesus Cristo de olhos azuis e cabelos loiros, São Sebastião e São João Maria, pregados na parede, revelavam também que dona Conceição era uma mulher religiosa. Considerava-se também uma benzedeira e, segundo ela própria, recebera o dom divino de curar os enfermos por meio de suas rezas e cânticos.

Os moradores do planalto, de maneira geral, apoiavam-se numa religião católica que foi sendo, pouco a pouco, povoada por figuras divinas e

pagãs e por um misticismo atrelado às forças daquela grande floresta de pinheiros que os abrigava. E era dessa forma que aquela gente sobrevivia às mazelas que lhes afligiam o corpo e a alma.

O rapaz se aproximou de um caldeirão de ferro colocado sobre a chapa do fogão a lenha. Dentro dele, foram cozidas algumas espigas de milho. Tobias retirou cuidadosamente uma delas e comeu os seus grãos com avidez.

Enquanto isso, lá fora, sua mãe se ocupava limpando os peixes capturados. Seu irmão brincava com os dois cachorros guapeças, o Fumaça e o Bodinbo, que a família tinha para ajudar nas caçadas, na lida com os animais e na proteção do rancho. E o seu pai continuava a fumar seu palheiro tranquilamente. Logo iriam se recolher, pois amanhã cedo começariam a árdua tarefa de coletar a erva-mate.

Os senhores dos ervais

*“A gente malhava a erva e ensacava. Eu, a mulher e as criança.
Levava um almoçinho...”.*

Maneco ajeitou cuidadosamente a bomba no interior da cuia de chimarrão, parcialmente cheia de erva. A seguir, encheu-a de água bem quente. Olhou o vapor subir em longas espirais dançantes que contrastavam com as paredes escuras do seu rancho. Ainda sonolento, aproximou a cuia de sua boca. Tomar um mate era a primeira coisa que um bom caboclo costumava fazer no dia, principalmente naquela fria manhã de junho.

Colocou-se em pé diante da porta e a abriu, o que lhe permitiu observar, pela fresta, os primeiros raios de sol a iluminar a mata que cercava o casebre. O céu estava completamente sem nuvens e, apesar de não haver nem ao menos uma brisa, o ar estava gélido. Maneco observou também que geou na noite passada. Um fino manto de gelo cobria a relva.

Não demorou muito e dona Conceição pôs-se sentada na cama de palha onde todos dormiam e, com uma das mãos, cutucou os meninos para acordá-los.

- Tá na hora de levantá, piaçada!. – falou a cabocla.

Os meninos murmuraram em protesto por mais um pouco de sono, mas cederam às ordens da mãe. A coleta da erva era uma tarefa em que todos deveriam participar, pois assim poderiam negociar com o bodegueiro alguns artigos que eles não produziam na roça nem coletavam na mata.

Depois de um café da manhã feito de canjica, seu Maneco e sua família seguiram por uma picada até a estrada principal e andaram por quase três quilômetros. Na frente, seguiam alegremente Fumaça e Bodinho que cheiravam tudo que encontravam pela frente e de tempo em tempo demarcavam território urinando no capinzal ainda coberto pela geada. Sobre os ombros, seu Maneco carregava a foice e na cintura o facão paraguaí. Depois dele, vinham os seus filhos com seus facões de madeira e, alguns passos atrás, a mulher com as tralhas domésticas.

Ao avistarem um enorme pé de ipê, adentraram na mata bruta. Aquela árvore representava o caminho pelo qual deviam seguir para o erval que estavam preparando já há algum tempo para a colheita. O caboclo era de certa forma o senhor dos ervais que descobria, pois, onde encontrava um erval nativo, logo erguia um rancho. Começava então a limpar o terreno para fazer com que aquele erval se tornasse mais frondoso e produtivo.

Após uma longa caminhada pelas entranhas da mata, enfim chegaram ao erval. Aos olhos do Maneco, aquelas árvores altivas, de caules fortes e cinzas, de folhas ovais de um verde vívido e brilhoso, formavam a mais bela das paisagens. Ao fundo da clareira, fora erguido um rancho que servia de

morada provisória da família de Osmar, irmão mais velho de seu Maneco. Da parte de Osmar, havia a sua mulher, dona Chica, e mais quatro filhos moços: Armindo, Osmarildo, Netinho e Zé. E assim era o trabalho deles nos ervais: as duas famílias uniam forças para encontrar e manter os ervais e, mais tarde, colher a erva-mate. Mas havia também aqueles que organizavam turmas de peões ou faziam acordos com os proprietários de terras onde existiam grandes ervais.

O trabalho teve início. Os jovens do grupo, por serem mais leves e ágeis, tinham a incumbência de subir nas árvores e fazer o desbaste das partes mais altas. Essa árdua tarefa podia se prolongar por todo o dia e até boa parte da noite, pois os galhos cortados deveriam ser sapecados ainda no mesmo dia para manter o bom aroma da erva. Caminhavam pelo mato com os pés descalços, enfrentando os possíveis ataques de serpentes como jararacas, cascavéis ou urutus e até mesmo das temidas suçaranas.



Figura 09 – A coleta da erva-mate representava uma importante fonte de renda para os sertanejos do planalto norte catarinense.

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br>

Quando a noite já envolvia a mata com seus braços gélidos, os caboclos terminaram o corte de parte daquele erval. Agora era o momento de sapear os galhos colhidos, ou seja, tostar rapidamente as folhas. Seu Maneco e seu irmão ergueram um pequeno muro improvisado feito de xaxim e, ao centro, os meninos fizeram uma fogueira sobre a qual seria realizado o sapeco das folhas. A fogueira então os aqueceu e iluminou seus rostos já muito cansados.

Entretanto, o ânimo para conversar não se abalou. Entre uma piada aqui e uma brincadeira ali, surgiu um assunto mais sisudo.

- Corre sôta a prosa que tão expursando as família das suas terra. Isso lá pros lados do Rio do Péxe. – comentou Osmar.

- E quem tá fazendo uma barbaridade dessas, santo Deus?- perguntou dona Chica, com sua voz fina, mas carregada de indignação.

-Os estrangeiro que tão construindo uma ferrovia. Dizem que são das Oropa.

- Capaiç! – exclamaram alguns.

- Isso não tá certo! – disse seu Maneco, indignado.

O trabalho, entretanto, continuou. Fez-se então a separação dos ramos e galhos grossos. Os ramos foram empilhados em forma de feixe. Tarefa essa desempenhada pelas mãos hábeis de Chica e Conceição. Então os homens e os garotos transportaram os grandes feixes nas costas, presos à cabeça por tiras de couro que muitas vezes machucavam suas frentes, para um local chamado de cariço onde seriam secados.

O cariço era um rancho aberto, onde havia um estrado rústico feito de varas amarradas por cipós. Sobre o estrado, eles colocavam os feixes de modo a ficarem todos de pé. Abaixo da frágil armação, os garotos novamente acenderam uma fogueira na terra. Desta vez, entretanto, usaram lenha aromática e bem seca para que as folhas de erva-mate adquirissem uma boa fragrância. Neste momento, todos manejavam os feixes com muita atenção e cuidado, pois as folhas não podiam pegar fogo, nem esquentar demais ou de menos. Não era raro também os caboclos queimarem as mãos nesta parte do trabalho. Após a secagem, a erva-mate foi triturada em pilões de madeira, colocada em grandes sacolas de couro para ser, posteriormente, transportada até algum ponto de venda.

Somente durante a madrugada que o primeiro dia de trabalho terminou. Eles costumavam então fazer uma fogueira próxima ao rancho e

preparar algo para comer. Vencidos pelo frio e cansaço, as duas famílias empilharam-se no interior do pequeno rancho e dormiram profundamente.

Esta rotina árdua de colher e preparar a erva-mate durou três semanas. Todos estavam visivelmente esgotados. As famílias dos caboclos então rumaram para a vila. Iriam à bodega do seu Belarmino e negociar a erva por mantimentos como café, querosene para o lampião olbo de gato, açúcar mascavo e sal.

Em certo trecho da estrada, avistaram algumas famílias de caboclos que moravam pelas bandas da vila das Canoinhas. Eles vinham a pé, em direção contrária. Carregavam poucas coisas, na verdade, boa parte deles levava apenas as roupas do corpo. Ao se aproximarem, foi possível perceber que aquelas pessoas estavam abatidas e tristes. Seu Maneco não se conteve e perguntou a eles:

- Buenas! Mais que se assucedeu com vancêis?

Um caboclo velho e magro parou por alguns momentos e falou quase em murmúrios:

- Os homi do coroné Leocádio falaram que nós não era mais os dono daquelas terra. Disseram que era prá nós i embora de lá.

- Os capanga do coroné Nicolau Bley fizeram a mema coisa com nós! – comentou outro caboclo.

Outros coronéis como Arthur de Paula e Fabrício Vieira também promoveram a expulsão de pequenos posseiros de suas terras, localizadas mais a oeste, entre os rios Timbó e Paciência.

Antes de seguir, Osmar fez mais uma pergunta que na verdade já estava coçando nas gargantas de todos:

- E prá ondi vancêis vão?

- Num sabemos ao certo, sinhô. Mais Deus é pai e vai nos guiar!

- Deus é pai! – os demais repetiram.

E aquela gente foi se afastando lentamente por aquela estradinha de chão, sem destino certo.

- Mais o que deu nos Pacheco? De repente viraram dono de tudo? – indagou seu Maneco, preocupado.

- Eles são gente poderosa...podim tudo, Maneco! – respondeu a sua mulher.

- Isso não é direito! Essa gente morava lá tanto tempo quanto os coroné! A terra é deles! – retrucou seu Maneco.

Não houve mais conversa. Em silêncio, seguiram o seu rumo. Já era quase meio dia quando finalmente chegaram ao povoado. A manhã, até então, tinha sido fria e de céu encoberto. Mas as nuvens começaram a rachar e por elas os raios de sol aqueceram a terra. Conduziram a carroça carregada de sacos de erva-mate até a frente da bodega do seu Belarmino. Maneco, seu irmão e os garotos entraram no recinto enquanto as mulheres aguardavam do lado de fora.

Havia muita gente na bodega naquela manhã. Boa parte era de tropeiros que por lá passavam para comprar mantimentos, trocar mercadorias ou descansar um pouco. Alguns homens estavam encostados no largo balcão de madeira, bebendo cachaça e conversando. Sobre eles, haviam suspensos longos cordões de linguiça, charque e fumo. Podiam-se ver também panelas e os mais diversos utensílios e ferramentas, formando uma estranha e pesada ornamentação sobre suas cabeças. Distribuídos pelo chão, alguns sacos abertos de feijão, arroz e outros cereais, prontos para serem vendidos. Parte do balcão estava ocupada por pedaços de queijo e uma velha balança e, atrás dele, estava o seu Belarmino. Um senhor de grandes proporções, de braços fortes e cabeludos. O ambiente era dominado por certa penumbra e odor adocicado bem característico, fruto da mistura de cheiros de todos aqueles alimentos e quinquilharias mantidas naquele exótico lugar.

Tobias estava junto de seu irmão e primos, na entrada do estabelecimento. Acompanhava com os olhos o seu pai se aproximar do balcão para falar com Belarmino quando, de repente, um cano gélido de metal foi encostado em seu braço. O rapaz, assustado, voltou-se para trás. Era o cano de um rifle winchester que “pedia passagem” para o seu dono: um homem gigantesco, que usava um chapéu de aba fina e longa e um capote feito de couro negro que quase chegava a seus pés. O cavaleiro não estava sozinho. Logo atrás, outros homens, tão altos quanto ele, com longos bigodes, usando coletes de couro e lenços em volta do pescoço. Tobias, assim como os demais, logo

percebeu que eles eram de outro lugar. O forasteiro esboçou um sorriso para o rapaz e guiou os seus colegas até uma mesinha com quatro cadeiras, em um dos cantos da bodega, onde se sentaram.

Houve alguns instantes de silêncio enquanto todos acompanhavam o dono da bodega aproximar-se dos forasteiros e atendê-los. Um deles pediu algo em outro idioma, mas só com gestos seu Belarmino compreendeu: queriam beber cachaça, isto é, a ‘branquinha’. Os forasteiros então começaram a jogar cartas com a ajuda de dados. Era o chamado pôquer de dados.



Figura 10 – Funcionários e homens do corpo de segurança da Lumber, dentre eles americanos, jogando pôquer de dados no melhor estilo cowboy. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 53.

O que mais chamou a atenção do jovem Tobias era a arma que o forasteiro possuía. Parecia um rifle winchester, conhecido na região, mas tinha

um formato e detalhes metálicos jamais vistos, nem mesmo imaginados nas batalhas narradas pelo Capitão Lourenço. É uma vinchestra do dianho - pensou o rapaz – são tropeiro? Caçador?

Seu Maneco e o irmão dele começaram a conversar com seu Agenor e outros fregueses.

- O que esses forasteiro tão fazendo por essas banda? – perguntou Osmar.

- São os segurança de uma serraria que vai se instalá aqui...o nome dela é Lumber. – respondeu um tropeiro, recostado no balcão.

- Tão espaçando um monte de cartais pela vila dando prazo pros intruso sair das terras da serraria. – comentou seu Francisquinho, o velho da barbearia.

- Só param para beber a branquinha. Os disgramados falam que é mió que whiskey! – comentou o dono da bodega.

- Intruso? Eles invadi nossas terra e nós é que semo os intruso? – perguntou seu Maneco.

- Eles dizem que têm as escritura das terra, Maneco. – respondeu-lhe o dono da bodega.

Maneco e Osmar afastaram-se do balcão e ordenaram aos meninos que carregassem os sacos de erva para a parte detrás da bodega. Lá, havia um pequeno paiol de madeira avermelhada onde eram estocados também milho e feijão. Um dos sacos de erva acabou sendo negociado com um tropeiro por sal para conservar a carne, pólvora para ativar a espingarda de caça e cachaça para aquecer o corpo. Os caboclos então voltaram à bodega e carregaram para

a carroça os mantimentos adquiridos na negociação da erva-mate com o bodegueiro.

Com o sol já radiante sobre suas cabeças, as duas famílias rumaram agora para a casa de Tobias, onde prepararam o almoço e depois fizeram a partilha dos mantimentos.

Os três cavaleiros do inferno

Os cachorros do seu Maneco começaram a latir. Era sinal de que alguém estava subindo a ladeira em direção a casa deles. Dona Conceição foi a primeira a aparecer na porta, pois estava acostumada a receber enfermos em busca de auxílio. Mas, desta vez, o motivo da visita era outro. Ela viu três homens, montados em seus cavalos, aproximarem-se lentamente. Surpresa, a cabocla chamou imediatamente o seu marido que estava no quintal decepando algumas bananeiras com seu facão. Os meninos, ao ouvirem os latidos, também se aproximaram cheios de curiosidade.

- Segure os cachorro pros homi podê apeá dos cavalo! – falou o caboclo para seus filhos.

Os meninos obedeceram prontamente, mas apenas um deles desceu de sua montaria.

Tobias reconheceu pelos trajés de couro e os rifles levados nas montarias que se tratavam dos mesmos forasteiros vistos no armazém alguns dias atrás. Desta vez, entretanto, tinham longos charutos nas bocas e um deles distraía-se lançando no ar a fumaça do seu charuto em forma de círculos. A isto, José observava com grande admiração.

Já dona Conceição via três demônios na forma de cavaleiros. Três mensageiros da morte que, pela boca, cuspiam fumaça vinda do próprio inferno. Ela sentiu que aqueles homens iriam anunciar algo muito ruim. A

cabocla recolheu-se, ajoelhou-se diante das imagens de Jesus Cristo e dos santos, fechou os olhos e começou a rezar silenciosamente.

O sujeito que desceu do cavalo aproximou-se do seu Maneco. Era o mais baixo dos três, encorpado, rosto largo enfeitado por um fino bigode. Usava óculos frágeis e arredondados. Estava elegantemente vestido e não carregava nenhuma arma, o que causava certo contraste ao compará-lo com os sertanejos da região.



Figura 11 – Os sertanejos costumavam andar armados com facões, revólveres e espingardas. Foto de Claro Jansson.

- Buenas. Meu nome é João Antunes e trago um comunicado para o senhor.
- Buenas. E meu nome é Manoel. – respondeu seu Maneco.
- Eu represento a serraria Lumber que comprou estas terras da família Pacheco.

- *Eu não sabia que estas terra eram dos Pacheco!* – exclamou seu Maneco, franzindo a testa.

- *Sim, seu Manoel. Eles venderam prá serraria não faz muito tempo. O senhor mesmo pode ver a cópia do documento de posse.* – Antunes retirou de dentro de seu paletó preto um documento dobrado e o mostrou para o caboclo.

Por alguns momentos, seu Maneco teve em suas mãos aquela folha de papel com um selo colorido em uma das bordas. Num gesto inútil tentou entender o que estava escrito, mas ele era, assim como a maioria da população da região, analfabeto. O caboclo então levou seu cigarro de palha à boca enquanto seus olhos buscavam os olhos de Antunes.

- *A serraria vai explorar esta região e vanceis vão ter que sair daqui.* – explicou o distinto emissário, ao perceber que a situação não avançava.

- *A minha família e a da minha muié já morava aqui muito antes da família dos Pacheco e dessa tal serraria chegá!* - interrompeu o caboclo, erguendo o facão que sustentava na mão direita.

Um fio de suor desceu pela testa do mensageiro.

- *Diga pro dono dessa serraria que nós não vai saí daqui!* – comprimiu aquele documento contra o peito de Antunes que, assustado, recuou. Os forasteiros sacaram suas armas e apontaram-nas para seu Maneco.

Acenando com o braço, Antunes disse aos cavaleiros para abaixarem suas armas e prosseguiu:

- *A serraria é a verdadeira dona dessas terras, seu Manoel. A Justiça está do lado dela!*

- *A única justiça que conheço é a justiça divina! Todas essas terra pertence a Deus Pai! E dá prá tudo nós vivê bem!* – respondeu o caboclo, levantando uma das mãos para o céu.

- *O senhor e a sua família têm um prazo de três dias para sair daqui! Caso contrário, teremos que usar a força!* – João Antunes subiu em seu cavalo e, já descendo a ladeira, falou mais uma vez para o caboclo:

- *Tem três dias! Tá avisado!*

Ao contrário da chegada silenciosa e tranquila, os três cavaleiros foram embora berrando para os cavalos e deixando uma enorme nuvem de poeira suspensa no ar.

Seu Maneco abaixou a cabeça e sentou-se na escadinha que dava acesso à porta da frente de sua tapera. Sob os olhares silenciosos e assustados dos demais, o caboclo retirou uma lasca de fumo do bolso detrás de suas calças e, com um pequeno canivete, começou a esfarelá-lo no intuito de preparar um novo cigarro de palha. Então retirou do outro bolso das calças uma tira de palha e distribuiu o fumo sobre ela em forma de carreira. Enrolou cuidadosamente a tira de palha e passou a língua na borda dela para segurar o fumo formando, assim, um cigarro. O caboclo acendeu-o no fogão a lenha que a família mantinha sempre abastecido no interior da morada, retornou à

escadinha e, de cócoras e com os braços estendidos sobre as coxas, começou a fumar lentamente...

Todos sabiam que aquilo era, na verdade, um artifício. Uma maneira de Maneco se acalmar e buscar respostas para a trágica situação em que agora ele e sua família se encontravam. Enfrentaria os capangas da serraria ou abandonaria as terras que têm sido de sua família por várias gerações? Sem dizer palavra alguma sobre o ocorrido, os outros voltaram às suas rotinas.

Pouco depois, Tobias embrenhou-se na mata dos gigantes pinheirais e foi se encontrar com Ana que lhe aguardava sentada perto do rio. Ao vê-lo aproximar-se, a moça levantou-se e o abraçou. Pegou do chão um prato de doces coberto por um pano de prato bordado.

- Óia, Tobias, eu fiz uma cuca de banana. É da que você mais gosta! – ela ofereceu-a ao rapaz, mas percebeu que algo muito grave aconteceu com ele. – O que se passa? Por que tá ansim, borocochô?

- Os home daquela serraria, a Lumbré, falaram prá gente i embora, saí de nossas terra.

- Capaiç! E o que o seu Maneco disse prá eles? – perguntou Ana, surpresa com a notícia.

- Ele disse que nós não vai saí. Que as terra são nossa.

- O teu pai não pode enfrentá essa gente! Eles são bandido! Não lembra das história que o povo tá contando? Vanceis têm que i prá outro lugar!

- Mas nós vai prá ondi?

- *Num sei! Eu só não quero que você morra nas mão desses homi, Tobias! – ela o abraçou ternamente e começou a chorar. De repente, uma ideia veio à sua mente, fazendo-a estremecer.*

- *Bamo fugir, Tobias!*

- *Não posso fazê isso, Aninha. Não posso abandoná minha família agora.*

- *Mecê tá certo. – respondeu a jovem, refletindo melhor sobre a situação. – Então converse com seu pai! Faça ele mudá de ideia!*

- *Não chore mais! Eu vô falá cô meu pai, ainda hoje! – o rapaz enxugou as lágrimas que escorriam pelo rosto avermelhado de sua amada. Beijou-a e seguiu pelo carreiro em direção ao rancho de sua família.*

Mais tarde, ao voltar para casa, Tobias não encontrou seu pai sentado na escadinha. Perguntou à dona Conceição que lhe respondeu:

- *Acho que teu pai foi catá uns pinhão no mato. Vi ele saindo com o cestinho.*

José, que estava brincando com Bodinho, gritou para seu irmão:

- *Aonde vai? Quero i junto!*

- *Sossega o facho, piá! Eu quero levá um dedo de prosa com o pai! – o rapaz lembrou-se de onde costumavam colher pinhões graúdos no mato. Foi até lá.*

Era um local alto, abaixo de um pinheiral extenso e aberto, de onde se podia ter uma bela visão da mata. Ao entrar no pinheiral, o rapaz começou a passar as mãos em seus braços, pois o frio da mata aumentava à medida que o sol sumia no horizonte. Os últimos raios cortavam aqueles centenários troncos de araucárias.

- *Eu tô aqui, Tobias. – falou o seu pai ao ouvir os passos do rapaz esmagando as grimpas espalhadas pelo chão. Ele estava sentado à beira do morro, ao lado do cesto cheio de pinhões recém-colhidos. Tobias se acomodou ao lado do pai e notou que o caboclo observava uma semente de pinhão que estava na palma de sua mão.*

- *Tá vendo esse pinhão, Tobias? – começou seu Maneco – No inverno, ele alimenta nós, os bugre e toda a bicharada do mato. E os que consegue se enraizá, vira esses baita pinhêro, coisa mais linda do mundo! O pinhão faz parte do mato. Nós também semo. Nós nascimo aqui, casemo aqui, tivemo e criemo os fñio aqui e, um dia, bamo morré aqui também. Essse é o nosso lugá! Tá me entendendo, Tobias?*

- *Sim, pai.*

- *E agora vem essa gente forasteira, com palavrório diferente, falando de lei e de justiça, chamando a gente de intruso e querendo que nós vá imhora! - o caboclo cobriu seu rosto com suas mãos calejadas.*



Figura 12 - A região do Contestado possuía vastas áreas de florestas de araucárias. Fonte: <http://marcosnogueira-2.blogspot.com.br>

Naquele momento, o rapaz não foi capaz de cumprir a promessa feita a Ana de pedir a seu pai que partissem dali. Permaneceu calado pelas fortes emoções que se conflitavam dentro dele. Deixou para seu pai resolver o que fazer.

- Mió nós i prá casa, meu fio. Tá ficando tarde! – o caboclo logo se recompôs, abarcou o cestinho de palha repleto de pinhões e os dois pegaram a picada em direção à tapera.

I'm gonna kill you!

Fumaça e Bodinho começaram a latir. Sinal de que alguém estava subindo a pequena ladeira que conduzia ao rancho da família de caboclos. Dona Conceição pegou em seu patuá preso ao pescoço como que pressentindo algo ruim. Curiosos, Tobias e seu irmão correram para frente da casa. Seu Maneco passou a mão em seu facão paraguai e se aproximou dos cães. Viram um grupo de onze cavaleiros fortemente armados. Traziam à cinta dois revólveres, cada um deles tinha um rifle passado a tiracolo pelo ombro esquerdo. Entre eles, os dois estrangeiros.

- Pro mato! Pro mato! – berrou o caboclo para sua família.

Dona Conceição agarrou os filhos e correu para a mata que servia de quintal da casa. Tônico, entretanto, desobedeceu a seu pai e entrou na casa em busca da velha espingarda de caça.

Ainda a certa distância, os cavaleiros efetuaram alguns disparos que feriram mortalmente os cachorros. Mas seu Maneco permaneceu imóvel, empunhando firmemente seu facão e encarando os capangas da serraria que se aproximaram dele.

- Eu inté ia saí, mais já que vanceis tão aqui... só me matano!! – Maneco, com a destreza que possuía em manejar seu facão, deu um golpe que perfurou o ventre de um dos pistoleiros. O homem caiu do cavalo, já sem vida. Antes dos demais reagirem, ouviu-se um disparo vindo detrás deles. O projétil atingiu as

costas de outro capanga, matando-o instantaneamente. Quem fez tal disparo foi o amigo do caboclo, o Capitão Lourenço.

Sem exigir mais da sorte, Maneco refugiou-se no interior da sua tapera e encontrou Tobias, preparando a espingarda de caça. Tobias se assustou ao ver seu pai com manchas de sangue nas roupas e no facão.

Confusos, os cavaleiros dispararam nas duas direções. Capitão Lourenço apeou rapidamente de seu cavalo, desembainhou sua espada e se embrenhou no mato. O homem que parecia ser o líder do bando berrou aos seus subordinados que perseguissem e matassem o amigo do caboclo.

Os forasteiros, por sua vez, invadiram a morada de chão batido. Com um forte pontapé, a frágil porta de madeira foi derrubada dando passagem aos dois gigantes loiros. O primeiro que eles avistaram dentro da casa foi o jovem Tobias que empunhava tremulamente a velha espingarda pica-pau. Apesar do medo, o rapaz agiu rápido. Disparou contra os americanos e acabou atingindo de raspão a cabeça de um deles que tombou no chão, desacordado. O outro forasteiro não teve tempo para atirar. Foi atacado com golpes de facão desferidos por Maneco, mas demonstrou certa agilidade e utilizou seu próprio rifle para anular as primeiras investidas do caboclo.

- I'm gonna kill you! – berrou o estrangeiro em seu idioma.

Entretanto, a experiência do caboclo em manusear o facão nos ervaís acabou por definir a luta corpo-a-corpo. Seu Maneco feriu uma das pernas do pistoleiro fazendo-o tombar. E, no chão, o estrangeiro tornou-se alvo fácil para

o caboclo. Maneco então espiou pela porta e viu os outros capangas voltando da mata. Ele não sabia, mas seu amigo, Capitão Lourenço, acabara de ser morto. Voltou-se para Tobias e gritou:

- Bamo deitá o cabelo, fô!!

Não houve tempo para responder ao seu pai. O pistoleiro que tinha sido ferido na cabeça recobrou a consciência por alguns instantes, sacou seu revólver e disparou contra seu Maneco. Tobias viu seu pai prostrar-se com o peito manchado de sangue. O rapaz tentou colocá-lo em pé novamente, mas o caboclo, agonizando, falou com a voz enfraquecida:

- Leve tua mãe e teu irmão prá casa do tio Osnildo... Lá, vanceis tão seguro...

- Não, pai! Não!!

- Vá, piá, ou eles vão matá vancêis tamém... – foi a última sentença proferida pelo caboclo.

Tobias apanhou a espingarda novamente e fugiu mata adentro. A seguir, os capangas entraram na casa e encontraram um dos americanos ainda vivo. Eles retiraram dali o ferido e o corpo de seu conterrâneo e, como fizeram outras vezes, atearam fogo na casa e na pequena roça.

Mais uma família de caboclos fora expulsa das terras da serraria Lumber.

O agregado do coronel Osório

- *Graças a Deus que mecê tá vivo!* – exclamou dona Conceição ao ver seu filho mais velho correr na direção deles. Mas um pensamento lhe fez estremecer e ela então berrou:

- *Cadê o Maneco? Cadê o Maneco?*

De cabeça baixa e começando a chorar, o rapaz respondeu:

- *Os homi...os homi...*

- *São João Maria! Mataram meu marido!!* - ela começou a chorar copiosamente. Entre soluços, a mulher balbuciou:

- *O que nós bamo fazê?*

- *O pai mandô nós i prá casa do tio Osnildo!*

Os três caboclos expulsos pelos capangas da Lumber, ainda assustados e trêmulos, percorreram os capões em direção à fazenda do coronel Joaquim Osório, onde trabalhava Osnildo, o irmão caçula de Maneco. Ele era um agregado do fazendeiro, ou seja, desempenhava várias funções na propriedade como domaçaõ, conduçaõ de tropas, colheita de roças e empreitadas de cercas ou taipas de pedras. Em troca, tinha recebido uma pequena porçaõ de terra para plantar e, graças à vontade soberana e caprichosa do seu senhor, criava também algumas cabeças de gado.

Estas grandes extensões de terra eram dominadas por poucos que não permitiam a ocupaçaõ se não fosse pela via legal, isto é, pela compra. Os

fazendeiros ricos nomeavam um magistrado local e dele conseguiam os documentos de posse de milhares de alqueires já ocupados por simples posseiros ou indígenas.

Dona Conceição e seus filhos caminharam por uma pastagem baixa e queimada pelas geadas. Todos ainda choramingavam. Tobias percebeu que sua mãe movia a boca como numa oração silenciosa. Não muito distante, eles avistaram um rebanho de gado se refugiando embaixo das árvores de um capão porque os animais sabiam que logo iria escurecer e, dessa forma, estariam protegidos do frio intenso durante a noite.

Mais adiante, surgiu um grupo de cinco vaqueanos a cavalo. Pela velocidade da cavalgada e pelas espingardas nas mãos, estavam nervosos, pois o coronel lbes tinha dado a incumbência de proteger os agregados que foram recentemente atacados pelos indígenas. Como a mulher e os meninos não sabiam desses acontecimentos, sentiram muito medo quando os vaqueanos decidiram abordá-los. Tobias, ainda assim, empunhou sua espingarda como que preparado para outro combate.

- O que vanceis tão fazendo nas terra do coroné Osório? – perguntou um dos cavaleiros que era, assim como os demais do seu grupo, um kaigang ‘domesticado’.

Colocar índio contra índio era um artifício utilizado desde os primeiros colonizadores portugueses como estratégia para a conquista de terras já habitadas por indígenas.

- *Bamo visitá Osnildo. Ele é meu cunhado.*

- *E por que essa pica-pau, piação? – outro cavaleiro indagou, apontando para a arma do rapaz com seu pequeno chicote de couro chamado de rabo-de-tatu.*

- *Eu tô levando pro padrinho a pedido de meu pai. – respondeu Tobias.*

- *Humm...bão. Entãoce vão, mais não andim à toa por aí por mode que os bugre atacaram tresontonte uns agregado do coroné. Eles podi ainda tá por perto.*

As investidas dos índios contra tropeiros, agricultores e fazendeiros não eram ações espontâneas e sem razão, mas sim uma resposta à invasão das terras que eram originalmente exploradas pelos grupos indígenas.

A cabocla agradeceu timidamente e os três prosseguiram pelo campo maltratado pelo frio. O dia estava morrendo; o tom do céu mudava rapidamente. Quando passaram ao lado de um pequeno capão à beira de uma fonte de água limpa, dona Conceição lembrou-se da vez que conhecera, há muitos anos, o monge João Maria. Ele escolhia lugares assim para servir-lhe de pousada. À noitinha, reunia os moradores das redondezas, rezava com eles o terço meio cantado e meio rezado, depois ficava conversando com o povo, ensinando remédios de ervas tais como: banho de arnica, samambaia, três cipós, capim-papuã, ou vinbo-de-braúna, sangue de bituíba, chá de marapuana, pacová, crista-de-galo e cidreira. Mas a principal erva receitada pelo monge era a vassourinha do campo, também conhecida hoje como vassourinha de São João Maria, que cura bronquite, tosse, gripe, febre, cólicas,

entre outros males. Para alimentar-se, pedia um prato de comida numa casa por perto e preferia arroz, couve e um pouco de carne picada. Até hoje esse prato se chama "boia do João Maria".

Mas dona Conceição recordou também as terríveis profecias do velho andarilho: castigos mandados pelo Senhor como pragas de gafanhoto que devorarão as matas; um cavalo de aço que rasgará a terra, escurecerá o sertão e trará desgraça, jogando irmão contra irmão, filho contra pai; e guerras, entre elas a de São Sebastião. A morte do seu marido, concluiu ela, era o sinal de que as profecias estavam se realizando.

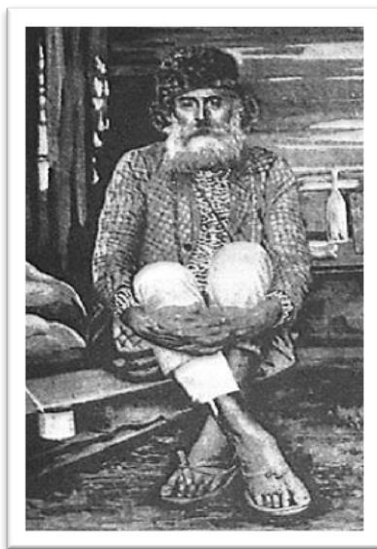


Figura 13 - Imagem do Monge João Maria, até os dias de hoje venerada por muitos moradores da região do Contestado.

Fonte: <http://historiaeculturadc.blogspot.com.br>

A mente de Tobias, por sua vez, estava dominada pelas imagens da última conversa que tivera com seu pai sob o pinheiral; do pinhão pousado na mão de Maneco simbolizando seu amor pelo lugar em que vivia; e da promessa não cumprida feita a sua querida Ana. Aos poucos, veio uma profunda tristeza e com ela um ódio febril por aqueles que tiraram a vida de seu pai.

Já o jovem José estava em estado de choque. O trágico evento apenas passou diante de seus olhos sem que ele pudesse ter qualquer reação. Ele

simplesmente seguia com os demais como se tudo aquilo não passasse de um sonho bizarro.

Dona Tica, a mulher de Osnildo, terminava de limpar as rocinhas de feijão, milho e abóbora ao lado de sua simples morada quando viu os três se aproximarem. Surpresa por encarar rostos tão transtornados, perguntou:

- O que se sucedeu com vanceis?!

- Tica, mataram meu marido!

- Crêndious Pai! Mais por modi de quê? O Maneco não era homi de se metê em briga!

- Os homi da serraria mataram Maneco e nós fugimo!

- Se acarma, comadre! Mecês se acheguem! – Dona Tica, por estar grávida, adentrou com certa dificuldade em sua casa e os convidou para sentarem-se e descansar, enquanto ela prepararia um chimarrão.

Logo depois, chegou Osnildo em seu cavalo malhado. Tinha as feições semelhantes à de seu irmão mais velho exceto por possuir um longo bigode. Usava um chapéu de aba curta, dobrado na parte frontal e calças de brim curtas que deixavam de fora suas canelas. Os pés passavam quase todo o tempo descalços e sujos. Não demorou a reunir-se na roda de chimarrão com sua mulher e os parentes recém-chegados. Ouviu a tragédia vivida por eles em silêncio e, depois de alguns instantes, comentou:

- Me contaram já hoje que os capanga da serraria tão tirando o povo à força e, em otros lugar, eles tão obrigando o pessoal a assiná uns papér em branco.

Quem tá fazendo isso é um piaçã, um tar de Nereu Ramos, devogado da Lumbre e fõ do governadô Vidal. Ele reúne o povo dizendo prá assiná umas foia em branco que é prá tê a posse das terra, mais é pura enganação! As assinatura servem é prá renunciá as terra. Ia avisá o Maneco disso...— e, depois de tomar o último gole de chimarrão, Osnildo finalizou - Vanceis podi ficá aqui. Conceição ajuda a minha muié na casa e no roçado. E vanceis, piaçada, vão tê que aprendê a lidá com gado e cavalo se quiserem ficá na fazenda do coroné. Amanhã, no raiá do dia, bamo dá um enterro digno pro Maneco e dispois levá um dedo de prosa com o patrão.

- Deus te abençoe, Osnildo! — a cabocla agradeceu.

- Não carece não, Conceição. Meu irmão faria o memo.

Daquele dia em diante, a liberdade que eles tinham quando viviam no sertão tornou-se apenas uma bela lembrança assim como a de seu pai.



Figura 14 - Alguns fazendeiros com moradores da região. Ao centro, um grupo de crianças e mulheres de origem indígena.

Foto de Claro Jansson

A Brasil Railway e a Lumber and Colonization Company

“Quem descasca a cintura das árvores para secá-las, também vai encurtando sua vida. Árvore é quase bicho e bicho é quase gente.”

E os meses se passaram. O frio estava se tornando mais ameno e as geadas não mais castigavam o planalto norte catarinense. As coxias que cercavam a fazenda começavam a ganhar o verde vívido de outrora. Os filhos de dona Conceição foram aprendendo as várias tarefas da fazenda como, por exemplo, levar o gado para diferentes pastagens, capturar as reses fugitivas, castrar os novilhos, construir açudes, currais, galpões e muros de taipas, caçar onças e pumas que rondavam as proximidades da fazenda, domar cavalos e mulas, tosquiatar ovelhas e tropear os animais até os locais de venda ou abate. Entretanto, Osnildo e o coronel percebiam sempre uma maior dedicação por parte de Tobias.

Além das atividades que desempenhava na casa, dona Conceição não deixara de auxiliar os enfermos da propriedade, inclusive a esposa do coronel Joaquim Osório, dona Zumira, que era uma mulher frágil e adoentada. Este fato fez com que o fazendeiro tivesse especial consideração pela cabocla.

Dona Conceição também ajudou a sua comadre dona Tica a ter seu primeiro bebê. Era um menino e deram a ele o nome de Manoel, em

homenagem ao falecido tio. Como de costume, no batizado do bebê, convidaram o coronel para ser o seu padrinho.

- Temo que garanti proteção a essa criança! – comentou Osnildo à sua esposa.



Figura 15 – Coronel Fabrício Vieira, usando um lenço branco, rodeado por seus fiéis agregados. Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br

Sempre que podia, Tobias montava em seu pingo, cavalo de montaria, de um marrom avermelhado chamado Pinhão e visitava Ana. A moça, por sua vez, sentia que ele havia mudado bastante desde a morte de seu Maneco.

O rapaz tornou-se sisudo e não falava mais em casamento e constituir família. O pai de Ana, para aumentar a aflição da moça, já comentava sobre outros pretendentes para a jovem.

Depois das visitas a Ana, Tobias costumava observar num silêncio revoltado a construção da estrada de ferro que avançava por aquelas terras. A

empresa responsável por ela era originária dos Estados Unidos e se chamava Brazil Railway. Tal empreitada apresentava basicamente quatro estágios. Primeiro, vinha um pequeno grupo de forasteiros, engenheiros e topógrafos, que demarcava o trajeto pelo qual o trem iria passar. Às vezes, eles tinham a ajuda dos moradores do local para roçar os novos caminhos. A seguir, vinham muitos trabalhadores que se revezavam em turmas (chamados então de turmeiros) na tarefa de derrubar a mata, deslocar a terra e aparar os barrancos. No terceiro momento, chegavam outros turmeiros que se empenhavam arduamente na colocação de uma camada de saibro e britas no leito da estrada onde eram assentados os dormentes e fixados os trilhos da linha do trem.

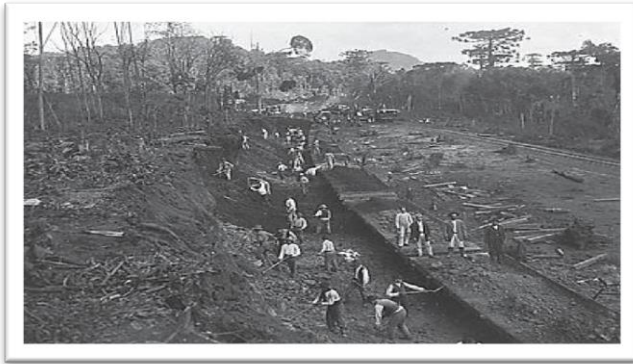


Figura 16 - Trabalhadores lançando terra e saibro sobre vagões-prancha para a construção de aterros na implantação da ferrovia.

Foto de Claro Jansson.

Várias vezes, Tobias se aproximava e conversava com aqueles trabalhadores que eram, em sua grande maioria, pequenos agricultores dali mesmo que consideravam a construção da ferrovia como uma nova forma de ganhar dinheiro enquanto suas famílias cuidavam das lavouras. Entre eles, estavam o pai e os irmãos de Ana. Por fim, os turmeiros se ocupavam na construção das estações, armazéns, depósitos de carvão e caixas d'água.

Testemunhou, meses depois, às margens do rio Negro, a construção de uma serraria com tamanbo e estrutura jamais vistos. Era uma filial da empresa responsável pela construção da estrada de ferro e se chamava Lumber. À medida que ela ganhava mais instalações, ingressavam novas remessas de trabalhadores, chamados de toreadores, responsáveis por cortar as árvores de grande porte na mata, levá-las à serraria e colocá-las na linha de corte. Diante dos olhos assustados de animais como bugios, porcos do mato, graúnas e jaguatiricas, tem-se então o início da derrubada das matas de araucária existentes às margens da ferrovia num ritmo cada vez mais acelerado.



***Figura 17 - Vista das instalações da serraria Lumber.
Foto de Claro Jansson.***

Mais tarde, o caboclo também veria a chegada de imigrantes-colonos, principalmente alemães, poloneses e ucranianos, apropriando-se avidamente das terras próximas à linha férrea, inclusive das que pertenciam à sua família. O Governo dera a Brasil Railway a posse sobre os terrenos ‘devolutos’ das margens de, e em média, nove quilômetros de cada lado da estrada de ferro. Nestes territórios marginais, a madeira foi explorada e, a seguir, a área dividida em lotes e vendida aos imigrantes estrangeiros ou filhos de colonos já nascidos no país. Era o projeto modernizador que a jovem República estava trazendo à região, alguns aclamavam. Mas ele tinha como objetivo também excluir a população nacional, pois estava embasado em princípios racistas de branqueamento e europeização.

Certa vez, o rapaz voltou para a fazenda, cabisbaixo, e, próximo do poteiro, deparou-se com seu irmão afastando-se dali a passos fortes enquanto o coronel, apoiado no cercado, gritava para ele erguendo um dos braços. Sem entender o que se passava, Tobias acelerou a marcha e perguntou ao fazendeiro:

- O que foi, patrão?

- Seu irmão é um jaguara! Não que sabê de trabaia! Por consideração a sua mãe, não vô mandá dá uma sova nele. Mais que ele trate de se escafeder da minha propriedade. Tá cheio de cabôco procurando empreitada!

Tobias puxou as rédeas de Pinhão e galopou em direção a seu irmão para conversar com ele.

- Por que essa vagabundage, Zé? Pensa que não ando bombiando vancê jogando truco e tomando cachaça com a piaçada quase todo dia?

- Tô farto desse trabaio, mano! Mais já achei outra coisa! Vô trabaia na serraria! Hoje memo vô prá Treis Barras!

- Tá variado? Vai trabaia pros gringo? Por culpa deles que nosso pai foi morto! Seu traíra!

José não lbe respondeu e continuou a sua marcha para fora dos domínios do coronel.

Próxima à gigantesca serraria da Lumber, uma nova vila foi surgindo com o nome de Três Barras. Hotéis, bodegas, armazéns e casas eram

construídos para atender as pessoas que lá buscavam trabalho. Entre elas, o jovem José.

À beira do rio Negro, podia-se ver a imponente serraria. Destacava-se ao longe o pavilhão central, de cujos telhados cinco torres se erguiam lançando constantemente fumaça negra ao céu. Mais próximo das instalações, o caboclo pôde acompanhar as toras sendo carregadas para dentro dos pavilhões por longas esteiras sustentadas por armações de madeira. A movimentação intensa de pessoas, carroças e trens e o ruído estridente das serras-fitas e circulares de aço ecoando no interior dos vários pavilhões da serraria impressionaram o rapaz. Mas o que mais lhe causou surpresa foi saber que a serraria possuía farmácia, hospital, armazém e até cinema para seus empregados. Aos olhos do caboclo, a serraria era uma verdadeira cidade, uma serraria-cidade.



Figura 18 - Longas esteiras conduziam as toras aos galpões da serraria. Foto de Claro Jansson.

Foi com todas essas novidades encantando o seu pensamento que José encontrou Romualdo Tavares, o chefe dos turmeiros. Romualdo era um português alto, corpulento, olhos vermelhos, bigode longo e pestanas pontiagudas. Ele estava no pátio com uma prancheta embaixo do braço, rodeado por seus subordinados. José perguntou timidamente se tinha serviço na serraria. O português disse que não, pois somente os colonos imigrantes poderiam trabalhar na serraria. Todavia, se ele quisesse, poderia fazer parte de uma das equipes de turmeiros que atuava no mato.

- Preciso de homens fortes na minha equipe. Terás que provar ter músculos e não apenas banha, gajo! – o corpulento lusitano disparou gargalhadas que logo foram acompanhadas pelas dos demais trabalhadores. – Tu farás uma prova de força. Aceitas?

Surpreso, o rapaz apenas sinalizou suavemente com a cabeça que sim.

- Estais vendo aquela prancha ao lado da pilha de tábuas? Pegue-a e traga para mim!

O jovem caboclo aproximou-se da prancha e, com certo custo, ergueu-a até a altura do peito e a levou para o português. Abriu um sorriso por ter conseguido completar a prova. Mas José estava enganado.

- Ótimo! Agora, gajo, leve-a até à porta do primeiro pavilhão! Se completares o percurso sem deixar o pranchão cair, farás parte desta nobre equipe. – e desatou em nova gargalhada.

E lá foi José, com passos cambaleantes, buscando vencer o caminho proposto. A pesada prancha ora pendia para um lado, ora pendia para o outro. E quando uma das pontas quase tocava o chão, o caboclo, desesperado, buscava contrabalancear com o próprio corpo. Ao fundo, mesclavam-se gargalhadas e frases de apoio dos turmeiros. Mal percorrera a metade do trajeto e o peso da prancha começou a vencer suas forças. Pensou em colocá-la nas costas, mas já não tinha condições para isso e o movimento era arriscado demais. Sentiu os músculos dos braços queimarem pelo tamanho esforço enquanto a prancha caía lentamente. Os turmeiros que apostaram no insucesso do rapaz já comemoravam. Então José notou que ao seu lado aproximou-se uma carroça conduzida por um senhor.

Não pensou duas vezes. Reuniu suas últimas forças e, num jogo de corpo, lançou a prancha sobre a carroça. A seguir, sentou-se na carroça diante

dos olhos surpresos do condutor. A equipe de Romualdo silenciou e olhou para seu chefe, mas este apenas acompanhou a artimanha do rapaz. Faltando pouco para passar em frente ao enorme pavilhão, José desceu da carroça levando o pranchão às costas até o local indicado. O rapaz então voltou ainda ofegante para o português e sua equipe. Mal ele chegou e foi chamado de trapaceiro por alguns turmeiros. Entretanto, num gesto com o braço, Romualdo fez com que todos se calassem.

- O que eu disse para ti? – perguntou Romualdo.

- Que levasse...o pranchão até lá...mas não disse...de que jeito! – respondeu o rapaz, ainda ofegante - E eu...não deixei...o pranchão cair! – concluiu.

Romualdo permaneceu por alguns momentos em silêncio; e por detrás dele os olhares dos turmeiros se entrecruzavam, espantados com a resposta do menino. O português então abriu um largo sorriso e enfim falou:

- Não tens muita força, mas tu és astuto, pois realmente não mencionei isso. Estás empregado! Bem, e qual é a tua graça, gajo?

- José, sinhô.

- Muito bem, senhor astuto. – passou o braço por detrás dos ombros do rapaz dando-lhe um abraço e prosseguiu - E o meu é Romualdo. Iremos para o mato daqui a três dias. Por hora, tu deves te apresentar para um americano de nome Steven, no escritório da empresa. Ele ainda não fala muito bem nosso idioma, mas poderás compreendê-lo. Diga-lhe que farás parte da turma de

Romualdo Tavares e trabalharás como engatador de toras. Até mais! – o português indicou o caminho e voltou-se novamente para seu grupo.

Enquanto se dirigia ao escritório, o caboclo observou com mais atenção o funcionamento da gigantesca serraria. Por um trilho que vinha da mata, chegavam locomotivas e suas composições carregadas de toras colossais. No pátio, estas composições eram descarregadas e dali as toras eram transportadas por esteiras mecânicas até às serras-fitas, nas quais eram serradas em tábuas, classificadas e armazenadas em um depósito.



Figura 19 – O processo de corte das toras era totalmente mecanizado. Foto de Claro Jansson.

O rapaz entrou no escritório de cabeça baixa, tímido. Passou rapidamente os olhos pelo ambiente. Era como se entrasse em um mundo

diferente, cuja mobília era coberta por pequenos objetos como folhas de papel, canetas e tinteiros. Vinha um cheiro diferente dos armários novos e dos papéis. Os funcionários que trabalhavam naquele lugar eram pálidos e sisudos, usavam óculos de lentes grossas e rabiscavam folhas de papel o tempo todo.

- O que quer, garoto? – perguntou um dos funcionários, com sotaque estrangeiro, detrás de uma das escrivainhas .

- Seu Romualdo pediu prá eu vir aqui e dizê pro Estives que vô trabaiá prá ele como engatador de toras.

- Steven, meu nome é Steven! – jogou o seu cigarro para o canto da boca e prosseguiu:

- É alfabetizado?

- O quê? – perguntou José, passando uma mão sobre a outra, num gesto de nervosismo.

- Perguntei se você sabe ler e escrever.

- Não, sinhô.

- Não sei por que faço essa pergunta...Well, eu preencher uma ficha para você, OK? – o americano então tirou uma pasta de um dos armários de madeira e lhe fez algumas perguntas enquanto preenchia uma pequena ficha. A seguir, explicou ao rapaz os benefícios ofertados pela empresa tais como a farmácia, o armazém e as sessões de cinema. Então comentou sobre o rígido regulamento que todos os empregados deveriam obedecer. Por fim, falou:

*– E algo muito importante se quer trabalhar aqui: nada de armas e bebidas!
All right?*

*O caboclo concordou apesar de não entender aquela expressão ao final da frase.
Partiu da serraria-cidade com uma esperança no coração. Uma esperança de
que dias melhores viriam...*

O acampamento e a serraria Lumber (Company Town)

José acordou em um sobressalto. Tinha jogado cartas e bebido cachaça durante boa parte da noite. Apesar da ressaca, lembrou-se do compromisso assumido há três dias. Tinha que ir para a serraria aquela manhã. Estava ainda no paiol do coronel Osório onde costumava, furtivamente, encontrar-se com seus amigos agregados. Pegou seu chapéu velho, sua garrafa ainda com um pouco de cachaça e foi a cavalo para a serraria-cidade.

Chegando lá, deparou-se com dois seguranças armados de espingardas, guardando a entrada principal. Eles o barraram e fizeram-no deixar a garrafa. É proibido beber no serviço. - disseram os seguranças. Um deles então apontou para a garrucha do rapaz, presente do tio Osmar, presa à cinta. É proibido também andar armado aqui! – falou o funcionário da serraria.

- E se arguém ratiá comigo? – questionou José.

- São normas da firma, piaçã!

Contrariado e sentindo-se desprotegido, José deixou a garrafa e a arma na portaria e seguiu para o enorme pátio. Quando se aproximou do português Romualdo, mais uma norma rolou sobre ele: Não chegar atrasado ao serviço. Enrugou o seu rosto já abatido pela ressaca e subiu em um dos carros-plataformas com outros catorze trabalhadores.

Os carros-plataformas podiam carregar até 36 toneladas, o que significava em média três toras. Conduzidos por uma locomotiva, seguiram em direção a Papanduva por uma linha férrea construída pela própria serraria.

Durante o percurso, José observou as clareiras produzidas pela derrubada dos pinheirais. Em determinado ponto do trajeto, o rapaz reconheceu o local onde havia o erval do qual seu pai e seu tio coletavam erva-mate por muitos anos. As atividades da Lumber praticamente o destruíram, restando pouca coisa para lembrar-se daqueles frondosos pés de erva-mate. Um sentimento de tristeza apoderou-se de José, pois sabia que a erva-mate era uma importante fonte de renda para seu tio e tantos outros caboclos.



Figura 20 - A derrubada da mata nativa teve um impacto ecológico e social sem precedentes na região do Contestado.

Foto de Claro Jansson.

Depois de avançar alguns quilômetros mata adentro, a composição chegou ao seu destino. Os homens saltaram do carro-plataforma e Romualdo mostrou a José a sua rotina de trabalho. As composições que trabalhavam na mata possuíam poderosos guinchos movidos a vapor comprimido cujos cabos de aço de até trezentos metros de distância recolhiam e carregavam nos vagões as toras já derrubadas pelos toreadores. A tarefa daquele grupo era a de levar os cabos até onde estavam as toras usando, para isto, os próprios ombros como alavancas para movimentá-los pelo interior da mata. José, por sua vez, ficou sendo o responsável por engatar os cabos na madeira. Tornou-se, então, um engatador de toras.



Figura 21 - O carregamento das toras contava com a ajuda de um poderoso guincho e longos cabos de aço. Foto de Claro Jansson.

E assim era o trabalho diário daqueles homens: a cada parada na mata, eles faziam uma picada até o local onde foram derrubadas as árvores e, juntos, agarravam os longos cabos de aço e os arrastavam até as toras. Lá, os engatadores prendiam os cabos por meio de amarras em uma das extremidades dos troncos. A seguir, Romualdo, o chefe de turma, sinalizava ao manobrista do guincho para iniciar a operação de arraste dos troncos até à beira do ramal ferroviário. O processo de arraste de toras praticamente destruía a vegetação ao entorno e esta área aberta deixada na floresta passava a ser chamada pelos turmeiros de “rapador”. Então os troncos eram suspensos um a um e colocados sobre os carros-plataformas. Por fim, a locomotiva voltava à serraria levando as gigantescas toras de pinho ou imbuia.

Os meses foram passando e como as áreas de exploração tornavam-se cada vez mais distantes da serraria, a empresa decidiu montar acampamentos na mata para que os trabalhadores não precisassem se deslocar constantemente.

Certa manhã, José se surpreendeu ao ver as composições levando também para a mata pequenas casas móveis nas quais os trabalhadores e suas famílias poderiam morar. No fim do ramal ferroviário, o rapaz ajudou a descarregá-las e instalá-las uma ao lado da outra formando uma espécie de minivila operária dentro da mata.

- Ob qual! Um ranchinho! – comentou Romualdo, decepcionado, observando que essas moradias de madeira possuíam apenas um cômodo com uma pequena porta e janela. Não demorou muito para que os trabalhadores da Lumber

apelidassem-nas de “casas-rancho” ou “ranchos-espeluncas”. Apesar disso, a minivila foi crescendo e se enchendo de gente. Foi construída uma bodega, um açougue e até mesmo um improvisado salão de baile. E trabalhadores dos mais diversos ofícios como lenheiros, maquinistas, foguistas e engatadores tornaram-se também moradores daquelas pequenas vilas.



Figura 22 - As casas-ranchos eram transportadas de trem até os acampamentos na mata. Foto de Claro Jansson.

José passou a viver lá e dividia uma dessas casas-ranchos com o português Romualdo e outros dois rapazes. O primeiro se chamava Francisco Pereira, o Chiquinho, um paranaense de 19 anos que também era engatador de toras. O outro era conhecido apenas como Turkot, um toreiro forte e alto, de meia idade, vindo de Porto União. Os quatro, já nos primeiros dias no mato, abriram um poço nas proximidades do acampamento para abastecê-los de água. Eles decidiram compartilhá-lo com as famílias vizinhas que, em

retribuição, traziam algum alimento para eles toda vez que iam à mata caçar ou pescar.

Ao final das tardes quentes de fevereiro de 1912, José costumava sentar em um toco de árvore nas proximidades do acampamento e contar as histórias que escutara do Capitão Lourenço para os filhos de outros trabalhadores da Lumber. Aumentava um pouco aqui, criava um pouco lá, mas a reação das crianças era a mesma: elas adoravam as lutas dos soldados pica-paus contra os maragatos. E, no final, as crianças transformavam-se em valentes soldados e brincavam com espadas feitas de galbo naquele pedaço de mata que era sua área de recreação.

Aos sábados e domingos, um trem costumava levar os moradores do acampamento a Três Barras para que eles fizessem compras no armazém da empresa. Em determinado final de semana, entretanto, havia uma grande novidade: a primeira sessão de cinema para os trabalhadores da Lumber. José e seu chefe Romualdo combinaram de ir juntos ao cinema. Disseram-lhes o nome do filme, mas para eles pouco importava, já que nunca haviam visto algo semelhante.

O trem estava cheio de outros trabalhadores tão curiosos e ansiosos em conhecer a sétima arte quanto eles. Durante o trajeto, o português contou um pouco de sua vida. Era de Lisboa, filho de um carpinteiro e de uma lavadeira. Amava perdidamente uma rapariga, como dizia ele, mas ela decidiu casar-se

com outro rapaz por ele ser de família rica. Magoado, decidiu então aventurar-se passando alguns anos em terras brasileiras.

Enquanto conversavam, José o comparava a seu falecido pai. Eram homens bem distintos. Seu pai era mais tímido, calado, somente o via sorrir durante as festas religiosas ou os pìxiruns e seus bailes. Já Romualdo dava gargalhadas por qualquer motivo. Sua história poderia servir de inspiração para uma obra literária romanesca chorosa, entretanto, o português a reescrevia na forma de uma comédia. O jovem caboclo gostava desta alegria natural de Romualdo e, com o passar do tempo, tornaram-se bons amigos.

Os dois desceram do trem junto com aquela turma animada. Alguns já haviam bebido durante a jornada e as brincadeiras entre eles começaram pela dificuldade que muitos tiveram em pronunciar o nome do cinema: Cinema Monroe.

Perceberam que a company town não parava de crescer. Havia agora mais de duzentas casas, um cassino, um clube, um hotel e estava sendo construída uma fábrica de gelo. Nas dependências da Lumber, não se usavam lâmpões para clarear a noite, água de poço para matar a sede e nem telégrafo para se comunicar com outras localidades. A energia elétrica, a água encanada e a linha telefônica já tinham sido trazidas. Em Três Barras, passou a ter também casa bancária, clube de elite, estação de rádio, casas comerciais de grande porte, dois clubes, escola polonesa, colégio de internato, fábrica de

cigarros, dois hotéis e até um restaurante chinês. Modernidades sem precedentes naqueles sertões.



Figura 23 – A vila de Três Barras desenvolveu-se rapidamente devido à implantação da serraria Lumber. Fonte: In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 50.

Eles chegaram ao cinema Monroe. Um casarão comprido ladeado por um corredor coberto, com diversas janelas, e cuja entrada havia uma fila de pessoas que já aguardava a sessão.

A ansiedade de José aumentou ao adentrar e avistar um enorme salão com longos bancos de madeira distribuídos em fileiras. À frente, um palco de madeira enfeitado com cortinas vermelhas recostado numa parede coberta por um longo pano branco. Ele e seu amigo lusitano sentaram-se na terceira fileira. O cinema ficou lotado, inclusive de jovens e crianças. Havia no ar uma mistura de ansiedade, curiosidade e excitação. Alguns homens, talvez pelo

nervosismo, puxaram de seus palheiros e começaram a fumar. José soube de outros colegas que os filmes chegavam de trem em latões que pesavam de trinta a quarenta quilos. Mas a pergunta que borbulhava na cabeça de todos era: de onde sairia o filme? Do palco?



Figura 24 - Interior do cinema Monroe que se tornou referência em entretenimento à população da região por décadas.

Fonte: <http://vivipara.blogspot.com.br>

De repente, como por encantamento, brotou da parede à frente deles um clarão que assumiu a forma de um retângulo. Aos poucos foram se definindo dentro dele imagens em branco e preto. Era como uma janela que permitia aos espectadores vislumbrar um mundo carregado de movimentos, porém sem cores ou som. Mas isto foi o suficiente para deixar todos em silêncio, imóveis e boquiabertos.

A plateia acompanhou atentamente as imagens dançantes que se sucediam. Os mais atentos logo perceberam que estava sendo contada uma história. Cerca de quinze minutos depois, as imagens na parede desapareceram. Imediatamente as conversas tomaram conta do lugar. Alguns falaram sobre a nova e maravilhosa tecnologia, outros sobre a história que tinham assistido. Do fundo do cinema, surgiu um sujeito bem trajado. Dirigiu-se ao palco e pediu a todos para aguardar alguns instantes porque o projetor estava colocando na máquina de projeção a outra parte do filme. Romualdo então lhe perguntou onde está o tal equipamento. O homem de terno e gravata ergueu o braço em direção ao fundo do salão. No alto da parede, havia três aberturas retangulares.

– É por lá que a imagem é projetada! – disse ele.

Os trabalhadores da Lumber não sabiam, mas funcionava um poderoso projetor a base de carvão por detrás daquela parede.

Após algumas pausas para trocar os rolos de filme, a sessão terminou. José, assim como muitos outros, se encantou pelo filme. Ficou gravado em sua mente uma das últimas cenas: uma moça debruçada sobre a soleira da janela, sorrindo para o cavalheiro que lhe acabara de dar uma flor. A jovem atriz possuía uma beleza nos seus cabelos, olhos e lábios que José jamais vira e que lhe provocou certo furor no peito. Decidiu então contar a Romualdo que comentou:

- É sinal de que precisas de uma rapariga, José! Tu és um mancebo e deves encontrar uma boa rapariga para formar uma família.

- E o sinhô? Não sente falta de uma muié?

- Pois sim, gajo! Mas sou homem de coração partido. E, enquanto procuro os cacos de meu coração, vou apenas me divertindo por aí! – o português deu uma piscadela maliciosa e soltou uma de suas gargalhadas.

O público foi lentamente saindo do cinema entre conversas e pequenas algazarras.

Como de costume, José e Romualdo foram ao armazém da Lumber para comprar mantimentos e depois pegar o trem de volta ao acampamento. O armazém era um casarão que ficava perto do engenho.

Dentro dele, erguiam-se estantes preenchidas com os mais diversos artigos. As estantes eram tão altas que os vendedores usavam escadas equipadas com trilhos para alcançar certas mercadorias ou se movimentar entre elas. Exibindo seus belos ternos e gravatas-borboletas, os vendedores trabalhavam atrás de um longo balcão envernizado que guarnecia boa parte do interior do depósito.

Naquele fim de semana, era grande o movimento de trabalhadores no armazém e quem lhes atendeu foi o próprio armazenista, ou seja, o responsável pelo armazém. Ele se chamava Heleodoro F. Bello, um senhor alto, de bigodes grisalhos, espetados para cima e um lápis espremido na orelha direita. Voltou-

se para eles com seu olhar sério. Era uma figura muito respeitada, tanto na serraria-cidade como nas vilas de Três Barras e Canoinhas.

Os dois pediram ao armazenista os itens de que precisavam para sua subsistência no acampamento. Os valores eram anotados em cadernetas e posteriormente descontados em seus próximos pagamentos. Mais tarde, a empresa utilizaria o sistema dos “vales” (borás) que costumavam ser retirados aos finais de semana e utilizados nos estabelecimentos da própria Lumber.

Algum tempo depois, muitos trabalhadores perceberam que tal sistema de pagamento os mantinha presos à empresa, inclusive numa situação de dívida.

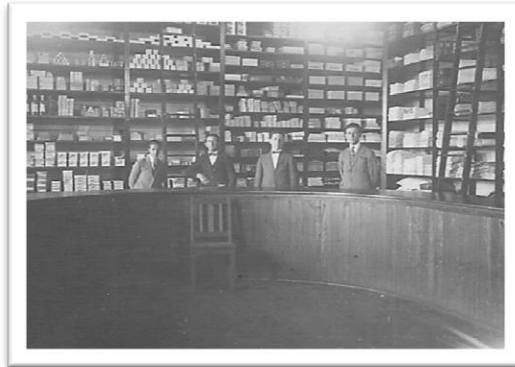


Figura 25 - O armazém da serraria Lumber serviu como outra forma de exploração dos trabalhadores. Fonte: Claro Jansson.

Ainda a poucos metros do armazém, José foi surpreendido por uma voz que veio de sua retaguarda:

- Onde pensa que vai, seu lazarento?

O rapaz e seu amigo se voltaram para um sujeito que estava parado não muito distante deles. José largou seus mantimentos no chão e caminhou em direção a ele. Passou as mãos na cintura e lembrou-se de que não possuía mais sua garrucha.

- Como tô sem minha garrucha, vô te que resorvé essa pendenga no facão! – respondeu o rapaz.

Quando os dois ficaram frente a frente, largaram uma estrondosa gargalhada e trocaram saudações e tapinhas nas costas. Para alívio do português, tudo não passava de uma brincadeira. Tratava-se de Jeremias, amigo e parceiro de José em muitas noites de carteados e cachaça na fazenda do coronel Osório. Por falar nisso, uma saudade da família cortou o coração do caboclo que, após um dedo de prosa com o amigo, decidiu pedir-lhe uma carona na carroça dele até à casa de sua mãe. Combinou com o português a hora que voltaria para pegar o trem e seguiu com o amigo Jeremias.

O sol tinha castigado por vários dias as pastagens que agora estavam de uma secura amarronzada. Uma brisa suave abrandava aquele calor de final de tarde. Em frente da casa onde morava dona Conceição, Ana aguardava o retorno de Tobias que, junto com outros agregados, tinha levado o gado do coronel a pastagens mais frescas e verdejantes. Ela conversava e

mateava com a velha cabocla até enxergar um grupo de homens a cavalo surgir na estradinha que levava aos casebres dos agregados. Reconheceu Tobias entre eles.

Tobias vinha de cabeça baixa, ombros caídos e o corpo embalado pelo trote preguiçoso de seu cavalo Pinhão.

Ana apressou-se para buscar de dentro da morada um caneco de água fresca e um prato com pedaços de cuca de banana que tinha feito especialmente para ele. Sorridente, Ana foi ao seu encontro.

O rapaz apeou de seu cavalo e aceitou apenas a caneca de água. Depois de demorados goles de água, agradeceu com meio sorriso e uma inclinação de cabeça e continuou a caminhar lentamente em direção à estrebaria.

Ana permaneceu para trás e acompanhou, com os olhos cheios de lágrimas, Tobias se afastar. Dona Conceição, percebendo a tristeza se aposar da moça, aproximou-se dela e, tocando as suas mãos, lhe disse:

- Não fique ansim, Aninha. Tobias tá cansado!*
- Se fosse só cansaço, dona Conceição. – respondeu a moça.*
- Aninha! Aninha! Aonde vancê vai, menina?*

Agora é Conceição que é deixada para trás, com o prato de cuca nas mãos, observando Ana afastar-se pela mesma estradinha.

A bela dama do filme

De cabeça baixa, com os olhos vazios olhando seus pés marcarem a terra seca, Ana não percebeu que alguém caminhava em sentido contrário. De repente o susto. Encara José, parado a sua frente, com um saco de mantimentos às costas.

Ela dá alguns passos para trás. Mal o reconheceu em suas novas feições. Não era mais aquele menino atarracado de cabelos espetados. Agora ele estava maior e mais corpulento devido ao seu trabalho na mata. A única coisa que não mudou foi o seu sorriso, um traço branco de alegria naquele rosto cor de cuia. Tornou-se, sem dúvida, um belo rapaz – pensou Ana, intimamente.

E José, ao ver o rosto de Ana erguer-se diante dele, lembrou-se imediatamente da bela dama vista no filme. Os cabelos longos e claros, os olhos grandes e arredondados. A semelhança de Ana com a atriz causou nele o mesmo encantamento. Então ele sorriu.

- Zé! Não reparei que mecê tava vindo! – exclamou ela.

- Buenas, Aninha! – respondeu o rapaz e, percebendo que a moça enxugava as lágrimas dos olhos, continuou – Vancê tá bem? Alguma coisa aconteceu?

- Nada não! Tô bem! E como anda a lida na serraria?

- Tô trabaiano num acampamento no meio do mato. Mas tá bão. Eu e meu colega fumo no cinema da serraria já hoje.

- No cinema?! Capaiç!

- Parece que vancê tá na frente de uma janela e umas pessoinha aparece! É como uma história e as veiz dá vontade de chorá, as veiz a gente se parte de dá risada! É loco de bão!

- Deve ser memo! – respondeu a moça - A prosa tá boa mais tenbo que ir. Tá ficando tarde!

- Tá certa! Mais e o Tobias? Não vai levá mecê prá casa?

- Ele chegô da lida agorinha há pouco. Tá muito cansado. Eu vô de pé memo!

- Se eu tivesse mais tempo, acompanhava vancê. Mais tô atrasado. Vou proseá um pouco com a mãe e vórto de trem pros mato.

- Não tem pobrema. Inté, Zé!

- Inté, Aninha!

Os dois se despediram e José prosseguiu a passos rápidos em direção ao casebre do seu tio Osnildo. Encontrou sua mãe ainda na frente da morada aquecendo a água do chimarrão na fogueira. Ela o recebeu com muita alegria.

- Fio!

- Bença, mãe!

- Deus te abençoe, meu fio!

- *Truxi umas coisa que comprei no armazém da serraria. – comentou o rapaz, deixando o saco com as mercadorias ao lado da escadinha que dava acesso à simples morada.*

- *Não carece, Zé! Mais se achegue, meu fio. Bamo mateá um pouco!*

- *Só um dedo de prosa, mãe. Daqui a pouco tenbo que pegá o trem de vórta pro acampamento. Encontrei Aninha chorando no caminho prá cá. O que se assucedeu?*

- *Teu irmão anda borocochô. Ele ainda sente farta do Maneco – que Deus o tenba! - e só se queixa de trabaia e num tê nada, de tá aqui de favor e...*

Tobias retornou da estrebaria da mesma maneira que tinha ido: cabisbaixo e calado.

- *Bão, piá.*

- *Bão, Tobias.*

- *E a garrucha? Deu pros gringo de presente? – perguntou Tobias, com uma pitada de provocação.*

- *Capaiç! É proibido andá armado na serraria. É norma da Lumbre! Tá guardada!*

- *Tome uma cuiada de chimarrão com nós, Tobias. – disse a sua mãe.*

- *Brigado, mãe. Vou aproveitá ainda que é dia e lidá na rocinha. – respondeu o caboclo, afastando-se novamente.*

Dona Conceição não ficou satisfeita com a resposta do rapaz e o seguiu alguns passos até segurá-lo pelo braço e dizer:

- Meu fio, vancê anda muito triste. Eu sei que no fundo ainda sente falta do seu pai e da vida que a gente levava nos mato, mais Deus quis anssim. Tem que se conformá e levá a vida da mió forma que pudé. Se continuá desse jeito, vai acabá perdendo a Aninha que tanto gosta de mecê!

Tobias se desfez da mão de sua mãe e seguiu seu rumo. Não quis demonstrar, mas ele ficou com as palavras dela ecoando em sua mente.

Conduzindo a tropa

*“Se tu for um camarada, zele tudo do patrão.
Trabaiando com respeito, cuide bem da obrigação.”*

Tobias decidiu procurar o coronel Osório na boca-da-noite. Encontrou-o na varanda de sua casa que não era muito diferente dos ranchos de seus empregados. Estava sentado em uma cadeira de palha, acompanhado da mulher Zumira e de sua filha Zenaide. Apesar de seus cinquenta e cinco anos, o coronel era de uma robustez invejável – fruto do trabalho pesado a que se submetia para manter a sua tão querida propriedade. Com as pernas cruzadas, os pés descalços e encardidos equilibrados um sobre o outro e a mão esquerda pousada sobre a barriga, o coronel tomava mate calmamente na sua cuia de chimarrão. Não era a primeira vez que Tobias via o coronel descansando, mas ele sempre achava estranho aquela maneira de relaxar. Outra coisa que chamava sempre a sua atenção era o tremelique da cabeça de Osório, ainda mais quando ficava nervoso.

- Coroné, queria levá uma prosa com o sinbó. – falou Tobias, ao descer do cavalo em frente a sua casa.

- Zumira, pegue mais uma cadeira pro piaçote. – e, momentos mais tarde, dirigindo-se para o moço, disse - Se abanque, Tobias! - por fim sorriu,

expondo seus dentes caninos rebobertos de ouro – uma forma que a gente mais abastada daquela época mostrava ostentação.

- Eu e Aninha, a fia de seu Antenor, o sinhô conhece? – começou Tobias.

- Humm...sim, conheço aqueles polaco.

- Bem, nós queremos se casá...

- Hum...hum.

- Mais prá isso, eu queria um pedaço de terra prá gente fazê nosso ranchinho e tê a nossa rocinha, o sinhô sabe...

- Hum... – respondia o coronel, enquanto comprimia as bochechas ao sugar o mate pela bomba de chimarrão.

- Bem que o sinhô podia dá um lote prá nós. Trabaio pro sinhô há tanto tempo e nunca me neguei de...

- Vancê é um mouro pro serviço, Tobias. – interrompeu o coronel - É caboco dos bão! Mais prá ganhá o terreninho, vai tê que me fazê um favor.

- O sinhô pode falá, coroné!

- Tenbo uns boizinho de varde e sei de um sujeito que vai me dá umas boas patacas por eles, lá em Palmeira, no Paraná. Mecê fica então responsável por levá eles e trazê o pagamento. Sei que não tá acostumado a fazê isso, mas confio em mecê tanto como em seu tio!

Tobias, iluminado pela luz da esperança, respondeu:

- Faço de bom grado!

- *Muito bem! Mecê e mais dois agregado vão daqui a dois dias, no raiá de domingo.*

- *Sim, sinbô!*

No final da tarde do dia seguinte, Tobias, montado em Pinhão, dirigiu-se à casa de Ana para contar as novidades. Chamou a moça, mas quem lhe atendeu foi a mãe dela.

- *Buenas, dona Lurdes.*

- *Buenas, Tobias. Aninha não tá em casa.*

- *Prá onde ela foi?*

- *Foi no cinema da serraria com a amiga dela, a Maristela.*

- *Brigado! – respondeu o rapaz e, a galopes rápidos, rumou para a company town.*

Depois de pedir autorização, Tobias entrou na minicidade que cercava a serraria Lumber. Nunca tinha estado lá. O ódio por aquela empresa o mantivera a certa distância, mas hoje havia uma razão especial para essa visita.

Um grande número de pessoas ainda estava em frente ao cinema, pois a última sessão de filme terminou alguns minutos atrás. Ao avistar o cinema Monroe, Tobias apeou de Pinhão e aproximou-se caminhando. Sentiu uma sensação gelada percorrer-lhe as entranhas ao ver Ana e José conversando animadamente entre a multidão.



**Figura 26 - Fim de uma sessão no cinema da Lumber.
Foto Claro Jansson.**

Tobias observou por mais algum tempo e notou como Ana estava tão alegre e sorridente. Possuído por um ciúme descontrolado, rumou em direção a eles como uma tropa estourada.

- Seu jaguara! – esbravejou Tobias, golpeando seu irmão no rosto.

Pego de surpresa, José foi ao chão, desnortado. Ana deu um grito e se interpôs entre os dois impedindo que Tobias desferisse novos golpes. Um grupo de turmeiros, amigos de José, agarraram Tobias pelos braços, imobilizando-o.

- Por que qué batê no próprio irmão, Tobias? – exclamou Ana, sem entender o motivo daquela confusão.

- Levanta, seu bosta! Bamo de mano! Quero te dá uma tunda prá vancê aprendê a não arrastá as asa prá muié dos outro! – berrou o caboclo enquanto tentava desvencilhar-se dos turmeiros.

- Podem largá esse bocó-de-mola que nós bamo prá peleia! – respondeu José, já recomposto.

- Parem com isso! Irmão não luta contra irmão! – gritou Ana.

- Mas ele tava se abobando prá vancê, que é minha muié!

- Eu não só tua muié, Tobias!

Aquela frase fez com que Tobias esmorecesse imediatamente. Percebeu que os sentimentos que Ana tinha por ele mudaram e seus planos agora não faziam tanto sentido. E a moça continuou:

- Eu vou prá casa...e sozinha! – Ana, junto de sua amiga, afastou-se de lá.

Os turmeiros soltaram Tobias que catou seu chapéu no chão, montou em seu cavalo e desapareceu das vistas do grupo de curiosos que tinha se formado ao redor deles.

- Aquele João-de-botas é teu irmão, José? – perguntou um dos turmeiros.

- Parece que não é mais...

Na manhã de domingo, Tobias, e os outros agregados Gumercindo e Maninho, já estavam na estrada conduzindo a tropa para a localidade de Palmeira. Havia certa neblina e um vento frio. Apesar disso, podia-se ouvir o cantar peculiar das pequenas e agitadas corruínas. Era sinal de que o clima quente estava chegando. Os três iam montados em seus cavalos, protegidos por capas e chapéus de abas largas cujos barbicachos viam-se caídos ao peito. Levariam dois dias para ir e voltar e, antes de partirem, o coronel Osório advertiu-os:

- *Andem de zóio bem aberto e de oreia em pé porque tem bando de ladrão sôrto por aí!*

Depois de algumas horas, o grupo avistou a sua frente uma estradinha de terra que, cortando capões, margeava as curvas de um rio cujas águas eram grossas e barrentas. Ao passarem perto de uma árvore chamada bugreiro, os agregados cumprimentam-na dizendo “Bom dia, compadre” para, segundo a crença, evitar as coceiras causadas pelo seu pólen, na época das floradas.



Figura 27 - Os tropeiros foram os principais responsáveis pelo transporte de animais e mercadorias até o início do século XX.

Fonte: <http://www.paginadogaucho.com.br>

Entretanto, eles não estavam sós. Escondidos em um bracatingal, Tonhão do Diabo e alguns de seus capangas observavam-nos atentamente.

- Bonito os boizinho deles. – comentou um dos bandidos.

- *Sim, tão bem tratado. — respondeu Tonhão que prosseguiu - Mais se não é o namoradinho da polaquinha que eu gostava tanto! Esse piá de bosta vai se daná comigo desta veiz!*

- *Entãoce bamo calçá os piá no berro?*

- *Não tá vendo que eles carregam vinchestras, seu belau? Pelas cangalha e algibeira, eles vão fazê negócio aqui por perto. Bamo só ficá bombiando. Dispois do pagamento é que nós faiz uma tocaia e leva os cobre dessa piaçada!*

Enquanto isso, entre os tropeiros:

- *Ai que dor nas cadera! — gemeu Maninho, levando as mãos às costas.*

- *Não afroxe o garrão, compadre! Tamo quase lá. — confortou Tobias, enquanto olhava de soslaio a mata que os cercava.*

Enfim chegaram à localidade de Palmeira, onde boa parte das terras pertencia ao coronel Ottoni Ferreira Maciel. Pouco depois, os agregados do coronel Maciel aproximaram-se e os escoltaram a cavalo até o fim do percurso. Após passarem pelos ranchos dos empregados, seguiram com a tropa por uma picada margeada por cedros que os levou à mangueira.

Depois de entregarem o gado e receberem o pagamento, os três ganharam janta e pouso para, na manhã seguinte, voltarem à fazenda do coronel Osório. Já era noite e os tropeiros estavam tranquilamente acomodados, com exceção de Tobias, que falou:

- *Vi uma cabocada negociando a gente já hoje.*

- *Capaiç! E por que não avisô nóis, home?*
- *Não carecia deixá vancêis abespinhado tamém. E se eles quisesse o gado, já tinham calçado nóis no berro. Eles tão é de zóio nos cobre!*
- *Devem de tá entocado na estradinha esperando a gente na vorta!*
- *E agora, Tobias?*
- *Bamo fazê o seguinte, tigrada...*

Na calada da madrugada, os três saíram do galpão que lhes ofertaram como local de pousada. Montaram em seus cavalos e se afastaram silenciosamente da fazenda. Era noite de lua cheia e sua luminosidade não favorecia uma partida sorrateira, mas representava a única chance de retornarem sem serem atacados pelos bandidos. O plano era voltar por outro trajeto despistando, dessa forma, Tonhão e seu bando.

A galope, já estavam margeando o rio de águas turvas quando Maninho novamente sentiu fortes dores nas costas. Desta vez a crise foi tão forte que ele chegou a perder o equilíbrio e cair de sua montaria. Seus colegas o socorreram imediatamente.

- *O que aconteceu, Maninho? – perguntou Tobias, apeando de seu cavalo.*
- *A dor nas cadera tá ficando pior!*
- *Isso não é canseira, vancê deve de tá com espinhela caída!*
- *Tão ouvindo os galope? Os bandido tão no nosso rastro! – exclamou Gumerçindo, de cima de seu cavalo.*
- *Alevanta, home!*

- Não dá! Tô com muita dor! – foram as últimas palavras de Maninho antes de perder a consciência.

- Gumercendo, pegue a algibeira com os cobre e chispe daqui! Só pare na fazenda do coroné!

- E vancêis?

- Vô me escondê no mato com o Maninho. Eu dô um jeito de continuá a viage!

Tobias arrastou seu colega para o matagal e ficou observando por detrás de um pé de açoita-cavalo a movimentação na estrada. Mal Gumercendo partiu levando consigo o dinheiro, um grupo de homens a cavalo se aproximou. Ao verem as montarias abandonadas de Tobias e Maninho na estrada, decidiram parar. Entretanto, o líder do bando ordenou que uma parte de seus homens seguisse adiante enquanto os demais vasculhassem as redondezas.

Os cinco bandidos que restaram embrenharam-se na mata cuidadosamente, pois sabiam que os tropeiros estavam armados. Tobias recostou-se no tronco de uma árvore e rezou para São João Maria enquanto segurava firmemente o seu rifle winchester. Para agravar a situação, Maninho começou a gemer de dor, o que chamou a atenção dos ladrões. Tobias ouviu o farfalhar das folhas do capim anunciando a aproximação daqueles homens e, com eles, a sua provável morte e a de seu amigo enfermo.

- *Ainda tá com aquela polaquinha, piá? Quarqué dia eu vorto prá levá ela comigo. – falou Antônio, balançando o cano da arma para lá e para cá na busca pelo rapaz.*

Tobias ouviu aquilo, mas não conseguiu descobrir quem era.

Tiros ao longe.

Era o sinal. Os outros bandidos alcançaram Gumercendo.

Os ladrões decidiram, então, retornar à estrada e juntar-se aos demais. Tonhão sentiu certa alegria, pois havia a possibilidade de terem encontrado Tobias.

Momentos depois, Tobias fez com que Maninho recobrasse a consciência e o apoiou para que juntos seguissem lentamente pelo leito do rio. Minutos mais tarde, encararam uma terrível cena: o corpo de Gumercendo sendo levado pelas águas barrentas...

Passaram-se três dias e Tobias, Maninho e Gumercendo não tinham voltado. Na fazenda de Coronel Osório, todos estavam preocupados. Dona Conceição orava a São João Maria para que nada de ruim tivesse acontecido ao seu filho. E, na tarde do terceiro dia, o coronel, que ajudava seus agregados a construir um novo galpão, recebeu a seguinte notícia:

- Tobias e Maninho vortaram! Tão estrupiado mais tão vivo! Dona Conceição tá cuidando deles! – disse um de seus criados.

O Coronel não disse uma palavra, apenas fez sinal para que os agregados o seguissem a cavalo até o rancho de Osnildo. Chegando lá, Osório

viu Tobias sentado na frente de casa, abatido e em farrapos, tomando água de uma jarra enquanto seu colega recebia os cuidados de sua mãe.

- E os meus cobre, Tobias? – perguntou o seu patrão.

- Na vorta, uns bandido perseguiram nós e pegaram o dinheiro. Acabaram matando o Gumerindo e por pouco nós não morrimo tamém!

- Eu avisei vancêis que deviam ficá de zóio bem aberto! Aqueles cobre era parte do dote prá minha fia casá, seus boca-aberta!

- É só pros cobre que o sinhô se importa? E a muié do Gumerindo que agora é viúva? Quem vai ajudá a criá os cinco fio dela?

- Que me importa a família daquele cabôco besta!!

Tobias se irritou de tal forma com as palavras do coronel que, reunindo suas últimas forças, avançou sobre ele desferindo-lhe um soco. Osório caiu de bunda no chão. Rapidamente, os agregados agarraram Tobias impedindo-o de fazer qualquer outra coisa.

- Qué que a gente dé um fim nele, patrão? – perguntou um dos seus agregados, já com uma faca pressionando o pescoço do rapaz.

Desesperada, dona Conceição apareceu na porta e pediu clemência pela vida de seu filho:

- Poupe meu fio, coroné!

- O piação tá aloprando por causa do ocorrido e perdeu as estribeira! – auxiliou o tio Osnildo.

Ainda no chão, o coronel sentenciou, entre os fortes tremeliques de sua cabeça:

- Por consideração a vanceis, não vô manda matá o bicho. – levantou-se e prosseguiu:

– Amarrem ele no cercado do estábulo!

Tobias foi então arrastado até o estábulo e teve suas mãos e pernas amarradas no cercado. As roupas foram arrancadas do corpo. O coronel arregaçou as mangas, pegou sua chibata e falou próximo ao ouvido do rapaz:

- Vô te dá uma lição prá nunca mais esquecê do coroné Osório!

Osório permaneceu por longos minutos a golpear as costas de Tobias diante de uma pequena plateia de agregados. Dona Conceição não suportou mais ver o seu filho sofrer e se retirou, amparada por seu cunhado. As costas de Tobias ficaram em carne viva e o sangue começou a escorrer pelas pernas. Seu carrasco então parou de chibatá-lo, mas não estava satisfeito com o castigo.

- Vardinbo, pegue sal grosso e jogue nas costas do bichinho. E só tirem ele daqui amanhã cedo! Isso é prá ele aprendê a respeitá o patrão dele!

Enquanto o coronel e seus agregados se afastavam do estábulo, era possível ouvir os gritos desesperados de Tobias ecoarem pela estância.

Na calada da noite, sob o olhar atento de uma coruja, dois vultos se aproximaram de Tobias que jazia desacordado junto ao cercado. Cortaram-lhe as amarras, cobriram-no com um manto grosso e o tiraram de lá no lombo de seu cavalo Pinhão.

Horas mais tarde, Tobias recuperou a consciência. Ele estava deitado sobre um pelego, aos pés de uma enorme bracatinga, a quilômetros das terras

do coronel. Tinham lhe dado vestes e passado erva nos ferimentos das costas para cicatrizá-los. Ao seu lado, uma porunga cheia de água, uma trouxa com carne seca e farinha. E, amarrado à árvore, Pinhão pastava tranquilamente. Quem será que me tirou do castigo do coroné? O caboclo decidiu não perder tempo pensando nisso, pois estava amanhecendo e logo os capangas do coronel dariam por sua falta e sabe lá qual seria a reação dele ao saber disso. Teria que ir embora para bem longe dali.

Com muita dificuldade se ergueu, e com mais ainda subiu em seu cavalo. Sentiu que havia algo em um dos bolsos da calça. Era um pequeno crucifixo de prata acompanhado por uma folha de papel na qual haviam escrito uma mensagem. Mas como Tobias era analfabeto, não pode saber o conteúdo e o autor da mensagem. Mesmo assim, decidiu usar o crucifixo e manter a mensagem com ele. Um dia, pensou o caboclo, pediria ajuda para que a lessem para ele. E, entre gemidos de dor, jurou para si mesmo que teria uma vida melhor e retornaria para buscar sua mãe.

Da seiva ao sangue

Eram cinco e meia da manhã. Nuvens pesadas davam um tom cinza escuro àquele início de dia. O acampamento da Lumber acordava. Primeiro eram os sons do ranger dos assoalhos de madeira e dos murmúrios roucos dos moradores. A seguir, as frágeis luzes dos lampiões que escapavam pelas frestas dos ranchos-espeluncas. Momentos mais tarde, espalhava-se o aroma quente e adocicado de café por toda a minivila. Mais um dia de trabalho começava.

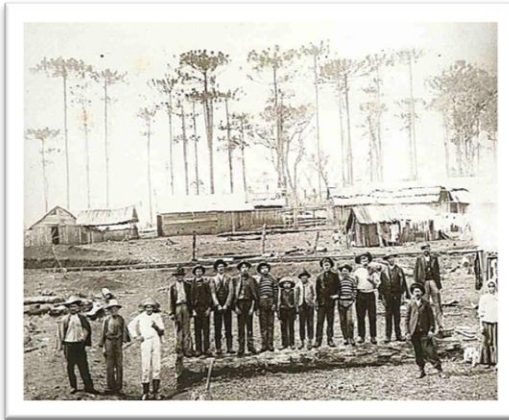


Figura 28 – Verdadeiras vilas foram criadas no interior das matas de araucárias para facilitar a extração da valiosa madeira. Note-se a presença de crianças e as condições precárias das moradias.

Fonte: <http://brasileducom.blogspot.com.br>

Os turmeiros eram os primeiros a deixar seus ranchos e entrarem na mata. A estrada de ferro avançou floresta adentro alguns dias atrás e havia, portanto, mais árvores a serem derrubadas.

Eles se aproximaram de um arvoredo e avistaram uma das maiores imbuías encontradas até então. Por curiosidade, os turmeiros cercaram o tronco colossal e deram-se as mãos ao redor da árvore. Foram necessários seis turmeiros para contornar a imbuia e concluíram que o tronco deveria ter aproximadamente dez metros de circunferência. Três homens ficaram sendo responsáveis por abatê-la. Com facões, eles limpavam o terreno em volta da árvore. A seguir, dois iniciaram o corte utilizando uma serra manual, chamada de serra americana por ser introduzida pela serraria Lumber, enquanto o terceiro, do outro lado do tronco, abria sulcos na madeira a golpes de machado para que a árvore caísse na direção pretendida. Após algum tempo de árduo trabalho, aquela rainha da mata estremeceu e tombou diante de seus pequenos executores.



*Figura 29 – Os troncos de algumas árvores nativas centenárias, como esta imbuia, alcançavam até dez metros de circunferência.
Foto de Claro Jansson.*

Depois da queda de outras árvores, era o momento dos trabalhadores liderados por Romualdo entrarem em ação. Fizeram uma picada até à área da derrubada para estender o cabo de aço do poderoso guindaste. Como num ritual religioso, os homens carregaram o cabo em seus ombros e seguiram ordenadamente para o local da derrubada. José engatou o cabo à gigantesca tora. Romualdo, entretanto, verificou que o cabo prendeu-se nos galhos de outra árvore já derrubada e pediu a ajuda de um novato chamado Dinho para cortá-los com um machado. Os outros turmeiros, não vendo o que se passava, sinalizaram ao operador do guindaste que iniciasse o reboque da tora até à

estrada de ferro. Sabendo do perigo que isto representava, José correu, aos berros, em direção a Romualdo e Dinbo:

- Óia o cabo!! Saiam daí!!

O guincho puxou o longo cabo de aço e este se estendeu atingindo os dois trabalhadores. Eles acabaram sendo alçados a quase quatro metros do chão.

José foi um dos primeiros a socorrê-los após o acidente. Romualdo estava inconsciente e ferido no pescoço, especialmente na garganta. Dinbo não teve a mesma ‘sorte’. Fora praticamente degolado e caiu já sem vida sobre a relva.

Os empilhadores de toras ouviram os apelos dos colegas da mata e pediram imediatamente para o manobreiro do guincho parar a máquina. José e seus colegas levaram Romualdo, a passos rápidos, para o acampamento a fim de receber os primeiros socorros.

- São João Maria! O que se assucedeu com o português? – exclamou Mariquinha, esposa de seu Garcia, um dos trabalhadores mais antigos da serraria.

- Ele foi colbido pelo cabo do guincho! – disse José, com a voz trêmula.

- Mariquinha, tome conta dele até o trem vortá prá serraria. – disse seu marido.

- Má temo que levá ele agora prá vila!! Lá, eu posso chamá minha mãe que é curandeira!! – exclamou José.

Os trabalhadores se entreolharam por alguns segundos até o velho turmeiro responder:

- Vancê é novo por aqui, piaçote, e não sabe como as coisa funciona.

- Se nós levá ele agora, tamo sem serviço! – explicou outro experiente trabalhador.

- O trabaio não pode pará! – completou Garcia.

José engoliu em silêncio sua indignação e, junto com os demais, voltou lentamente ao seu posto de trabalho. No caminho, ainda avistou outros colegas cobrindo com um lençol amarelado o corpo de Dinho depositado em um canto da composição que seguirá para a serraria apenas no final do dia.

Seis horas da tarde e a chuva caía sobre a mata. Ao fundo, via-se o céu negro iluminado apenas pelos raios que rabiscavam as nuvens. José, Turkot e o velho Garcia colocaram cuidadosamente Romualdo sobre um dos carros-plataforma. O português ainda estava inconsciente e, ao redor de seu pescoço ferido, puseram-lhe uma tira de pano para estancar o sangue. Durante a viagem, todos permaneceram num silêncio tristonho.

Ao aproximar-se da serraria, a locomotiva soava outro tipo de apito - um assovio longo e choroso. O aviso a todos da serraria de que a morte levara mais um trabalhador da mata. À medida que a composição reduziu a velocidade, os funcionários do pátio acercavam-se, curiosos, para ver quem tinha morrido. Um lúgubre ritual que já fazia parte da rotina daqueles trabalhadores.



Figura 30 - No relatório de abril de 1917, da própria madeireira, consta que a produção total (em toras) da serraria de Três Barras nos cinco primeiros anos de funcionamento foi de pouco mais de 107 milhões de pés cúbicos (ou 249.000 m³), o que significou a devastação de 2.484 alqueires. Foto de Claro Jansson.

Romualdo foi então conduzido ao hospital da Lumber. Um casarão branco, de telhado frontal reclinado e com longa varanda. Na entrada, o médico da empresa, Oswaldo de Oliveira, e uma enfermeira o receberam. Ao notarem o nervosismo de José, o médico comentou:

- Não se preocupe com seu amigo, rapaz. Ele terá o melhor tratamento de toda a região!

- Minha mãe é rezadora e...

- Não carece, meu filho. Ele será bem tratado aqui!

O português então foi posto em uma maca e levado a um dos quartos para receber os primeiros atendimentos.

Infelizmente, este não seria o último acidente no acampamento; outros trabalhadores também se machucariam e muitos deles teriam suas vidas abruptamente ceifadas numa funesta e irônica relação com os destinos de incontáveis araucárias e imbuías da floresta.



Figura 31 – O hospital da Lumber possuía as mais modernas instalações e equipamentos em toda a região do Contestado. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 59.

Romualdo permaneceu internado no hospital da companhia durante trinta dias. Neste período, recebeu a visita de colegas de trabalho e amigos, inclusive a de José. Ao entrar no quarto, o caboclo, um tanto acanhado e assustado por nunca ter estado num hospital, encontrou seu amigo deitado, com a cabeça voltada para a janela. Ao vê-lo, o português sorriu. Seu rosto estava

pálido e um pouco inchado. Sobre seu olho esquerdo puseram-lhe uma atadura para cobrir um ferimento provavelmente causado pela queda e seu pescoço estava envolto por uma larga faixa de gaze.

- Buenas, seu Romualdo! Como vancê tá?

O lusitano gesticulou que não podia falar e rapidamente se armou de uma prancheta, uma folha de papel e um lápis que lhe deram para escrever mensagens. Mostrou-a ao rapaz enquanto esboçava um novo sorriso. Por ser analfabeto, José sentiu-se constrangido e apenas acenou afirmativamente com a cabeça. Romualdo compreendeu o que se passava e então recorreu às mímicas e desenhos no papel. Rabiscou um pequeno quadrado com rostos dentro dele.

- O cinema?

Romualdo fez o sinal de positivo e acrescentou ao desenho dois homenzinhos diante daquele quadro.

- Sim, seu Romualdo. Quando sair do hospital, bamo assisti otro filme!

Duas semanas depois, José soube que seu amigo tinha recebido alta e estava agora trabalhando na sessão de empilhamento da companhia junto com trabalhadores vindos da Polônia e da Ucrânia. Ouviu dizer que o médico Oswaldo de Oliveira considerou-o completamente curado e apto para o trabalho. Na primeira oportunidade, foi à company town para falar com Romualdo.

- Seu Romualdo! – exclamou o rapaz, ao vê-lo no que parecia um infundável corredor de estaleiros.

O português aparentava estar bem, com exceção da grande cicatriz que agora cobria sua garganta. O homem sorriu, mas José percebeu que não era o mesmo sorriso de outrora. Abraçou o rapaz e bateu-lhe levemente sobre o peito.

- Por que você não voltou ao acampamento? O pessoal tá perguntando do sinhô!

Romualdo apontou para a garganta.

- O sinhô ainda não consegue falar?

Romualdo balançou a cabeça em sinal de afirmativo.

- Nunca mais?! – exclamou o rapaz.

O português continuou com o mesmo movimento de cabeça, mas o seu sorriso foi desaparecendo lentamente de seu rosto. Desta vez foi José que ficou sem palavras...



Figura 32 – Visão em perspectiva formada pelo empilhamento de madeira ao redor dos trilhos dos vagonetes. Uma técnica para facilitar a secagem da madeira serrada. Foto de Claro Jansson.

A festa do Bom Jesus de Taquaruçu

*“Monarquia é lei de Deus
Que pra nós foi a premera,
E será a derradera
Que por fim triunfará...”*

Tobias vagou pelo sertão durante meses. Perdeu completamente a noção de tempo. Sobreviver a mais um dia era o que importava. Para isto, se utilizava do conhecimento que aprendera com seus pais para manter-se vivo na mata. Alimentava-se de frutos e raízes que encontrava pelo caminho, às vezes fazia armadilhas e capturava algum animal para comer-lhe a carne, procurava por ovos em árvores ou arbustos e dormia ao pé de frondosas árvores. Mas, mesmo assim, sentia suas forças esvaírem-se gradativamente. O frio era o seu maior inimigo. O período de inverno se aproximava e as noites gélidas trouxeram-lhe uma forte gripe que lhe castigava o corpo. Ele precisava encontrar alguma fazenda ou vila onde pudesse pedir abrigo durante as noites. Não sobreviveria muito mais tempo naquelas condições.

Foi assim que Tobias chegou à comunidade de Taquaruçu, localizada no município de Curitibaanos, próxima à divisa com Campos Novos. Curvado sobre seu cavalo, doente e exausto, o jovem caboclo rogava a São João Maria

por uma graça. Lembrou-se do trecho da décima que sua mãe cantava quando ele era pequeno:

*É um santo aqui na terra
Meu padrinho São João:
Faiz suas cura, faiz suas reza
Sem cobrá nenhum tostão*

De repente, ouviu um assobio fino, longo e choroso vindo dos céus. Ergueu os olhos fatigados e observou um pequeno gavião plainando suavemente no ar. Decidiu então segui-lo.

A ave voou por mais algum tempo e, subitamente, plainou no céu, como se avistasse uma presa no chão. O caboclo baixou os olhos e viu apenas um velhinho tentando consertar uma cerca de madeira. Ergueu os olhos novamente e o gavião não estava mais lá.

- Devo tá aloprando! – pensou o rapaz. E foi se aproximando daquele senhor que, de tão envolvido em sua tarefa, não notou que alguém vinha em sua direção.

- Buenas. – disse o caboclo.

Aquele senhor voltou-se, assustado, e apenas testemunhou Tobias estrebuchar e cair do cavalo, diante dos seus pés.

O rapaz acordou e, entre um piscar lento e outro, a sua vista foi ganhando foco. Ele estava deitado, agora sobre uma cama, a mais confortável que já experimentou. Puseram-lhe um camisolão listrado. Ao lado da cama, um bidê e sobre ele uma jarra de água e um prato com restos de sopa. Era sinal de que estava lá por muitas horas ou até mesmo dias, embora não conseguisse lembrar-se de nada. Sentia-se melhor e não demorou a deixar o leito. Levou a mão ao patuá em seu peito e agradeceu a São João Maria por ter lhe ajudado. Chegou à porta e percebeu que estava no quarto dos fundos, ao lado da cozinha. Nunca tinha visto uma casa com enfeites tão belos: vasos com flores e toalhas bordadas sobre a mobília e quadros de paisagens distribuídos pelas paredes. Acanhado, atravessou a cozinha e apontou a cabeça para fora, na esperança de encontrar os donos de tão bela casa. O que encontrou de imediato foi o vento frio da manhã trazendo-lhe recordações desagradáveis.

- Tá mió, fio? – perguntou uma pequena senhora, que veio da frente da casa.

- Tô sim, sinhora! – respondeu o caboclo, tomado pela vergonha.

- Se achegue perto do fogão que vô pegá umas roupas prá vancê! Eram do meu fio. Acho que te servem.

- Deus lhe pague, dona!

Momentos depois, a mulher retornou carregando nos braços uma trouxa de roupas.

- *Acho que elas vão ficar bem em vancê. O Miguelzinho tinha mais ou menos a sua idade quando... – fez uma pausa e decidiu iniciar outra frase – Volte pro quarto e se vista! Veja se elas le servem.*

Tobias voltou para o quarto e vestiu-se. As roupas até lhe caíram bem. Para falar a verdade, qualquer coisa era melhor do que os farrapos que vestia. De volta à cozinha, viu novamente aquele senhor que consertava a cerca. Estendeu a mão para ele e falou:

- *Meu nome é Tobias! Muito agradecido por me acudir.*

- *Meu nome é João e esta é Graça, minha muié.*

- *Se não fosse vancêis, eu taria a sete parmo da terra a essas hora!*

João e dona Graça então quiseram saber o que levou Tobias a vagar pelo sertão e chegar ali naquele estado lastimável. O rapaz contou suas aventuras e desventuras e se ofereceu p ara ajudá-los em sua propriedade como forma de retribuir o que o casal tinha feito por ele.

- *Eu vi o sinhô lidando com a cerca. Se quisé, eu termino o serviço!*

- *Pois óia, não vô recusá. As minha cadera já tavam me matando!*

João Schimidt era um senhor alto e magro. Uma barba rala e branca cobria sua face enrugada e parte de seu pescoço avermelhado pelo sol. Seus olhos azuis, embora cansados, eram ternos e refletiam o bom coração que possuía. Já Dona Graça era uma senhora de baixa estatura, de riso fácil, porém de temperamento forte. Tiveram um casal de filhos: Miguel e Joelma.

Miguel, quando tinha mais ou menos a idade de Tobias, sofreu um acidente de cavalo e acabou falecendo, o que causou uma grande tristeza ao casal, em especial à dona Graça. Joelma, a mais nova, casou-se com um criador de gado de Vacaria – Rio Grande do Sul e foi morar nos pampas gaúchos. Isto há quase dez anos. Desde então, o casal vivia sozinho na sua modesta propriedade.

Tobias consertou a cerca como também o galpão, o estábulo e o chiqueiro. À medida que ele trabalhava, a propriedade ganhava mais e mais benfeitorias pelas suas mãos esforçadas. Depois de um mês, foi convidado a morar definitivamente com o casal.

Certo fim de semana, quando dona Graça se ocupava em tricotar uma blusa na pequena varanda de sua casa, Tobias aproximou-se todo acabado e lhe perguntou:

- A senhora sabe lê?

- Sei, Tobias. Alguém te mandou uma carta?

- Me deixaram esse biete.

- Nossa, Tobias! Há quanto tempo leva esse bilhete com você?

- Desde que eu saí da fazenda do coroné Osório.

- Então faz um tico de tempo, hein? Bem, vamos ver o que está escrito aqui...

Tobias,

Com a graça de Deus, os plano do seu tio Osnilo deu certo e conseguimos livrá vancê do coroné Osório. Peço discúrpa pelo que te falei na frente do cinema. Não era verdade. Só queria que vancê prestasse mais atenção ne mim. Deixei com vancê o meu crucifixo pra que Deus alumie os teus caminho. Mande notícias.

Da sua

Ana

- Deixou um amor para trás, não é, meu fio?

- Sim, má um dia eu vô vortá prá buscá ela mais minha mãe prá morá comigo no ranchinho que eu hei de ter, dona Graça! – respondeu o caboclo, com os olhos cheios de lágrimas.

Enfîm, chegou o mês de agosto. O povo de Taquaruçu o aguardava ansiosamente porque no dia seis aconteceria a tradicional Festa do Bom Jesus. Corria pela boca do povo que o monge José Maria também fora convidado pelos festeiros daquela região. Comentavam também que ele ressuscitou uma jovem e curou a esposa do poderoso coronel Francisco de Almeida. O coronel ficou tão grato que lhe ofereceu terras e grande quantidade de ouro, mas o monge os recusou, o que tornou sua fama ainda maior.

Os boatos se confîrmaram e o monge chegou ao arraial no dia cinco, véspera do dia santo. Isto fez com que inúmeros doentes e curiosos afluíssem à

festa. Além daqueles que moravam nas comunidades próximas, vieram os sertanejos expulsos pelos capangas da serraria Lumber e da estrada de ferro Brazil Railway, tanto da costa do rio do Peixe como da região do Iguaçu. Era gente que, assim como Tobias, não tinha mais para onde voltar. Muitos deles acreditavam também que naquela ocasião, o outro monge, João Maria, retornaria.

- Quer ir à festa do Bom Jesus com a gente, Tobias? – perguntou seu João.

Tobias, que estava carpindo perto do chiqueiro, respondeu cheio de alegria:

- Quero sim, seu João!

- Então se apronte que daqui a pôco bamo prá festa!

- Sim, sinhô! – o rapaz guardou a ferramenta no galpão e correu para lavar-se e vestir-se como a ocasião merecia.

Os três seguiram de charrete pela estrada até o local do festejo. Ao longo do percurso, observaram gente pobre, errante ou doente rumando para lá também. Ao chegarem, o casal de velinhos se surpreendeu ao ver a quantidade de barracas e outras mais sendo erguidas.

- Nunca vi tanta gente nesta festa em todos esses ano! – exclamou João.

- É memo! – disse dona Graça.

- Eles não têm prá onde ir, dona Graça. Foram tudo expurso das suas terra assim como a minha família foi...- falou o jovem caboclo, com um tom de tristeza.

– *Ainda bem que aqui os festeiro vão dá de comê a essa gente. – comentou o velhinho.*

Como em outras festas da região, havia o delicioso churrasco campeiro sendo assado em fileira, fñcado em covas cheias de brasa que ardiam no chão; tiros de pistola e de 44 fazendo coro com o pipocar do foguetório; barracas que vendiam cachaça curtida com as mais diferentes frutas ou ervas; concursos de danças; leilões de prendas; imperdíveis cantadas e desafios. E, envolvendo tudo isso, o som alegre das sanfonas animando os dançantes!

Tobias e os velinhos avistaram uma multidão ao redor de José Maria querendo cumprimentá-lo de ‘mão pegada’ e ‘puxar um dedo de prosa’ com ele. O monge parecia estar bem à vontade e, alegre, buscava cumprimentar a todos. Com a sua presença na festa, um clima de alegria e solidariedade tomou conta dos festeiros. Os errantes miseráveis e esfomeados, os doentes, os pobres, todos eram bem acolhidos naquele lugar como nunca acontecera antes.

Não tardou para seu João encontrar seus amigos e conversar sobre os detalhes da festa.

- Quem são os trovador que a assistência convidou dessa veziz?

- Juca Teles e Alvim Alves! – respondeu seu Clementino, um dos amigos de João.

- Capaiz! Os mió repentista da região! – exclamou dona Graça.

- Verdade! Daqui a poco eles vão porfiá no galpão de festa!

- Não podemos perdê o reencontro desses dois, pessoal! – comentou seu João, com um brilho no olhar que surpreendeu até sua esposa.

Pouco depois, eles estavam se apertando entre muitos outros dentro do galpão de festas. Do outro lado, avistaram José Maria, sentado à mesa principal, entre as figuras importantes do lugar. Surgiram, então, os famosos porfiadores e colocaram-se ao lado do sanfoneiro. Todo mundo bateu palmas e se agitou. A sorte foi tirada para ver quem iria iniciar a porfia. O trovador Alvim ficou com a responsabilidade de soltar a primeira estrofe.

O sanfoneiro então deu início à melodia para os desafiantes afinarem suas vozes. Em seu turno, os trovadores agradeceram a presença de todos e, em especial, a do monge José Maria. A seguir, partiram para o desafio propriamente dito, questionando o conhecimento do outro a respeito da arte de bem porfiar. As provocações se estenderam sobre qual seria o legítimo regime de governo do Brasil. Teles defendeu a República e seu status de modernidade. Já Alvim abraçou a Monarquia, lembrando o respeitado imperador D. Pedro II e o santo monge João Maria. E, quando afirmou que a Monarquia representava a lei de Deus na terra, rimando a palavra monarquia com o nome José Maria, o público se exaltou assinalando dessa forma a sua vitória. A rima campeã, entretanto, serviria mais tarde como argumento para a perseguição ao monge e seus seguidores. Os porfiadores terminaram por elogiar as moças do local e incentivar o povo a aproveitar o festejo. Tobias e seu João

tiraram seus chapéus e acenaram para os trovadores enquanto dona Graça, mais contida, batia palmas.

A festa terminou, mas muitos festeiros decidiram permanecer naquele local, pois souberam que José Maria também lá ficaria.

O monge José Maria

Tobias era bem tratado pelo casal. Dormia confortavelmente numa cama de imbuia, sobre um colchão de palha e travesseiros forrados com penas de ganso. Fazia várias refeições por dia e dona Graça oferecia-lhe deliciosos quitutes que suas hábeis mãos produziam na cozinha. Certa vez, seu João presenteou-lhe com um cavalo marchador. E com o belo animal, Tobias costumava trotar pela região, chamando a atenção, principalmente das mocinhas, que observavam encantadas o passeio daquele garboso cavaleiro. Apesar de tudo isso, ele não era feliz ali. Sentia uma grande necessidade de conversar com José Maria, pois havia alguma coisa errada em seu coração.

No início da noite, alguns dias depois da festa, o rapaz decidiu ir a cavalo ao arraial de Taquaruçu onde o curandeiro acampava. Encontrou-o dentro de um pequeno galpão, atendendo os últimos enfermos que o procuraram.

O monge aparentava ter mais de quarenta anos; pele morena; um boné de jagatirica enterrado na cabeça parecido com o do velho João Maria, porém enfeitado com penacho e fitas; cabelos lisos e compridos; barba espessa e grisalha que lhe dava um ar de sapiência e autoridade; olhos grandes e penetrantes, destacados pelas sombras de suas olheiras; dentes enegrecidos pelo hábito de fumar cachimbo e o pescoço envolto por colares de miçanga. José Maria vestia-se com um brim ordinário, usava grossas meias que cobriam as

bordas das calças e, por fim, tamancos de madeira. Depois de ter ouvido e examinado um senhor, consultou cuidadosamente seus cadernos nos quais registrava as propriedades medicinais de diversas plantas da flora do planalto catarinense. Isto surpreendeu Tobias. Tratava-se de um homem letrado, coisa rara de se ver naquela região. A seguir, José Maria ordenou a uma espécie de “secretário” que anotasse a prescrição da mistura de folhas, raízes e sementes e desse ao velho. Sorridente, o monge aceitou o dinheiro dado pelo paciente dizendo que seria empregado na organização de uma “Farmácia do Povo”. A seguir, aproximou-se uma mulher.

Enquanto ela recebia atendimento do monge, Tobias decidiu conversar com as pessoas que estavam tomando chimarrão em frente ao galpão e ouviu as mais diversas histórias. Todas elas permeadas de tristeza e dor. Além dos relatos daqueles que procuravam a cura para suas enfermidades, havia os que, assim como ele, perderam tudo por causa das empresas estrangeiras, a ferrovia e a Lumber. E, pior, não sabiam o que fazer e nem para onde ir. Eles resolveram então acompanhar o monge José Maria.

O curandeiro estava agora sentado sobre um palheiro. Retirava o fumo velho de dentro de seu cachimbo de tubo longo e marrom. Já era tarde, quase onze horas da noite, logo o monge iria se recolher à sua barraca improvisada.



Figura 33 – Suposta foto do Monge José Maria rodeado por três ‘virgens’. Fonte: <http://www.revistadehistoria.com.br>

Passados alguns minutos, Tobias viu que José Maria estava sozinho e aproximou-se dele.

- Bença, monge.

- Deus te abençoe, meu fio. – o homem volteou seus olhos sobre a figura do jovem caboclo e, antes mesmo que o rapaz pudesse proferir alguma outra palavra, indagou:

- Tá tremendo mais que vara verde! É coisa do coração que te aflige?

- Sim, seu Zé Maria... – Tobias balbuciou, sem chance de esconder seu nervosismo e hesitação.

- Então desembucha, fio!

- Minha família também foi expulsa de suas terra e meu pai acabou morto pelos capanga da Lumbre. Então, minha mãe foi morá de favô com um tio que é agregado e eu só empregado de um casal de véinbo. Sei que tivemo sorte por não tá largado por aí, mais na verdade nós não tem mais nada. Agora tá tudo diferente. As terra tem dono. Os erval tem dono. Inté os mato tem dono. Me alembro das palavra de João Maria e do meu pai que diziam que nós se criemo aqui e essas terra são nossa por direito. As veiz me dá uma vontade disgramada de vingá meu pai e o que fizeram com nós! Isso tá me deixando lóco da cachola! O que que eu faço, monge? – os olhos cansados de Tobias encheram-se de água.

A tudo isso o monge ouviu calmamente. Não era o primeiro que lhe falara tal história e nem seria o último. Ele sabia muito bem que a desgraça campeava solta pelo sertão e vinha abatendo inúmeras famílias, principalmente dos simples posseiros.

- Nosso irmão João Maria há muito previu que coisas medonhas iam acontecer por estes sertões. E hoje, o que a gente mais vê é água suja, meu fio. Como eu quero beber água limpa, quero que todos bebam dela também.

José Maria referia-se às inúmeras injustiças que a população pobre do planalto estava sofrendo e o seu sentimento de solidariedade para com ela. A seguir, o andarilho retirou um pedaço de papel do seu bolso e, escrevendo sobre ele, comentou:

- *Leve esta erva com vancê e coloque num patuá prá acarmá tua alma. Faça tamém um chá com essa erva. Ela é boa pros nervo. E o mais importante, meu fio, tenha fé em Deus e fique do lado dos pobre e necessitado! Agora, vá com Deus. Já é hora de se recoiê.*

Tobias, mais tranquilo, despediu-se e voltou para a casa de seus patrões.

Já no mês de setembro, a pedido de dona Graça, Tobias voltou ao arraial para que ela pudesse levar ao monge algumas raízes, cascas e folhas das ervas medicinais mais usadas e conhecidas na região. Ela tinha ouvido falar que muitos, principalmente os expulsos de suas terras e os que procuravam por consultas e remédios, tinham decidido juntar-se ao monge em Taquaruçu. Dona Graça era uma mulher caridosa e queria auxiliar o trabalho de José Maria, mas, desta vez, não o encontrou e sim apenas um grupo de caboclos que desmanchava os últimos barracos da festa, inclusive aquele que serviu de abrigo ao monge durante todos aqueles dias.

- *Zé Maria foi pro oeste, pras bandas do Irani, e com ele umas quarenta pessoa. – respondeu um daqueles homens.*

- *E por quê? – indagou Tobias.*

- *Dizem que o coroné Albuquerque, superintendente de Curitibaanos, enviou um emissário com a ordem de que o monge fosse se apresentá a ele, lá na vila.*

- *Mas aí Zé Maria respondeu pro coroné que a distância entre eles era a mesma. Ansim, era o coroné que devia visitá o monge.*

- Parece que o coroné não gostou da resposta do monge e pediu pro Governadô Vidal Ramos – que é compadre dele - mandá os sordados prá cá!

- Capaiç! – exclamou dona Graça.

- E foi por isso que o monge decidiu ir embora de Taquaruçu.

Tobias e dona Graça ficaram visivelmente surpresos. Cabisbaixos, cada qual com sua decepção, os dois embarcaram na charrete e voltaram à propriedade.



Figura 34 - Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, superintendente de Curitibaanos de 1907 a 1913.

Fonte: www.curitibanos.sc.gov.br

Durante o trajeto, Tobias ouviu um assobio fino, longo e choroso. Era um pequeno gavião fazendo rodeios no céu. Ele parou a charrete.

- O que bouve Tobias? – perguntou dona Graça.

- Tá vendo aquele gaviãozinho, dona Graça?

- Onde? Onde?

- Foi ele que me levô até vancêis. Foi ele que me sarvô. Agora ele me aparece de novo. É um sinal!

- Mecê deve di tá variando! Não tô vendo nada no céu!

Tobias não comentou mais nada a respeito e prosseguiu a viagem. Mas a segunda aparição da ave o fez refletir sobre sua vida. Apesar de estar morando com aquele bondoso casal, não era feliz ali.

Quando chegaram à casa de seu João, o caboclo decidiu pegar seus poucos pertences e ir embora. Devolveu o belo cavalo machador que ganhou de presente e, já no lombo de seu cavalo Pinhão, despediu-se do casal que estava na varanda da casa.

- Mas por que quer ir embora, Tobias? Não é bem tratado aqui? – perguntou o velhinho, surpreso com o que estava acontecendo.

- Vancêis tem coração de ouro, seu João. Eu nunca que vô esquecê o que me fizeram, mais eu tenbo que segui o monge!

- O que procura ao lado daquela gente, meu fio? – insistiu a senhora.

- Um pedaço de chão prá vivê em paiç! – e mais distante, gritou ao casal de velhinhos – Que Deus abençoe vancêis!

Rumo ao Irani

*“Todo o Estado, só de medo
Tava tonto sem drumi:
Meia dúzia de mendigo
Paraná feiz sacudi.”*

Mas a notícia sobre a movimentação do famoso curandeiro e seus seguidores provocou uma reação bem diferente na imprensa e no governo do Paraná. Eles acharam que a instalação de José Maria e seus seguidores em Irani, região paranaense de Palmas e contestada por Santa Catarina, foi organizada pelas próprias autoridades catarinenses com o objetivo de favorecê-las na sentença dos limites entre os dois estados.

Desde o período colonial, as unidades administrativas de Santa Catarina e, a partir de 1853, do Paraná, disputavam o controle sobre aquele território. Os catarinenses baseavam-se em orientações coloniais enquanto que os paranaenses na efetiva ocupação feita por criadores e lavradores provenientes de São Paulo e do próprio Paraná. Os conflitos de limites tornaram-se mais frequentes durante o período imperial e agravaram-se no início da República, uma vez que a região passou a ter inúmeras fazendas, lavouras, além da exploração dos ervais.

Em 1904, o Supremo Tribunal Federal sentenciou em favor de Santa Catarina, mas houve recurso paranaense. Em 1909, aconteceu um novo julgamento e confirmou-se a sentença anterior em favor de Santa Catarina. Rui Barbosa, contratado pelo Paraná, embargou a sentença. No ano seguinte, em 1910, o Supremo Tribunal Federal rejeitou o embargo e confirmou novamente as sentenças de 1904 e 1909 fixando, dessa forma, os limites entre os dois estados ao sul dos rios Negro e Iguaçu.

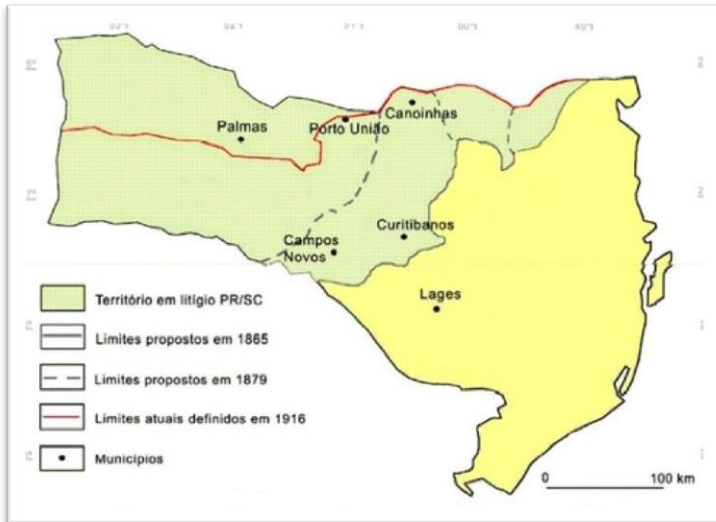


Figura 35 – Mapa dos limites entre o Paraná e Santa Catarina (1865 – 1916). Fonte: Brandt, 2007. P. 137.

Com os ânimos exaltados, os paranaenses, a partir daquele ano, interpretavam qualquer atuação dos catarinenses na região contestada como forma de executar forçosamente a decisão do tribunal federal.

Foi numa bela manhã de outubro que o comandante do Regimento de Segurança do Paraná, o capitão João Gualberto Gomes de Sá, recebeu as ordens de exterminar o ajuntamento em torno de José Maria. Famoso por seu temperamento impetuoso, o coronel aceitou prontamente a missão e chegou a declarar para os seus amigos e familiares:

- Levarei comigo cordas para fazer desfilar pelas ruas de Curitiba aqueles que sobreviverem ao meu ataque!

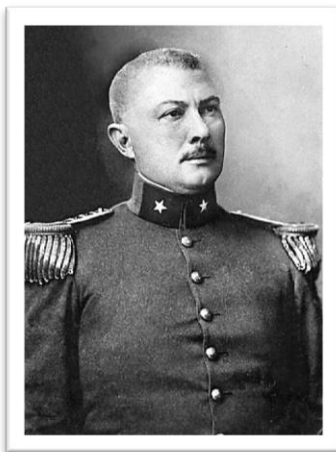


Figura 36 - Retrato oficial do capitão João Gualberto Gomes de Sá Filho. Acervo de Cid Destefani.

Na manhã seguinte, cerca de quatrocentos soldados do regimento de segurança enfileiraram-se no pátio do quartel diante da figura imponente do capitão que observava com orgulho o poderoso armamento que sua tropa dispunha contra os sertanejos: uma robusta metralhadora Maxim. Quando todos os soldados estavam perfeitamente alinhados, João Gualberto lhes falou, com o peito estufado e os braços cruzados para trás:

- Homens, hoje nós rumaremos para Palmas. Nossa missão, como vocês já sabem, é dissolver um ajuntamento de caboclos articulados pelo governo catarinense com o propósito de apossar-se das terras do Paraná. Vamos mostrar a eles que o nosso estado não ficará inerte e responderá com força e determinação a qualquer tentativa de interferir na sentença de limites! Viva o Paraná!

- Viva! Viva! – responderam os soldados, empunhando seus fuzis.

As tropas do regimento de segurança comandadas pelo capitão João Gualberto e acompanhadas pelo Chefe de Polícia daquele estado, Dr. Manoel Cavalcanti, deslocaram-se de trem até a estação de Porto União. A população local observou curiosa e surpresa o grande contingente de soldados fortemente armados sair e perfilar-se ao lado dos vagões. Havia também a temível metralhadora Maxim.

Os soldados descansaram naquela vila e, no dia seguinte, ao som de uma banda de música e homenagens calorosas da população, puseram-se novamente em fila. Era possível ouvir as pessoas gritarem:

- Ponham os barrigas-verdes prá correr!

Diante dessa eufórica despedida, os militares partiram como heróis para Palmas.



Figura 37 - Tropa do Regimento de Segurança partindo de Porto União para Irani. Acervo de Cid Destefani.

- Andem, homens! – berrou o capitão às suas tropas, impondo uma marcha forçada até a sede do município.

Já próximos de Palmas, numa localidade chamada Belo Horizonte de Palmas, João Gualberto e sua tropa foram abordados por um grupo de homens a cavalo liderados pelo coronel Domingos Soares, o chefe político daquela região. Depois das apresentações, Domingos Soares falou ao comandante:

- Fiquei sabendo que o capitão e seus soldados marcham em direção ao Irani.

- *Estais certo. Nossa missão é acabar com um ajuntamento de caboclos armados que se formou no local. O senhor deseja nos contar algo a respeito? – indagou João Gualberto.*

- *Sim, capitão. Sugiro que nós faça uma conferência na casa do meu compadi Tônico Branco que mora aqui perto.*

João Gualberto aceitou o convite de Domingos Soares e ordenou aos seus soldados que rumassem agora para a casa que serviria de local para a reunião. No interior da simples morada, sentados ao redor de uma larga mesa de imbuia, o capitão, o chefe de polícia e o tenente João Busse ouviram atentamente Domingos Soares.

- *Aqueles caboco, capitão Gualberto, seguem José Maria há algum tempo e vão fazer qualquer coisa para defendê ele! É preciso ter prudência com aquela gente!*

- *Eles não passam de um bando de maltrapilhos manipulados pelas autoridades catarinenses! Além do mais, disponho de soldados bem armados e, inclusive, de uma metralhadora!*

- *Mais eu insisto, capitão! O monge é querido pelo povo daqui. Muitos podem se vortá contra o sinhô e engrossá o ajuntamento. O que nós bamo tê é um derramamento de sangue!*

- *Com permissão, capitão, mas acho que ele está certo. Devemos colher mais informações antes de agir. – interferiu Manoel Cavalcanti.*

- *E talvez a gente encontre outra forma de resolver a questão.* – complementou Soares.

João Gualberto permaneceu em silêncio por alguns momentos. Enquanto refletia, passava lentamente a mão sobre seu vistoso bigode. Então lhes respondeu:

- *Acamparemos aqui mesmo, pois os homens estão cansados da marcha. Neste ínterim, Busse segue em direção ao Irani com um piquete de cavalaria para colher mais informações.*

- *Permita que eu vá com eles, capitão. Posso ser muito útil.*

- *Certamente, seu Domingos Soares. Aguardarei notícias suas.*

O piquete de cavalaria partiu imediatamente. Mais adiante, deparou-se coincidentemente com dois emissários do monge, João Varela e José Júlio Farrapo. Domingos Soares e o tenente Busse ouviram-lhes:

- *Coroné Domingos Soares, Zé Maria qué conferenciá com o sinhô no Faxinal.* – *falou um dos enviados do monge.*

- *Ab é? E quantos homi tão com ele?* – *perguntou Domingos Soares, com o intuito de sondar a situação do ajuntamento.*

- *Quarenta, coroné!*

- *Armados?* – *indagou o tenente.*

- *Pôco tão armado, mais se for perciso, dão a vida pelo monge!*

- *E todos os morador das vizinhança do Irani tão com o Zé Maria tamém!*

O líder local e o tenente entreolharam-se, surpresos.

- *Vanceis dois vem com a gente. Talvez o capitão queira saber mais coisas. – disse o tenente aos enviados de José Maria.*

Guiados por Domingos Soares, os cavaleiros dirigiram-se para um lugar chamado Fazenda do Alegrete onde acampariam e o tenente poderia enviar uma carta ao capitão informando-lhe sobre as novidades.

Depois de lerem a carta escrita por Busse, o capitão e o chefe de polícia tiveram uma ácida discussão a respeito das ações a tomar. João Gualberto, conhecido por seu temperamento impetuoso e arrojado, queria atacar o acampamento caboclo e levar amarrados os sobreviventes a Curitiba para expô-los como troféus. Dr. Manoel Cavalcanti, diferente do capitão, era um homem cauteloso e desejava uma solução pacífica para o impasse.

- *Capitão, devemos seguir os planos iniciais e marchar com a tropa para a vila de Palmas a fim de protegê-la de um possível ataque dos seguidores do monge!*

- *Ora, meu caro, o que um bando de sertanejos esfomeados e doentes pode contra nós? Quero acabar com isso o quanto antes! E, para provar que não tenho o menor temor, podes ir para Palmas com o grosso da tropa que darei cabo dessa história com poucos homens! – respondeu o comandante.*

- *Sabes muito bem, capitão, que terás que prestar contas disso ao Tribunal Militar e, o pior, estás sendo incauto!*

E foi dessa maneira que João Gualberto seguiu rumo ao Irani. Novamente, fez com que os seus soldados empreendessem uma exaustiva marcha até as terras de João Varela onde o tenente João Busse e Domingos

Soares o aguardavam. Estavam agora muito próximos de onde o monge José Maria permanecia acampado. O líder político local estava preocupado com o que iria ocorrer a José Maria e seus seguidores e pediu para ter uma conversa em particular com o capitão.

- Temo pela gente que tá com o monge, capitão João Gualberto. Conheço muito bem eles. São gente simples, humilde, desamparada e muitos foram expulsos de suas terra pela ferrovia. O que eu menos quero é uma matança. Deixe eu e mais uns chefe das redondezas convencê Zé Maria a vir aqui na presença do sinhô!

O capitão, que observava de certa distância os soldados montarem a poderosa metralhadora em sua base de rodas, respondeu sem voltar o rosto para seu interlocutor:

- Está bem, coronel. Darei uma última chance à negociação. Mas quero que levem uma carta ao monge.

Na manhã seguinte, a comissão de paz chefiada por Domingos Soares partiu para o acampamento dos caboclos. Antes, porém, o grupo acompanhou por alguns instantes o capitão envolvido num exercício de tiro com a metralhadora Maxim. João Gualberto disparava contra pequenos pinheiros ao redor do acampamento. As poderosas rajadas de projéteis lançadas pela metralhadora decepavam-nos ou os derrubavam de uma só vez e disto o capitão estranhamente achava muita graça.

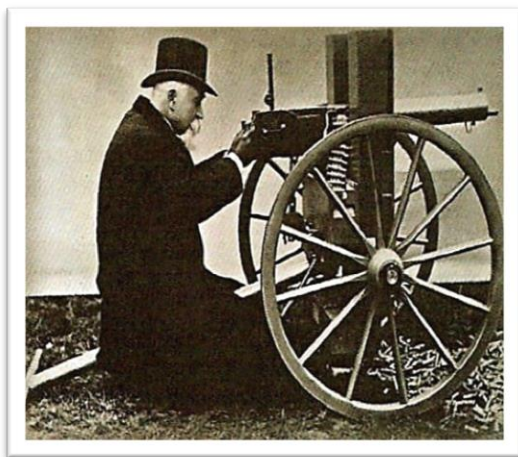


Figura 38 - A metralhadora Maxim e seu inventor, Sir Hiram Stevens Maxim, em 1884. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

- *Capitão! Capitão! Tamo de partida!* – berrou Soares.
- *Desculpem-me, senhores! Não resisti em experimentar o poder de fogo deste fabuloso armamento.*
- *E a carta pro monge?*
- *Ab, sim! Estava quase me esquecendo!* – o oficial entrou em sua tenda e momentos depois retornou com a correspondência nas pontas dos dedos e a dirigiu para o grupo. Domingos Soares estendeu seu braço, pois acreditava ser ele o escolhido para entregá-la a José Maria. Mas no último momento, João Gualberto deu a carta a Otávio Marcondes, o gerente da Fazenda do Irani.

Com este gesto, o comandante demonstrou não confiar plenamente em Soares e isto o deixou muito aborrecido.

Passou-se um dia e a comissão de paz liderada por Soares não retornou nem mandou notícias. Essa situação deixou o capitão num estado de nervos que beirava o pânico. Certa hora, João Gualberto saltou de sua tenda e, aos berros, falou ao tenente Busse:

- Os seguidores do monge prenderam o coronel Soares! Ordene aos soldados que ataquem imediatamente o ajuntamento! O que está esperando, homem?

- Mas não recebemos nenhuma notícia deles! Acalme-se, capitão!

João Gualberto repentinamente silenciou e, caindo em si, disse:

- Você tem razão, tenente. — levou as mãos à testa ensopada de suor e confessou — Eu ando mesmo a fazer loucuras!

A peleja no Banhado Grande

*“Numa tar metraiadora
Tava a fé do militá,
Ele tinha exprementado
Cem pinhero derrubá,
S’ encontrava bem ansioso
De os pobre metraiaá”*

Domingos Soares era um senhor de 60 anos e dono de uma das maiores e mais prósperas fazendas da região - a Bom Sossego. Foi também eleito duas vezes Superintendente e Deputado Estadual e conhecia muito bem a gente sertaneja. Toda vez que ia a Curitiba, fazia favores à população e à sua clientela política. Quando regressava, aquela gente o recepcionava até com foguetes e discursos. Chegou a ser chamado de o coronel “pai dos pobres”, o que lhe dava muito orgulho. Desde o início do que considerava um grande mal entendido, coronel Soares procurava evitar, de todas as formas, o ataque aos caboclos. Ele sabia que esta era a última chance de resolver a questão pacificamente.

Quando Domingos Soares e seus colegas chegaram ao seu destino, souberam que José Maria estava na casa de Miguel José. Encontraram-no

ainda dormindo, no quarto. Após as devidas apresentações, Soares iniciou a conversa:

- Descurpa os modo mais o que troxe a gente aqui é coisa séria. – falou Soares, em um tom cuidadoso.

- Inté imagino, coronel, mas conte o porquê da vinda de vancêis. – respondeu o monge, sentado à beira da cama.

- As tropas de Segurança do Paraná foram mandadas prá cá com a missão de desfazê o ajuntamento do Irani e o comandante, o capitão João Gualberto, quer que o sinhô vá à presença dele.

À medida que Domingos Soares falava, outros seguidores do monge, armados, entravam no quarto e acompanham a conversa deles, o que aumentava a tensão do encontro.

- Eu não vou falá com o capitão. É capaz que eu chegue lá e seja maltratado! Além do mais, eu não tenho nada com o Paraná e nem sei por que sou perseguido desse jeito. Minha questão é com o coronel Albuquerque, de Curitibaanos!

- O governo do Paraná não persegue vancê, mas é que não se pode ter reuniões ilícitas em nenhum lugar do estado! – coronel Domingos Soares fez então sinal a Otávio Marcondes para entregar ao monge a carta escrita por João Gualberto. E prosseguiu:

- O capitão João Gualberto pediu prá entrega essa carta pro sinhô.

O monge leu as quatro folhas que compunham a carta depositando-as uma após a outra em cima da cama. Depois da leitura, ergueu a cabeça e, olhando para os seus seguidores que rodeavam a comissão de paz, questionou:

- Que garantias pode oferecer uma carta escrita a lápis?

- É porque o comandante só tinha lápis no acampamento prá escrever. – respondeu Otávio Marcondes.

José Maria deu a carta a um de seus homens e pediu que Domingos Soares e seus companheiros o aguardassem na sala ao lado. Alguns minutos depois, o monge passou por eles, entrou em outro quarto e chamou Domingos Soares para conversar.

- Olhe, coronel Soares, recebo aqui uma intimação do comandante exigindo a minha presença no seu acampamento, o que não farei temendo ser maltratado. – insistiu o monge.

- Eu lhe garanto que receberá um tratamento digno, Zé Maria. O coroné é um homem correto.

- Não irei ao acampamento. Quero apenas garantias para que eu e meus companheiros possamos voltar a Santa Catarina! – dito isto, o curandeiro saiu do quarto, dando por encerrada a conferência.

De volta ao acampamento das tropas paranaenses, Domingos Soares relatou ao capitão João Gualberto a conversa que teve com José Maria. Entretanto, naquela mesma noite, o comandante foi novamente procurado pelo chefe político e por Otávio Marcondes.

- *Prometemos ao monge passagem livre para Santa Catarina porque descobrimos que, em 24 horas, Zé Maria vai fugir pelas localidades de Ressaca ou Jardim onde poderá ser facilmente capturado! – disse Soares, animado com a possibilidade de encerrar a questão da forma menos violenta possível.*

Mas a resposta do capitão os surpreendeu:

- *Amanhã, durante a madrugada, o acampamento do monge será atacado de qualquer forma, pois já comuniquei ao governador do Estado e, se assim eu não proceder, ficarei desmoralizado perante a nação brasileira.*

É preciso lembrar que o capitão também tinha ambições políticas, ou seja, pretendia candidatar-se a superintendente de Curitiba.

- *Não carece, coronel! Eles pretendem ir embora de qualquer jeito! E tem mais uma coisa: nós tivemos lá e vimos que o número de cabôco é maior do que de soldado!*

O capitão respondeu-lhe apenas com uma série de risadas. Mais tarde, ele ordenou a um vaqueano que preparasse alças para prender trinta caboclos e ensinasse os soldados a laçar um homem.

E, na madrugada do dia 22 de outubro de 1912, as tropas da força policial paranaense marcharam para o acampamento de José Maria, na localidade conhecida como Banhado Grande. Momentos antes, Domingos Soares, frustrado por não ter conseguido convencer o comandante da força policial, aproximou-se dele e disse:

- Capitão, não vô mais te acompanhá como eu gostaria porque as minha ideia não batem mais com as suas.

Então Gualberto retrucou:

- Pois coronel Soares, faça de conta que estamos de relações cortadas, e eu vou sempre assumindo toda a responsabilidade.

Coronel Soares não disse mais nada. Ele apenas acompanhou, pesaroso e imóvel sobre seu cavalo, a tropa afastar-se rumo a um destino incerto.

Os soldados avançaram por um terreno cada vez mais acidentado, coberto por matas virgens e extensos faxinais. A certa altura, na completa escuridão e temerosos por fazerem algum ruído que chamasse a atenção de possíveis sentinelas, tiveram que atravessar um córrego arenoso. Durante a travessia, alguém decidiu acender uma vela para iluminar o caminho. Isto acabou por assustar a mula que carregava a metralhadora e sua caixa de munição. Estas, com o movimento forte e repentino do animal, caíram no córrego enchendo-se de água e barro. Capitão Gualberto, que estava próximo do incidente, aproximou-se do soldado que guiava o animal e falou:

- Você, Paixão, nem morto paga o serviço que acabou de fazer!

- Mas comandante – respondeu o praça – não fui eu o culpado. Quem assustou a mula foi aquele tropeiro. – e apontou para um caboclo chamado Roque.

Roque morava próximo ao Irani e, quando estava em Horizonte tentando vender uma carga de milho, fora contratado pela tropa do governo paranaense para servir de guia. É de se supor que o sertanejo tenha feito isso propositalmente para atrapalhar os planos de João Gualberto, mas este não chegou a tais reflexões naquele momento e repreendeu apenas o soldado.

O dia estava amanhecendo. Uma tênue neblina ainda cobria a região do Irani. Ouviram-se disparos.

Eram os batedores da força policial que trocaram tiros com uma suposta guarda do acampamento que decidiu recuar.

Enfim os soldados chegaram ao Banhado Grande. Eles se surpreenderam ao ver mais de 200 sertanejos reunidos naquele local. O capitão não se intimidou e ordenou imediatamente o ataque.

Os caboclos, como dispunham apenas de porretes, facões de pau, machados e poucas armas de fogo, evitaram ao máximo o tiroteio aberto e refugiaram-se no mato. As mulheres, crianças e velhos esconderam-se nas redondezas.



***Figura 39 – Combate no Irani. Pintura de Daniel Freire.
Acervo da Polícia Militar do estado do Paraná.***

O avanço dos soldados continuou até serem surpreendidos pelos sertanejos que saltaram dos arbustos golpeando-os com suas armas rudimentares, mas eficazes. Hábeis com os facões por serem seus instrumentos de trabalho, principalmente no corte da erva-mate, os caboclos revelaram-se imbatíveis no “entrevero”, ou seja, na luta corpo a corpo.



***Figura 40 - Facão usado na Guerra do Contestado.
Acervo do Museu Thiago Castro, Lages-SC.***

Tobias, um dos poucos que possuía arma de fogo, permaneceu agachado em um dos flancos e disparava contra os soldados, abatendo vários deles. Quando sua munição acabou, levantou-se e tirou de sua cinta o seu facão. Foi nessa troca de armas que um praça lhe golpeou de raspão a testa com seu fuzil. Tobias esmoreceu e foi ao solo. De lá, testemunhou o seu algoz erguer a arma para cravar-lhe a baioneta em seu peito. Era o fim.

De repente, uma jovem de longos cabelos negros surgiu diante de seus olhos e empurrou o miliciano, impedindo-o de finalizar a execução. Como uma guerreira destemida e furiosa, ela não deu tempo para o soldado se recompor e avançou sobre ele gritando e ferindo-lhe gravemente a golpes de facão. Amedrontado, o soldado decidiu fugir para o mato. A jovem, com um dos braços, ajudou o caboclo a erguer-se e, voltando-se para os outros sertanejos, berrou:

- *Lutem! Lutem pela sua gente!*

Tobias jamais vira tamanha bravura, nem mesmo nas batalhas mais ferozes contadas pelo Capitão Lourenço. O gesto daquela moça-guerreira deu a ele e aos demais caboclos a coragem que lhes faltava para enfrentar as baionetas e os fuzis dos militares.

Capitão João Gualberto, assustado, testemunhou seus homens serem duramente atacados a chutes, socos e golpes de porrete e facão. De onde esses maltrapilhos tiram tanta coragem para enfrentar-nos? – pensou o comandante. Lembrou-se imediatamente de sua poderosa arma.

- *Preparem a metralhadora, agora! – ordenou o capitão.*

Os soldados começaram a recuar. Um deles, entretanto, reconheceu José Maria pelo seu boné de jaguatirica e disparou contra ele, fazendo-o tombar no chão enlameado. Tobias estava a poucos passos do monge e buscou socorrê-lo, mas percebeu que o tiro arranhou-lhe a vida instantaneamente. Um grande ódio tomou conta de seu espírito assim como de muitos outros que passaram a combater seus inimigos fardados com mais força.

- *A metralhadora está pronta, capitão! – falou um dos praças.*

- *Para trás da metralhadora! – berrou o tenente Bussi aos seus subordinados. A poderosa Maxim foi apontada para os sertanejos que avançavam rapidamente sobre eles como uma matilha enfurecida. Foi naquele instante que João Gualberto viu a metralhadora como sua única chance de vencer a batalha.*

- *Fogo! Fogo! – gritou o capitão.*

A metralhadora, porém, não disparou.

- O que está esperando? Atire! Atire!

- Engasgou, capitão! Engasgou! – respondeu o soldado enquanto tentava, desesperadamente, fazer com que ela funcionasse.

O próprio João Gualberto quis manusear a metralhadora e não percebeu que os soldados começavam a debandar para o mato. Quando se deu conta, tinham lhe levado o cavalo e encontrava-se totalmente cercado pelos caboclos furiosos. Por fim, encarou porretes, facões e machados erguerem-se contra ele.

Enquanto o matavam, um dos caboclos gritava:

- Piquem esse desgraçado, que ele é o único culpado!

Um silêncio profundo tomou conta do Banhado Grande do Irani. Da mesma forma que começou, a luta terminou rapidamente. Havia agora vários corpos ensanguentados de mortos e feridos espalhados por aquele banhado.

Os sertanejos, exaustos e feridos, foram lentamente cercando o corpo do monge José Maria que parecia estar apenas adormecido.

- Ele deu a vida por nós e nossas família! – exclamou Tobias, quebrando o silêncio.

A caboclada concordou e muitos começaram a chorar, principalmente as mulheres e crianças que saíram de seus esconderijos.

- O monge é um homi santo assim como foi João Maria! – disse outra cabocla.

- Um santo! Um santo! – muitos exclamaram, tomados pela comoção.

- Ele há de vortá! – alguns berraram.

Então decidiram não enterrar o corpo do monge de forma habitual, mas sim deixá-lo numa vala coberta por tábuas na crença de que, um dia, ele ressuscitasse. Aos poucos, os caboclos foram abandonando o acampamento de Irani. Dias depois, tal dispersão acelerou quando eles souberam que se aproximava uma coluna do exército comandada pelo coronel Sebastião Phyrro cujo objetivo era o de averiguar se havia ainda alguma possível ameaça. Voltaram, portanto, às suas vidas de seres errantes, miseráveis e esfomeados, esgueirando-se pelas matas e faxinais.

Em Curitiba, a notícia da morte do capitão João Gualberto e de muitos de seus soldados foi considerada uma tragédia, embora o fim do ajuntamento sertanejo tenha tranquilizado tanto o governo como a imprensa do Paraná. O corpo do capitão, ou o que restou dele, desfilou em cortejo fúnebre pelo centro de Curitiba e enterrado numa sepultura cuja lápide atribuíram-lhe feitos dignos de um herói. Mas José Maria, deixado em uma cova rasa coberta por tábuas, tornou-se muito mais do que um herói, tornou-se um mártir...



Figura 41 – Foto do cortejo fúnebre do capitão João Gualberto, na praça Tiradentes, centro de Curitiba, no chuvoso dia 07 de novembro de 1912. Foto de Cid Destefani.

The independence day

Quatro de julho é o dia em que se comemora a independência dos Estados Unidos. A company town também estava em festa naquela data especial de 1913. Todos os trabalhadores foram dispensados e havia uma programação para eles e suas famílias.

Pela manhã, os trens trouxeram os turmeiros que atuavam em diferentes acampamentos na mata. Foram recebidos por um funcionário do escritório acompanhado por mais cinco seguranças da Lumber. A cada remessa de trabalhadores que saía do trem, ele se aproximava e dizia:

- Deixem seus documentos no escritório da empresa e só peguem eles quando o festejo terminar.

- Mas por que isso? – perguntou Amarildo, um turmeiro do acampamento da Tapera.

- Prá garanti que a gente fique na festa. – respondeu José, ainda descendo do longo vagão.

Os trabalhadores espalharam-se pela serraria-cidade. José caminhou apressado para a capela. Ele tinha combinado desde a semana passada de encontrar-se com sua mãe, seus tios Osnildo e dona Tica e Romualdo na frente da capela da empresa para, juntos, assistirem a missa que marcaria o início das celebrações. Em vários pontos da company town, o rapaz avistou bandeiras nas cores azul, branca e vermelha, hasteadas orgulhosamente.

Descobriu, mais tarde, que se tratava da bandeira dos americanos, os donos da Lumber. Era como se aquele local fosse um pedacinho dos Estados Unidos no Brasil. Observou também diversas barracas nas quais se vendiam guloseimas de toda a ordem. O que não encontrou à venda, entretanto, foi a tão apreciada cachaça. A empresa não esquecia as normas, mesmo num dia de festa como aquele.

Ficou feliz ao ver que todos lhe aguardavam. A seguir, entraram na capela que se tornou pequena diante de tanta gente. Notaram que havia também pessoas importantes da vila de Canoinhas e vindas de outros lugares.

Ao final da missa, os diretores da companhia pediram para que os funcionários da parte administrativa se reunissem na arquibancada que ladeava o campo para que o fotógrafo, um polonês contratado também pela empresa como apontador de terras, pudesse registrar o momento.



Figura 42 – Trabalhadores da Lumber e o diretor gerente da companhia, em 04 de julho de 1913. Foto de Luiz Szczerbonski.

Durante o dia, foi realizado também um torneio de beisebol entre as equipes formadas pelos trabalhadores americanos da Lumber. José e Romualdo decidiram dar uma volta, enquanto isso, dona Conceição, seu Osnilo e dona Tica tentavam entender a partida de beisebol ao lado do campo junto a uma grande multidão de curiosos.



Figura 43 - Comemoração do dia da independência dos Estados Unidos em Três Barras, 1912. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 45.

De repente, uma mão pousou sobre o ombro de dona Conceição. Surpresa, ela virou-se e encarou um sujeito barbudo com um grande chapéu enterrado na cabeça, o que impedia de ver claramente o seu rosto. E, cobrindo o corpo, um longo capote de couro.

- Quem é você? – perguntou a cabocla, diante daquela misteriosa figura.

- Sou eu, mãe, o Tobias. — respondeu o rapaz, erguendo levemente a aba do chapéu.

- Meu fio, é vancê? Não deu mais notícia! Cheguei até a pensá o pior!

Dona Conceição deu-lhe um abraço. Os outros, ao reconhecerem-no também, quiseram fazer a mesma coisa. Mas Tobias pediu a eles que não chamassem muito a atenção para evitar que algum empregado ou capanga do coronel Osório alertasse-o sobre sua presença na festa. Tobias aparentava estar cansado, com o rosto e olhos abatidos.

- E quase que fui prá terra dos pé junto! Os sordado atacou de veneta a gente no ajuntamento em Irani. Revidemo e botemo eles prá corrê, mas seu Zé Maria, por desgraça, acabô sendo morto.

- Duns tempo prá cá, o povo só tá falando nele! — comentou seu tio Osnildo.

- Tão dizendo por aí que ele é santo e tão aguardando o retorno dele! — disse dona Tica.

- Mais e vancê, meu fio. Arrumô serviço?

- Dispois do entrevero em Irani e da morte do monge, tô trabaiano na fazenda de um tal Chico Ventura, em Taquaruçu.

- Vamo lá em casa. Tem pinhão na chapa e mate.

- Agradecido, mãe, mais é mió não facilitá!

- E a Aninha? Tem notícia dela?

- Ela sempre pergunta de vancê mais...

- Eu vô percurá ela no festejo.

- Não sei se você deve fazer isso, Tobias.

- Mais por que, mãe?

- É que o pai dela arranjou um pretendente pra ela.

- E ela aceitou? – perguntou o caboclo, arregalando os olhos num misto de curiosidade e aflição.

- Não, meu fio. Ela confessou que ainda gosta de você. Mas seu Antenor tá fazendo questão de casar ela com o rapaz!

- O piaçã é filho do bodegueiro Belarmino. – disse a tia Tica.

Tobias sentiu um ódio ferver-lhe a carne; desejou encontrar o rapaz e dar-lhe um fim e fugir com Ana para o sertão, mas recobrou a lucidez. Uma morte em suas costas só iria piorar ainda mais a situação. Despediu-se de todos e desapareceu por entre a multidão.

Mais tarde, estava próximo à casa de Ana. Por detrás de uma bracatinga, o caboclo observou durante alguns minutos a varanda, as janelas e o quintal na esperança de encontrar a moça. Entretanto, parecia que não havia pessoa alguma em casa.

Teve uma ideia. Aproximou-se da casa e desatou a corrente com o crucifixo de prata que Ana lhe havia dado quando de sua fuga. Enquanto ele soltava lentamente a corrente sobre a soleira da janela da moça, imaginou, como numa sequência de cenas, o que eles poderiam ter vivido juntos. Cabisbaixo, decidiu voltar para a região do meio-oeste naquela mesma hora.

Não queria como recordação a imagem de Ana acompanhada de outro homem.

Enquanto uma parte das pessoas assistia às partidas de beisebol, outra parte se divertia com as sessões extras no cinema da Lumber. Ana estava lá, acompanhada de seus pais e de Adalberto, seu pretendente.

O filho do bodegueiro era mais alto e claro do que Tobias. Tinha os olhos verdes e um rosto fino e comprido. Era gracioso e um bom rapaz. Ajudava incansavelmente seu pai na bodega e tinha esperteza para os negócios. Quando soube que ganhara permissão para aproximar-se de Ana, buscou cobri-la de mimos e gentilezas.

Antes de entrarem no cinema, por exemplo, Adalberto comprou-lhe doce e uma garrafa de gasosa. Ele notava certa frieza por parte dela, mas acreditou tratar-se de uma questão de tempo até Ana render-se aos seus cortejos.

A primeira rodada do campeonato de beisebol finalizou por volta das onze horas da manhã. A seguir, os trabalhadores da Lumber foram a um dos gigantescos barracões da serraria para almoçar. Lá, foi servido o tradicional churrasco e costelada campeira.

Enquanto isso, em outro local da company town, os funcionários do alto escalão e os diretores da Lumber também se reuniram para almoçar. Porém, em um local muito mais requintado, na sede da serraria. Eles

contavam com a ilustre presença do magnata norte-americano Percival Farquhar, responsável pela instalação da Brasil Railway no país.

Percival era um senhor magro e alto, calvo, sobrancelhas espessas sobre olhos sagazes. O seu sorriso simpático dava-lhe certo carisma. Em pé, diante de todos os convidados, Farquhar fez um breve discurso enaltecendo a coragem e determinação do povo americano e sua tarefa divina de levar o progresso e a civilização às mais longínquas nações do mundo. Por fim, agradeceu o empenho de todos em manter tão grandioso empreendimento no Brasil. Ouviu-se uma salva de palmas e logo adentraram no recinto os garçons para servir o prato de entrada.

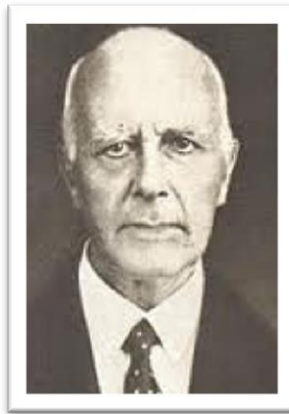


Figura 44 - Percival Farquhar foi um audacioso e controverso investidor americano que atuou em diversas áreas da economia brasileira entre 1905 e 1953. Fonte: <http://en.wikipedia.org>

Ao final da tarde, um vento frio começou a percorrer a company town. A família de Ana decidiu que era hora de voltar para casa depois de um dia repleto de novidades e diversão. Levados pela charrete de Adalberto, Ana e seus pais chegaram a casa deles ao morrer do dia. A moça agradeceu a todas as gentilezas do rapaz e, sem dar-lhe tempo para dizer algo, correu para dentro de casa. Estava exausta e por isso quis deitar-se logo.

Com a cabeça sobre os travesseiros de pena de ganso, notou algo estranho sobre a soleira de sua janela. Levantou-se e viu que se tratava da corrente de prata que tinha dado a Tobias. Significava que seu amado estava vivo e passou por aqui! – pensou ela. Várias dúvidas percorreram sua mente: Será que ele veio buscá-la ou soube do seu pretendente e deixou a corrente de prata como sinal de que lhe esqueceu? Teve um impulso de procurá-lo naquele mesmo instante, mas se conteve. No outro dia, concluiu a jovem, vou à casa de dona Conceição e saber se ela tem alguma notícia de Tobias.

A vinda do frei franciscano

Um homem atravessou correndo uma das ruas centrais da vila de Porto União da Vitória. Levava uma sacola de couro que, com o movimento da corrida, saltitava contra seu corpo. Não muito distante dele, outros três homens davam-lhe perseguição: dois policiais e um senhor alto e magro.

Os policiais apitavam e ordenavam para que o sujeito parasse, mas o que conseguiam era apenas chamar a atenção dos transeuntes. Numa esquina, ele estacou por alguns segundos e pensou qual direção iria tomar.

- E agora? Pense, Dorvalino! Pense! – falou consigo mesmo, olhando para todas as direções.

Viu, logo adiante, uma aglomeração de pessoas em torno de algumas barraquinhas. Percebeu que se tratava de uma feirinha na qual se vendiam frutas, verduras e produtos caseiros nas primeiras horas da manhã. Nada melhor que um aglomerado de pessoas para despistar seus perseguidores, pensou o homem. Precipitou-se naquela direção e logo se embrenhou entre aquela gente.

Os três ainda conseguiram vê-lo correr para a feira e continuaram a perseguição. Detrás de uma barraca em que se vendiam doces e compotas caseiras, o homem arrancou de sua sacola um burel franciscano, um longo casaco munido de túnica normalmente usado por religiosos, e vestiu-o rapidamente. Com o rosto encoberto pela túnica e a sacola escondida sob o

disfarce, o sujeito passou a caminhar tranquilamente por entre os frequentadores da feira.

- Eu não acredito que aquele canalha conseguiu escapar com todo o meu ouro!

– berrou o senhor que acompanhava os policiais, depois de recuperar o fôlego.

- Ele desapareceu como fumaça, seu Euzébio! – exclamou um dos policiais.

- Vamos continuar! Ele não deve estar muito longe! – berrou Euzébio Corrêa de Oliveira, o secretário e tesoureiro da vila.

Deixando para trás os seus perseguidores com cada vez menos esperanças de capturá-lo, o falso frei franciscano dirigiu-se à estação de trem. Antes de entrar em um dos vagões, ele teve o cuidado de olhar para os lados. Tudo estava aparentemente normal. Sentou-se em uma poltrona e, quando o trem começou a movimentar-se, retirou discretamente a sacola de couro debaixo de suas vestes. Soltou um sopro de ar pela boca em sinal de alívio. Conseguiu escapar!

Com a fortuna em moedas de ouro roubada do Euzébio, terei uma nova vida! – pensou ele e começou a refletir enquanto acompanhava a paisagem que desfilava pela janela do trem. Talvez eu abra um comércio em uma vila bem distante daqui. Não, numa vila é possível que algum conhecido do superintendente me reconheça e me entregue para as autoridades. Melhor comprar uma fazenda em algum lugar do sertão e levar uma vida sossegada, concluiu o larápio.

Era quase uma e meia da tarde. Frei Gaspar Flesch ajustava seu hábito ao corpo quando ouviu os primeiros apitos que anunciavam a chegada do trem à estação Rio Caçador. Gaspar era um homem magro, de estatura mediana. Ele tinha olhos grandes e saltados, um rosto fino, comprido e ossudo e usava um par de óculos com grossas lentes. Ao seu lado, acompanhando-o, estava o tropeiro chamado Roque. Este, ao contrário, era de estatura baixa e corpo forte. Também possuía bigode, porém longo e mal aparado assim como a sua barba. Usava chapéu de feltro marrom, de abas viradas, camisa de cor similar ao chapéu, de pano forte, e botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteger-lhe nas viagens que costumava fazer por terrenos alagados e matas densas.

Os dois aproximaram-se da plataforma, pois tinham a missão de receber um importante passageiro que vinha de Porto União da Vitória. Tratava-se do frei Evaldo Kraiz, incumbido de inaugurar novas capelas nos arredores de Curitiba. As orientações do Capítulo Provincial eram de expandir e fortalecer o catolicismo romanizado naquela região dominada por um catolicismo rústico que se caracterizava pela crença mística nas forças da natureza, pelas rezas com o propósito de curar enfermidades e pela realização gratuita de cerimônias religiosas. Experiente como catequizador e dono de uma oratória invejável, frei Evaldo Kraiz era o clérigo perfeito para esta missão.

A locomotiva, acompanhada de seus vagões de passageiros, aproximou-se da plataforma. Ao parar, a máquina negra lançou jatos ruidosos de vapor pelas suas laterais. O frei e o tropeiro acompanhavam cuidadosamente a saída dos passageiros dos vagões. A plataforma então se encheu de gente.

Ao verem um clérigo desembarcar, Gaspar e o tropeiro Roque caminbaram rapidamente em direção a ele.

- Frei Evaldo Kraiz! – exclamou Gaspar, abrindo os braços num gesto de recepção.

- Quem? Eu? – exclamou Dorvalino. Na verdade ele estava prestes a livrar-se daquele disfarce de franciscano, mas achou aquela coincidência interessante e decidiu manter o disfarce.

– Oh, sim! Sou eu! – respondeu o falso religioso, erguendo uma das mãos.

Dorvalino era um homem corpulento e de estatura mediana. Seu rosto, simpático, apresentava um par de pequenos olhos negros, um nariz carnudo e orelhas grandes e arredondadas.

- Seja bem-vindo a Curitiba, Frei Evaldo Kraiz. Eu sou Gaspar Flesb e este é Roque que lhe servirá de guia.

- Licença pra pegá suas bagage e colocá na cangalha.

– Eu estou apenas com esta sacola aqui. Não costumo levar muitas coisas em minbas viagens.

- *Ab é? Surpreendente, frei! E como foi sua viagem de trem? Espero que tenha sido agradável. – perguntou frei Gaspar, buscando ser simpático com seu visitante.*

- *O senhor não imagina como tive que correr para chegar à estação. Mas a viagem em si foi muito agradável!*

Ao saírem da estação de trem, Roque aproximou-se de sua querida mula marrom e estendeu o braço sugerindo ao falso franciscano que a bolsa também fosse levada sobre o lombo do animal.

- *Não, obrigado! Esta bolsa vai comigo. – respondeu o frei – e a recolheu para debaixo do seu braço esquerdo. Deu então um sorriso como forma de amenizar a surpresa do tropeiro.*

Os três então percorreram a vila de Rio Caçador em direção à paróquia onde passariam o restante do dia. Na manhã seguinte, bem cedo, viajariam a cavalo para a vila de Curitiba, onde Frei Rogério Neuhaus aguardava-os ansiosamente.

Lobos na pele de cordeiros

Por entre os galhos nada amáveis das roseiras, um coroinha chamado Cadinho, que se ocupava em cortá-los, avistou a aproximação de um tropeiro e dois franciscanos. O rapaz magricela largou imediatamente a tesoura de ferro e foi recepcioná-los.

Ainda no lombo do cavalo, descendo pelo carreiro que cortava um pequeno morro ao meio, o falso frei observou a igreja. Na frente, havia uma porta de entrada, modesta em largura, de bordas superiores em forma de abóbada, com detalhes em madeira e vidro. E, aos pés da porta, uma escada arredondada com três degraus feitos em pedra. Em cada lado havia uma janela com os mesmos detalhes superiores da porta e, mais acima, uma terceira, um pequeno octógono cujas divisões internas eram de madeira também. No centro da construção despontava em direção ao céu uma torre não muito alta, ladeada por outras janelas, e de cujo telhadinho saía uma magra cruz de metal. Ao lado, a morada do pároco responsável, uma casa simples, mas bem cuidada e com um belo jardim. E dele surgiu a figura sorridente de Cadinho.

- Buenas!

- Buenas, meu jovem! – respondeu o falso frei, retribuindo a simpatia do coroinha.

- Vô chamá Frei Rogério. Ele tá aguardando vanceis. – disse Cadinho e correu para dentro da casa.

Enquanto isso, o falso frei, Gaspar e Roque apearam de seus cavalos. Já era quase meio-dia e o céu azul começava a surgir entre as nuvens. O tropeiro verificou como estavam as broacas, como eram chamados os bolsões de couro colocados sobre a cangalha e que serviam para guardar a mercadoria, e passou a mão carinhosamente pela barriga da mula.

Frei Rogério Neuhaus e uma senhora baixa e corpulenta logo surgiram na porta da casa. Ela sorriu para eles, enquanto limpava suas mãos num avental florido. Já Neuhaus era um homem de feições frágeis, cabelos curtos e grisalhos, uma boca larga e olhos serenos como sua personalidade.



Figura 45 - Frei Rogério Neuhaus buscou mediar o conflito entre os sertanejos rebeldes e as autoridades legais.

Fonte: <http://www.franciscanos.org.br>

Natural de Borken, uma cidade na Alemanha, filho de um pobre agricultor e tecelão, Rogério Neuhaus teve que enfrentar diversas dificuldades para estudar e se tornar frade. Logo após sua ordenação eclesiástica, foi enviado ao Brasil e encaminhado ao estado de Santa Catarina junto com outros franciscanos alemães.

Por sua origem humilde e camponesa, Rogério Neuhaus se adaptou facilmente à vida simples e rústica que os habitantes de Lajes estavam acostumados a ter. Munido de uma pequena farmácia homeopática, começou a receitar remédios caseiros aos sertanejos. Não demorou muito para que os caboclos e os próprios colegas lhe atribuíssem poderes mágicos.

Dizem que, quando frei Rogério estava em Curitiba, nuvens de gafanhotos atacaram a cidade. Numa noite, a população, desesperada, agarrou tudo que podia como latas e panelas para fazer barulho, na tentativa de espantar os insetos que devoravam os jardins da vila. Mas fora em vão. O ruído infernal não os afugentou. Então surgiu frei Rogério e deu a benção fazendo com que boa parte dos gafanhotos fosse embora para outros campos.

Esta e outras histórias fizeram a fama do frei crescer e muitos a considerá-lo um monge. Mas havia outro concorrente que, apesar do esforço, frei Rogério não pôde vencer. Seu nome era João Maria.

Apoiado em uma bengala, Neuhaus empregou passos difíceis em direção a eles e por fim falou, sorrindo:

- *Vamos, entrem! O piaçote cuidará dos animais. E, dirigindo-se ao falso frei Evaldo Kraiz, prosseguiu – Minha casa é pequena, mas a hospitalidade é grande. Vanceis devem estar famintos. Dona Anastácia preparou um almoço formidável para nós. Considerem-se homens de sorte, pois ela é uma ótima cozinheira.*

- *Prazer em conhecê-los, Frei Rogério e dona Anastácia. Humm! Devo acreditar no senhor, pois o aroma que vem da cozinha é, com o perdão da palavra, uma tentação! – comentou o falso frei, passando as mãos sobre sua barriga.*

A senhora sorriu novamente.

Depois de lavarem os rostos e as mãos, eles então se reuniram ao redor de uma mesa sobre a qual fora colocado um viçoso frango assado ladeado de batatas douradas. Havia também outras travessas de arroz, aipim com toucinho, espigas de milho cozido e pepinos e beterrabas em conserva. Os olhos do tropeiro saltaram diante de tanta fartura. Ele não estava acostumado a ter refeições como aquela, e sim, a uma alimentação feita de toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité – uma espécie de molho de vinagre.

- *Teria a bondade de fazer a oração antes de almoçarmos, Frei Evaldo? – pediu Rogério enquanto os demais, já posicionados para o deleite gastronômico, juntaram as mãos e inclinaram suas cabeças sobre os pratos ainda vazios.*

- *Oh, sim. – em pensamento prosseguiu - E agora? Nunca fui dado a orações! Mas, mesmo assim, ele improvisou:*

*Oh, Senhor do Céu,
Abençoa os nossos pratos de comida
Para continuarmos bem a nossa vida
Amém.*

- *Confesso que não tinha ouvido uma oração tão breve. – comentou Frei Rogério.*

- *Ela é para os momentos de grande fome. Quanto maior a fome, menor a oração. – respondeu o falso frei, sorrindo.*

- *O senhor é muito engraçado, frei Evaldo.*

- *Tá certo, padre. O negócio é por prá drento! – comentou o tropeiro.*

Após alguns momentos preenchidos exclusivamente pelo som do bater das bocas, Frei Gaspar decidiu iniciar uma conversa:

- *Não sei se lhe contaram, mas vaga por estas terras um homem que atende pelo nome de José Maria. Seu nome, na verdade, é Boaventura. Ele aproveita-se da ignorância de muita gente e finge ser curandeiro e médico bem como dá aconselhamento e distribui orações.*

- *Mais ouvi dizê que cura até os enfermo desenganado pelos médico, como a esposa do fazendeiro Francisco de Almeida – interrompeu Roque.*

Os clérigos fuzilaram o tropeiro apenas com o olhar.

- *É o que o povo conta nas hospedaria e bodega, seu padre. – acrescentou Roque, baixando a cabeça.*
- *E, para piorar, diz ser irmão de um falecido curandeiro muito venerado por aqui, conhecido como João Maria de Jesus.*
- *João Maria... – repetiu o falso frei, quase para si.*
- *Sim, um andarilho que perambulava por estes sertões tempos atrás. – prosseguiu o frade franciscano.*
- *Ouvi falar desse sujeito.*
- *Sua missão não é fácil, frei Evaldo. Terá que combater a todo o momento o curandeirismo e o misticismo que cresceram como erva daninha! Prepare-se também para encontrar igrejas e capelas em estado lastimável e um povo desacostumado a ir a missas, se confessar, se casar e até batizar seus filhos nas igrejas!*
- *E muitos são seguidores fanáticos desse monge! – interrompeu Frei Gaspar.*
- *Já esse tal de José Maria – continuou frei Rogério - ao contrário de outros monges eremitas, gosta de reunir seguidores. E isso não é uma boa coisa...*
- *Façamos a nossa parte: dar combate a esses falsos profetas que surgem na pele de cordeiros, mas que são, na verdade, lobos vorazes! – respondeu o falso frei fingindo estar cheio de convicção.*
- *Certamente, frei Evaldo – e prosseguiu: - Sinto falta do trabalho missionário, mas como o senhor vê, eu estou impossibilitado temporariamente.*

Frei Rogério fraturou sua perna esquerda há alguns meses. Ao visitar a recém-inaugurada capela do Rio do Caçador, procurando explicar a nova tabela diocesana sobre taxas e contribuições eclesíásticas, foi chamado de ladrão e aproveitador por um jovem morador. Depois de sofrer tais insultos, o frade decidiu ir para outra localidade, mas antes de ganhar a estrada foi abordado por outro morador, armado, que gritou:

- Viva João Maria! Ele era um home santo que atendia o povo e não cobrava nada por isso! - e efetuou diversos disparos para o alto.

A mula do franciscano, assustada pelo som dos tiros, pinoteou várias vezes fazendo-o cair e fraturar a perna. Fora socorrido, inclusive por aquele indivíduo que efetuou os disparos, porém seu trabalho missionário teve que parar.

Desde aquele episódio, o frei desenvolveu um sentimento antagônico de pena e medo daquela gente. Pena por considerá-los ignorantes e atrasados e medo por estarem fanatizados pelo monge José Maria e capazes de qualquer coisa em nome desse fanatismo.

O religioso oscilou entre contar ou não essa passagem para seu confrade, mas decidiu permanecer calado. Não queria desestimular Frei Evaldo, concluiu ele.

O milagre

No início da manhã, o falso Frei Evaldo e seu guia Roque despediram-se de Frei Rogério e de Gaspar e partiram para os sertões.

Algumas horas depois, ao final do dia, o tropeiro decidiu que ele e o franciscano passariam a noite ao pé de uma frondosa jabuticabeira, perto de um córrego de águas cristalinas. Aproveitaram o córrego para encher os cantis de água e dar de beber aos animais. A seguir, o tropeiro fez uma fogueira para aquecê-los durante a noite assim como parte da comida que traziam (toucinho, feijão preto e farinha).

O falso frei recostou-se no tronco da jabuticabeira, retirou um pequeno diário que levava em sua sacola a tiracolo e começaram a escrever. Tomado pela curiosidade, Roque não se conteve e perguntou:

- O que vancê tanto rabisca nessa caderneta?*
- Não é uma caderneta, Roque, é um diário. Eu gosto de registrar minhas vivências neste mundo de Deus.*
- Ah, bão! Então registra isso, frei. – Roque torceu as vistas fazendo-se de estrábico.*

O frei apenas riu e balançou a cabeça.

Pouco depois, Roque sentiu uns tremeliques percorrerem todo seu corpo. Pegou sua capa e cobertores de lã de carneiro na cangalha, deitou-se

mais próximo da fogueira e cobriu-se com eles. Mesmo sentindo-se mal, adormeceu.

Os relinchos dos cavalos fizeram o guia acordar. Assustado, o homem levantou a cabeça e olhou ao seu redor. Viu que o frei dormia profundamente embora os animais mostrassem sinais de que algo os estivesse incomodando.

Girou novamente a cabeça e enxergou o vulto de um bicho peludo se esgueirando pela campina na direção do pequeno acampamento. Um par de olhos vermelhos começou a brilhar na escuridão!

- Ob, São João Maria! É o luisome da pata torta! – concluiu o guia, aterrorizado.

Passou a mão na cintura, mas a arma não estava na cinta. Gritou, mas o frei não despertou de seu sono profundo. E a criatura se aproximava...

O povo conta que o lobisomem costumava atacar e chupar o sangue do gado nas noites de luar. Os caçadores mais atentos viam que, apesar de sua agilidade, ele mancava e nas areias ou no chão barrento das mangueiras e terrenos baixos, deixava a pegada de sua pata traseira defeituosa.

- São João Maria, o morfético tá querendo o sangue da minha mulinha! – berrou Roque.

- Acorde! Acorde! – falou o falso frei Kraiz – arrancando o tropeiro das garras que não eram do lobisomem, mas de um pesadelo.

- Está ardendo em febre, homem!

Roque, ainda atordoado e molhado de suor, olhou ao redor e perguntou:

- E o desgranido do luvisome?

- Que luvisome? Vancê tava é tendo um pesadelo por causa da febre! Vou preparar um remédio de ervas!

- Ah é? Que cagaço! – exclamou o tropeiro, levando as mãos ao rosto quente pela febre, numa mescla de vergonha e alívio.

Alguns minutos mais tarde.

- Tome – disse o frei, oferecendo-lhe uma caneca – Fiz um chá de vassourinha do campo. Ela vai baixar a sua febre.

- Não sabia que o frei lidava com erva.

- Sim, meu caro. Aprendi muito sobre ervas desde que vim para o Brasil.

O homem atarracado não disse mais nada e bebeu o chá em goles lentos. Algum tempo depois, sentiu-se melhor e voltou a dormir.

No outro dia, bem cedo, os dois levantaram acampamento e prosseguiram a viagem. Enfrentaram uma manhã fria e de céu encoberto. Do alto de uma colina, eles avistaram um pequeno povoado. Um ajuntamento de ranchos ao redor de uma pousada bem conhecida dos tropeiros que por ali transitavam.

Quando chegaram mais perto, porém, notaram que a pousada estava em estado de abandono. Dos ranchos, alguns caboclos mostraram seus rostos pelas portas e janelas. Desconfiados com a presença do frei, permaneceram onde

estavam. A exceção foi um sujeito negro e franzino que deixou sua pequena horta e se aproximou, exibindo seus grandes dentes brancos na forma de um sorriso.

- Bênção, padre!

- Que Deus te abençoe, meu filho. Precisamos de água para nós e nossos animais. O senhor pode nos ajudar?

- Se aproximem! Tem água prá vanceis e um côbo ali atrais pros alimal.

Os viajantes apearam de suas montarias e o caboclo de nome Valdevino os conduziu para dentro de sua humilde casa. No casebre, ao redor de uma panela de ferro aquecida pela fogueira, os três se sentaram em cadeiras de palha. Os visitantes ganharam canecas com água da mulher do Valdevino, uma cabocla quieta, cega de um olho.

- Por que a pousada tá abandonada? – perguntou o tropeiro.

- Pois óia, dispois que fizeram a estrada de ferro e o trem começô a carregá gente e mercadoria, uns par de tropeiro ficô sem serviço. Muitas bodega e pousada como aquela acabaram fechando. Tem gente até pensando em ir prá cidade santa.

- Cidade santa? – indagou o falso frei.

- Um novo ajuntamento em Taquaruçu.

Mais tarde, os viajantes estavam novamente sobre suas montarias, preparados para continuar a jornada. A certa distância, os caboclos do povoado lbes seguiram, curiosos, mas ainda arredios.

- *Veja, padre, ali no arto! Aquele rancho era a nossa antiga capela. Se quisé, eu posso abri ela pro sinhô oiá. – comentou o caboclo.*

- *Estamos com pressa, seu Valdevino.*

- *Os pouco padres que passavam por aqui sempre visitavam a capela. – insistiu Valdevino.*

- *Óh, frei! Uma visitinha à capela num vai fazê nenhum mar ! – acrescentou o guia.*

Intimamente contrariado, o falso frei atendeu ao pedido. Desceu de seu cavalo e adentrou na capela juntamente com o caboclinho.

O guia ficou na entrada e, pouco depois, avistou um grupo de uns trinta vaqueanos, fortemente armados, chegando ao povoado. Assustado, ele decidiu refugiar-se na capela.



**Figura 46 - Vaqueanos do coronel Fabrício Vieira.
Acervo Museu do Contestado, Caçador - SC.**

- O que foi, Roque? – perguntou o falso frei.

- Um bando de vaqueano armado até os dentes tá lá fora! – exclamou o tropeiro.

Os outros caboclos tiveram a mesma reação e aglomeraram-se dentro da pequena capela. Temeroso, o falso frei escondeu rápida e discretamente a sua valiosa bolsa por debaixo do burel.

Não tardou para as sombras dos homens a cavalo surgirem diante da capela. Um deles apeou do cavalo e entrou a passos lentos. Era o líder.

Um vaqueano trajado de preto. Usava chapéu de abas largas que ocultava seu semblante, uma capa longa cobrindo os ombros e um par de botas ruidosas. À cinta, duas garruchas e um longo facão paraguaio preso às costas. Na mão direita, uma espingarda que tocava as pontas dos bancos da capela à medida que ele avançava na direção dos três.

Então ele parou e disse:

- Bênção, padre.

O falso frei balbuciou algumas vezes antes de poder respondê-lo:

- B-bênção... meu filho.

- O que faz aqui nesta terra sem lei?

- Espalhar a palavra de Deus.

- Isso é muito bom. Ainda mais quando tem tantos homens longe do bom caminho, não é mesmo padre? – o vaqueano ergueu com a ponta do dedo o chapéu revelando, assim, o seu rosto.

Roque estremeceu. Suas suspeitas tornaram-se realidade. Estava diante do conhecido Tonhão do Diabo. Depois de escapar misteriosamente da morte, Antônio formou um grupo de vaqueanos, incluindo ex-combatentes da Guerra Federalista de 1893, e tornou-se ladrão de gado e temível pistoleiro a serviço dos coronéis. Alguns diziam que ele tinha feito um pacto com o diabo e não havia golpe de facão ou projétil de garrucha ou de espingarda que pudesse atingi-lo.

O falso frei Evaldo sabia apenas que estava diante de um grupo de homens perigosos e teria que ser prudente tanto nas ações como nas palavras. Decidiu então fingir que preparava o altar para realizar a missa. Voltou-se para todos e, com os braços para cima, clamou:

- Aproximem-se, irmãos! Vamos orar ao Senhor!

Os capangas de Tonhão do Diabo olharam uns para os outros, sem saber o que fazer. A ideia do falso frei era justamente essa, deixá-los embaraçados a ponto de preferirem ir embora. Mas o líder dos vaqueanos percebeu a manobra do religioso e o provocou:

- Andava por estas parage um andarilho de nome José Maria pregando também a palavra de Deus. Muita gente é devota dele. O que o sinhô tem a dizer?

O frei sabia que a pergunta era capciosa e buscava revelar algum motivo para os vaqueanos os atacarem e roubarem seus pertences. Deveria ter muito cuidado ao respondê-la.

- *Ouvi falar dele. Parecia ser um homem de boas intenções.*

- *Mentir é pecado, padre! Sei muito bem que os padre não gostam do José Maria! – berrou Tonhão do Diabo. O vaqueano então empunhou a sua espingarda e atirou contra o frei e seus companheiros.*

O guia e o caboclo saltaram para os lados e por pouco não foram atingidos, mas o frei não teve a mesma sorte. Ele foi arremessado para trás ao receber o disparo na barriga.

Tonhão do Diabo recarregou a arma para o segundo tiro.

- *Que tá fazendo, Tonhão?! O homi é um padre! E nós tamo numa igreja! – berraram os vaqueanos.*

Porém, todos testemunharam algo surpreendente acontecer. O padre ergueu-se lentamente diante deles. Apesar de atordoado e com um buraco no seu burel, estava ileso.

- *O padre ressuscitou! É um milagre! – gritaram alguns apontando para o frei enquanto outros faziam o sinal da cruz diversas vezes.*

- *Bamo embora! – disseram os vaqueanos, tomados pelo medo.*

Os habitantes dali, por sua vez, ganharam coragem e falaram em voz alta aos bandidos:

- *O padre é home santo! Deixem ele em paiz, seus herege!*

Tonhão baixou sua espingarda e, diante dos pedidos insistentes de seu grupo, ordenou:

- *Simbora, tigrada! Simbora!*

O grupo de vaqueanos saiu rapidamente do povoado e galopou para longe dali deixando para trás apenas um rabo de poeira suspenso no ar.

Dentro da capelinha, os caboclos cercaram o falso frei querendo tocá-lo como se fosse um ser divino.

- Temo que levá o frei milagroso prá cidade santa! O lugar dele é lá, aguardando o retorno do Zé Maria! – berrou Roque.

- Não! Esperem! O que me salvou foi essa... – a pequena multidão de caboclos não lhe deu ouvidos e o carregou para fora, em direção aos cavalos.

Entretanto, por diversas vezes, o falso franciscano teve oportunidade de mostrar a sacola cheia de moedas que lhe protegeu do disparo, mas teve receio que aquela gente roubasse sua fortuna. Decidiu então permanecer calado e aguardar uma oportunidade para escapar daquela bizarra situação.

E lá foi o falso frei, conduzido por uma multidão de sertanejos para um destino bem diferente do qual ele planejara. Mas não foi só ele que teve surpresas.

Frei Rogério Neuhaus, como costumava fazer durante as tardes, foi tirar a sua soneca, logo após despedir-se do suposto colega eclesiástico. Mas minutos depois, ouviu o coroinha Cadinho entrar abruptamente em sua casa gritando seu nome. Não satisfeito, o rapazote ousou abrir a porta do quarto onde ele repousava.

- Que bicho te mordeu para entrar assim nos meus aposentos, Cadinho? – perguntou o clérigo, ainda com o gorro cobrindo-lhe a cabeça.

- *Frei Rogério! Ele chegou de novo!*

- *Ele quem, criatura de Deus?*

- *O frei Evaldo Kraiz!*

- *Não estou te entendendo! Ele voltou?*

- *Não! É outro frei! Ele falou que não buscaram ele na estação, então teve que pedi ajuda prá chegá até aqui!*

Frei Rogério ficou paralisado sobre a cama por alguns momentos até seu cérebro conseguir escapar daquele emaranhado de pensamentos.

O segundo reduto em Taquaruçu – A Cidade Santa ou Nova Jerusalém

*“Sempre foi muito querido
Nosso bão Zé Maria,
Com certeza há de vortá
Lá por mais ou menos dia.”*

A história da morte do monge José Maria percorreu todos os recantos do sertão e, em cada rancho, em cada bodega, em cada fazenda ou vila, ela ganhava novos detalhes. Desde sua morte, já se falava que o monge teria previsto o seu trágico destino e dito aos seus seguidores mais fiéis que retornaria, após um ano de sua morte, com o invencível Exército Encantado de São Sebastião. Começaria, então, a guerra santa que muitos diziam ter sido anunciada vinte anos antes pelo monge João Maria.

Certa vez, Tobias ouviu de um morador de Timbozinho a seguinte sentença carregada de convicção:

- O senhor José Maria morreu no primeiro combate conforme ele tinha dito. Mas no dia em que completar o ano, ele vortará com o Enzército de São Sebastião. Feliz daquele que avistá a cola do cavalo de São Sebastião!

O mês de dezembro de 1913 iniciou quente, mas permeado por fortes pancadas de chuvas. Chico Ventura ajudava seu empregado Tobias na

marcação do gado quando viu chegarem algumas famílias e uma tropilha de mulas carregadas reunirem-se em torno de uma igreja de madeira próxima de sua casa. Enrugou o rosto em desaprovação e perguntou em tom de reclamação:

- O que essa gente tá fazendo nas minha terra?

Não demorou e um casal acompanhado de uma mocinha aproximou-se dele e de seu empregado. Chamavam-se Eusébio, Querubina e a mocinha, sua neta órfã de mãe, Teodora. Havia um brilho de euforia e entusiasmo em seus semblantes.

- Compadre, José Maria tem falado com minha neta por meio de visões.

- Capaiz! – exclamou Ventura.

- O santo monge disse prá ela que tá chegando a hora da sua ressurreição!

- E ele vai ressuscitá aqui?! – indagou Tobias.

- Sim! E é por isso que viemo tudo nós prá cá. Compadres, temo que avisá o povo que a hora tá chegando! – disse Querubina, cheia de esperanças.

O próprio Chico Ventura e Tobias empenharam-se em avisar os habitantes da região de Lages e sul de Curitiba. Diziam ao povo para visitar o reduto. Em poucos dias, aquele pequeno ajuntamento ao redor da igreja de madeira tornou-se um arraial de casebres feitos de rachões de pinheiros e telhados de folhas de palmeiras, entrecortados por diversas ruelas de chão batido. Apesar de desafiar as autoridades locais, especialmente o coronel Albuquerque, famílias inteiras continuavam a chegar da serra de São Sebastião, de Tamanduá e do Timbó, Curitiba, Campos Novos e até de

Canoinhas e do Irani. Em determinado momento, seus moradores passaram a chamar aquele local de Cidade Santa ou Nova Jerusalém.



Figura 47 - Vista parcial de um reduto.
Fonte: <http://www.tresbarras.xpg.com.br>

Ao voltarem da jornada que empreenderam pela região, Ventura e Tobias se surpreenderam com o número de pessoas que aguardavam, em clima de festa, o dia da ressurreição do monge. Eles apearam de seus cavalos e se aproximaram de um grupo de homens que mateava e conversava animadamente. Entre eles estava Euzébio. O velho se ergueu e lhes disse:

- Sejam bem-vindos, compadres! Quero mostrá a vanceis uma coisa! – retirou do seu bolso um canivete – Ele foi feito por Deus! – falou o velho. – Óie nessa lente e me diga o que vê, fño.

Tobias aproximou os olhos da lente e viu a imagem de uma cidade.

- Como um canivete tão pequeno pode ter uma cidade tão grande dentro dele?

- *Viu, piá? É Taquaruçu. Não falei que esse canivete foi feito pelas mão de Deus?*

- *Ozébio! Venha aqui! – gritou a sua esposa da porta de um casebre.*

- *O que foi, muié? – o velho atendeu o chamado e dirigiu-se a um dos ranchos onde sua neta Teodora costumava atender o povo que lhe procurava. Entrou e avistou a menina num canto da casa, uma mameluca de olhos azul-esverdeados, grandes e fulgurantes, mas que agora choravam. Ela reclamou que estava farta daquela vida no reduto e desejava voltar para a sua antiga morada.*

Depois de ter uma longa conversa com a menina e a sua mulher, Euzebio contou aos sertanejos que a virgem havia transferido o aço, ou seja, o dom de receber as mensagens de José Maria, para o filho deles, o Manoel.

O título “virgem” dado a algumas mulheres do reduto referia-se a uma habilidade espiritual e não a sua castidade. Assim, não era raro muitas mulheres denominadas de virgens terem um ou mais filhos.

O povo da cidade santa recebeu muito bem a mudança na liderança religiosa e passou a chamar Manoel, um rapaz de 18 anos, de menino-Deus ou menino de Deus. Como porta-voz de José Maria, o jovem Manoel fez com que o reduto tivesse suas próprias leis, regimentos e costumes. A cada ida ao interior da mata para falar com o monge, o menino-Deus retornava com novas orientações a serem seguidas pelos moradores do reduto. Além disso, Manoel dizia ter o poder de indicar quais os ramos ou árvores da mata que foram

tocados recentemente por José Maria. Estes se tornavam objetos de veneração, inclusive os lugares pelos quais o próprio menino-Deus costumava passar.

Assim como outros sertanejos redutários, Tobias sentiu-se livre do poder dos coronéis, livre das críticas feitas constantemente pelos freis franciscanos à memória dos monges João Maria e José Maria e livre das injustiças impostas pela nova República. Ele fazia parte agora de uma grande irmandade na qual todos passavam a dividir seus alimentos, seus víveres e as terras circunvizinhas do reduto. Era como o monge José Maria costumava dizer: “Quem tem mói, quem não tem também mói e no fim todos ficam iguais!”. Moer aqui significa triturar o milho ou a mandioca no pilão. Os que tinham colaboravam com os que nada tinham e todos viveriam como iguais. Era, portanto, a formação de um comunismo caboclo.

A rotina na cidade santa era de rezas, procissões de louvor e cantorias. As procissões eram realizadas de duas a três vezes por semana seguindo uma rígida ordem: Manoel abria o desfile, acompanhado pelas virgens, depois as casadas sem filhos, em seguida as casadas com suas filhas – com as quais desfilava o velho Euzebio – e, encerrando o cortejo, os homens armados e seus filhos.

Todos os dias, mesmo quando não se realizavam os cortejos, faziam-se as chamadas formas, ou seja, as reuniões de todos os moradores do reduto, enfileirados de acordo com o sexo e a idade. Juntos, eles davam vivas a São

Sebastião, a João Maria, a José Maria e à monarquia, que era considerada a lei de Deus.

Nos horários das refeições, os redutários costumavam preparar uma bandeja de iguarias para que Manoel a levasse à mata e a servisse a José Maria. O rapaz voltava de lá com a bandeja vazia, pois segundo ele, o monge havia se servido.

E, ao final do dia, durante o crepúsculo, todos se reuniam novamente para formar o quadro, isto é, fazer orações exclusivamente para o santo curandeiro. Durante esses quadros, às vezes o menino-Deus apontava para o céu e dizia:

- Tão vendo o José Maria a cavalo naquelas nuve?

A excitação religiosa era tão grande que a resposta dada por todos era sim. As mulheres choravam e se benziam; já os homens observavam atenciosos e crentes o céu.

Entretanto, certa vez um caboclo, depois de ter tomado bons goles de cachaça, ao olhar para as nuvens, respondeu ao rapaz:

- Não tô vendo bosta nenhuma!

Tobias, que estava próximo do infeliz, liderou um grupo de homens que o golpeou com porretes e o fez se retratar perante o menino de Deus.

Numa manhã, todos estavam em polvorosa, pois a jovem Maria Clara e outros sobreviventes do Irani chegaram à cidade santa. Tobias tinha ouvido falar dos feitos heroicos dela e suspeitava que se tratava da mesma moça

que lhe salvou naquela batalha. Prepararam cuias de chimarrão e uma churrascada para os recém-chegados. E desse reencontro, multiplicaram-se relatos, alguns detalhados, outros exagerados, da luta contra os soldados do Governo, da morte do coronel João Gualberto e, principalmente, de José Maria.

Depois de se reunir ao animado e numeroso grupo, Tobias teve suas suspeitas confirmadas: a moça-guerreira e a Maria Clara eram a mesma pessoa. Tobias acorrou-se perto dela e, entre uma cuia e outra, contemplava-a discretamente. Maria era uma cabocla de pele morena rosada, estatura média e porte vigoroso. Possuía um rosto bonito do qual se destacavam os olhos negros vívidos e a boca carnuda. De sua cabeça deslizava um longo cabelo negro e encaracolado. Risonha, Maria estava de cócoras, próxima de sua mãe e rodeada pelas crianças que a abraçavam carinhosamente.



Figura 48 - O movimento rebelde certamente teve a participação de corajosas mulheres que inspiraram diversas figuras lendárias como a de Chica Pelega. Fonte: <http://causosdocorisco.blogspot.com.br>

Dias depois, ergueram um galpão, ao lado da igreja, onde cuidariam dos doentes e dos idosos da comunidade. Maria Clara se tornou a principal responsável por essa tarefa devido aos seus excepcionais conhecimentos sobre ervas medicinais e à maneira especial com que tratava as pessoas. Mas ela não atendia apenas as pessoas, possuía aptidões também no trato com os animais. Vez ou outra ela cuidava dos cavalos ou do gado que o reduto tinha.

Não tardou para que ela fosse admirada por todos e se tornasse, depois de dona Querubina, a mulher mais importante da Cidade Santa. Recebeu, pelo seu esforço e popularidade, diversos mimos e presentes como, por exemplo, um cavalo de um fazendeiro.

Maria Clara costumava reservar algum tempo para buscar ervas medicinais para seus enfermos. Se as ervas fossem facilmente encontradas nas

redondezas da Cidade Santa, ela convidava sua mãe e as crianças para irem juntos. Caso fossem ervas mais raras e distantes do reduto, ia a cavalo, geralmente sozinha.

Numa dessas buscas, voltou frustrada, pois não encontrara uma determinada planta. Tobias, que acabara de negociar couro e erva-mate por mantimentos como sal, açúcar, farinha e munição no comércio da região, a viu na entrada da cidade santa. Percebeu o desapontamento da moça e se aproximou dela fazendo a seguinte pergunta:

- Por que a cara feia, Maria Clara?

- Buenas, Tobias. Andei por esses descampado todo e não encontrei vassourinha .

- Vem comigo! Sei de um lugar que tem essa erva!

Tobias e Maria Clara então seguiram a cavalo cortando velozmente os campos verdejantes que circundavam a cidade santa. A certa altura, os dois jovens decidiram, por brincadeira, disputar uma corrida para ver quem chegaria antes ao topo de um pequeno morro ao norte do reduto. Enquanto isso, eles riam muito e sentiam a brisa quente do verão tocar-lhes os rostos. Eram os sentimentos de felicidade e liberdade que há tanto tempo ambos perseguiram em suas vidas. Lá em cima, eles apearam de seus cavalos e, sentados sobre a relva, admiraram a paisagem que se descortinava a sua frente.

- Eu também tava na peleia do Irani. – comentou Tobias, com a voz tímida.

- Foi uma luta medonha. Quando vim a sordadesca, nós tava tudo cercado. Era nós ou eles!

- E você salvô a minha vida, Mariazinha. Só agradecido por isso!

- Temo que se defendê como se a gente fosse da mema família! Mais me conte, Tobias, de onde é?

- Eu sou da localidade do Rio dos Bugre, perto das Três Barras. Eu vivia com minha família até chegarem os capanga da Lumbre e mandarem nós embora de lá. Deram um prazo de três dia, mais na traije vortaram no dia seguinte e acabaram matando meu pai. Fugimo prá casa dum tio que é agregado. Dispois acabei me desentendendo com o coroné que era patrão do tio e tive que fugi prá cá. E você, Mariazinha, deve de ter a mesma história triste prá conta, né?

- Aqui, quase todos têm. Minha família vivia no Rio Grande do Sul e meu pai trabalhava como peão de fazenda. Um dia, decidiram se mudar prá Estação de Marcelino Ramos prá tê uma vida mió, mais os segurança da empresa também chegaram nas nossas terra e disseram que nós tinha que sai de lá. Um dia, vortando da roça eu e minha mãe, encontremo meu pai e meu tio morto na frente de casa. Os mardito segurança mataram eles e inté incendiaram a casa e o paiol. — Maria fez uma pausa, buscou forças e prosseguiu sua dramática narrativa — Fiquemo apavorada e fumo pedi ajuda na casa do meu noivo que morava perto. Chegemo lá, os segurança também tinham matado ele e toda a família dele. Choremo até não aguentá mais e, sem

sabê o que fazê e nem prá onde ir, se embrenhemo no mato só com as ropa do corpo. Acabemo se ajuntando com outros na mesma condição e o restante mecê já sabe.

- Mais agora temo motivo prá se alegrá! Zé Maria vai vortá com o Enzército Encantado e ninguém mais vai expursá nós das nossa terra!

- E nunca mais um irmão cabôco vai passá fome e frio!

Os dois continuaram por alguns instantes, lá de cima, admirando a Nova Jerusalém rodeada pelos belos capões e campos verdejantes que se estendiam até o horizonte.

O mediador frei Rogério Neuhaus

A notícia do surgimento de um novo ajuntamento de grandes proporções em Taquaruçu alarmou as autoridades catarinenses. Conforme pedido do coronel Albuquerque, do bispo de Florianópolis e do governador do estado, frei Rogério Neuhaus chegou à Cidade Santa, acompanhado por Praxedes Gomes Damasceno e Cyrino Chato, com o propósito de avisá-los de que as forças do governo rumavam para aquele local e tentar, dessa forma, dispersar os sertanejos.

Os membros da comissão de paz não perceberam, mas a sua entrada no reduto estava sendo acompanhada atentamente por um misterioso homem trajado num burel franciscano.

Diante da entrada principal, frei Rogério pediu aos homens que guardavam o acesso ao reduto:

- Gostaria de falar com os líderes mais velhos.

Pouco depois, surgiram Euzébio e outros caboclos. Eles ouviram o pedido do frei para voltarem as suas casas, mas o velho, por fim, lhe respondeu:

- Eu não posso decidir nada, isto compete ao nosso comandante!

- Tragam-no, por favor. — insistiu frei Rogério - Santo Deus! É apenas um menino! — exclamou o clérigo ao ver que toda aquela gente era liderada por um adolescente. O jovem Manoel se aproximou com uma escolta de 30 homens que empunhavam ameaçadoramente espadas e facões.

- *Sou eu quem manda aqui, seu corvo! – o rapaz apontou o dedo indicador para si mesmo.*

Era um rapaz magricela e alto. Seus cabelos castanhos e longos pendiam sobre a testa curta. Uma sobrancelha colada e espessa corria sobre seus olhos vívidos. Deu mais alguns passos em direção ao frei e disse:

- *Eu até respeito os padre de boa vida, mas vancê não passa de um ladrão de dinheiro! Ouvi diçê que vancê vai inté nos baile no rio do Peixe!*

Nisso, Dona Querubina intrometeu-se na conversa, ainda mais alterada que seu filho:

- *Os padre não vale nada!*

Frei Rogério ficou espantado com tanta agressividade e buscou reagir:

- *O que houve com vanceis? Antes me respeitavam e agora estão mudados!*

- *Liberdade! Estamos agora em outro século! – respondeu Euzébio, erguendo a sua espada.*

- *Eu só vim avisá-los de que, se permanecerem aqui, serão atacados pelos soldados do governo!*

- *E eles vão té corage de vir aqui? – exclamou um dos sertanejos.*

- *Sem dúvida! – retrucou o frade.*

- *Estamos debaixo da proteção da Virge Maria! – disse seu Euzébio e, levantando a mão sobre a cabeça, deu pulos e gritou:*

- *Graças a Deus!*

- *Nós estamos aqui por ordem de Deus! – acrescentou Chico Ventura.*

- E o senhor, seu Euzébio, por ordem de quem está aqui? – perguntou o franciscano.

- Por ordem de São Sebastião, o rei da glória!

- E onde está ele? – retrucou o clérigo.

- Tá vendo aquela capoeira seca? São Sebastião e seu enzérvito tão lá!

- Meu amigo, deixe disso ou o senhor vai acabar se dando mal!

Enfurecido, o velho Euzébio ergueu a sua espada contra o frei e falou:

- Se o sinhô não acredita nas palavra do enviado de Deus, apanha já!

- Não faça isso, seu Euzébio! Vanceis são como meus filhos. Quero bem a vós todos. Por favor, voltem para suas casas enquanto há tempo!

- Nós bamo ficá, padre! – respondeu Euzébio.

- Então eu vos convido para uma missa que celebrarei amanhã cedo para pedirmos a Deus que nos ilumine e nos faça refletir melhor sobre esta questão.

Os sertanejos não lhe responderam, apenas observaram-no se afastar juntamente com seus acompanhantes em direção à saída da Cidade Santa.

Na manhã seguinte, frei Rogério preparou cuidadosamente a missa que seria realizada no próprio reduto. Depois, ficou em pé, de costas para o altar, encarando a porta por longos minutos. Mas nenhuma viva alma entrou na igreja. Sentou-se em um dos bancos da primeira fila e começou a orar em silêncio. De repente, o mesmo homem em trajes franciscanos que lhe observara chegar ao reduto adentrou na igrejinha e fechou a porta. O frei, ao ouvir os passos nervosos no chão, voltou-se para trás e exclamou:

- O que vancê faz aqui, seu farsante?

- Perdão, padre! Eu não pretendia enganar o senhor. As coisas foram acontecendo e acabaram fugindo do meu controle! Mas a questão é que essa gente acredita que sou um curandeiro milagroso e agora me mantém aqui!

- O que quer de mim?

- Me tire daqui, frei! Diga-lhes que não podem aprisionar um membro da igreja. É um grave pecado e Deus os castigará! – falou o falso frei, ajoelhando-se diante do franciscano.

- Eles não me ouvem mais. Veja com seus próprios olhos! Quantas pessoas vieram à minha missa? – frei Rogério estendeu seu braço sobre os bancos vazios da igreja e finalizou - Nem com a vinda dos soldados eles não se preocupam mais!

- Vinda dos Soldados?! – o falso frei arregalou os olhos e iniciou uma verdadeira súplica: - Frei Rogério, eu lbe imploro! Ouça-me, eu tenho escondido debaixo das minhas roupas uma fortuna em moedas de ouro! Eu darei parte dela à igreja se me ajudar a sair daqui!

- O que está dizendo, homem? Vancê deve estar tão louco quanto os demais deste reduto!

- Não, frei! Eu mostro pro senhor...

Naquele instante, entraram rapidamente na igreja Cyrino Chato e seu filho Benedito.

- Venha com a gente, frei Rogério. Seu Euzébio e os outros querem que o sinhô vá embora do reduto o quanto antes! – disse Cyrino.

Para evitar pânico por parte do frei, Cyrino resolveu não contar a ele que os sertanejos cogitaram em espancá-lo, degolá-lo ou, como sugeriu Dona Querubina, castrá-lo.

O falso franciscano teve que retornar ao galpão, ao lado da igreja, onde os doentes recebiam os devidos cuidados. Sua função era a de auxiliar Maria Clara no armazenamento de plantas e ervas medicinais em trouxas de pano e na preparação de chás e unguentos.

- O que houve, Freizinho? Tá tremendo mais que vara verde! – perguntou Maria Clara.

- Ouvi dizer que as tropas do governo estão marchando prá cá!

- Fiquei sabendo também. Mais São João Maria vai protegê a gente!

- Por que acredita tanto nesse monge João Maria?

- Porque foi graças a ele que eu vim ao mundo, Freizinho! Minha mãe Rosalina conta que ela queria muito embuchá, mais não conseguia de jeito nenhum. Entaonces, meu pai, certa veiz, catô uns restos de carvão da fogueira que João Maria tinha feito dias atrais, quando passou por lá. Minha mãe pegô os carvão e fez duas trouxinhas de pano prá eles usarem no pescoço como amuletos. Dispois disso, o ânimo pro trabaio melhorô, as coieita aumentaram, os bicho de criação se multiplicaram e minha mãe embuchô de mim. E é por isso que sei lidá com as erva e com os bicho! Sô querenciada do monge!

- *Queria muito acreditar nele.*

- *Prá um homi de Deus, vancê tem pouca fé!*



O primeiro ataque à Cidade Santa de Taquaruçu

*“Vocês são como nós semo
Brasileiro restoiado;
Só porque lês dão a farda
Vem matá os desgraçado?”*

Após o aviso de frei Rogério e de tantos outros sobre a aproximação dos soldados, Manoel consultou José Maria e do mato retornou com a seguinte mensagem:

- Se forem atacados, não precisarão revidar, pois o monge surgirá em toda a sua glória acompanhado daqueles guerreiros que tomaram no Irani e darão combate às tropas do governo.

Apesar da crença no Exército Encantado, os sertanejos não deixaram de se organizar de várias formas para o confronto. Sob as orientações do menino de Deus, os devotos de José Maria passaram a usar cabelos rentes à cabeça e, a partir disso, foram chamados de “pelados”, em oposição aos “peludos” como sendo aqueles das forças do governo.

Os “pelados” também usavam em seus chapéus fitas brancas que deslizavam como “barbicachos”. Outro elemento para a construção da

identidade dos devotos de José Maria foi a criação de uma bandeira. Nas formas e, mais tarde, nos piquetes de incursão, os sertanejos passaram a carregar uma bandeira branca com uma cruz verde ao centro.



Figura 49 - Bandeira dos rebeldes sertanejos.

Fonte: <http://www.marcocezar.com.br>

Em relação ao trânsito de pessoas na Cidade Santa, passou-se a ter um controle maior do que antes. Uma vez dentro do reduto, dificilmente alguém poderia sair, a menos com autorização de uma das lideranças sertanejas.

Preocuparam-se também em montar as chamadas “guardas” nos pontos estratégicos de acesso ao reduto. Nelas, havia uma dezena de casas e um cruzeiro sobre o qual se reproduziam as formas praticadas na Cidade Santa. Além de fornecer alimentos por meio do cultivo de pequenas roças e da criação

de animais, as “guardas” tinham como objetivo principal vigiar e proteger o reduto central de possíveis ataques.

Por fim, outra medida tomada pelo jovem Manoel foi a de formar os “pares de França” ou “Pares de São Sebastião”, isto é, um grupo de sertanejos fiéis que tinha como responsabilidade intermediar o chefe religioso e o grupo e constituir uma guarda de honra para recepcionar José Maria ressuscitado.

Esta decisão foi baseada na interpretação do livro “História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França”. A obra tinha como personagem central o soberano franco que possuía importantes cavaleiros que se destacavam pela honra, coragem e fé cristã. Eram capazes de enfrentar numerosos exércitos inimigos e realizar inacreditáveis façanhas com o auxílio do poder divino e de suas fantásticas espadas. Acredita-se que tal obra foi levada ao reduto por um caixeiro chamado Eufrásio Marcondes.

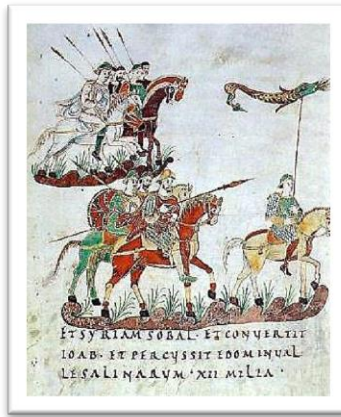


Figura 50 - Ilustração de Carlos Magno e seus fiéis cavaleiros.
Fonte: <http://www.revistadehistoria.com.br>

Em seu auge como chefe supremo da Cidade Santa, o jovem Manoel reuniu os fiéis no Quadro Santo e declarou que iria “em espírito” subir às nuvens e conversar cara a cara com os santos. Desfeita a forma, o rapaz entrou em um galpão de festas e jogou-se no chão, resfolegou e se esperneou como um animal ferido. Voltou depois de meia hora e, com os olhos esbugalhados, sentou-se no chão, bocejou ruidosamente e, esticando os braços, falou a todos:

- Comunico que vai tê uma grande guerra. De muita duração. Nós com seu Zé Maria é que bamo vencê. Mais não vai tê forga. Gente nossa contra nós e nós contra gente nossa. O enzército de São Sebastião com São Jorge na frente vão tá nas nuve prá nos livrá dos males; e São Miguér, com os anjo, prá nos livrá dos ares. E atenção: quando notarem que tô dormente, não quero bulba

por perto; nem bulício de criança, nem zum-zum das miúé! E tem mais: preciso ter duas virge escolhida ao meu lado, prá me dá assistência. Só assim “seu” Zé Maria agarra força prá ressuscitá!

A declaração de que precisava de duas virgens provocou uma grande indignação, principalmente entre as mulheres do reduto.

- Onde é que já se viu uma proposta dessas? – berrou Maria Clara.

- O menino era de Deus e agora virô num menino do capeta! – gritou outra.

- Bamo destroná o bicho e é agora! – propuseram os homens.

Quem guiaria os fiéis da Cidade Santa? Seu Euzébio não soube qual atitude tomar, mas foi dona Querubina que, rapidamente, resolveu o impasse. Na mesma hora, convocou os Pares de França e, apresentando outro de seus netos, Joaquim, mais conhecido como Quinzinho, fê-los aclamarem como o novo menino de Deus, antes que houvesse alguma revolta.

E, para acalmarem os ânimos, principalmente das mulheres do reduto, Joaquim, sob a orientação de sua avó, mandou dar uma surra de vara de marmelo em Manoel para tirar-lhe a santidade. Depois daquilo, Manoel desapareceu de Taquaruçu e nunca mais se ouviu falar dele.

Enquanto isso, as forças militares dos governos estadual e federal mobilizavam-se para atacar o reduto de Taquaruçu. Segundo os planos de Gustavo Lebon Régis, capitão do exército e secretário-geral dos Negócios do Estado de Santa Catarina, três destacamentos militares atacariam Taquaruçu vindos de direções diferentes.

Do norte, a partir da estação Rio Caçador, no vale do Rio do Peixe, desceram 100 soldados do capitão Adalberto de Menezes; do sul, desde Herval e Campos Novos, subiram 60 soldados do capitão Esperidião de Almeida; da vila de Curitibaanos, marcharam rumo noroeste, 60 praças da Polícia Militar de Santa Catarina liderados pelo capitão Euclides de Castro.

Eram ao todo 220 combatentes bem equipados e armados, inclusive, com algumas metralhadoras. Incorporaram-se a cada destacamento guias recrutados na área e piquetes de civis armados, chamados de patriotas. Eles deveriam se encontrar em Taquaruçu no dia 29 de dezembro de 1913.



Figura 51 – Movimentação de tropas federais em Porto União - SC. Fonte: <http://www.diariocacadoreense.com>

Entretanto, as tropas mostraram-se despreparadas para enfrentar as dificuldades que lhes aguardavam ao longo do caminho até o reduto de Taquaruçu. Os soldados do capitão Adalberto de Menezes, por exemplo, não

sabiam conduzir as tropas de mulas e muitas delas derrubavam a carga ou disparavam com o que lhes era colocado sobre o lombo.

Outro problema era a falta de conhecimento das tropas sobre o estado precário das estradas e os terrenos acidentados que acabaram cansando muitos soldados, obrigando-os a parar diversas vezes.

O medo de enfrentar inimigos supostamente protegidos por forças divinas e combater em solo sagrado foi outro elemento que desmobilizou as forças militares do governo. A tropa vinda de Campos Novos nem chegou a avistar os sertanejos, pois o pânico tomou conta dela provocando a sua retirada. A outra que vinha de Caçador debandou na primeira troca de tiros com os redutários.

A única tropa que realmente chegou a enfrentar os sertanejos foi aquela da vila de Curitibaanos. O capitão Euclides de Castro e os praças avistaram uma guarda a poucos quilômetros do reduto. Eles não sabiam, mas apenas oito homens protegiam o posto de guarda enquanto a maior parte estava deitada no capinzal ou escondida entre os arbustos mais próximos do reduto esperando o melhor momento para formar o entrevero.

Capitão Euclides ordenou aos praças que avançassem em duas colunas com o objetivo de cercar a guarda. A seguir, pediu que montassem uma metralhadora em um ponto estratégico do terreno.

De repente, os praças ouviram frases gritadas no interior da mata. Assustados, eles se voltaram para um dos flancos e avistaram uma amazona

de longos cabelos negros surgir por entre a vegetação e gritar novamente em alto e bom som:

- Viva José Maria!

Era Maria Clara, a moça-guerreira, abrindo caminho por entre as linhas inimigas a golpes de facão. Atrás dela, seguiam Joaquim, seu Euzébio, Tobias e outros cavaleiros sertanejos.

Começou o tiroteio.

A metralhadora lançou uma rajada de projéteis contra Maria Clara e seu grupo. Seu Euzébio, que carregava a bandeira do reduto e também gritava vivas, foi atingido na perna, mas conseguiu refugiar-se na mata.

Depois de duas ou três rajadas, a metralhadora engasgou. Maria Clara, que estava nas redondezas, soltou um grito de euforia. Tobias fez um sinal para que ela o seguisse. O rapaz soltou o laço dos tentos, jogou uma armada certa e laçou a metralhadora. Virou a rédea do cavalo e voltou arrastando-a pela chinha. Maria Clara, que vinha logo atrás, dava golpes de chibata na metralhadora que quicava sobre a terra.

Naquele momento soaram os clarins, anunciando a retirada das forças do governo. Tomados pelo medo, os praças acabaram abandonando pelo caminho seis cargueiros de mantimentos e boa parte de seu armamento e equipamento pessoal a fim de deixá-los mais velozes durante a fuga. Pouca coisa os redutários aproveitaram, pois consideravam os pertences de seus inimigos como impuros. Queimaram tudo o que podiam, exceto bonés, túnicas

e distintivos militares, os quais foram dependurados ao longo do caminho de Taquaruçu como sinal de vitória e, ao mesmo tempo, intimidação às outras possíveis incursões inimigas.

Quando Tobias e outros companheiros sertanejos vasculhavam as redondezas em busca de outras armas, encontraram um praça recostado num tronco de imbuia, gravemente ferido.

- Não sou inimigo de vocês! Eu também sou crente de João Maria! Fiquei aqui escondido, esperando a refrega terminar para me entregar e fazer parte do grupo, mas acabei ferido! – disse o praça.

- Tem alguma prova de sua fé em João Maria, sordado?- indagou Tobias, do alto do seu cavalo.

- Tenbo sim! – o praça, trêmulo de dor, retirou debaixo de sua farda um patuá com a imagem do monge.

- E agora? O que fazemo com esse peludo? – perguntou um dos sertanejos.

- O sordado não tem culpa, foi mandado! Bamo levá o crente prá Cidade Santa. – Tobias respondeu.



**Figura 52 - Armas usadas durante a Guerra do Contestado.
Acervo do Museu do Jagunço da Cidade de Taquaruçu, Fraiburgo – SC.**

Após o término da luta, o velho Euzébio, o menino Deus Joaquim, Maria Clara e Tobias foram recebidos como heróis na Cidade Santa. Organizou-se uma verdadeira festa e ninguém deixou de narrar as façanhas dos sertanejos, principalmente a de Tobias que laçou uma metralhadora.

- Não falei que São João Maria ia protegê a gente, Freizinho? – comentou Maria Clara, erguendo o seu facão de madeira para o falso frei que também estava presente na comemoração.

Freizinho não quis fazer nenhum comentário, apenas juntou as palmas das mãos e agradeceu a Deus por ter mais tempo para planejar a sua fuga daquele lugar.

No outro dia, Maria Clara e o seu auxiliar franciscano estavam em seu trabalho habitual de cuidar dos enfermos, inclusive do praça que fora trazido ao reduto. Apesar de seus esforços, o estado do praça piorou.

Antevendo que lhe restava pouco tempo de vida, ele segurou o braço de Maria Clara e pediu:

- Moça, quero que me tirem o fardamento e me ponham em roupa paisana. Quero morrer paisano.

Maria Clara e o falso frei fizeram a sua vontade. Pouco depois da troca do traje, o praça morreu. Realizou-se a seguir um respeitoso velório e na hora do enterro a farda foi incinerada ao lado da sepultura numa cerimônia que comoveu a todos.

O segundo ataque à Cidade Santa de Taquaruçu

*“Era sangue que jorrava
Com a lama misturando,
Virô tudo num inferno
Nada mais ficô sobrando.”*

Nos primeiros dias de janeiro de 1914, ainda sob o clima de vitória, Quinzinho recebeu uma terrível mensagem vinda dos céus. Seu Balduino, um dos membros do conselho dos Pares, anunciou-a na forma que se organizou a seguir:

- Um novo ataque das força do governo, agora impossível de defendê, vai acontecê logo em breve.

Os redutários entreolharam-se como não acreditando no que acabaram de ouvir. E seu Balduino prosseguiu:

- As instrução de Zé Maria são prá abandoná às pressas a Cidade Santa e seguí prá Caraguatá onde vai sê erguida uma nova cidade. Os véio, as muié, os doente e as criança que não pudé se mudá agora, que aguardem um pouco mais.

- Seu Balduino! – gritou Maria Clara – Quero ficá prá cuidá dessa gente!

- *Sim, Mariazinha. Com a tua ajuda, eles vão prá Caraguatá inté mais antes.*

- *E eu posso ficar prá te ajudar também? – perguntou o falso frei, imaginando que seria uma boa oportunidade para escapar de lá.*

- *Pode, Freizinho. Perciso de vancê aqui! – respondeu a jovem cabocla.*

Nas excursões de Maria Clara e Tobias para coletar ervas e plantas medicinais, os dois costumavam descansar por alguns minutos no topo do pequeno morro que despontava entre os altos taquarais e os campos de Taquaruçu. A gratidão e admiração que inicialmente Tobias sentia pela Maria Clara foram dando lugar a um sentimento mais profundo: o amor.

Mariazinha, assim como ele, era de origem cabocla, teve de enfrentar tragédias e injustiças na vida, mas mostrou-se forte, corajosa e solidária. Era uma mulher assim, pensou o jovem caboclo, que gostaria de ter ao seu lado.

Entretanto, a permanência dela em Taquaruçu deixou-o preocupado.

- *Quem vai ficar no comando de Taquaruçu enquanto todos não forem embora prá Caraguatá? – perguntou o rapaz.*

- *O menino Linhares e o Conselho de Pares feito pelo pai dele, seu Antônio, seu Anacleto Ribeiro e o preto véio.*

- *E não vai sé perigoso deixá o reduto desguarnecido?*

- *Seu Anacleto acredita que os sordado não vão atacá porque o reduto tá cheio de espias do governo e eles vão contá que só vai ficar os véio e os doente que não puderam seguir prá Caraguatá.*

Tobias não se sentiu plenamente convencido, porém prosseguiu a conversa:

- Sabe que eu me importo muito com vancê.

- Ah, é?

- Mais do que imagina. – o rapaz pegou nas mãos de Maria Clara.

- Cuidado, piá, que dona Rosalina pode tá bombiando. – disse a moça, sorrindo.

- É bão memo. Aí eu falo prá ela que quero namorá com a fña dela!

- E a fña vai dizer que quer também!

Tobias se aproximou dela e a beijou longamente.

Os dois voltaram à cidade santa e logo a notícia de que estavam namorando se espalhou pelo reduto, deixando todos muito contentes.

Dias depois, chegou a Taquaruçu um sujeito chamado Venuto Baiano acompanhado por outros doze homens do lugar onde ele morava – serra do Tamanduá – entre os municípios de Curitibaanos e Canoinhas. Logo, os moradores souberam que se tratava de um perigoso bandido foragido da justiça, mas por seus conhecimentos de combate, foi aceito no reduto e ocupou o posto de instrutor militar por alguns dias. O velho Euzebio acabou confiando-lhe uma importante missão: resgatar uma de suas netas de apenas quatro anos que estava nas mãos do subdelegado de Canoinhas enquanto o processo de casamento da filha Paulina caminhava para a anulação. Venuto, com o auxílio de 25 capangas, realizou a missão com sucesso, porém fez muitas

outras coisas ao longo da viagem. Apropriou-se, em nome do reduto, de armas e mulas pertencentes a coronéis contrários ao movimento sertanejo como na Fazenda do Butiá Verde e em outras propriedades próximas a Perdizes. Durante a volta ao reduto, Venuto também convocou as pessoas que encontrava para fazer parte da guerra santa. E era nestes termos que ele se dirigia ao povo da região:

- Por ordem do Zé Maria e em nome de São Sebastião, todos os sertanejo têm que declará guerra ao governo e à polícia! Aquele que não atendê, vai tê como castigo passá três dia nas treva!

Enquanto isso, liderados por Euzébio e Chico Ventura, a população de Taquaruçu começou a migrar para o norte, em direção a Caraguatá. A primeira leva que acompanhou a família de Euzébio foi composta por homens com o objetivo de roçar o terreno, construir os primeiros ranchos e barracos, enfim, preparar a chamada cidade santa de São Sebastião para receber as famílias que só se deslocariam no final do mês de janeiro.

Para a surpresa de seu Euzébio e sua esposa, já havia um reduto em formação e a chefia estava a cargo de uma virgem chamada Maria Rosa que convenceu sua família de que o monge José Maria lhe falava em sonhos, escolhendo-a como a líder de uma “guerra santa” contra os “peludos”.

Tobias foi para Caraguatá acompanhando Chico Ventura. Buscou esforçar-se ao máximo para que a cidade ficasse pronta o quanto antes. Ao final do mês de janeiro, ele aguardava ansiosamente a sua amada em cada

grupo de sertanejos que vinha de Taquaruçu. A espera se tornou mais angustiada quando soube que o exército se aproximava da antiga cidade santa. Decidiu falar sobre isso com Chico Ventura que lhe respondeu:

- O exército já tá sabendo que só tem véio, doente e criança em Taquaruçu. Não tem razão nenhuma prá atacá. Além do mais, dei ordens pros home que ficaram no reduto prá não provocá os sordado!

No início de fevereiro, a rotina do reduto foi quebrada com a volta de Venuto Baiano. Ele tinha cumprido a sua missão: trouxe orgulhosamente na garupa de seu cavalo a neta de Euzébio e atrás dele cerca de 100 homens bem armados e decididos. Seu Euzébio fez questão de organizar uma recepção festiva, incluindo salvas de tiros. Tobias parou por alguns momentos sua tarefa de construir novos casebres para ver aqueles valentes cavaleiros entrarem na cidade santa. Seguiam atrás algumas famílias e seus rebanhos. Já estava voltando aos seus afazeres quando ouviu uma jovem gritar seu nome. Alegre, o rapaz imediatamente correu em direção ao chamado. Para sua surpresa, não era de Maria Clara e sim de Ana que, guiada por um mascate, chegou até Caraguatá.

- Aninha?! O que tá fazendo aqui?! – perguntou o rapaz, boquiaberto.

- Eu vim prá te buscá, meu amor!

- Mais não se casou? A última veiz que tive lá, me contaram que vancê tava prometida pro fio do bodeguero!

- *E eu tava. Mas fugi de casa e agora bamo ficá juntos! – a jovem o abraçou ternamente.*

- *Juntos?*

- *Sim! Cheguei a pensá o pior quando eu e o mascate Terêncio passemos por Taquaruçu.*

- *Por quê? – perguntou o rapaz, já desconfiado de que ouviria péssimas notícias.*

- *As tropas do governo cercaram Taquaruçu, mas graças a Deus, vancê não estava mais lá! Disseram que os soldados têm ordem de bombardeá o reduto.*

Um medo terrível percorreu o corpo de Tobias ao ouvir tal notícia. Isto significava que Maria Clara e os outros sertanejos corriam grande perigo.

- *Eu percevi i prá Taquaruçu... agora!! – exclamou o caboclo, desvencilhando-se dos braços de Ana.*

- *Vancê perdeu o juízo? Por que vai se arriscá desse jeito? E eu, Tobias?*

- *Peça pro seu Chico Ventura dá comida e poso prá vanceis. Dispos a gente conversa!*

E lá estava a coluna formada por 700 homens acampada nas proximidades de Taquaruçu. Sob o comando do coronel do exército Dinarte de Aleluia Pires, a força militar dispunha de mais de 600 soldados do exército, 60 praças do Regimento de Segurança de Santa Catarina e cerca de 40 vaqueanos civis. Desta vez, os militares contavam com o 54º Batalhão de Caçadores de Florianópolis do qual faziam parte duas seções de

metralhadoras, uma unidade de artilharia de montanha e um esquadrão de cavalaria.

Antes de marcharem em fila indiana pela mata e alcançar o reduto, o coronel Aleluia Pires, na base de operações, ordenou que chamassem o capitão Nestor Passos à sua barraca. O capitão o encontrou acamado devido a fortes dores estomacais que aumentaram muito desde a sua saída de Curitibaanos.

- Mandou me chamar, coronel?

- Sim, capitão. Como vê, não estou em condições de comandar pessoalmente o ataque a Taquaruçu. Confio esta missão a você, Passos.

- Sim, senhor.

- Mas lembre-se, capitão, permaneça pelas cercanias até conseguir a dispersão pacífica dos sertanejos mesmo que a missão de paz do deputado federal Correia de Freitas fracasse!

- Já conversamos sobre isso e o senhor sabe que temos a mesma opinião sobre a situação daqueles sertanejos.

- Eles não são nossos inimigos, Passos, e sim vítimas dos coronéis da Guarda Nacional.

A Guarda Nacional foi uma instituição criada ainda no Império e que lutou nas Guerras do Uruguai e Paraguai. Cada município possuía um regimento da Guarda Nacional e as patentes eram concedidas ou vendidas aos chefes políticos desses municípios, normalmente os comerciantes ou fazendeiros mais ricos.

- Todos estão torcendo prá que ele consiga convencer aquela gente a abandonar o reduto e voltar para suas casas.

- Eu também, meu caro capitão, eu também!

As forças do governo, agora sob as ordens do Capitão Nestor Passos, posicionaram-se próximas ao reduto. Na mesma elevação onde Tobias e Maria Clara costumavam conversar e admirar a Cidade Santa e a beleza do lugar, dois obuseiros foram assentados. Ao redor deles, colocaram as metralhadoras e a tropa posicionou-se com o objetivo principal de proteger a artilharia. Não sofreram nenhum tipo de hostilidade até aquele momento.

Com a ajuda de binóculos, o capitão Nestor e outros oficiais observaram o reduto. Só se viam crianças brincando e cachorros perambulando por entre os casebres. Os soldados relataram que alguns sertanejos colhiam feijão nas plantações existentes nos arredores. Tudo estava aparentemente tranquilo. Mas, ao final da tarde, uma mensagem mudou completamente o rumo dos fatos:

- Capitão! Capitão! Telegrama do general Alberto de Abreu! – falou um soldado, aproximando-se de Nestor Passos.

O comandante da expedição abriu a correspondência, leu-a cuidadosamente e comentou com seus colegas oficiais:

- O general Alberto praticamente nos chamou de covardes e perguntou por que ainda não começamos o ataque. – o capitão esmagou o telegrama em sua mão, diante dos olhares espantados dos oficiais, e balançou a cabeça num misto de

indignação e tristeza. Ficara ele o responsável por dar um trágico destino àqueles sertanejos.

O dia 08 de fevereiro de 1914 amanheceu quente e ensolarado. O falso frei foi um dos primeiros a acordar. Na verdade, ele passou praticamente a noite toda, sob a luz de um lampião, escrevendo em seu diário as experiências vividas com os sertanejos. E, quando os primeiros raios de sol atravessaram delicadamente as frestas do galpão enfermaria, Freizinho se levantou e caminhou silencioso em direção à porta. Não queria perder a oportunidade de escapar do reduto que agora estava desguarnecido. Entretanto, antes de sair do galpão, ele contemplou, por alguns segundos, Maria Clara, os enfermos, os idosos e as crianças que dormiam juntos como uma grande família. Queria guardar aquela cena tão singela em sua memória. Logo os soldados invadirão a cidade santa e os levarão para um lugar seguro, pensou ele. Com passos largos, o falso franciscano percorreu as ruelas de terra empoeirada e ganhou a mata.

Foi quando ouviu estrondos de obuseiros rasgarem o céu. Os obuseiros são peças de artilharia semelhantes aos canhões, porém disparam granadas em trajetórias parabólicas com o objetivo de bombardear diferentes pontos dentro de uma área específica. O falso frei voltou-se para o reduto e não acreditou no que seus olhos testemunhavam: as granadas explosivas lançadas pela artilharia destruíam e incendiavam os casebres matando as pessoas que lá estavam. A seguir, nesta sinfonia da morte, ele ouviu o matraquear das metralhadoras.

Alguns sertanejos procuraram proteção em trincheiras feitas em frente às suas casas, mas se algum tentasse por a cabeça acima delas, era logo alvejado.

Durante os intervalos dos bombardeios, os rebeldes tentaram revidar os disparos das metralhadoras com as poucas armas que possuíam. Porém, a distância era muita para que os tiros pudessem atingir algum soldado. Outros, desesperados, corriam em direção à igrejinha buscando a proteção dos santos. Mas, a maioria, atingida pelas rajadas das metralhadoras, tombava antes de chegar lá. Acrescentou-se, por fim, o som dos berros dos feridos, os gritos desesperados das mulheres e o choro das crianças. A Cidade Santa então se transformou no inferno.



Figura 53 - Obuseiros em Porto União - SC. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 93.

O falso franciscano foi tomado por uma repugnância e revolta tamanhas que correu em direção à artilharia. Logo foi avistado pelos soldados que só não o alvejaram por ele estar em traje religioso. Mesmo assim, impediram-no de avançar rumo aos impiedosos obuseiros.

- Parem com o ataque! Só há crianças, velhos e doentes no reduto! – berrou o falso frei enquanto os soldados tentavam com todas as forças segurá-lo pelos braços.

- Recebemos ordens, padre! – responderam os soldados.

- Assassinos! Assassinos covardes!

A luta para barrar o frei foi tal que a sacola escondida sob suas vestes se rompeu espalhando as moedas de ouro pelo chão. Ao reconhecerem que havia ouro diante deles, os soldados largaram o frei e saltaram sobre as moedas na ânsia de catá-las em maior número. O falso frei aproveitou a distração e continuou sua corrida em direção ao topo do morro. Conseguiu ver as duas peças de artilharia, mas foi ao chão atingido por uma coronhada na cabeça dada por um oficial chamado Vieira da Rosa.

Dentro do galpão, Maria Clara, os enfermos e as várias crianças, abraçados, rogavam para João e José Maria os socorrer com o Exército Encantado. De repente, eles ouviram um estrondo ainda maior no telhado. Por alguns segundos chegaram a acreditar que era uma força divina agindo para salvá-los. Mas aconteceu justamente o oposto. A torre da igreja, envolvida em gigantescas labaredas de fogo, tombou sobre o galpão. Cobertos pelos destroços,

Maria Clara e os demais, mortos ou ainda vivos, foram consumidos pelas chamas vorazes. E assim morreu a moça-guerreira que lutava por um mundo melhor, mais justo e igualitário.

As horas foram passando e a sinfonia da morte foi lentamente perdendo o seu ritmo. Os bombardeios tornaram-se mais espaçados e os gritos dos moribundos foram cessando.

Fez-se então o silêncio.

De repente, raios e trovoadas percorreram o céu, agora enegrecido e revoltoso. Uma pancada de chuva caiu sobre o reduto como se fossem as lágrimas dos santos tão fervorosamente rogados durante aquele dia terrível.

Veio a noite. As forças do governo, ainda a certa distância, observaram que os poucos sobreviventes abandonavam a Cidade Santa.

Na manhã seguinte, com o auxílio dos binóculos, os oficiais viram que não havia mais ninguém em meio aos escombros. Deram ordem para que os soldados tomassem o reduto. Eles avançaram lentamente. A cada passo, o cenário tornava-se mais horripilante. A artilharia transformou aquele povoado em um cemitério dantesco cujos cadáveres expostos e mutilados de homens, mulheres, crianças e animais causavam pavor ou pena aos olhos de qualquer espectador. Para complementar aquele terrível cenário, podia-se ver cachorros e porcos aqui e acolá se alimentando do que restou dos mortos.

Além do horror, o inesperado. Por entre as ruelas do reduto, surgiu uma velha cabocla, suja de sangue, terra e fuligem, com os cabelos

chamuscados, vagando por entre os corpos. Era dona Rosalina, a mãe de Maria Clara. Aproximou-se de um grupo de soldados e perguntou:

- E a Mariazinha? Não viram por aí minha fia? Todo mundo conhece ela!

Os soldados ficaram emudecidos, perplexos diante daquela figura que, completamente fora de si, caminhou em direção ao mato, chamando:

- Mariazinha, minha fia... responde! ... Mariaziinhbaaa!! - a velhinha embrenhou-se na mata e nunca mais se soube dela.

O falso franciscano, ainda atordoado, acordou sobre uma maca, no interior de uma das barracas do acampamento militar. Estava no chamado hospital de sangue, montado a alguns quilômetros do reduto. Recebera os curativos pela coronhada na cabeça, mas ainda sentia dores. Pouco depois, veio à sua barraca o capitão Nestor Passos.

- Como está, padre?

- Péssimo!

- Melhor péssimo do que morto. Teve sorte de ter escapado ileso ao bombardeio.

- O que vanceis fizeram àquela gente indefesa foi algo terrível!

- Como disse o general Carneiro, antes de morrer durante o cerco dos maragatos na Lapa, nós, militares, não temos direitos, mas apenas deveres a cumprir. Não estava em nossos planos iniciais realizar o ataque, mas recebemos ordens de nossos superiores e fomos obrigados a fazê-lo. Mas conte-me, padre, o que fazia no povoado? Não fomos informados de sua presença entre os fanáticos.

- *Eu era mantido no reduto prá ajudar na preparação de remédios pros enfermos e idosos. Mas mesmo assim, não queria ver os sertanejos sendo brutalmente assassinados!*

- *Pessoalmente, eu lamento que essa história tenha terminado assim, acredite em mim! O que eu posso lhe oferecer agora é uma mula, algum suprimento e um guia para levar o senhor a Curitibaanos.*

- *Uma mula e suprimentos está de bom tamanho, soldado.*

No lombo da mula ofertada pelo exército, Dorvalino, o falso frei, deixou o acampamento. Seguiu pela mata até chegar a uma estradinha estreita de chão batido. Percorreu alguns quilômetros e resolveu parar à sombra de uma jabuticabeira. Estava triste e confuso. O disfarce de frei franciscano o levou a uma situação inimaginável. Viveu em um reduto de sertanejos rebeldes e, sem perceber, acabou afeiçoando-se a eles. Chegou a perder a sua fortuna para tentar salvá-los. E agora? Para onde irei? O que farei da minha vida? – pensava ele.

Subitamente, ouviu um cavaleiro aproximar-se em alta velocidade. Ergueu-se e reconheceu que era Tobias, reclinado sobre as crinas do seu cavalo que arrancava terra do chão ainda úmido da chuva.

- *Tobias! Tobias! – gritou o falso frei.*

- *Freizinho? – gritou o caboclo, fazendo seu cavalo Pinhão parar e retornar ao local onde o falso frei estava. - O que tá fazendo aqui? Taquaruçu foi atacada pelos peludo?*

- *Sim, Tobias. Foi bombardeada e por um milagre eu consegui escapar!*

- *E Maria Clara? Tenho que salvar ela!!*

- *Taquaruçu não existe mais, meu filho. Não há nada mais que se possa fazer. Todos foram mortos! Que Deus os tenha! – respondeu o falso frei, juntando as palmas das mãos e olhando para o céu.*

Tobias não se deu por satisfeito e continuou sua jornada para o povoado.

- *Volte, Tobias! Aquele lugar ainda está cheio de soldados!*

No reduto, os soldados ocupavam-se em enterrar, de qualquer jeito, os destroços humanos e atear fogo nos casebres que ainda restaram em pé. Ouviram então um grito vindo das entranhas da floresta e um disparo que acertou um soldado, ferindo-o no braço. Assustados, os militares procuraram se proteger.

Sob as ordens do capitão Vieira da Rosa, um grupo de vaqueanos liderados pelo bandido Salvador Pinheiro, vulgo Dente de Ouro, começou a vasculhar a mata em busca do franco-atirador.

Tratava-se de Tobias. Ele viu com seus próprios olhos a Cidade Santa ser reduzida a escombros e seus moradores a cadáveres mutilados. Mas o pior mesmo foi constatar que sua amada Maria Clara morreria queimada na igreja. Tomado por um ódio insano, Tobias quis vingança, sem importar-se mais com a sua própria vida.

De repente, Freizinho surgiu por detrás dele e o impediu de dar novos disparos.

- Não consegui salvar Maria Clara, mas com você vai ser diferente!

O falso frei habilmente deu uma chave de braço em Tobias e, enquanto o arrastava pela mata adentro, dizia-lhe:

- O que pensa que tá fazendo, rapaz? Logo os soldados te acharão e você terá o mesmo fim!

- Eu não quero mais vivê, padre! – respondeu o caboclo, debatendo-se entre os fortes braços do frei.

- Maria Clara lutava por um mundo melhor! Como você ajudará a tornar realidade os sonhos dela se estiver morto?

Tobias, momentos depois, parou de relutar.

- Tá bem, Freizinho. Pode me sortá!

- Ótimo! Agora, tire a gente daqui e nos leve prá Caraguatá.

- Só uma coisa, padre. Onde o sinhô aprendeu a lutá desse jeito?

- É uma longa história, meu filho. Um dia, com mais calma, eu te conto.

A segunda Cidade Santa de São Sebastião

*“Só com reza não adianta
É preciso nós lutá,
Fé e corage ao mesmo tempo
Pro inimigo derrubá.”*

A cidade santa de São Sebastião foi construída aos moldes de Taquaruçu: uma igreja ao centro rodeada pelo quadro santo onde, todas as tardes, o povo se dispunha em forma de procissão para rezar, fortalecer a fé e receber as instruções. No início, havia muita fartura no reduto. Comiam churrasco e tomavam chimarrão. Todos os dias, havia também arroz e feijão à vontade assim como milho verde e melancia.

A rotina da população era praticamente a mesma: os mais jovens costumavam realizar algumas tarefas domésticas como, por exemplo, apanhar lenha nos capões das redondezas e o resto do tempo, eles passavam brincando.

Os adultos saíam à caça, jogavam “paleta”, tocavam sanfona e se divertiam. Outros eram encarregados de fazer compras em Perdizes e até nas estações ferroviárias como Rio Caçador e Rio das Antas.

A liderança da nova cidade santa estava nas mãos da virgem Maria Rosa e de seu pai, Eliasinho da Serra. Euzébio e sua esposa não gostaram de perder o comando ao mudarem-se para lá, mas o velho conformava-se dizendo:

- *Touro em rodeio albeio é vaca. - e certo dia chegou a comentar – Acho que é hora de largar essa chanha e vortá prá casa.*

- *Nunca, Ozébio! Não é desta vez que bamo se entregá. Já tenho cá meus planos. Deixa comigo. Não podemos perdê pro pascova do Eliasinho da Serra!*

- *Mas óia, muié, a coisa não tá fácil. Eu, com minha perna ferida...*

Sob as orientações ardilosas de dona Querubina, o velho Euzébio convidou Elias Antônio de Moraes e sua esposa para juntarem-se ao reduto.

Moraes era um homem inteligente e de muito prestígio na região, pois assumira o posto de juiz de paz do distrito de São Sebastião das Perdizes Grandes e major da Guarda Nacional. E sua esposa, dona Dúlcia, destacava-se como crente fervorosa de José Maria. Eles aceitaram e, como Dona Querubina planejara, foram gradativamente enfraquecendo a liderança da virgem.

Entretanto, quando a notícia do massacre de Taquaruçu chegou a São Sebastião, pelos relatos de Tobias, Freizinho e outros sobreviventes, houve grande indignação e desejo de vingança entre os redutários, principalmente por parte dos parentes das vítimas. Neste clima de tensão, a vida no reduto se modificou. Os Pares de França deixaram de ser um conselho deliberativo e transformaram-se em um grupo de combate formado pelos sertanejos mais corajosos e habilidosos. E, quando não estavam combatendo, tinham a função de guardar os redutos.

Aos chefes do reduto foram dadas tarefas específicas. Elias de Moraes tornou-se o comandante da forma, isto é, o responsável por transmitir as ordens de José Maria e organizar e dividir os voluntários de acordo com as atividades previstas. Era também o encarregado pelo controle de deserções e a quantidade e tipo de armamentos disponíveis no reduto. O comandante militar passou a ser Venuto Baiano que promovia exercícios de tiros e marchas, ambos realizados constantemente.

Havia também grupos organizados exclusivamente para a produção de facões de pau. Outros, os chamados bombeiros, observavam as movimentações das tropas do governo e buscavam descobrir, utilizando até disfarces de vendedores de guloseimas, quais eram as ordens dadas às tropas militares.

À noite, horas depois de ter voltado a Caraguatá, Tobias foi ter uma conversa com Ana. Encontrou-a no casebre de Dona Dúlcia, sentada sobre um pequeno banco de imbuia, conversando com algumas senhoras.

- Precisamo levá um dedo de prosa, Aninha. – disse o rapaz, fazendo sinal com a mão para que ela o acompanhasse.

Os dois caminharam em direção ao quadro santo. Naquela noite, as mulheres do reduto organizaram uma forma especial. Várias crianças, com velas nas mãos e cantando, formaram diversas figuras como, por exemplo, uma cruz, um pássaro e um coração. À medida que cada figura luminosa era formada, o povo do reduto se encantava e elogiava o belo espetáculo. Todos

cantaram, então, a Virgem Santíssima Sempre Imaculada, uma das mais estimadas rezas dos sertanejos:

*“Virgem Santíssima não permitais
Que eu viva nem morra em pecados mortais
Em pecados mortais não hei de morrer
Ó Virgem Santíssima me hai de valer
Me hai de valer na maior aflição
Meu Deus vos entrego alma e meu coração
Alma e meu coração eu vos dou Mãe de Deus
Perdoai os erros dos pecados meus
Os pecados meus já me querem condenar
Espero em vós, Senhor, que me há de perdoar
Me há de perdoar pedindo contrito
Pedindo perdão a meu Deus infinito
Meu Deus infinito eu vos dou alma e vida
Rainha do Céu por nós querida
Por nós querida vos peço também
O Reino da Glória para sempre
Amém.”*

- *As muié me contaram o que aconteceu com a tal Maria em Taquaruçu. Tá todo mundo muito triste por isso.*

- *Maria Clara tinha corage prá peleia que nem o mais valente dos par de França e o coração do tamanbo dum mundo prá ajudá os irmão necessitado. — comentou o caboclo, deixando a tristeza, a admiração e o amor aparecerem em cada palavra proferida.*

Ana baixou a cabeça, deixando os cabelos encobrirem seu rosto, provavelmente para esconder as lágrimas que começaram a escorrer dos seus olhos.

- *Bamo embora daqui, Tobias. Bamo fazê a nossa vida em ôtro lugar!*

- *Prá donde? Eu num tenho mais nenbum lugar prá ir! Meu lugar é aqui, com essa gente!*

- *Não vai demorá e os sordado vão vir atraís desses fanático aqui tamém.*

- *Fanático? Essa gente só tá aqui reunida prá rezá e se ajudá! Tão só se defendendo! E se for a vontade de Deus e de São José Maria, eu morro com eles!*

Tobias não disse mais nada e foi em direção ao seu rancho. Estava transtornado. Passou boa parte da noite acordado, com os olhos vagando no teto feito de folhas de palmeiras, lembrando-se de quando costumava correr livre e feliz por entre os pinbeirais na companhia de seu irmão. Lembrou também de seu pai, acocorado em frente ao casebre, preparando calmamente o seu cigarro de palha. Vieram também as lembranças dos encontros que tinha

com Ana na beira do rio e de seus olhos angelicais. E, por fim, na bela moço-guerreira Maria Clara que lhe dava força e coragem para lutar contra as injustiças impostas pelos poderosos.

Na manhã seguinte, Tobias estava ocupado em encilhar seu cavalo quando viu Ana deixando a Cidade Santa acompanhada por dois vaqueanos e um importante político do Paraná. Descobriu que o último se tratava do deputado federal Correia de Freitas. Ele fizera uma segunda tentativa de “apaziguar os sertanejos e dispersá-los sem efusão de sangue” – como costumava dizer à imprensa local. Embora promettesse terras, escolas, estradas e dinheiro, só ouviu como resposta o desejo de vingança pela matança ocorrida em Taquaruçu. Elias de Moraes chegou a lhe dizer que só haveria paz se o governo devolvesse a vida daqueles que pereceram no antigo reduto. Ao perceber que os sertanejos estavam inflexíveis, o deputado decidiu regressar a Curitiba. Tobias aproximou-se de Ana que lhe disse:

- Eu tô voltando prá casa. – a jovem chegou perto dele e, passando levemente a mão sobre o rosto do caboclo, por fim falou:

- Se você mudá de ideia, sabe onde me encontrá!

A jovem retornou ao grupo que se distanciou lentamente do reduto até se perder de vista.

- Tudo bem, Tobias? – perguntou Freizinho, notando que os olhos do caboclo se encheram de lágrimas enquanto acompanhavam Ana partir do reduto com a pequena comitiva.

- *O corpo tá bão, mais o coração tá em pedaço...*

Tocaias, disfarces e emboscadas: o combate de Caraguatá

*“Nóis estava defendendo o que era nosso.
E os sordado? – Dava pena de matá!
Mas sendo eles só de gente manobrada,
o remédio foi com eles acabá.”*

No fim do mês de fevereiro de 1914, a virgem, acompanhada da prima Antoninha, do seu pai Eliazinho e do major Moraes, anunciou no momento da forma no Quadro Santo que todos se preparassem para o início da guerra. Um grande exército fortemente armado marchava para a Cidade Santa a fim de destruí-la assim como fez com Taquaruçu. E a jovem falou:

- Agora, vai cheirá pórvora dos dois lado. Tenbam fé nas força do alto. Mais, por enquanto, tratem de cuidá dos seus afaçê. E não deixem de respeitá e obedecê os chefe de briga.

No momento que o povo ainda se dispersava, Elias de Moraes disse para o velho Euzébio e Eliazinho da Serra:

- Convoquem Maria Rosa, Venuto Baiano e os Doze Par de França prá uma conversa no galpão da igrejinha. Temo que combiná como bamo enfrentá os sordado do governo.

As tropas que destruíram a Cidade Santa de Taquaruçu deslocaram-se para Rio Caçador. Lá, receberam reforços de homens, armamentos e víveres.

O tenente-coronel Aleluia Pires, que não pôde comandar pessoalmente o primeiro ataque a Taquaruçu, pediu reforma e fora substituído pelo tenente-coronel José Capitulino Freire Gameiro.

No dia 06 de março de 1914, as tropas partiram para o reduto e por uma picada muito batida entraram na localidade de Perdizes Grandes. Acharam um arraial completamente abandonado. A única coisa que despontava na paisagem era uma igrejinha de São Sebastião. Os moradores, disseram os vaqueanos guias, foram para o reduto. Decidiram acampar ali.

Três dias depois, seguiram com o propósito de arrasar a Cidade Santa. Mal sabiam eles das surpresas que os sertanejos tinham lhes reservado...

Nas proximidades do reduto, os soldados montaram, como de praxe, um hospital de sangue em uma clareira e seguiram adiante. Cerca de meia hora depois, eles ouviram tiros vindos da retaguarda. Uma guarda sertaneja atacou o acampamento e bateu em retirada antes que o reforço retornasse às pressas. Isto já foi o suficiente para deixar os soldados mais tensos.

As tropas acabaram tomando o caminho errado e, depois de alguns minutos, prosseguiram na picada que realmente conduzia ao reduto. Numa campina, a certa altura, os soldados avistaram um bando de mulheres que correu em direção a um capão alto. Desrespeitando a disciplina militar, muitos

deles seguiram mato adentro as mulheres que, na verdade, eram sertanejos disfarçados. “Elas” levaram aqueles soldados para um local onde por trás de cada pinheiro, de cada imbuia, de cada taquaral, um sertanejo os aguardava com seu facão de madeira em punho. A armadilha criada por Venuto deu certo. Muitos soldados morreram sem saber quem ou o que os atingiu.

Um medo gélido tomou conta dos soldados que não seguiram as damas da morte. O tenente-coronel Gameiro, para não perder o controle sobre seus homens, falava constantemente:

- Mantenham a formação, homens! E confiem em seu capitão!

Chegou o momento em que as tropas deveriam seguir em fila indiana por um estreito picadão rodeado por um mato trançado, repleto de um cipó chamado de unba de gato. Os soldados enrijeceram os músculos e arregalaram os olhos diante daquela vegetação que para eles vinha dos jardins do inferno. E eles estavam certos.

Quando boa parte das tropas estava dentro do picadão, ouviu-se um disparo de pistola. Era o sinal dado pelo Baiano. Escondidos nas entranhas da mata, os sertanejos começaram a atirar contra os soldados que ficaram totalmente desorientados. Um dos entrincheirados era Tobias que reconheceu alguns dos soldados e assim bradou:

- Agora tão enfrentando home de briga e não os doente, as muié e nem as criança de Taquaruçu! – o jovem caboclo, assim como seus colegas, abriu fogo contra os soldados.

A morte veio do alto também. Posicionados em galhos elevados das araucárias, os franco-atiradores, chamados de clavineiros, ajudavam a dizimar a coluna militar.

Alguns soldados decidiram perseguir os guerrilheiros caboclos pelos labirintos previamente feitos naquele denso matagal. Terrível escolha. Os espinhos do cipó de unha de gato logo lhes agarraram as vestes. Como pobres insetos nas teias de aranha, os soldados debatiam-se para livrar-se dos espinhos e os sertanejos, no papel de aranhas vorazes, retornavam e matavam com facilidade suas vítimas.

O cerco foi se fechando.

- Recuar! Recuar! – berrou o tenente-coronel, ao som dos clarins, antes que as tropas fossem completamente aniquiladas.

O que restou das tropas fugiu para uma campina onde, mais tarde, pode recolher os mortos e enterrá-los.

- Por que tamo aqui só bombiando os peludo? – perguntou um caboclo chamado Jorge das Almas.

- Não se alembra da ordem dos comandante de briga? Luitá só de drento do mato. – respondeu Tobias.

- É! No mato nós semo tigre e no campo nós semo gato! – complementou outro sertanejo, Neném Chefre.

Os rebeldes então recolheram muita arma e munição abandonadas na corrida ou encontradas entre os soldados mortos.

E foi com uma grande festa que eles foram recebidos na Cidade Santa. Todos se sentiram vingados dos soldados que massacraram o indefeso reduto de Taquaruçu. Tobias, que mostrara coragem e habilidade nas pejejas, foi indicado por Venuto Baiano para ser um dos Pares de França. Depois de um ato cerimonioso, passou a carregar no peito, como era de costume entre os cavaleiros de São Sebastião, um patuá dentro do qual havia uma oração em que se acreditava fechar o corpo das armas inimigas assim como consagrar e proteger a temível espada do sertanejo.

Já as forças do governo, derrotadas e com elevado número de baixas, decidiram voltar para Perdizes Grandes e depois para Calmon. Chegou ao fim um dos mais sangrentos combates da guerra do Contestado.

Dois ou três dias depois da batalha de Caraguatá, Maria Rosa trouxe uma nova mensagem de José Maria aos comandantes de briga:

- O monge me disse que o Dragão, ferido, saiu cuspendo sangue com fogo. Doido de raiva e vergonha, ele jurou por tudo quanto era santo, que se vingaria. E vai vortá com um enzército deiz veiz maior!

Depois do massacre de Taquaruçu, do ataque à Caraguatá e do aviso do santo monge, os comandantes decidiram mudar a sua estratégia. De defensiva, passaram à ofensiva. Os treinamentos militares e a produção de facões de madeira se intensificaram. Espalharam por toda a região diversas expedições armadas, conhecidas como piquetes xucros, com o objetivo de obter alimento e armas para os redutários.

Liderados pelos Pares de França, os piquetes invadiam fazendas ou pequenas localidades dando “vivas à monarquia” e cobravam dos moradores tributos ao movimento rebelde. Em outras situações, os piquetes acabavam se apropriando de cavalos, rebanhos inteiros de gado e outros víveres, principalmente dos ricos fazendeiros. Muitos destes eram também levados até o reduto e julgados. A condenação variava de uma surra até a execução, caso fossem considerados inimigos dos pobres ou da santa religião.

Como sendo um dos Pares de França, Tobias liderou um piquete e fez questão de ir à fazenda do seu velho conhecido, o coronel Osório, e fazer-lhe uma ‘visita’.

Osório estava próximo ao estábulo ajudando seus empregados a carregar um novo cocho para os animais quando ouviu vários disparos para o ar e vivas à monarquia. Era o anúncio de que um piquete xucro chegava a sua propriedade. O fazendeiro notou que carregavam uma bandeira branca com uma cruz verde.

- São os fanático! – gritou o coronel – Vieram aqui prá robá! Chumbo neles!

O coronel e seus empregados refugiaram-se no estábulo. Os 30 homens liderados por Tobias apearam de seus cavalos e rapidamente cercaram o local. Começou então um grande tiroteio.

Tobias lembrou-se do frondoso pé de pera, detrás do estábulo, cujos galhos davam acesso ao telhado e ordenou que dois dos seus homens o acompanhassem nesse ataque por cima. Em pontos diferentes do telhado, eles

abriram mãos e dispararam contra os homens do coronel. Osório foi vendo seus empregados caírem um a um até restar apenas ele. Encolbido em um canto do estábulo, sem munição, o coronel enfim gritou:

- Levem o que quiserem! Mas deixem eu e minha família em paz!

Não houve resposta. Apenas um silêncio até a porta do estábulo ser aberta a pontapés. O coronel ouviu alguém entrar e caminhar lentamente em sua direção.

- T-Tobias, é você?! – exclamou Osório, tremelicando a cabeça.

- Só eu mesmo, coronel. – respondeu o rapaz com um sorriso irônico e, voltando-se para os outros integrantes do piquete, ordenou:

- Arrebanhem tudo que serve de comida e mantimento! O resto podim tacá fogo! – Tobias sabia que aquela fazenda era o bem mais precioso do coronel e destruí-la por completo seria o fim para ele.

Osório, num estado de fúria, ergueu-se e saltou sobre Tobias no desejo de matá-lo com as próprias mãos. Mas o jovem Par de França foi mais rápido e o atingiu com um tiro de garrucha.

- Tinha razão, coronel. Eu nunca esqueci do sinhô. – disse Tobias, olhando nos olhos do coronel Osório, que a seguir esmoreceu e prostou-se morto no chão.

Naquele mesmo instante, a esposa do coronel, acompanhada por dona Conceição, entrou no estábulo.

- Zório! O que fizeram com você! – aos prantos, dona Zumira abraçou o corpo do marido.

Dona Conceição se espantou com a cena que se apresentava diante dela: corpos espalhados pelo chão e Tobias ao centro, com uma arma em punho e a roupa suja de sangue albeio.

- Tá na hora de i embora daqui, mãezinha. Venha comigo pro reduto. – disse ele, estendendo a sua mão para ela.

- Eu queria i muito com meu fio e não com um bandido matatô!

- Bandido matatô?! Não se alembra mais das marvadeza e injustiça que o coroné feiz com eu e com tantos ôtro empregado? Ele teve o fim que merecia! – profundamente desapontado com a própria mãe, Tobias guardou a sua arma e, sem dizer mais nada, reuniu-se com os demais integrantes do piquete.

Perguntaram-lhe novamente se era para atear fogo em tudo. Desta vez ele respondeu que não. Bastava levar o que servia de mantimento.

E o pânico tomou conta do sertão. Famílias inteiras fugiam, pois não havia qualquer autoridade que pudesse impedir os ataques dos piquetes. A ação dos sertanejos alcançou as proximidades da vila de Curitibaos, colocando a sua população em polvorosa.

Embora tivessem uma grande área sob seu controle, os rebeldes decidiram encontrar outro local para a construção de um novo reduto. Os líderes concordaram que ele deveria ser em Pedras Brancas, nos campos de Bom Sossego, por ser mais retirado, o que garantiria o emprego das mesmas táticas de guerrilha no mato.

Ao contrário de seu Euzébio, Elias de Moraes e Venuto Baiano, a 'virgem' Maria Rosa e seu pai começaram a se decepcionar com as novas feições que o movimento sertanejo estava ganhando. Os redutários não eram mais conhecidos pela sua devoção pacífica aos monges e pelo desejo de justiça. A guerra chegou a tal ponto que eles foram obrigados a roubar e saquear para poderem manter-se vivos.

A mensagem do Dragão vingativo contada pela Maria Rosa se espalhou pelo reduto e fomentou as mais diferentes conversas nas rodas de chimarrão.

- Me alembro muito bem que o menino-de-Deus Joaquinzinho previu que todos os que morressem em combate pela santa causa, em breve ressuscitariam.

— falou Maneco Matos, um antigo trabalhador da ferrovia.

- E se por acaso — refletiu um polaco chamado Matinhoski — o Dragão inventá de ressuscitá os soldado dele também?

- O jeito é confundi o Dragão! — sugeriu outro sertanejo.

Organizaram então um grupo e com ferramentas nas mãos foram desenterrar os cadáveres dos soldados, picá-los a golpes de foice e espalhar seus pedaços por uma vasta área para que não pudessem recompô-los. Isto acabou servindo também como forma de amedrontar outras expedições militares que por lá transitassem. Enquanto a sinistra tarefa era realizada, os sertanejos zombavam:

- *Nem com a ajuda do diabo as alma desses soldado vão consegui juntá os pedaço de vorta!*

- *Vai se bonito vê elas se brigá por um pedaço de osso!*

Mas os soldados mortos se vingaram de sua exumação profana. O cheiro pútrido dos seus corpos carregou uma epidemia de tifo que se alastrou pelo reduto, matando idosos, jovens e, principalmente, crianças. Isso fez com que a mudança para o novo reduto fosse antecipada.

Em fins de março, houve um verdadeiro êxodo para Pedras Brancas. Cerca de duas mil pessoas seguiram para lá. À frente, mais de 600 bois, 200 animais de montaria, 160 mulas de cargueiros repletos de feijão, milho, charque, banha e farinha de milho, 60 vacas de leite, além de ovelhas, porcos e galinhas, muitos deles arrebanhados nos últimos meses.

Maria Rosa, como uma princesa de conto de fadas, guiava o peculiar cortejo, montada em um cavalo branco. No alto de sua cabeça, um arco ornamentado de flores silvestres que segurava seus longos cabelos encaracolados, e sobre seu corpo esbelto, um vestido branco com finos babados. Ao seu lado, estavam seu pai e Antoninha. Logo atrás o comandante Elias Morais, Euzebio e suas respectivas esposas.

Em frente, marchavam imponentes seis Pares de França sustentando a bandeira do Quadro Santo e à retaguarda, Venuto Baiano com outros seis Pares e uma enorme escolta de mais de 100 cavaleiros armados com garruchas e winchesters.

Poucos metros atrás, a pé ou a cavalo, as famílias que moravam no reduto. As mulheres carregavam trouxas à cabeça enquanto que os homens e as crianças tocavam os cargueiros e o gado. E, para proteger a retaguarda, outros 100 cavaleiros encerravam o cortejo.

Tobias fazia parte do seletto grupo dos Pares de França e carregava com orgulho a bandeira do reduto. Durante o longo caminho até Pedras Brancas, notou como o povo se admirava ao testemunhar uma movimentação jamais vista por aqueles sertões.

Após o estabelecimento do povoado, houve um crescimento do movimento sertanejo em direção ao planalto norte catarinense. Surgiram diversos redutos localizados nos atuais municípios de Mafra, União da Vitória, Porto União, Três Barras e Canoinhas. Fizeram parte deles muitos sitiante expulsos pela Lumber, pela ferrovia e pelos coronéis em função da especulação das terras e da madeira.

A expedição do general Mesquita

*“Tanto assim, desenterremo,
Os cadaver dos incréu,
que suas alma se tostasse
lá no inferno, não no céu.”*

Em abril, o general Carlos Frederico de Mesquita assumiu o comando de uma nova operação contra os sertanejos redutários. Assim como ele, os oficiais que o acompanharam eram veteranos do conflito de Canudos - uma revolta dos habitantes pobres do interior da Bahia que, liderados por um líder espiritual chamado Antônio Conselheiro, criaram um reduto e enfrentaram as forças militares do governo.

Chegou numa tarde nublada ao acampamento da tropa derrotada em Caraguatá, na fazenda dos Pires, perto de Calmon. Durante a revista à tropa, o coronel logo percebeu pelos uniformes rasgados, pelos ferimentos mal cuidados e pela irritação, as precárias condições em que os soldados se encontravam.

- Santo Deus! Vistes o estado em que se encontra a tropa? – comentou o comandante ao oficial Matos Costa.

- Foram simplesmente abandonados aqui. E não é só isso. Ouvi os soldados contarem histórias sobre os jagunços como se eles fossem inimigos invencíveis!

- *Até os oficiais estão reclamando dos pagamentos atrasados e da falta de mantimentos e remédios.*

- *Se me permite dizer, coronel, a primeira medida a tomar é conseguir verbas e material para atender as necessidades da tropa!*

- *Tu tens razão, Matos, pois não falta muito para eles se revoltarem!*

E assim o general procedeu. Passou praticamente o mês inteiro em sua barraca, redigindo cartas às autoridades pedindo verbas e mais soldados.

Foi ter uma conversa com o vigário de União da Vitória, o padre José Lechner, pois soubera que o clérigo estivera em vários redutos em busca da pacificação. O general Mesquita recebera do padre, além de informações dadas oralmente, um croqui que apontava a localização dos redutos.

Por fim, viajou para Curitiba com o objetivo de falar pessoalmente com as autoridades militares. Mas, depois de tanto empenho, não obteve os recursos e homens que realmente desejava para sua expedição. De volta ao acampamento, decidiu, mesmo assim, dar continuidade a operação militar.

Com base no croqui e nas informações do vigário, o general organizou o seu plano de ataque. A tropa foi dividida em duas. Uma parte rumaria pelo sul e atacaria o reduto de Caraguatá. A outra, com mais soldados, seguiria para o norte, de trem, até Porto União e prosseguiria a pé em direção aos outros redutos.

A expedição que avançou pelo sul, liderada pelo capitão Matos Costa, aproximou-se de Caraguatá após alguns dias de marcha pelo sertão. A

poucos quilômetros do reduto, os soldados se depararam com uma cena aterradora: os corpos de seus colegas desenterrados e espalhados aos pedaços pela mata. Eles entenderam aquilo como uma forma de amedrontá-los. O capitão buscou tranquilizar os seus soldados e ordenou que dessem um enterro digno aos restos mortais que encontraram.

Então seguiram por uma picada sob um clima de indignação. O restante da jornada, entretanto, não apresentou nenhuma outra surpresa ou o encontro com forças rebeldes.

Enfim a tropa alcançou o reduto e, como já se suspeitava, não havia mais ninguém naquele lugar. Era apenas um aglomerado de casebres abandonados há algum tempo. A 3ª coluna não teve outra tarefa senão a de atear fogo naquelas construções de taquara.

A visão dos casebres, embora vazios, fez com que o capitão retornasse no tempo. Mais precisamente a setembro de 1897, durante os momentos finais do ataque das forças do governo ao reduto de Belo Monte, em Canudos, interior da Bahia.

Naquela época, Matos Costa era um corajoso alferes, atual segundo-tenente, cuja missão foi a de liderar o lançamento de dinamites nos casebres do reduto na tentativa de eliminar os últimos combatentes. Não bastou o uso de armas de fogo, granadas, bombardeios, a destruição do reduto, a fome e a sede. As dinamites eram o ato desesperado e assombroso de derrotar os mais irredimíveis inimigos jamais vistos na história.

E lá estava o capitão Matos Costa, novamente a encarar os casebres de um reduto. Sabia que cedo ou tarde ocorreria o confronto final. Não haveria outra forma de terminar tal conflito? Seria necessário outro derramamento de sangue? – refletiu ele.



Figura 55 - Aspecto de como ficou o reduto de Canudos após os exaustivos ataques das forças do governo.

Fonte: <http://www.en.wikipedia.org>

Acima das colunas de fumaça que então se ergueram no céu, nuvens de chuva cobriram toda a região deixando-a numa grande escuridão. À tarde, quando os soldados regressavam a Calmon, uma tempestade os atingiu. Eles se depararam com um vento ruidoso que percorria o mato, entrelaçava o taquaral e torcia os galbos das árvores enquanto uma forte chuva fazia transbordar os arroios e inundar o caminho de regresso daqueles soldados. Não tiveram outra escolha a não ser procurar abrigo daquelas forças da natureza que pareciam

enviadas pelos próprios rebeldes. Já a outra tropa que seguiu pelo norte encontrou muito mais obstáculos...

À margem da estrada de ferro São Francisco, ainda em construção, num local chamado Poço Preto, pouco adiante de Porto União, o general Mesquita finalizou os seus planos de ataque. Contratou setenta paisanos liderados por José Vieira e mais dez vaqueanos por conta própria para auxiliá-lo na missão.

Pouco depois da partida da tropa, ouviu-se um tiro vindo das entranhas da mata. O projétil fez um soldado tombar, gravemente ferido. Assustados, os outros buscaram se proteger. Minutos mais tarde, novos disparos e mais soldados feridos ou até mesmo mortos.

Não adiantava atirar a esmo. Não adiantava descargas de fuzil em determinadas folhagens e até mesmo tiros de obuseiro. Nada impedia os guerrilheiros caboclos de espalhar lentamente o medo na tropa que avançava mata adentro.

Ao fim do dia, quando a noite levantava suas primeiras sombras sobre a terra, a expedição de Mesquita, numa ação corajosa e carregada de sorte, tomou a guarda de São Paulo em carga de baioneta calada. Na manhã seguinte, oficiais e praças, eufóricos com a vitória, falavam sobre o ataque:

- Vós mecês tinham que ver a cara daquele fanático quando viu eu mais o Matias na direção dele!

- Pena que o Clodoaldo estava de olhos fechados! Tremia mais que bambu verde!

- Mentira! Fui eu que encabecei o ataque ao reduto!

De repente, uma chuva de projéteis os surpreendeu. Eram tiros vindos de todas as direções. Muitos não tiveram tempo de refugiar-se e foram atingidos. Detrás dos pinheiros, entrincheirados em troncos caídos de imbuia, escondidos nas macegas, os caboclos ressurgiram e deram início a um cerco que durou todo o dia e avançou noite adentro.

Refugiados em trincheiras improvisadas e abraçados aos seus fuzis, os soldados mal puderam dormir. E, no rastejar das horas, o número de baixas continuava a aumentar entre os peludos. No outro dia, o general Mesquita ordenou aos soldados que carregassem os mortos e feridos e batessem em retirada. A celebração da vitória do dia anterior transformou-se numa fuga desonrosa ainda sob o ataque dos guerrilheiros da mata.

Dias depois, no acampamento militar, general Mesquita desabafou ao oficial Matos Costa:

- Considero a minha missão cumprida, capitão. Não vou continuar andando por aí com forças federais à caça de fugitivos como um capitão-do-mato da época da escravidão. O reduto foi aniquilado. Agora compete à Santa Catarina e ao Paraná capturar o restante dos bandidos. Na verdade, essa situação é culpa desses mesmos estados que deixaram a ignorância tomar conta dessa gente facilitando, assim, o surgimento do fanatismo!

- *Concordo plenamente com o senhor. — respondeu o capitão Matos Costa.*

O ataque à vila de Canoinhas

Aguinaldo estava se sentindo enganado. Achou que a serraria Lumber tinha lhe pago um preço muito baixo pelos pinheiros retirados de suas terras. Resolveu então queixar-se ao juiz de Canoinhas.

Já diante do meritíssimo, o caboclo enrugou o rosto e chegou a erguer o tom de voz por diversas vezes, mas o juiz não mudou sua opinião a respeito da questão.

- Procure uma solução amigável, seu Aguinaldo. Os americanos têm dinheiro e bons advogados. — sentenciou ele.

O sitiante da região de Três Barras saiu da sala do juiz ainda mais indignado. Passou pela frente do botequim do Maneco Preto e decidiu afogar as suas mágoas na cachaça. Entrou e recostou-se no balcão. Quando tomava a quarta dose, um cabo da polícia se sentou ao seu lado. O sertanejo, já embriagado, então lhe falou:

- Buenas! Quero te pagá uma bebida!

- Não, obrigado.

- Maneco, uma dose pro meu amigo aqui! — berrou Aguinaldo, aproximando-se ainda mais do policial.

- Mas eu já falei que...

- Me deixe contá o que aconteceu comigo essa manhã, amigo. – interrompeu o sitiante - Fui recramá com o juiz dos preço baixo que a Lumbre pagô pelos meus pinheiro e sabe o que ele respondeu?

- Humm... – resmungou o policial.

- Pra eu cruzá os braços e não recramá... É, meu amigo, aqui todas as autoridade são copincha dos americano, inté o major Vieira!

- O senhor tá bêbado! É melhor ir prá casa!

- E a polícia também, não é seu safado?Eu vou prá casa, mas antes vancê vai bebê uma cachaça especial! – Aginaldo sacou sua garrucha da cinta e a apontou para o cabo. Com a outra mão, retirou do bolso das calças um saquinho de couro cheio de pólvora e despejou uma parte dela no copo de cachaça posto diante do policial.

– Vancê tá doido?! – exclamou o policial, assustado.

- Bebe, copincha, bebe!

Depois de forçar o cabo a tomar uma dose de cachaça com pólvora, Aginaldo montou em seu cavalo e galopou para Três Barras. Lá, entrou em outro boteco e obrigou outras pessoas a beber com ele. Porém, os vários copos da bebida não aplacaram o seu ressentimento pelo que a serraria lhe fizera. Decidiu então vingar-se pessoalmente dos americanos.

A rotina do escritório da Lumber foi brutalmente interrompida pela figura do sertanejo que invadiu o local e descarregou sua winchester nos funcionários. Feridos e desesperados, eles procuraram se refugiar por detrás da

mobília duramente castigada pelos tiros. O sitiante, entretanto, queria os responsáveis por tudo aquilo. Queria os diretores da companhia.

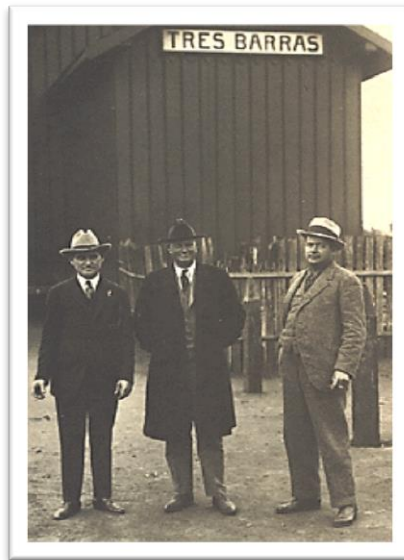


Figura 56 - Os primeiros diretores da Lumber: Ernesto Bishop (E), Henry Weimaster (C) e Jaime Bishop (D), junto à estação de Três Barras. Foto de Contestado. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 42.

Encontrou um deles trancafiado em uma pequena sala. Aginaldo arrombou a porta a golpes de pontapé e se pôs diante do americano, que suplicou pela vida em seu idioma:

- Don't kill me! Please!

Ouviu-se mais um disparo de winchester.

Saciada sua sede de vingança, pelo menos por enquanto, Aguinaldo quis dinheiro. Encontrou o funcionário responsável pelo caixa e dele arrancou cerca de vinte contos. A seguir, golpeou-lhe na cabeça com sua espingarda e tratou de rumar para o sertão.

Dias depois, Aguinaldo foi novamente visto na serraria. Desta vez, acompanhado por mais oito companheiros fortemente armados. Invadiu pela segunda vez o escritório e roubou mais dinheiro. Decidiu levar também seis caixas de uísque e, ao sair, disse a um americano imóvel diante de dois mosquetões de campanha apontados para ele:

- Já tô até as tampa de cachaça ruim. Agora, vou passá a bebê pinga de ingreís. Isso é só prá cobrá os juro dos pinheiro que vanceis não me pagaram. Quando as seis caixa acabá, vórto prá buscá mais!

E foi com esse espírito de indignação que Aguinaldo ingressou mais tarde no grupo rebelde liderado por Bonifácio José dos Santos, popularmente conhecido como Bonifácio "Papudo". O apelido lhe foi dado devido ao seu bócio. Bonifácio era um sujeito de estatura mediana e magro, pele morena e costumava envolver o seu pescoço numa manta para esconder a papada. Foi suplente de delegado de polícia em Canoinhas e homem de confiança do major Vieira. Chegou a reunir mais de 200 homens armados, na localidade do rio Paciência com o objetivo de defender Canoinhas das investidas rebeldes.

Entretanto, os líderes rebeldes Aleixo Gonçalves de Lima e Antônio Tavares de Souza Junior acabaram convencendo-o a aderir ao movimento sertanejo que, para eles, representava uma maneira de derrubar o superintendente municipal, o major Manoel Tomás Vieira, homem de confiança do odiado coronel Albuquerque. Também pairavam sobre o major Vieira diversas acusações como a de apropriar-se, com a ajuda do governo, de ervais nativos explorados há muito tempo pelos sertanejos e ser amante da própria sobrinha, filha do seu irmão Virgulino que, para se vingar, também aderiu ao movimento rebelde.

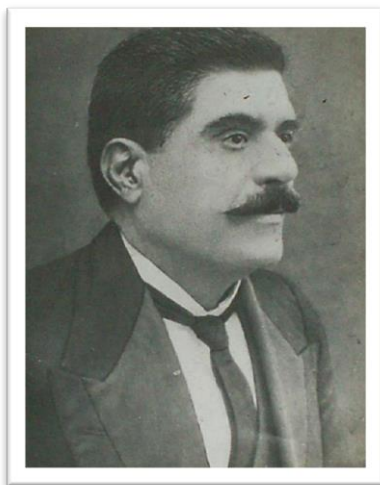


Figura 57 - Major Manoel Tomás Vieira, superintendente da vila de Canoinhas. Acervo da Prefeitura Municipal de Canoinhas - SC.

Ao se aproximarem as eleições municipais, aumentou ainda mais o clima de tensão em Canoinhas. Os rebeldes achavam que era o momento apropriado para tirar o major Vieira do poder. Para isto, Bonifácio Papudo, Aleixo e Tavares decidiram atacar a cidade de diferentes direções. Do oeste, avançariam os sertanejos de Papudo; do sul, os combatentes de Aleixo; e do leste, os rebeldes comandados por Tavares.

O primeiro ataque aconteceu na noite chuvosa e fria de 14 de julho de 1914. Os rebeldes invadiram a vila dando vivas a José Maria, a São Sebastião e à monarquia e gritos tão altos que chegavam a sobrepor o som dos disparos de suas armas. Alguns deles conseguiram apoderar-se da torre da igreja que ficava no alto de uma colina e, de lá, atiraram em várias direções na vila.



Figura 58 – Vista parcial de Canoinhas em abril de 1916. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 134.

Aguinaldo acompanhou as duas carroças de Bonifácio Papudo trazidas à vila para levar as munições que seriam tiradas dos soldados. Mas as carroças acabaram tendo outra utilidade.

O major Vieira, apelidado pelos seus inimigos de chimpanzé, repeliu o ataque com um pequeno contingente do Regimento de Segurança de Santa Catarina, uma unidade de soldados do 16º Batalhão de Infantaria do Exército e um grande número de vaqueanos civis.

O tiroteio foi mais intenso ao redor da casa do vigário, protegida por uma verdadeira barricada feita de tábuas e troncos, e durou cerca de três horas. Pouco antes do amanhecer, Aguinaldo, escondido atrás de uma das carroças próxima à igreja, avistou seus colegas abandonarem seus postos. Eles

colocaram os corpos de seus colegas mortos ou feridos em combate nas carroças e abandonaram a vila.

Entretanto, o fracasso daquele ataque não os fez desistir facilmente. Até o mês de dezembro de 1914, a vila de Canoinhas viveria sob a constante ameaça do cerco rebelde.



**Foto 59 - Estação de trem de Canoinhas, em 1915.
Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>**

Um certo capitão Matos Costa

*“Desde que estes meus óio cruzaro
E se encontraro em repente crarão,
com o oiá candescente belo e atraente
do bravo, valente e leal capitão...”*

Maria Rosa viu diante dela um céu límpido e, lá no horizonte, o sol nascendo com todo o seu resplendor. Naquela mesma direção, entretanto, uma nuvenzinha também apareceu. Ela foi aos poucos tomando conta do céu e tornando-se cada vez maior. E tudo ficou sombrio.

Da mata próxima, rompeu um bando de pássaros que em voo rasante e rápido, se assentou numa árvore cujas folhas começaram a cair até ela ficar completamente despida. Os pássaros então grasnaram e, logo em seguida, alçaram voo, como que assustados diante daquele céu que agora estava negro e tempestuoso.

A virgem acordou em prantos. Estava molhada de suor e trêmula.

- O que houve, prima? O mesmo pesadelo? – perguntou Antoninha que estava deitada próxima a ela.

- Sim, prima. O mesmo pesadelo. Mas agora eu sei o que ele significa.

- Ótro ataque dos sordado?

- Pior que isso, Antoninha.

- *Pior?!*

- *É o sinal de que o monge José Maria se afastou da nossa causa porque o ódio e o rancor da guerra endureceram os coração dos comandante de briga.*

- *Verdade. Eles só consultam vancê prá fazê guerra. — complementou Antoninha e, após uma rápida reflexão, perguntou:*

- *Não tamo mais protegido pelo Enzército Encantado?*

- *Não mais, prima. — e com as mãos sobre o rosto, desabafou:*

- *Oh, José Maria, o que vô fazê? Não posso abandoná toda essa gente que tá aqui por minha causa!*

- *Se não temo mais a proteção divina, percisamo dá um fim nessa guerra!*

- *Sabe, Antoninha, eu tenho o pressentimento que quarquê dia desses o comandante dos soldado vai vim até o reduto prá negociá a paz.*

- *É memo?*

- *É. Mais enquanto esse dia não chega, fico aqui cuidando dos doente.*

Dias depois, na boca da noite, o rancho de Maria Rosa recebeu a visita de dois mascates. Um deles era bem conhecido no reduto e se chamava José Lima, vulgo Nhozinho. O outro tinha o cabelo raspado, vestia-se ao rigor do Quadro Santo e até usava uma fita branca num chapéu velho de pano, mas, pelo sotaque e modo de falar, era de fora. Apesar disto, mostrou-se muito simpático e logo conquistou a confiança de todos.

Convidaram-lhes para jantar e a conversa animada avançou noite adentro. Até que certa hora, sentindo-se mais à vontade, o colega de Nbozinho revelou sua verdadeira identidade.

- Meu nome é João Teixeira de Matos Costa e sou capitão do exército. Mas não temam. Estou aqui em missão de paz.

Eliazinho e Antoninha entreolharam-se, surpresos. Já Maria Rosa ficou encantada e esperançosa, pois esperava que alguém do exército fosse ao reduto.

- Pelo que pude perceber – continuou o oficial - vanceis querem dar um basta nesse derramamento de sangue tanto quanto eu. Sugiro que façamos um tratado de paz que seja bom para ambas as partes.

Na madrugada, após muitas conversas e negociações, um plano de paz foi elaborado. Eliazinho chamou dois vaqueanos de sua confiança para que guiassem os dois mascates por um caminho que lhes fosse mais seguro até alcançarem certa distância do reduto.

Entretanto, a saída tardia de Nbozinho e do falso mascate despertou a desconfiança entre os comandantes de briga. Acreditavam que as lideranças espirituais do reduto desejavam que os sertanejos se entregassem às forças militares. Algo tinha que ser feito urgentemente.

O velho Euzébio e Elias Moraes organizaram um piquete xucro sob o comando de Chiquinho Alonso cuja missão era perseguir os dois mascates.

Chiquinbo estava no ápice do seu vigor físico. Um homem de 25 anos, bonito, alto e forte. Veio de uma família de bons atiradores e hábeis no facão. Mesmo antes da guerra santa, era considerado aventureiro e não perdia uma oportunidade para brigar. Entrou no reduto de Caraguatá e logo ganhou o comando de um piquete. Era casado com Mariazinha que também ganhou fama por sua beleza.

Chiquinbo Alonso e seu grupo dirigiram-se para Campina dos Pintos, localidade onde Nhozinho possuía uma bodega. Porém, não o encontraram por lá. Acabaram assassinando o encarregado, saqueando a bodega e ateando fogo nela.

Durante o retorno para o reduto, ao pernoitar junto a uma vertente de água, Chiquinbo seguiu novamente as orientações de Euzebio e Elias Moraes e executou a segunda parte do plano. Mandou seus homens fazerem uma cruz de cedro maciço e erguerem-na junto à “água santa”. A seguir, ordenou que encenassem uma reza e, exaltado, declarou-se afillhado de João Maria e que seria daquele momento em diante seu representante direto. Por fim, fez com que esta notícia se espalhasse pelo reduto antes de sua chegada, criando, dessa forma, um clima místico para que fosse aceito em tal cargo.

Quando Chiquinbo Alonso entrou no reduto com seu piquete, Elias Moraes proclamou-o euforicamente como comandante geral de todos os redutos. Houve uma grande festa para celebrar a designação de Chiquinbo. Ficou nítida, a partir de então, uma divisão dentro do reduto. Boa parte apoiava os

comandantes de briga e outra os chamados moderados liderados por Maria Rosa e seu pai.

Durante a festa, Tobias viu que Freizinho partia do reduto a cavalo. Levava consigo uma trouxa de roupas e sua velha sacola de couro.

- Onde vai, Freizinho? – perguntou Tobias.

- Estou indo embora, Tobias.

- Capaix! O povo daqui precisa de vancê!

- Eu sei disso, mas as coisas mudaram muito no reduto. Antes lutavam por justiça e liberdade e eu admirava tanto isso que cheguei a mudar a minha própria vida. Agora não vejo mais razão prá continuar aqui. Acho que vancê deveria pensar a respeito.

Tobias permaneceu imóvel por alguns segundos e então perguntou:

- Prá onde vai?

- Não tenho mais nada a perder. Talvez descer a serra e rever o mar. Ele é tão bonito... Bem, adeus, meu jovem amigo. Que Deus os proteja!

- Adeus, Freizinho!

Outra pessoa que se mostrou muito descontente com a atual situação foi Venuto Baiano. Como um combatente experiente como ele, que tinha sido responsável por tantas vitórias sobre as forças do governo, não ter sido escolhido como comandante geral? – ele se perguntava, indignado. A partir de então, viam-no muitas vezes embriagado, liderando um grupo de homens fiéis a ele,

promovendo roubos, assaltos e desordens de toda a natureza, sem prestar contas a mais ninguém.

A virgem Maria Rosa, por sua vez, foi relegada completamente por Chiquinho Alonso que dizia falar diretamente com o padrinho João Maria e São Sebastião sobre as questões da causa sertaneja. Ao perguntarem a Maria Rosa sobre o estranho comportamento do comandante geral, a moça respondeu entre a tristeza e o desdém que “já estava fora do barulho” há algum tempo.

Mas outro fato ocupava-lhe a mente. Sua prima Antoninha percebeu que, desde a visita do capitão Matos Costa, seu comportamento mudou bastante. Quando Maria Rosa falava do capitão, seus lábios tremiam e sua face ruborizava. Olhava para os lados, assustada, como se temesse que alguém descobrisse os pensamentos e desejos secretos que percorriam a sua mente. Jamais imaginou conhecer um homem tão bonito, inteligente e gentil, bem diferente dos simples sertanejos. No seu íntimo, imaginava-o em sua bela farda de oficial, a cavalo, empunhando uma longa lança contra o dragão, semelhante à imagem de São Jorge. Um amor platônico nascera em seu coração assim como a esperança de paz.



Foto 60 – O capitão Matos Costa, apesar de ser oficial do exército, mostrou-se sensível às situações de injustiça pelas quais os sertanejos passavam. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 77.

O capitão Matos Costa comandava um destacamento de 200 soldados e sua missão era proteger os serviços finais da construção do ramal ferroviário São Francisco, à esquerda do rio Iguaçu, entre Canoinhas e União da Vitória, garantindo também a Vila Nova do Timbó.

Durante as inspeções às guarnições da ferrovia, conheceu melhor o povo sertanejo e soube das injustiças e crueldades cometidas pelos coronéis que lá reinavam absolutos. Inicialmente, empenhou-se em investigar um caso de

derrame de dinheiro falso. Acabou por descobrir e comprovar o envolvimento do coronel José Vieira que, enfurecido, jurou matar o capitão.

Era simpático ao movimento dos rebeldes sertanejos e não escondia os seus planos para obter a paz na região. Certa vez, na estação Paula Pereira, afirmou abertamente:

- Os culpados disso tudo são os coronéis como Artur de Paula e José Vieira! Eles vendem terrenos para essa gente simples pagar em prestações. Então, quando os terrenos estão quase quitados, expulsam os caboclos e pedem socorro ao governo!

Após o acordo feito com Maria Rosa e Eliazinho da Serra, Matos Costa viajou no início de agosto de 1914 ao Rio de Janeiro, a então capital da jovem República, para relatar a situação na região contestada e tratar sobre o plano de paz com as altas autoridades e com o ministro da Guerra. No fim do mesmo mês, retornou da capital, mas não teve a oportunidade de expor os resultados de sua empreitada. Foi surpreendido, em União da Vitória, pelas notícias alarmantes dadas pelo coronel Amazonas Marcondes, prefeito e chefe político local, de que os jagunços estavam investindo contra as vilas de Canoinhas, Papanduva, Itaiópolis, Calmon, Três Barras e suas cercanias.

E os ataques rebeldes continuaram no mês seguinte. Nos dias 5 e 6 de setembro, as estações de Calmon e São João dos Pobres foram invadidas pelos piquetes xucros. O ataque a Calmon foi liderado por Chiquinho Alonso. Ele promoveu grandes incêndios no local, reduzindo às cinzas as instalações da

estrada de ferro, as casas comerciais e a serraria da Brazil Lumber and Colonization.



Figura 61 - Estação de Calmon.

Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Já a investida contra São João dos Pobres foi comandada por Venuto Baiano. A sua numerosa expedição de 300 homens foi de uma violência ainda maior. Contrariando as ordens de Chiquinbo de poupar a vida de mulheres e crianças, Venuto assassinou alguns meninos e mandou incendiar o povoado em torno da estação de trem. Ele também soube por intermédio do coronel José Vieira que o capitão Matos Costa estava vindo de trem com um pequeno contingente de soldados e preparou uma tocaia junto à linha férrea.

Escondidos num vassoural, os rebeldes avistaram o trem aproximar-se lentamente e, pelo leito da linha, cerca de trinta soldados armados com fuzis. Venuto Baiano deixou claro que só atacassem ao seu sinal...

Capitão Matos Costa não se intimidou com os avisos de que o número de rebeldes era grande e partiu de Vila Nova do Timbó a São João dos Pobres com um destacamento de 60 homens. Junto deles estavam dois engenheiros americanos, Kimmel e Dewit, encarregados da serraria Lumber em Calmon.

Quando o trem se aproximou de uma caixa d'água, a cerca de um quilômetro da estação, o capitão mandou parar a locomotiva. Ele, os americanos e 30 soldados desceram do trem e seguiram a pé ao lado da linha férrea. Avistaram, logo à frente, um cachorro magro e arrepiado vir em direção contrária.

- Capitão, aquele cão purguento é um sinal de que os jagunço tão por perto! — exclamou um homem que servia de guia.

Os sertanejos deixaram seus esconderijos e atacaram o destacamento. O maquinista, apavorado, fez o trem regressar a plena velocidade e parou só em Porto União, deixando o capitão e seus soldados a mercê da própria sorte.

- Let's get out of here! — berraram os americanos, embrenhando-se no mato.

Travou-se um grande tiroteio. Pela farda, Venuto Baiano identificou o capitão Matos Costa e o feriu a bala. Apesar dos primeiros sertanejos caírem frente aos disparos dos fuzis, seu número era muito grande e logo os soldados

ficaram sem munição. A luta passou a ser o chamado entrevero, no qual os rebeldes eram combatentes implacáveis. Ferido, o capitão e outros dois sargentos correram para um banhado próximo, mas foram alcançados e mortos pelos sertanejos. E este foi o fim trágico de Matos Costa e com ele as chances de haver algum acordo de paz.

Poucos soldados se salvaram fugindo pela mata, inclusive os dois americanos que só foram encontrados dias depois, esfomeados e em farrapos, próximos de Porto União.

Após o ataque dos piquetes às estações de trem, Chiquinho Alonso ordenou que todos retornassem ao novo reduto-mor, em Caçador Grande. Mas a notícia de Venuto Baiano ter assassinado crianças em São João dos Pobres e ser o responsável pela morte do capitão Matos Costa, querido por muitos rebeldes, a mando do coronel José Vieira, provocou repulsa e desconfiança nos próprios homens de Baiano e no comandante geral. Já Maria Rosa, ao saber da trágica notícia sobre o capitão, chorou às escondidas durante dias.

Certa noite, Maria Rosa encontrou-se mais uma vez com seu querido oficial Matos Costa. Ela sonhou que caminhava por um quadro santo enfeitado com as mais belas flores silvestres. Então avistou o jovem e elegante capitão, montado em seu cavalo, em frente a uma igrejinha. Trocaram sorrisos. Ela se aproximou dele e falou:

- Pensei que tivesse te perdido, capitão.

- Não, Maria Rosa. Eu vim para levar-te comigo.

O oficial estendeu sua mão como que a convidando para subir em sua garupa. Mas um vento forte e quente soprou contra eles. Matos Costa disse algo, mas ela não conseguiu ouvir por causa do ruído da ventania. O belo quadro santo foi cortado por uma estrada de ferro que parecia vir das entranhas do inferno. Labaredas enormes surgiram por entre os dormentes e espalharam pelo chão um fogo que tomou conta rapidamente da igreja e das casas do reduto. Ouviram-se gritos de lamento e dor.

Assustado, o cavalo do capitão ergueu-se nas duas patas e recuou, fazendo o casal se distanciar. Uma densa cortina de fogo e fumaça ergueu-se entre eles e Maria Rosa perdeu de vista o seu amado. De repente, a fumaça e o fogo desapareceram. Ela olhou ao redor. Não havia mais nada. Nem o capitão, nem a igreja, nem o reduto. Somente a terra queimada coberta de cinzas. Perdi o meu amor e as esperanças de paz, disse Maria Rosa, ainda em sonho.

Quando Venuto, com os cargueiros repletos de mercadorias roubadas, descansava às margens de um arroio na Campina da Mula Renga, viu-se surpreendido por quatro sertanejos, entre eles Chico Ventura e Tobias, que lhe tiraram sua winchester. Baiano tentou reagir sacando seu revólver, mas ao ver o cerco feito por seus próprios capangas, resolveu entregar-se.

- O comandante qué muito proseá com vancê, Baiano. – disse Chico Ventura. Venuto Baiano foi conduzido pelo grupo por cerca de 50 metros do local de descanso. Era um homem perspicaz, sabia que o levavam para a sua execução.

Quando não ouviu mais os passos dos demais a acompanhá-lo, voltou-se e disse:

- Se é prá me matarem, que não seja pelas costas!

Encarou de peito aberto uma descarga mortal de garruchas. Seu corpo, prostrado ao chão, foi abandonado no mato.

Tobias considerou a execução de Venuto como um ato de purificação do movimento sertanejo e estava orgulhoso do seu comandante geral. Entretanto, ao chegar a Caçador Grande, seu sentimento passou a ser de profunda decepção. Presenciou Antônio do Diabo e seus capangas serem recebidos de braços abertos por Chiquinho Alonso.

Por diversas vezes, Antônio tentou fazer parte do movimento, mas era veementemente recusado pelas lideranças espirituais que não admitiam bandidos, ladrões ou assassinos no reduto. Agora, foi tratado como valoroso aliado. Tobias lembrou-se então do que seu amigo Freizinho lhe dissera antes de partir.

Calmon em chamas

A área dominada pelos rebeldes chegou a ter 28.000 quilômetros quadrados. Limitava-se ao norte pelo rio Iguaçu; ao sul pelo rio Uruguai; a leste por Itaiópolis, Papanduva, pelas picadas das colônias Moema e Iracema, pelos contrafortes da Serra do Mirado e pelas demais cabeceiras da bacia do Itajaí; e a oeste pela estrada de ferro São Paulo – Rio Grande. No reduto-mor e em redutos, redutinhos e guardas, viviam um total de 20.000 pessoas.



Figura 62 - Área sob o domínio do movimento rebelde.

Fonte: <http://www.tresbarras.xpg.com.br>

Os rebeldes promoveram um forte processo de arregimentação da população local competindo, assim, com as forças do governo que procuravam fazer o mesmo. Alguns iam aos redutos e guardas de boa vontade, outros, à

força. O aumento da população nos redutos gerou, conseqüentemente, uma maior necessidade por alimentos. Entretanto, como os rebeldes viviam em constante ameaça dos ataques dos militares, não tinham mais condições de produzir seus próprios alimentos. A solução encontrada foi a de intensificar os roubos e saques por meio dos piquetes xucros.

Chiquinho Alonso organizou um grande piquete xucro do qual participaram Tobias e Antônio do Diabo, para atacar a estação de trem na localidade de Calmon e, principalmente, as instalações da serraria da Lumber e depois marchar rumo a Porto União.

- Má quem eu vejo comandando piquete xucro! Se não é o piaçã do coroné Osório! – disse Antônio, ao ver Tobias aproximar-se com seus homens. – Me contaram o que vancê fez com o véio. O moço agora é sujeito onça! – soltou uma gargalhada que é interrompida pela voz e olhar ameaçadores de Tobias:

- Abra bem os zivido pro que eu vô te falá. Tamo no memo lado dessa peleia, mas quero vancê e seus capanga bem longe das bandas do Rio dos Bugre. Tem famíia de amigo meu lá.

- A famíia do Antenor Kaminski?

Aquela ironia perversa deixou o jovem caboclo com o sangue fervendo, pois sabia que o bandido falava de Ana. Antônio então complementou a sua fala como forma de amenizar a tensão criada:

- Não se preocupe, parceiro. Se eu quisesse, já tinha feito alguma coisa faiz tempo, ainda mais dispois que vancê não quis mais a polaquinha.

Tobias não ficou nem um pouco tranquilo. Teria que acompanhar atentamente os passos de Antônio dali por diante. Pela primeira vez sentiu remorso por fazer parte de um movimento que agora representava perigo às pessoas que ele amava.

Era cinco de setembro. Quase três horas da tarde. No pequeno povoado de Calmon, ouvia-se apenas o ruído das serras cortando as toras trazidas da floresta. Algumas pessoas estavam no armazém do seu Nicola, encostados no balcão, bebendo cachaça e conversando. Os seguranças da serraria jogavam pôquer tranquilamente.

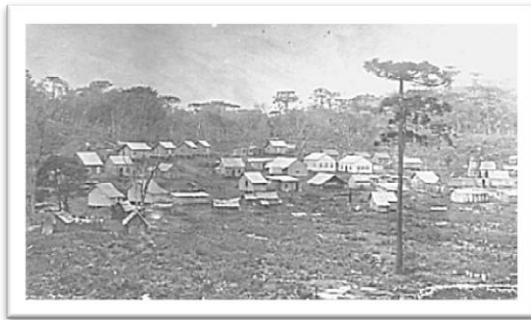


Figura 63 - Vila de Calmon, em 1910.

Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br>

Enquanto isso, nas redondezas de Calmon, Chiquinho repassou ao piquete as ordens e formas de ataque:

- Matem todos e ponham fogo na serraria! Má não façam mar práς miué e nem pras criança!

O chefe da estação, Erivelton, encontrava-se sentado na frente da plataforma, aproveitando o calor do sol depois de dias tão frios. Ele olhou para o lado e acompanhou um cavaleiro aproximar-se a galopes rápidos, parar na frente do armazém e gritar para todos:

- Os fanático tão chegando!!

Erivelton então se voltou para o sul e avistou cerca de 300 homens, armados com pica-paus, winchester e facões, portando chapéus de aba larga com longas fitas brancas e bandeiras na mesma cor com cruzes verdes ao centro, marchando para o povoado. O chefe da estação pôs-se em pé num pulo e correu para dentro da estação. Mandou o seguinte telegrama para a estação de São João: “Fanáticos aqui”. Foi seu último feito antes de ser morto pelos sertanejos.

O piquete xucro invadiu o povoado e matou todos os homens que encontrou pelo caminho. O pequeno corpo de segurança da Lumber tentou reagir, mas era tarde demais. Em meio aos tiros, gritos e muita correria, quis o destino colocar dois homens, de lados opostos da guerra, frente a frente para um duelo. De um lado, estava Antônio, o Tonhão do Diabo. Par de França, vaqueano, matador de aluguel e ladrão de gado. Do outro, o americano George McArthur, chefe do corpo de segurança da Lumber, caçador de índios apaches e cheyennes e o maior pistoleiro de todo o estado do Arizona.

Eles reconheceram que ambos pertenciam à mesma estirpe de homens perigosos. E o cowboy foi o primeiro a sacar sua arma e atirar, mantendo a sua reputação de o gatilho mais rápido do oeste americano.

O primeiro tiro. Tonhão do Diabo se inclinou para um lado.

O segundo tiro. Tonhão se inclinou para o outro lado.

George McArthur enrugou os olhos. Jamais tinha errado duas vezes consecutivas em toda a sua vida.

Mais um tiro. Tonhão não se moveu, apenas sorriu.

- Who are you? The devil? – exclamou o americano que, tomado por grande pavor, decidiu fugir.

- Agora é minha vez... – Tonhão do Diabo apontou sua garrucha na direção do americano que corria na ânsia de alcançar seu cavalo.

McArthur é derrubado por um projétil que lhe atravessou a cabeça.

Tonhão ergueu o braço e chamou o seu cavalo que lhe atendeu prontamente. Sua missão para com os rebeldes estava concluída. Agora deveria instruir seus vaqueanos para roubarem algumas cabeças de gado e levá-las a sua propriedade particular.

As mulheres e crianças foram realmente poupadas. Muitas fugiram para o mato, outras seguiram pela linha de trem. Os rebeldes incendiaram a serraria, os depósitos de madeira e demais casas da empresa americana assim como a estação de trem. À noite, ainda era possível ver as enormes labaredas queimarem o que restou do povoado.

Ataques cuidadosos, ataques desastrosos

O medo e o pânico se espalharam pela região e alvoroçaram até a população de Curitiba que chegou a acreditar que alguns bairros tinham sido invadidos pelos sertanejos. Muitos homens, sabendo que as mulheres eram poupadas nos ataques, transvestiam-se diante de alguma ameaça rebelde.

Multiplicaram-se as queixas das autoridades municipais, locais e dos representantes de empreendimentos estrangeiros que pediam dos governos estaduais e federal ações mais enérgicas e definitivas contra o movimento rebelde.

Os governos de Santa Catarina e Paraná, pela primeira vez, esqueceram suas divergências quanto à área contestada e, em conjunto, solicitaram intervenção federal para por fim a um movimento rebelde que ganhava contornos cada vez mais assustadores.



Figura 64 – Para proteger a Lumber, a maior serraria da América do Sul, contra os rebeldes, foram reforçados os contingentes da segurança e levantadas barricadas ao redor do complexo industrial.

Foto de Claro Jansson.

Onze horas do dia 26 de agosto de 1914. Um ajudante de ordens do ministro da Guerra chegou de automóvel à residência do oficial e disse que o ministro pediu a ele para comparecer ao Palácio do Catete, onde lhe aguardava em companhia do Presidente da República, o marechal Hermes da Fonseca.

No Catete, ele atravessou um largo corredor acompanhado por outro oficial de menor patente que gentilmente lhe abriu a porta que dava acesso à enorme sala de despacho do ministro da Guerra, o general Vespasiano de Albuquerque. Sentados a uma grande mesa de carvalho, estavam o ministro e o presidente. Ele ocupou uma cadeira ao lado do marechal, diante do ministro da Guerra. O presidente dirigiu-se a ele dizendo:

- Estranhei sua carta ao Herculano.

- O conteúdo da carta baseia-se, senhor marechal, nos conceitos que ontem à noite ouvi do senador Alencar Guimarães sobre a política interna do Paraná, e em relação ao veredito do Supremo Tribunal de Justiça na questão de limites entre os dois Estados. Depreendi das palavras do senador que teria caráter político a comissão que me está destinada em seu Estado. Eu, absolutamente, não aceito investidura de tal natureza. O senhor Ministro da Guerra, presente, aludiu, quando me declarou precisar de meus serviços no Paraná, simplesmente, uma missão exclusivamente militar: acabar com os fanáticos. Guerra, conseqüentemente, em vista do desenvolvimento da rebelião nos sertões de dois Estados. Não podia recusar. Aceitei de bom grado. Estaria no papel de general. Dirigiria operações militares, estranhas completamente a manejos partidários, a competições políticas. Os termos do decreto, que seria hoje lavrado, ampliariam as funções que me caberiam exercer, dando-me objetivos políticos. Estou pronto, senhor marechal, a fazer a guerra contra os fanáticos. A comissão é já bastante árdua. As tropas do Paraná estão desprovidas de todos os recursos materiais. O moral profundamente abalado, em consequência da série de desastres experimentados pela incapacidade de chefes. A oficialidade, segundo voz corrente, mal orientada, pensa ser uma questão política. Nega-se a combater. Todas estas dificuldades, porém, serão removidas. Meu ânimo não será abalado.

As últimas palavras foram ouvidas pelo ministro do Interior, que entrou no salão da conferência, sentando-se ao lado do ministro da Guerra, e foi logo falando, pois os outros dois nada diziam:

- Então o senhor não quer fazer parte de uma comissão política?

- Absolutamente não. Venho de terminar uma no Ceará, bastante espinhosa.

Não serei o general único para casos tais. O Exército tem outros.

- Então o que o senhor quer?

- Oh, senhor ministro, eu não quero nada. Escolhido para uma missão de guerra pelo titular competente, estou pronto a desempenhá-la. Precisaréi de recursos para levá-la a bom termo. O Exército nada tem. E, no momento, faltam-lhe mesmo energias morais. Não me atemoriza, todavia, este precário estado das tropas a comandar. Desde que Vossa Excelência me coloca tão à vontade com sua interrogação, peço licença para melhor expressar meu pensamento, definindo claramente a atitude que deveréi assumir: penso que meu papel no Paraná e Santa Catarina deverá ser semelhante ao do ministro da Guerra, marechal Moura, quando ao Rio Grande do Sul foi dirigir as operações contra os revolucionários federalistas. Restringiu sua ação à esfera militar, guerreira. Alheio inteiramente à política e administração do Estado, exercidas conjuntamente pelo seu governador, Júlio de Castilhos. Os poderes públicos do Estado conservaram-se íntegros, sem interferências alheias. Assim, também, em relação aos dois Estados do sul, assolados pelo fanatismo. Os governadores continuarão no exercício legal de seus mandatos, auxiliando-me

no que se fizer necessário, dever que lhes é imposto pelo fato de haverem solicitado à União intervenção nos moldes do artigo sexto da Constituição da República.

O ministro Herculado esboçou um leve sorriso e trocou olhares com Hermes da Fonseca. O ministro da Guerra piscou para ele apenas com um olho num discreto gesto de assentimento. O Presidente mantivera-se em silêncio, ouvindo atentamente as considerações dele e, após uma rápida pausa, voltou-se para ele e falou:

- Vamos, então, lavrar o decreto. – tomou uma pena e iniciou a redação.

Fernando Setembrino de Carvalho. Este é o nome do general nomeado pelo ministro da Guerra para chefiar a nova campanha contra os sertanejos rebeldes no sul do país. Setembrino era considerado o comandante mais adequado para a missão uma vez que havia se destacado na intervenção federal no Ceará, ainda no início daquele mesmo mês. Tornou-se então o comandante da 11ª Região Militar, em Curitiba, substituindo o general Abreu. Obteve ainda garantias do ministro que teria a sua disposição tropas e orçamento à altura do conflito. A partir de setembro, foram sendo enviados à região contestada mais de 7.000 soldados, o que representava na época, nada mais, nada menos, do que a metade de todo o contingente militar do país.



Figura 65 - O general Setembrino buscou atuar apenas no âmbito militar durante o conflito do Contestado. Fonte: www.ivopitz.pro.br

Setembrino sabia da grande região dominada pelos rebeldes, de sua mobilidade e de suas táticas de guerrilha. Com base nestas informações, ele decidiu não enfrentá-los diretamente como fizeram seus antecessores e sim cercá-los em quatro grandes frentes (posteriormente transformadas em colunas de ataque). Inicialmente, o cerco afastaria os rebeldes dos centros comerciais e da linha férrea São Paulo – Rio Grande, depois restringiria a área de atuação deles a ponto de deixá-los sem alimento e mantimentos, o que os enfraqueceria. A partir daí, os ataques diretos se iniciariam. Esta estratégia fora inspirada no confronto com os rebeldes de Canudos, ocorrido há quase duas décadas.

- É preciso acabar com a impetuosidade daqueles fanáticos pela fome e pela sede e evitar, ao máximo, as emboscadas traiçoeiras que tanto desmoralizam as tropas! – afirmou o general à imprensa.

Depois de realizada a primeira fase do cerco aos rebeldes, com a reconquista da estrada de ferro, Setembrino lançou um ‘apelo’ a todos os sertanejos que habitavam a região em conflito:

“Faço um apelo aos habitantes da zona conflagrada, que se acham em companhia dos fanáticos, eu os convido a que se retirem, mesmo armados, para os pontos onde houver forças, a cujos comandantes devem apresentar-se. Aí lhes são garantidos meios de subsistência, até que o governo do estado do Paraná lhes dê terras, das quais se passarão títulos de propriedade. A contar porém, desta data em diante, os que não fizerem espontaneamente e forem encontrados nos limites da ação da tropa, serão considerados como inimigos e assim tratados com todos os rigores das leis de guerra”.

Quartel General das Forças de Operações, 26 de setembro de 1914.

General Setembrino de Carvalho.

A situação na região contestada, entretanto, não mudou e muitos daqueles que atenderam ao apelo jamais receberam títulos de propriedade e o pior, acabaram sendo mortos pelos vaqueanos. E no dia 21 do mesmo mês,

um grande piquete, entre 250 a 300 rebeldes, invadiu a vila de Curitiba e lá permaneceu por quatro dias. Sob a liderança de Chico Ventura, vários chefes que eram antigos membros do movimento, como Tobias e os filhos de Praxedes Gomes Damasceno, antigos federalistas (Castelbano e o Negro Olegário) e os inimigos políticos do coronel Albuquerque (os irmãos Sampaio, Paulino Pereira e Cyrino Chato), uniram-se para realizar um ataque aos prédios públicos e às propriedades do coronel Albuquerque e de seus amigos.

Vindos pela estrada de Campos Novos, Tobias e os outros rebeldes atravessaram o rio Marombas e puseram para correr uma pequena guarda composta por 15 policiais. Ao amanhecer, entraram na vila de Curitiba gritando vivas à monarquia e a José Maria. Já os inimigos de Albuquerque bradavam morte ao coronel.

Mas boa parte da vila estava vazia. O boato da invasão já tinha percorrido Curitiba uma semana antes permitindo aos moradores abandonar suas casas ou até mesmo mudar-se para outras regiões, como o vale do Itajaí. Muitas mulheres e seus filhos permaneceram na cidade, pois a população sabia que eles eram poupados durante os ataques.

Guiados por curitibanenses rebeldes, Tobias e seus capangas incendiaram o prédio da Superintendência Municipal, a casa da Câmara, a Cadeia Pública e, especialmente, a residência e o estabelecimento comercial do coronel Albuquerque. Naquele momento, alguns antigos desafetos do coronel berravam, enquanto viam queimar a mobília e objetos de valor, “Isso é pelo

que o coroné feiz à Taquaruçu!”, “Vingança pelas surra de marmelo que levemo na cadeia!”

O Cartório de Registros, por outro lado, não foi incendiado. O prédio era alugado e pertencia a Chico Ventura. Além disso, havia uma mulber que morava lá. Os rebeldes apenas retiraram os documentos e os espalharam pela cidade, gritando:

- Queremo a liberdade, queremo as lei antiga!

Ao final do dia, o piquete de Tobias se reunia na praça central e, com os demais rebeldes, passava a noite na fazenda abandonada de Faustino José da Costa, outro aliado do coronel Albuquerque que fugira para o litoral. Faziam isso como sinal de respeito às mulheres que tinham permanecido na vila. Esta rotina se repetiu até o dia 25 de setembro, quando os rebeldes então partiram sem causar a morte de ninguém na vila.

Já um piquete encabeçado por Chiquinho Alonso foi marcado por muitas mortes, inclusive pela sua própria. Caboclos da localidade de Rio das Antas, expulsos pela Lumber, cercaram o comandante-geral e falaram:

- Nós queremo se vingá dos colono que expursaram a gente e ficaram com nossas terra!

- Nós queremo resorvé essa dívida e sabemô que vancê é bicho de craca nas aspa!

- É! Da raça dos xucro! Não vai deixá por isso memo, né Chiquinho?

Chiquinbo Alonso, que tinha fama de valentão e gostava de ser bajulado, aceitou a missão e mandou o seguinte recado àqueles agricultores:

- Digam prá eles que se preparem porque vô mostrá com quantos pau se faiz uma cangalba!

Mas os agricultores não fugiram, pelo contrário, armaram-se e cavaram trincheiras em pontos estratégicos ao redor de suas casas.

No dia 02 de novembro de 1914, Chiquinbo Alonso, seu capanga Adeodato Manoel Ramos, e os caboclos expulsos formaram um piquete de 35 homens e atacaram Rio das Antas. Ao chegarem, mataram quatro agricultores que se encontravam capinando em uma roça nos arredores e, inclusive, uma moça que fora atingida no decorrer do combate.

Soou o alarme. Os demais moradores, por outro lado, conseguiram buscar abrigo nas trincheiras e responderam ao ataque. Houve um grande tiroteio. Muitos rebeldes foram atingidos e mortos. Chiquinbo, para mostrar sua valentia aos companheiros, aproximou-se demais dos agricultores entrincheirados e recebeu uma carga de mostarda no rosto, furando-lhe os olhos. Movido pela dor e desespero, o comandante-geral correu em rumo cego por uma lavoura e acabou batendo com a cabeça contra um pinheiro. Foi ao chão inconsciente.

- O chefe tá lá, sem recurso, no limpo da lavoura! – berrou um dos rebeldes.

- E tem mais doze dos nosso já espichado! – complementou outro.

- É perna prá que te quero! – falou Adeodato.

Percebendo a enrascada na qual se meteram e sem nenhuma chance de salvar seu líder, os rebeldes decidiram voltar para o reduto de Caçador e contar a trágica notícia.

Logo depois, os agricultores empilharam os corpos de seus inimigos sobre o de Chiquinho, que ainda estava vivo, acrescentaram lenha permeada por grimpas secas e atearam fogo. E este foi o fim de mais um líder rebelde.

Inimigo de dois exércitos

A notícia da morte de Chiquinho Alonso causou tristeza e, posteriormente, grande expectativa sobre quem seria o novo comandante-geral. As lideranças religiosas do reduto de São Sebastião, com mais de 500 ranchos e comandado pela família Machado, apresentaram o menino de Deus Antoninho, um rapaz de 20 anos e, para auxiliá-lo, a 'virgem' Sebastiana Rocha.

Elias Moraes e Euzebio não concordaram e escolheram Adeodato, jovem e destemido como Chiquinho. Mas era preciso, como da vez anterior, criar um clima místico para que o povo acreditasse que Adeodato fosse o escolhido pelas entidades sobrenaturais.

Seguindo as orientações dos velhos comandantes de briga, Adeodato disse a todos que teria que partir para Butiá Verde a fim de resolver alguns negócios pendentes. Ao chegar lá, seus amigos o viram com a bandeira desfraldada do movimento e gritando euforicamente:

- No pouso da noite passada, a Corte Celeste veio inté mim em sonho e me clamô como comandante-geral da revorta!

- Capaiç!

- Pelo jeito estabanado, Adeodato tá memo tocado por alguma coisa lá de riba!

— comentaram os sertanejos.

Ao regressar para o reduto de Bom Sossego, Adeodato seguiu à frente do seu grupo fazendo arruaças, gritando e empinando seu cavalo para mostrar a todos que era o novo “dono do rodeio”. Rapidamente, Moraes e Euzébio apressaram-se em recebê-lo com todo o cerimonial que o cargo merecia, pois souberam que em São Sebastião o menino de deus Antoninho já fora aclamado e expedira certas ordens aos demais redutos. A primeira ação tomada pelo novo comandante-geral foi a de mandar prender Antoninho e levá-lo ao reduto de Caçador.

Lá, Tobias conversou com vaqueanos que participaram de piquetes liderados por Tonhão do Diabo. Revelaram que ele, além de ser por diversas vezes excessivamente violento com os fazendeiros, não trazia para o reduto boa parte do gado arrebanhado nas vilas e sim para sua estância em Porto dos Estácios, à margem direita do rio Iguaçu, no Paraná. Tobias precisava contar isto ao menino de deus para que Tonhão fosse expulso do movimento o mais breve possível.

Quando o caboclo se aproximou do galpão onde o rapaz costumava atender os redutários, viu que ele estava sendo conduzido por um grupo fortemente armado liderado por um sujeito chamado Aleixo Gonçalves. Intrigado, Tobias se inteirou da situação e ficou sabendo que Antoninho seria levado ao reduto de Caçador. Decidiu então acompanhá-los a certa distância para não ser visto.

No reduto de Caçador, Tobias continuou a seguir o grupo de Aleixo até um rancho onde estavam os líderes de briga e o novo comandante-geral. Ele permaneceu do lado de fora e, sem que ninguém o visse, ficou espiando por uma pequena fresta. Antoninho e Adeodato discutiram por alguns momentos até que um dos capangas de Aleixo se aproximou por detrás do rapaz e o golpeou na nuca com um porrete. Desacordado, o menino de deus foi decapitado.

Naquele momento, Tobias fechou os olhos. Lembrou-se das palavras de Freizinho e de sua mãe. Estava agora entre homens que roubavam e matavam pelo poder. Voltou a espiar o que acontecia naquela reunião de assassinos. Adeodato aproximou-se de um dos sertanejos e lhe deu a seguinte ordem:

- Vá prá São Sebastião agora. Diga prá virge que Antoninho precisa dela aqui em Caçador. No caminho, vancê dá um sumiço nela. Dispois, inventemo uma história pro povo.

Um sertanejo, conhecido como Jucão, recebeu as ordens do comandante-geral e partiu imediatamente para São Sebastião. O emissário de Adeodato chegou ao reduto no início da noite e foi logo ter uma conversa com a ‘virgem’ Sebastiana Rocha. Combinaram de partir bem cedo, na manhã seguinte.

Durante a viagem a Caçador, Jucão decidiu fazer uma parada para beberem água e descansarem um pouco. Havia uma fonte de água cristalina cercada por um capão alto. Lugar ideal para matar a sede e uma pessoa –

pensou Jucão. Enquanto a moça estava curvada sobre a fonte bebendo água, o sertanejo tirou silenciosamente uma faca de sua cinta e aproximou-se dela. Com a outra mão, ele tamparia a sua boca evitando, assim, os gritos.

A faca cravou nas costas desprotegidas. Apesar da mão sobre a boca, ainda foi possível ouvir alguns grunhidos de dor.

A jovem voltou-se assustada e encarou Jucão cair no chão, esfaqueado por Tobias.

- Meu Deus! – gritou a moça.

- Não tenha medo. Esse jaguara tinha ordem prá te matá! – respondeu o caboclo, apontando para a faca que ainda estava na mão de Jucão. – Adeodato matô Antoninho e agora seria a sua vez. Bamo imbora daqui!

- Pra que reduto?

- Nenhum deles é seguro prá vancê, moça. O jeito é se escondê por uns tempos em ôtro lugá até a poeira baixá.

- Má quem é vancê?

- Meu nome é Tobias. Sou um dos Pares de França.

Enquanto eles montavam em seus cavalos e rumariam para um novo destino, Jucão voltou a abrir os olhos e balbuciou a seguinte palavra:

-Tobias...

Horas depois, alguns bombeiros encontraram Jucão gravemente ferido, montado em seu cavalo, nas proximidades do reduto de Caçador. Foi imediatamente levado para um rancho e lá recebeu os primeiros cuidados de

uma velha cabocla chamada Tica. Mas logo ela percebeu que era tarde demais para salvá-lo. Ele tinha perdido muito sangue. Ainda sob os olhares surpresos e curiosos de Adeodato e seus companheiros, Jucão reuniu suas últimas forças para contar o que havia acontecido. Depois da revelação, Adeodato encarou seus comandantes de briga e ordenou:

- Espaiem a notícia que Tobias é um traíra e deve sê tratado como peludo!

A visão daquele lugar era desoladora. Os moradores e suas criações de gado foram levados de lá. Permaneceram apenas os ranchos abandonados e praticamente tomados pelo mato que crescia à vontade.

- É este o lugar seguro que vancê falô? – perguntou a virgem, com um tom irônico.

- Sim, era onde minha mãe e meus tio morava. Devem ter sido arregimentado para argum reduto dessas banda. Má dei ordem prá não perturbá o pessoar daqui. Quem será que feiz isso com eles?

- Foi um tal de Tonhão do Diabo. – respondeu José, saindo de dentro de um dos casebres.

- Fia da puta! Eu devia sabê! – bravejou o caboclo.

- Ele chegô com um piquete de 40 homi treis semana atrás. Carregô tudo o que podia e mandô o povo segui pro reduto de Caçador. Teve uns que conseguiram fugí e me contaram o que aconteceu.

- E a nossa mãe?E os tio?

- Num sei, Tobias. Má agora que vancê ficô sabendo, tá tudo arresorvido, não é? A mãe contô que vancê é líder de piquete. Dois toque e tira eles de lá.

- Premero vô te deixá na casa do seu Kaminski, Sebastiana. – disse Tobias, voltando-se para a moça.

- Tonhão passou por lá e levou a Aninha tamém. Dois irmão dela quiseram costia o Tonhão e acabaram morto!

- São João Maria!! – exclamou Tobias.

Tobias, mesmo assim, levou a jovem até lá. José decidiu ir com eles. Na casa dos Kaminski, o antigo par de França pediu para que a família tomasse conta da ‘virgem’ Sebastiana Rocha e, em troca, prometeu-lhes que tiraria Ana do reduto. Os outros irmãos de Ana, Miguel e Pedro, pediram para ir junto. Aquele era um polaco alto, de cabelos loiros arredios e bom atirador, enquanto este era mais baixo, forte e hábil no facão. José também quis fazer parte do grupo e exibiu com orgulho o revólver que fora presente de seu tio. Cangalhas carregadas com mantimentos e cavalos descansados, eles partiram na manhã seguinte para Caçador.

Durante a jornada, tiveram que se esconder por diversas vezes das tropas do governo que se movimentavam pela região contestada. Jamais tinham visto tantos soldados e tão bem armados. Era o poderoso cerco do coronel Setembrino que estava se fechando.



Figura 66 - Quando adentravam na mata onde estavam os caboclos rebeldes, os soldados do exército anunciavam a sua presença tocando cornetas. Foto de Claro Jansson.

Depois de três dias de cavalgada, Tobias e seus companheiros chegaram ao reduto de Caçador. Em poucos minutos de conversa com os sertanejos, descobriram que o local passou a ser uma forte guarda com o objetivo de proteger a entrada do vale de Santa Maria onde estava sendo construído o novo reduto-mor. A prosa foi interrompida por um jovem rebelde que, empunhando sua pica pau, gritou:

- O chefe disse que o Tobias é um traíra e é prá matá ele!

O pequeno grupo teve que escapar dos tiros atravessando rapidamente o antigo reduto e seguir para o vale. A partir daquele momento, Tobias descobriu que passara a ser inimigo de dois exércitos.

***A fome, a guerra, a peste e a morte:
as quatro frentes do general Setembrino***

*“Quando veio o Potiguara
A entrá por Canoinha,
os sete anjo adivinharo
Que o perigo logo vinha.”*

Nos últimos dias de dezembro de 1914, o coronel Setembrino de Carvalho lançou o segundo ‘apelo’ assinalando, posteriormente, a fase ofensiva de seu plano:

“Desde o dia 11 de setembro que lutamos, e os nossos soldados cada vez se sentem encorajados para a vitória final que não tarda. Mas é preciso parar; é forçoso que se termine esta luta. Que o sangue brasileiro não continue a manchar as nossas terras, onde a natureza acumulou tesouros inesgotáveis, para a grandeza de nossa pátria. Não venho trazer-vos a morte ou o presídio pela vitória das nossas tropas, senão concitarmos a mais uma vez a que deponhais armas, e aceites as garantias que vos ofereço em nome do governo e da lei. Impõe-se, portanto, que volteis novamente ao trabalho, meio púnico capaz de garantir a felicidade do lar e promover a felicidade da nossa grande

pátria, que na quadra atual, tanto precisa de patriotismo dedicado dos seus filhos.”

Quartel General das Forças de Operações, 28 de dezembro de 1914.

General Setembrino de Carvalho.

Em janeiro de 1915, depois do cerco fortemente estabelecido, houve rendições em massa, principalmente na frente norte. Estas rendições, entretanto, não significavam que o fim da guerra estava próximo. Os militares perceberam que a grande maioria era composta por crianças, mulheres e velhos esfomeados. Provavelmente uma estratégia para desvencilhar-se dessa gente que onerava a manutenção das forças rebeldes.

No mês seguinte, o capitão Tertuliano Potiguara, famoso entre os militares e a população local por sua bravura e truculência, liderou uma incursão composta por 200 soldados e mais 50 vaqueanos brigões e desordeiros sob a chefia de Pedro Ruivo. Da frente norte, eles partiram de Canoinhas, passaram por Reichardt e Vila Nova do Timbó, pela guarda de São Paulo, tomaram o grande reduto de Thomazinho e, por fim, o reduto de Pinheiros. Uma verdadeira flecha que atravessava as barreiras rebeldes.



Figura 67 - Capitão Tertuliano Potiguara liderou o principal ataque ao reduto de Santa Maria. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 106.

Para enfrentar os guerrilheiros caboclos no mato, Potiguara experimentou uma nova estratégia. A tropa marchava dividida em três colunas. As duas colunas laterais, menores e mais ágeis, eram responsáveis por desalojar os sertanejos entocados e os clavineiros evitando, dessa forma, os ataques pelos flancos. Quando havia apenas um grupo inimigo à frente, a coluna central mantinha a troca de tiros enquanto as colunas laterais continuavam o avanço e então atacavam os inimigos pela retaguarda. Esta estratégia mostrou-se eficaz contra os sertanejos rebeldes.

Porém, durante o avanço das forças do governo, os vaqueanos cometeram tantas barbáries aos habitantes da região como assassinatos, roubos de gado, cavalos e mulas, incêndio de casas e até estupros que mais tarde, na vila de Canoinhas, foi aberto um processo judicial.

Curioso que ninguém acabou condenado e muitos dos acusados, como o próprio líder Pedro Ruivo, terminaram a vida como ricos fazendeiros. Ele, por outro lado, foi assassinado em 1920, pelo ex-promotor público Hortêncio Baptista dos Santos, levando consigo cerca de 100 assassinatos, a maior parte por degola.



Figura 68 – Pedro Leão de Carvalho, vulgo Pedro Ruivo, tornou-se um dos mais sanguinários e temidos vaqueanos da época. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 85.

A frente sul, comandada pelo tenente-coronel Francisco Raul d'Estillac Leal, reuniu-se na localidade de Perdições Grandes e dali realizou o primeiro ataque contra o reduto de Santa Maria no dia 8 de fevereiro de 1915. Da frente tomou parte três batalhões, reforçados por duas seções de metralhadoras formando, assim, o maior contingente já mobilizado contra os sertanejos. Entretanto, as características topográficas foram cruciais no desfecho daquela batalha.

O reduto de Santa Maria foi construído em uma excelente posição defensiva, a alguns quilômetros a frente do antigo reduto de Caçador. A região era coberta por uma mata virgem de pinheiros e imbuías e, para se chegar ao reduto, era preciso galgar ladeiras e penhascos íngremes. Havia também um riacho tortuoso permeado por grotões escuros que desembocava em quedas e corredeiras. O reduto era, portanto, protegido por vários obstáculos naturais.

Logo se espalhou a crença de que se tratava de um acampamento sagrado e que lá os soldados jamais chegariam. Também circulou entre os sertanejos da região a conversa de que existiam naquele vale montanhas feitas de beiju e no riacho, em vez de água, corria leite. Isto fez com que mais e mais pessoas rumassem para a região de Santa Maria.

A estrada de nove quilômetros que ligava a guarda de Caçador ao reduto foi rapidamente ladeada por ranchos, igrejinhas e outros pequenos redutos como o de Maria Rosa, dos Pares de França, do Aleixo, do Cemitério

e da Cova da Morte. Só o reduto de Santa Maria chegou a ter uma população de 5.000 pessoas.

Avisado pelos bombeiros da aproximação das forças do governo, Adeodato escolheu cuidadosamente 100 sertanejos e, sob seu comando pessoal, reforçaram a guarda dos Crespos, onde já havia outros 30 homens entrincheirados num desfiladeiro.

- Atirem só quando sentirem o bafo do bichaiêdo! – orientou Adeodato, escondido detrás de um bloco de pedras.

Logo os vários pelotões de soldados surgiram abaixo deles. Avançavam lentamente, agarrando-se aos troncos e às raízes que brotavam em um lamaçal pegajoso e escorregadio.

- Peguem fogo nos peludo! – berrou o comandante-geral.

Expostos ao fogo inimigo e sem muita mobilidade, as tropas de Estillac sofreram duras baixas ao longo de um dia de combate e tiveram que bater em retirada, sob os gritos de comemoração e os deboches como este: “130 homens botaram 600 prá corrê!”.

Quase um mês depois, a coluna fez nova investida. Desta vez contava com mais um batalhão de infantaria, outra seção de metralhadoras, artilharia de montanha, um destacamento de obuseiros e 200 vaqueanos do coronel José Vieira. O contingente chegou a 2.000 combatentes. O plano era bombardear o reduto e depois atacá-lo da mesma forma como em Taquaruçu. Porém, as características topográficas do vale novamente favoreceram os rebeldes.

Um dos guias do exército encontrou um local de onde podiam avistar o reduto. Com muito esforço e abnegação, os soldados assentaram diversos obuseiros naquela clareira. A artilharia de montanha, entretanto, não produziu os resultados esperados. As granadas lançadas perfuravam os frágeis ranchos e, como não encontravam resistência, não explodiam. Depois do susto inicial, os rebeldes logo perceberam que as granadas causavam poucos estragos e voltaram a sua rotina. As tropas então tentaram avançar, mas logo foram rechaçadas e tiveram que deixar o vale de Santa Maria.

Apesar das vitórias dos rebeldes, a situação no reduto tornou-se desesperadora. O grande número de pessoas em Santa Maria e o cerco implacável das tropas do governo fizeram com que a fome assolasse os sertanejos. Opondo-se ao que eles acreditavam, as montanhas não se transformaram em beiju, muito menos as águas revoltosas do riacho em leite.

Praticamente tudo passou a servir de alimento: pássaros, cobras, sementes de imbuia, brotos de xaxim, insetos e lagartas. A fome chegou a tal nível que até o couro de bolsas e apetrechos de montaria serviram de alimento.

Mas a falta de sal foi o que produziu as cenas mais terríveis no reduto como a de um bando de crianças esfomeadas avançarem sobre uma rês recém-abatida e arrancarem pedaços de carne a unhas e dentes.

Diante das investidas mal sucedidas, Coronel Setembrino decidiu chamar os comandantes das quatro frentes em seu quartel-general estabelecido na vila de União da Vitória – PR para discutir sobre o ataque final à Santa

Maria. Ele deixou claro aos comandantes que, pelo seu tamanho e sua localização geográfica, o reduto deveria ser atacado simultaneamente por diferentes frentes. Mas não foi isto o que realmente ocorreu.



***Figura 69 - Tropas acampadas na vila de Porto União, em 1912.
In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura
[Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 87.***

No final de março de 1915, em Canoinhas, o capitão Potiguara recebeu ordens de reorganizar sua coluna móvel e partir para Timbó Grande e então a Santa Maria. Ele selecionou pessoalmente um destacamento composto por soldados de quatro unidades e um contingente de 110 vaqueanos, muitos deles antigos rebeldes. O capitão Tertuliano Potiguara iniciou uma marcha

incansável e sangrenta em direção ao reduto de Santa Maria aplicando novamente com êxito a estratégia das três colunas.

A 31 de março, entre os rios Tamanduá e Timbó, as forças de Potiguara foram surpreendidas pelos caboclos que os atacaram frontalmente. Após intenso tiroteio, os sertanejos recuaram em direção ao rio Timbó deixando para trás vários de seus companheiros mortos.

Na Quinta-feira Santa, dia 1º de abril, após levantarem acampamento à margem esquerda do rio Timbó e marcharem em direção ao rio Caçador, o capitão e seus soldados tiveram que enfrentar outra força rebelde composta por cerca de 2.000 combatentes que pertenciam à guarda avançada do reduto da virgem Maria Rosa. Capitão Potiguara fez então uso das metralhadoras. Ordenou que as colocassem em pontos estratégicos na barranca do rio e respondessem ao fogo rebelde. Ele liderou então a perigosa travessia.

Maria Rosa, que estava juntamente com outras mulheres entrincheiradas na margem oposta, apontou sua espingarda em direção ao oficial e berrou:

- Morra peludo desgraçado!

O disparo da jovem guerreira acabou atingindo mortalmente a cabeça do cavalo de Potiguara. O corajoso capitão perdeu o equilíbrio e desapareceu nas águas turvas. Para a tristeza dos sertanejos, Potiguara não morreu afogado. Ele emergiu na outra margem e, ainda dentro da água, continuou gritando ordens aos soldados para que avançassem. A virgem e suas

companheiras de luta não resistiram por muito tempo e foram impiedosamente mortas pelos soldados.

Duas horas depois, a coluna norte já estava prestes a invadir a guarda do capitão Aleixo Gonçalves de Lima. Mais uma vez a superioridade dos armamentos e a nova tática de combate das tropas fizeram a diferença. Enquanto as constantes rajadas circulares das metralhadoras impediam que os rebeldes se aproximassem para o entrevero, os soldados valiam de seu armamento de tiro rápido e de longo alcance. Aleixo, experiente combatente e antigo maragato, decidiu que era o momento de recuar e assim o fez. Apenas naquele dia, os soldados, vitoriosos, incendiaram 902 ranchos e uma igreja de uma vez só.



Figura 70 - Na fase final do conflito, os rebeldes enfrentaram forças do governo bem melhor armadas, inclusive com metralhadoras. Foto de Claro Jansson.

Exausto, assim como suas tropas, o capitão ordenou que os soldados montassem ali mesmo o acampamento. A noite lentamente chegou trazendo com ela uma brisa refrescante. Tertuliano Potiguara estava com outros oficiais ao redor de uma pequena fogueira. As chamas mostravam os contornos do reduto destruído, mas não conseguiam revelar a feição preocupada de Potiguara que estava mergulhado em seus pensamentos até ser emerso por um jovem tenente que lhe falou:

- Os soldados não param de comentar a sua travessia do rio Timbó, capitão. O senhor é um herói para eles!

O capitão esboçou um frágil sorriso de satisfação e respondeu:

- Os soldados são tão corajosos quanto eu, tenente Souza. Mas a minha coragem e a deles não são suficientes para ganhar essa guerra contra os fanáticos.

- Como assim, capitão? – perguntou outro oficial.

- Eu cá tenho as minhas preocupações. Estamos nos aproximando do redutor e nem sinal de que as outras colunas estejam se movimentando.

- E o que pensas fazer?

- Nada. Apenas avançar e torcer para que as outras colunas cheguem a Santa Maria a tempo de nos ajudar.

No clarear do dia três de abril, quando as forças do capitão aproximavam-se da Cova da Morte, Tobias e seus companheiros estavam chegando ao reduto de Santa Maria. Para não ser reconhecido, Tobias

enterrou seu largo chapéu na cabeça e permaneceu calado enquanto José, Miguel e Pedro perguntavam de rancho em rancho o paradeiro de dona Conceição e de Ana. Debaixo de um grande pinheiral, estendiam-se ruelas tortuosas que percorriam os bairros e desembocavam numa grande praça onde fora erigida uma igreja e, diante dela, um cruzeiro feito de madeira.

A notícia da aproximação do temível destacamento do capitão Potiguara logo chegou ao vale e pôs em agitação os redutários. Muitos sertanejos começaram a debandar sem rumo. Outros foram para um local ainda mais escondido na mata chamado São Miguel. Adeodato mandou centenas de rebeldes juntarem-se aos Pares de França na ladeira da serrinha e promover o mais sangrento dos entreveros.

Enquanto isso, o grupo de Tobias buscava desesperadamente seus entes queridos. Mas um antigo integrante de piquete reconheceu Tobias e mandou avisar o comandante-geral.

Finalmente encontraram dona Conceição em um barraco, próximo à igreja, cuidando de alguns enfermos, vítimas de uma epidemia de tifo que assolava o reduto.

- Mãe! Graças a Deus que encontremo a sinhora viva! – disse José, abraçando-a.

Ainda surpresa, a cabocla respondeu:

- O que vancéis tão fazendo no reduto? A desgraça anda correndo sôrta por aqui!

- *Vieimo te buscá, mãe!*

- *E os tio?*

- *Que Deus os tenha. Uma febre braba levô eles.*

O grupo deixou o rancho e começou a percorrer uma das ruelas que se ramificava por entre os pinheiros altos.

- *E Aninha, dona Conceição? – perguntaram os irmãos da jovem.*

- *Disseram que um tal de Tombão do Diabo passô pro lado dos sordado e levô ela.*

- *Um traíra que nem vancê, Tobias! – surgiu Adeodato à frente de um bando de rebeldes fortemente armados.*

- *Trairage é mandá matá o menino de Deus Antoninho e a virgem Sebastiana! – respondeu o antigo Par de França.*

Adeodato enrugou de raiva o rosto e apontou seu rifle winchester para Tobias. Ouviu-se então o povo do reduto gritar euforicamente. Foi tamanha a agitação que até os dois grupos inimigos procuraram saber o que estava acontecendo. Eles viram o povo apontar para o céu e festejar.

Levantaram os olhos em direção às nuvens e avistaram algo parecido com uma cruz sobrevoar o reduto e dar voltas no céu. Os sertanejos, eufóricos, consideraram aquilo como um sinal de que a suposta promessa de José Maria feita no Irani estava se concretizando: os guerreiros celestiais e os santos estavam a caminho.

Depois do encantamento momentâneo, Adeodato voltou-se novamente para Tobias e seus companheiros, mas estes não estavam mais diante dele. Aproveitaram a aparição da fantástica cruz voadora para desaparecerem por entre os labirintos tortuosos de Santa Maria.

O líder rebelde não se importou com a fuga deles. Juntou-se aos demais redutários para comemorar a vinda das forças divinas. Mas a felicidade dos rebeldes durou pouco tempo. Dois bombeiros chegaram e, ainda ofegantes, disseram que aquela cruz não era do Exército Encantado e sim uma máquina de guerra construída no estrangeiro e trazida pelo governo da República para destruir o povo de Deus. Tratava-se, na verdade, de um dos aviões que, pela primeira vez no Brasil, estava sendo utilizado em operações militares. Em termos práticos, seu papel no conflito foi insignificante e causou, inclusive, a morte do tenente aviador Ricardo Kirk.



Figura 71 - O general Setembrino com seu estado-maior, em frente ao avião utilizado na Guerra do Contestado que serviu mais como propaganda das forças armadas da República; à sua direita o tenente Ricardo Kirk - 1915. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p113.

A queda do reduto-mor

A elite dos combatentes rebeldes estava pronta para matar ou morrer, pois sabia que representava a última linha de defesa do reduto-mor e de tudo aquilo em que acreditavam. O local do confronto seria a Cova da Morte, a parte mais estreita e, como o próprio nome já sugere, também mais perigosa do vale.

Entrincheirados nas laterais dos morros e no cemitério local, os sertanejos, entre eles os vinte e quatro Pares de França e o seu comandante, acompanhavam pacientemente a aproximação dos soldados. O que eles mais desejavam era uma luta corpo a corpo para mostrarem toda a destreza que possuíam com suas espadas e facões de madeira. Mas as estratégias de combate do capitão Potiguara mostraram novamente o seu valor.

As duas colunas paralelas atacaram rapidamente pelos flancos não dando tempo para os rebeldes partirem para o entrevero. Os Pares de França, como os aviadores kamikazes da Segunda Guerra Mundial, foram de encontro aos seus inimigos empunhando seus facões e berrando a pleno pulmões vivas a José Maria e à monarquia. A maioria deles encontrou a morte entre as rústicas cruzes de madeira fincadas no terreno pedregoso do cemitério. E outros, apesar dos ferimentos de projéteis, ainda tiveram forças para alcançar os soldados e golpeá-los. Porém, tamanha coragem não foi o suficiente para conter as tropas de Potiguara. Depois de matar dezoito Pares de França e

dezenas de outros sertanejos, a frente norte prosseguiu sua marcha à guarda de Caçador.

Na manhã seguinte, mal os combatentes começaram a marchar, a rotina feita de sangue e chamas os abraçou novamente. Encararam um novo ataque dos pelados que, desta vez, atiraram não só nos homens como também nos animais de carga. Esta foi a estratégia encontrada pelos rebeldes para dificultar o transporte de mantimentos, remédios e munição. Porém, as forças do governo prosseguiram em sua marcha implacável de morte e destruição. Passaram pela guarda de Caçador e incendiaram inúmeras casas ao longo do caminho. O reduto de Santa Maria estava próximo!

Tobias e seu grupo ainda desciam pelas ladeiras que cercavam o reduto quando enxergaram um grande número de soldados e vaqueanos galgando lentamente a encosta. Eram as forças do capitão Potiguara chegando a Santa Maria. Os caboclos foram então obrigados a mudar de rota.

Entretanto, um pequeno grupo de batedores vaqueanos, liderado por um sujeito chamado Vardinho, conseguiu avistá-los esgueirando-se por dentre os pinheirais e decidiu dar perseguição a eles.

No caminho alternativo, os caboclos acabaram deparando-se com um penhasco por onde passavam, metros abaixo, as águas agitadas de uma corredeira.

- O que bamo fazê? – perguntou José.

- Eu to véia prá pulá pro ôtro lado! – reclamou dona Conceição.

- *Mió decidi logo porque os vaqueano tão no rastro da gente!* – disse Pedro, aumentando ainda mais a tensão do grupo.

- *É o único caminho!* – falou Miguel.

Ele recuou e, depois de correr alguns metros, saltou por sobre o penhasco, ganhando o outro lado. E então disse aos demais:

- *Venham! Não é tão difícil ansim!*

- *Vão vanceis e me deixem aqui!* – gritou a mulher.

- *Capaiç, mãe!* – respondeu Tobias – *Nóis bamo todos juntos!*

Os próximos a saltarem foram Pedro e José que logo se prontificaram a segurar Tobias e Conceição. Mas os vaqueanos cercaram os dois remanescentes.

- *Se não é o famoso Par de França Tobias! Tá fugindo do reduto, não é? Deixó de acreditá no Enzército Encantado de São Sebastião?* – perguntou ironicamente Vardinho ao se aproximar do rapaz.

Enquanto Vardinho e seus capangas achavam graça da situação, Tobias fez um discreto sinal com a cabeça para que seu irmão, Pedro e Miguel se preparassem para atirar nos vaqueanos. Num movimento rápido, o antigo líder de piquete agarrou a sua mãe e se abaixou permitindo aos seus colegas do outro lado do penhasco iniciar um tiroteio. Em poucos segundos, todos os vaqueanos foram mortos.

José e os irmãos de Ana voltaram a encorajar Conceição a saltar por sobre o penhasco.

- *Segure firme a minha mão e tenha fé que nós bamo conseguí! – disse Tobias, encarando os olhos assustados de sua mãe.*

- *São João Maria!! – gritou a cabocla que, apesar do medo, conseguiu junto com seu filho transpor o penhasco.*

Após a fuga do reduto de Santa Maria, o grupo de Tobias dividiu-se. José levou dona Conceição de volta à fazenda do falecido coronel Osório. Tobias, Pedro e Miguel foram para a fazenda de Tonhão do Diabo, em Porto dos Estácios, para onde Ana provavelmente fora levada.

Na tarde do dia três de abril, após 114 quilômetros percorridos desde Canoinhas, dez dias de marcha, cerca de 100 soldados feridos ou moribundos e quase todos os oficiais mortos, a frente norte, liderada pelo capitão Potiguara, chegou ao reduto-mor.

Para alívio de todos, Santa Maria estava completamente abandonada. Enquanto os soldados e vaqueanos saqueavam e ateavam fogo nas casas, Potiguara ordenou que erguessem uma barricada improvisada com troncos de pinheiro ao redor da praça central e fez da igreja o seu posto de comando e de uma casa maior, próxima da igreja, o hospital de sangue.

Já a frente sul, que deveria ter se reunido às forças do capitão, permaneceu acampada na localidade de Tapera. Era possível ouvir os toques de corneta, mas nenhum sinal de que a frente adentraria em Santa Maria.

Entretanto, o que aparentava ser o fim dos combates foi se transformando em uma perigosa armadilha. Ao cair da noite, o número de

disparos vindos da mata ao redor do reduto foi aumentando rapidamente. Em menos de meia hora, os soldados do capitão Potiguara viram-se completamente cercados pelos inimigos. O jogo da guerra se inverteu: de atacantes, os peludos passaram a ser atacados. Esta foi a mesma situação vivenciada pelas tropas do general Mesquita ao tomarem a guarda de São Paulo.

Ouviam-se os projéteis de winchester, comblain, mouser e outras armas de fogo rasgarem o ar, vindos dos mais diferentes pontos escuros da mata. Aqueles que se expunham, logo tombavam mortos ou feridos. O desespero tomou conta de muitos soldados e vaqueanos a tal ponto que o capitão chegou a dizer para seus subordinados:

- Sustentem o fogo que eu morro com vancêis até lutando com espada se for preciso, mas tenham confiança em seu capitão!



Figura 72 - Soldados do 16º Batalhão de Infantaria sob o comando do major Gameiro em uma das trincheiras da vila Canoinhas, Santa Catarina. Foto de Claro Jansson.

Na manhã de quatro de abril, Domingo de Páscoa, o tiroteio manteve-se cerrado. A munição estava acabando e havia pouco alimento e água. As forças de Potiguara não iriam resistir por muito tempo. O capitão então recrutou 30 homens para uma missão crucial: atravessar as linhas inimigas e pedir ajuda à frente sul, acampada distante apenas seis quilômetros, na Tapera. Depois de algumas tentativas frustradas, alguns soldados conseguiram escapar ao cerco e embrenhar-se na mata. Naquela mesma tarde, 2.000 soldados da frente sul iniciaram a marcha em direção ao reduto.

Por sorte, a frente sul encontrou a guarda dos Crespos desguarnecida e pôde seguir adiante. Os guerrilheiros caboclos que cercavam o reduto foram então surpreendidos por trás, mas reagiram bravamente. Com muito custo, os soldados vindos da Tapera e um numeroso grupo de vaqueanos civis abriram uma brecha temporária no cerco imposto pelos rebeldes e juntaram-se aos do reduto. Entre eles estava Tonhão do Diabo que tinha sido contratado por um coronel da região para lutar pela causa republicana. Somente durante a noite, quando caiu um forte nevoeiro, que o tiroteio cessou definitivamente. Mal raiou o sol do novo dia, as tropas terminaram de saquear o reduto e atearam fogo nele. A seguir, levantaram acampamento e carregaram os feridos em redes para a Tapera. Caiu o reduto de Santa Maria.

Os comandantes militares, num otimismo exagerado, logo declararam concluída a missão do exército na região em conflito. O tenente-coronel

Estillac enviou um telegrama ao general Setembrino de Carvalho afirmando o seguinte:

“Vossa Excelência fique certo de que os redutos do Caçador a Santa Maria estão extintos. Não posso garantir que todos os bandidos que infestam o Contestado tenham desaparecido, mas a missão confiada ao Exército está cumprida.”

O general, por sua vez, respondeu-lhe nestes termos:

“Congratulo-me convosco pelo brilhante sucesso das nossas forças na tomada dos redutos limitados pelo Santa Maria e pelo Caçador, o que vem elevar o nome do Exército e calar o despeito sórdido dos maldizentes atirados contra a dignidade dos soldados que jamais se negaram ao cumprimento do seu espinhoso dever.”

O exército brasileiro se retirou em maio de 1915, sendo deixadas apenas algumas unidades para ajudar as polícias estaduais na captura de remanescentes rebeldes e no patrulhamento para se evitar a criação de novos redutos. Mas a Guerra do Contestado estava longe de terminar e, por incrível que pareça, adquiriu feições ainda mais violentas.

A resistência cabocla

Enquanto o reduto de Santa Maria ardia em chamas, os sobreviventes, guiados por Adeodato, seguiram para um local de difícil acesso como forma de evitar uma possível perseguição das tropas. O único caminho até lá exigia o salto por sobre um braço de rio fundo e com forte correnteza. A pressa e o medo, entretanto, fizeram com que muitas pessoas, principalmente mulheres e crianças, caíssem naquelas águas turbulentas e morressem afogadas.

Horas depois, usando chifres de boi, chamaram os sertanejos que tinham dado combate aos soldados de Potiguara e aos da frente sul. Em poucos dias, eles construíram um novo reduto e deram a ele o nome de São Miguel. E a vida voltou a ser o que era antes do ataque do exército.

Menos de quinze dias após o incêndio de Santa Maria, Adeodato partiu do novo reduto liderando um forte piquete xucro composto por cerca de 300 homens com o propósito de novamente arrebanhar gado e mantimentos.

Era madrugada. O céu negro exibia seu manto cintilante de estrelas. Nas vizinhanças do atual município de Curitibanos, na sede da fazenda Rio Doce, dormiam tranquilamente o fazendeiro Manoel Gomes Pepe, vulgo Neco Pepe, sua mulher e seus seis filhos menores.

O poderoso piquete parou diante da sólida casa do fazendeiro feita de imbuia e cedro e deu vários disparos para o ar como forma de anunciar a sua chegada. Assustados, os moradores da casa despertaram e Neco Pepe foi

conversar com o líder rebelde, pois acreditava ter a simpatia dos sertanejos por fornecer-lhes gêneros, embora ajudasse também as tropas do governo. Além disso, ele era o padrinho de Adeodato que trabalhou em sua fazenda como peão quando ainda era adolescente.

- O que vanceis querem agora? Dias atrais dei mel, argum milho e ofereci inté uma mula prá um piquete! – exclamou o fazendeiro.

- Fiquei sabendo que vancê também tem ajudado os peludo, seu traíra! – berrou Adeodato, apontando sua winchester para o fazendeiro.

Neco Pepe tentou fugir, mas foi atingido na perna, caiu ao chão e então liquidaram diante dos olhos estarecidos de sua esposa e filhos. Apesar das acusações de traição, muitos sertanejos se decepcionaram com Adeodato, pois matar o próprio padrinho era uma grave transgressão na cultura cabocla.

Os rebeldes então carregaram todo o milho que havia no paiol e queimaram a casa do fazendeiro.

- Agora é a veiz de vanceis! – por fim, o líder caboclo também sentenciou à morte a família do fazendeiro.

- Não!! – disse seu Manoel Telêmaco, pai de Adeodato, que também tinha sido empregado de Pepe e que agora acompanhava o piquete. Ele se pôs diante da família e prosseguiu:

- Mataram o compadre, queimaram a casa; mas prá matá a famíia, tem que matá premêro eu!

Adeodato permaneceu em silêncio por alguns segundos e acabou acatando o pedido de seu pai. Poupan a vida da mulher e das crianças que permaneceram lá, abandonados por vários dias junto ao corpo de Neco Pepe, até serem socorridos por um grupo de vaqueanos.

O piquete xucro continuou suas incursões pela região e, em Butiá Verde, incendiou a fazenda de Zacharias de Paula. A seguir, o piquete dividiu-se em grupos menores para ampliar a sua ação de arrebanhamento.

Naquele período, depois da retirada das tropas do exército, circulavam apenas pequenos grupos móveis de praças tendo como auxílio um considerável contingente de vaqueanos financiados pelos grandes fazendeiros. Estas forças oficiais estavam sediadas em Curitiba, sob o comando do capitão Vieira da Rosa, e em Canoinhas pelo capitão Euclides de Castro.

O piquete de Adeodato teve alguns combates com as unidades organizadas pelo capitão Vieira e, no local conhecido como Campo da Dúvida, Chico Ventura foi baleado e morreu. Apesar disso, os rebeldes voltaram vitoriosos ao reduto de São Miguel, pois levaram gado e muitos outros mantimentos.

Com o decorrer do tempo, entretanto, a fome voltou a ameaçar os redutários devido à escassez e ao difícil transporte de alimentos a São Miguel. Muitos não acreditavam mais na vitória sobre as forças do governo e cogitavam a possibilidade de desertar. Os fantasmas da traição e da rendição em massa atormentavam a mente de Adeodato que, em resposta, implantou dentro do

reduto um regime baseado no controle, na repressão e no medo. Além disso, buscou aproximar-se das crianças e adolescentes e usá-los como informantes para saber o que as famílias que moravam no reduto falavam dele ou do próprio movimento.

Certo dia, durante a forma, Adeodato ordenou que Aleixo Gonçalves de Lima se aproximasse dele. O líder caboclo então sacou sua garrucha e falou a todos:

- Tem um cachorro aí que eu tenho de matar! – atirou em Aleixo Gonçalves que morreu instantaneamente.

A influência de Adeodato sobre os redutários era tão forte que os próprios homens de Aleixo restringiram-se a comentar entre si:

- Hoje chegou o dia de nosso comandante.

O corpo de Aleixo Gonçalves foi arrastado para fora do reduto e abandonado na mata, insepulto, como se fosse a carcaça de um animal. Esse era o tratamento dado àqueles acusados de trair o movimento rebelde. Adeodato soubera que, como os comandantes do norte, Bonifácio Papudo e Tavares, Aleixo estava secretamente negociando a sua rendição às forças legais.



Figura 73 – Conversa entre o tenente Castelo Branco e o líder rebelde Bonifácio Papudo que se rendeu em 1915. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 123.

Os acontecimentos na vida pessoal de Adeodato também iriam abalar toda a irmandade cabocla. O velho Elias de Moraes fez o líder rebelde acreditar que a sua esposa, Maria Firmina da Conceição, estava o traindo com um de seus combatentes chamado Joaquim Germano. Furioso, Adeodato acabou por tirar a vida de sua mulher.

Horas mais tarde, ele encontrou Joaquim Germano já em seu cavalo, preparando-se para partir do reduto. Germano era um negro gaúcho, alto e robusto, conhecido por sua grande valentia, inclusive destacando-se na defesa do reduto de Santa Maria. Costumava lutar a cavalo, pois desde que fora baleado no quadril, ficara manco.

Sabendo que sua vida corria perigo, Germano não hesitou em sacar sua garrucha e disparar contra Adeodato. O projétil, porém, pegou de raspão a orelha do comandante rebelde. Adeodato revidou e Joaquim, para evitar o fogo inimigo, saltou de seu cavalo e rolou em direção ao seu adversário. Quis puxar de sua espada para desferir o golpe fatal contra Adeodato, mas ela ficou presa na bainha. Isto deu chance para que o líder rebelde efetuasse um novo disparo, deixando o seu oponente estirado no chão.

- De que jeito qué morré, preto Germano? – ainda perguntou Adeodato.

- Mata como vancê quisé! – responderu ele.

Lavar a honra com sangue era algo que fazia parte da cultura cabocla. A morte de Maria Firmina e de seu suposto amante foi aceita no reduto, mas o que aconteceu a seguir deixou muitos sertanejos ainda mais desapontados com seu comandante.

Quis a vida fazer com que Adeodato e Mariazinha se apaixonassem perdidamente um pelo outro. Resolveram então morar juntos. Mariazinha era uma cabocla jovem, de cabelos lisos e longos, pele bronzeada e bem feita de corpo. Porém, ela era viúva de Chiquinho Alonso, compadre de Adeodato. Unir-se à mulher de um compadre, mesmo ele já falecido, era algo inaceitável para os caboclos.

Depois de alguns meses, Adeodato ordenou a todos do reduto que mudassem para perto do Rio Timbó, no mesmo caminho de destruição trilhado pelo capitão Potiguara. Foi erguida a cidade santa de São Pedro. Eram mais

de 1.000 casas novas, feitas de madeira bem talhada e paredes ornamentadas com imagens de santos. Havia cerca de 4.000 pessoas no reduto. Também foi construída uma igreja no centro da praça para onde foi levada a imagem de São Sebastião em tamanho natural que estava em Santa Maria. Nos arredores, fizeram diversas plantações. As formas e procissões aconteciam, mas não com o mesmo entusiasmo de antes. A fome voltou a castigar o reduto e o regime de terror de Adeodato fez muitos redutários sentirem-se como prisioneiros.

Naquele mesmo período, um curandeiro chamado Sebastião de Campos reuniu os sertanejos que haviam fugido da marcha de Potiguara pela região de Timbozinho e liderou a construção de outro reduto chamado de Pedras Brancas. Tal reduto chegou a possuir cerca de 600 casas e abrigar 1.000 pessoas. Em seu entorno, eram cultivados milho, feijão, trigo e hortaliças. Criavam também muitos cavalos e muare. As relações entre os sertanejos, a divisão de tarefas, os serviços internos, o ensino religioso, as instruções de combate, entre outras atividades, eram baseados em uma espécie de manual criado pelo próprio Sebastião de Campos e escrito por um alemão chamado Conrado Grober.

Os moradores de Pedras Brancas não faziam questão de estabelecer qualquer relação com os de São Miguel, pois sabiam das histórias de Adeodato e da forma como ele comandava o reduto.

Mas o pânico tomou conta dos redutários de Pedras Brancas quando veio a notícia de que se organizava um poderoso piquete vaqueano na vila de Canoinhas para atacá-los. Decidiram então pedir ajuda a Adeodato.

Nomearam Juvenal Camargo, amigo de Sebastião de Campos, para representar o comandante-geral na visita ao reduto vizinho. Ao aproximar-se de São Pedro, Juvenal passou pela guarda e entrou na primeira casa, que pertencia a Adeodato. Encontrou-o sentado numa cama, ladeado por duas virgens. Ele disse bom-dia. Adeodato não lhe respondeu. Permaneceu calado, apenas observando o visitante que, assustado, recuou fazendo o sinal da cruz.

Juvenal entrou em outra casa e acabou conversando com o pai de Adeodato e outros sertanejos. Lá, pôde se explicar e então eles sugeriram que Juvenal fosse conversar com Manoel Morais, o Pai Velho, um curandeiro negro de barbas grisalhas, muito respeitado pelo comandante-geral. Enfim o emissário de Sebastião de Campos o achou e contou-lhe o objetivo de sua vinda:

- Pai Véio, minha missão é pedi reforço. Que Adeodato mande gente prá onde tá Sebastião.

- Adeodato não pode mandá gente, meu fio. Diga pro Sebastião mudá o acampamento aqui prá perto.

A missão de Juvenal fracassou.

O dia 17 de outubro de 1915 amanheceu com poucas nuvens no céu e uma brisa fria vinda do sul. Ainda era possível avistar as últimas estrelas no

céu. De repente, os cães do reduto de Pedras Brancas começaram a latir. Perceberam ao longe a aproximação de um grande número de homens a cavalo. Isto bastou para alertar os sertanejos e acabar com o fator surpresa do ataque liderado pelo vaqueano Lau Fernandes.

Os Pares de França correram em direção aos 100 vaqueanos e praças da polícia militar de Santa Catarina com o propósito de golpeá-los com seus facões ou espadas, mas foram logo rechaçados com disparos de armas de fogo. Quatro deles tombaram e os outros fugiram para o mato. Os demais sertanejos pegaram em armas e sustentaram ainda um tiroteio por algum tempo. Quando não tinham mais munição, eles terminaram fugindo também, deixando para trás dezenas de mortos, dentre eles mulheres e crianças que não foram poupados pelos vaqueanos. O reduto de Pedras Brancas caiu nas mãos das forças legais.

Apesar do ferimento de projétil, Lau ajudou os atacantes a saquear as casas. Levaram carne sem sal, retalhos de fazenda, chumbo, munição, armas, grande quantidade de arreios, algum dinheiro e cerca de duzentos porcos. Depois do saque, eles incendiaram as casas e a igreja, como sempre faziam.

No reduto de São Pedro, Adeodato conversava com o Pai Velho na frente da igreja quando foi surpreendido por alguns homens da guarda e bombeiros que traziam novidades:

- *Atacaram o reduto de Pedra Branca! – berrou um jovem bombeiro, que costumava aventurar-se pelo mato espiando a movimentação dos piquetes vaqueanos.*

- *E Sebastião tá vindo com sua gente pro reduto! – completou Krüger, um dos homens da guarda.*

Adeodato balançou a cabeça em desaprovação. Sabia que a chegada de mais gente só iria piorar a situação na cidade santa de São Pedro. E foi exatamente isto o que aconteceu.

A fome tornou-se um problema tão sério que obrigou Adeodato a comandar pessoalmente um piquete xucro de cerca de 300 sertanejos e tentar repetir a façanha feita meses atrás, isto é, arrebancar uma grande quantidade de gado e outros mantimentos.

Como se costumava fazer, o grande piquete dividiu-se em grupos para agir em uma área maior. Num lugar chamado Campina Velha, próximo à estrada que vinha de Perdizes Grandes e seguia em direção a Campos Novos, o piquete de Adeodato resolveu parar por alguns instantes. Sem apeiar de seus cavalos, o grupo descansava em meio a um pinheiral. Alguns deles se entretinham preparando cigarros de palha.

De repente, surge na direção deles um bando de vaqueanos a galopes rápidos por entre as árvores. Quem os liderava era Francisco Dias, vulgo Chicão, homem de confiança do coronel Albuquerque. O bando de Chicão

abriu fogo derrubando alguns rebeldes. Surpreendidos, os outros trataram de fugir. Chicão reconheceu um dos que estava no chão:

- Óia lá, aquele é o comandante!

O cavalo fora atingido mortalmente e Adeodato estava ferido junto aos arreios. Chicão, por outro lado, preferiu continuar a perseguição. Os dois grupos trocaram tiros em campo aberto até a munição dos rebeldes terminar, obrigando-os a fugir mata adentro.

- Bamo vortá, tigrada! Quero dá o tiro de misericórdia em Adeodato! - disse Chicão aos seus subordinados.

Entretanto, a morte o levou primeiro. Escondido atrás de um pinheiro, um rebelde negro chamado Poli Campina acompanhava-o com a mira de sua winchester. Chicão chegou a vê-lo, mas foi tarde demais para reagir. Curiosamente, Poli o matou com a última bala de sua arma.

Depois de procurar sem êxito o assassino de Chicão, os vaqueanos voltaram ao local onde estava Adeodato. Encontraram apenas o cavalo morto. Adeodato, atingido pela explosão de sua própria arma, fora resgatado e conduzido de volta ao reduto. Os outros piquetes xucros não encontraram tropas inimigas, porém regressaram a São Pedro sem arrebanhar comida suficiente.

Em 17 de dezembro de 1915, exatamente dois meses depois da tomada de Pedras Brancas, foi atacada a cidade santa de São Pedro. Na manhã daquele dia, seguia lentamente uma procissão pelas ruas do reduto, a

primeira de outras que seriam realizadas ao longo do dia. Adeodato marchava na frente, carregando no ombro a imagem de São Sebastião. Acompanhavam-no os pares de França, fortemente armados. Duas virgens, Maria do Carmo e Conceição, vestidas de branco, levavam a espada do comandante-geral ornada por uma longa fita azul. De tempos em tempos, todos davam vivas a José Maria.

Por uma ruela desguarnecida, os mesmos homens que atacaram Pedras Brancas, Lau Fernandes e seus 100 vaqueanos, invadiram o reduto de surpresa. Instalou-se então uma terrível confusão. Eram famílias em pânico correndo para todas as direções sob os ruídos secos dos tiros que não poupavam ninguém. Muitos sertanejos, desesperados, lançaram-se nas águas turbulentas do rio Timbó. Outros, ainda tentaram reagir e pegaram em armas.

Adeodato e cerca de 40 homens conseguiram montar em seus cavalos e fugir sob a mira dos vaqueanos. O Pai Velho buscou refúgio na igreja, mas levou um tiro pelas costas e caiu diante do altar, morrendo logo a seguir.

Aqueles que não tiveram a oportunidade de escapar pelo mato, terminaram compondo um horrível cenário feito de cadáveres, inclusive de mulheres e crianças, estendidos por toda parte. Poucos foram feitos prisioneiros. E foi dessa forma que a cidade santa de São Pedro caiu nas mãos de seus inimigos.

Chegou então ao reduto a tropa comandada pelo capitão Euclides de Castro da força pública de Santa Catarina composta por 26 praças e 168

civis armados. O capitão Euclides apreendeu 400 armas diversas, 3.000 cartuchos de guerra, seis carabinas mauser, 80 selas de montaria e ainda encontrou trinta contos em dinheiro que foram distribuídos entre os atacantes. A seguir, como se costumava fazer, ordenou que atezassem fogo em tudo. Parece que havia depósitos de munição escondidos, pois durante o incêndio foram ouvidos fortes estampidos.

- Destruímos tudo! – declarou, dias depois, o capitão Euclides de Castro à imprensa oficial.

Açougue: a fase do terror

Por horas, Adeodato continuou fugindo, acompanhado por doze homens bem armados. E, quando encontrava outro grupo de rebeldes fugitivos, dizia:

- Aí, o bicharedo tomô conta do acampamento do Timbó! Agora cada um por si!

Ainda no mesmo dia, no local conhecido como paiol dos Sales, em Cachoeira, ele avistou Euzebio Ferreira dos Santos que, depois de pedir autorização para sair do reduto, há dias caçava e fazia melado. Adeodato disse àquele senhor:

- Perdimo a guerra!

O velho Euzebio, muito tranquilo, respondeu:

- Disso eu sabia.

Adeodato, furioso, exclamou:

- Vancê sabia?!

Sacou seu revólver e deu dois tiros em Euzebio, matando-o e também, com outro tiro, o cachorro que acompanhava o velho.

Adeodato refugiou-se em uma localidade conhecida como Mearim e três dias depois enviou seus homens em várias direções para reunir novamente as famílias dos sertanejos rebeldes que estavam dispersas por aquela região. Muitos o atenderam por medo, pois a convocação tinha um teor de ameaça.

A frente daquela gente, Adeodato vagou pelo mato entre o rio Tamanduá e o que é hoje o município de Matos Costa. A marcha por aquele ambiente inóspito e selvagem foi ganhando contornos de sofrimento e morte.

No momento em que o grupo atravessava um descampado, uma forte chuva os atingiu. O terreno transformou-se rapidamente em lama, o que tornou a caminhada ainda mais árdua. Exaustos e famintos, muitos não tiveram forças para carregar seus próprios filhos, abandonando-os no lamaçal. Mesmo os homens mal conseguiam se arrastar no barro.

Apesar de tudo isso, Adeodato os fez atravessar ainda o rio Tamanduá cujo nível, em certos trechos, chegava até o pescoço. Somente na outra margem, é que o líder caboclo empunhou de sua espada e deu seu último comando para aquela gente fatigada e esfomeada:

- Tamo cercado...Aqui se costumava dizê que um home não morre quando tem companheiro. Mais agora os companheiro se arretiraro quage tudo, uns pras cova, sem nome e sem cruís, os outro se escondero o se entregaro...é o fim. Meceis se espaiem se ainda dé. Que ninguém se arrependa do grito que deu, que foi bem dado. Eu, nascido e criado aqui nos mato, não sei dizê o que tá errado no mundo que poco vi...mais arguma tá muito errado. Se meceis que vão segui por aí, um dia pudé consertá, se arreúna e conserte, que vale a pena. Vale a vida inté. Porque nós não semo bandido, nem matemo por gosto, porque pelo memo impurso e pela mesma ânsia nós enfrentemo o risco de morte, sofremo e morremo. Se um home se alevanta e diz “Vô morre se for

perciso”, pode não sê bonito, nem muito religioso, mais só acontece porque alguma coisa tá muito errado antes disso. Peço que vanceis me perdoe os grito e os comando de guerra, peço que vanceis se espaiem...pode se espaiá por aí, pode inté se entrega...mais não se renda por dentro, não se conforme. O Zé Maria já dizia: “Eu trago atrais dos zóio coisa que não posso revela! Eu trago atrais dos zóio coisa que não posso revela!...Vanceis pode sê como o profeta, inté que dê pra revela.

E assim Adeodato se despediu daqueles caboclos e desapareceu na mata.

Como muitos outros rebeldes, Marcelino, sua mulher Berenice e suas duas filhas se apresentaram à vila de Canoinhas. Seus corpos esqueléticos pela fome estavam envoltos apenas por farrapos. A filha mais nova, Janaina, estava praticamente nua. Eles pararam na frente da casa do coronel Ernesto Veloso, o antigo patrão de Marcelino. Bateram palmas enquanto o caboclo gritava:

- Ó de casa! Ó de casa!

Quem ouviu os chamados foi dona Alvina, a esposa de Veloso. Ao ver pela janela aquelas figuras maltrapilhas, a mulher se espantou, chegando até a fazer o sinal da cruz. Correu para o interior da casa em busca do coronel. Ao abrir a porta, Ernesto Veloso também se impressionou com aquela imagem. Jamais vira pessoas em estado tão deplorável. Levou alguns segundos até reconhecer Marcelino e sua família.

- *Compadre, um prato de comida pelo amor de Deus! – suplicou o sertanejo, estendendo os braços.*

- *Marcelino? Mas você não era fanático?*

- *Esqueça, Marcondes. Bamo socorrê essa gente!*

O casal os levou para o quintal da casa onde comiam um churrasco. Eles então ofereceram alguns pedaços de carne àquelas pobres criaturas. Marcelino e sua família avançaram sobre a comida como animais esfomeados. Mal respiravam enquanto engoliam os alimentos em grandes porções. Momentos depois, saciados, eles deitaram no chão e dormiram profundamente.

Outros sertanejos fugitivos, entretanto, não conseguiram chegar à vila e deixaram-se cair pelo caminho esperando a morte por inanição.



Figura 74 - Churrasco oferecido a uma família de rebeldes. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 177.

Sem saber quanto tempo permaneceu ali, Marcelino é acordado por sua mulher. As autoridades da vila estavam na propriedade do coronel. Algum vizinho viu os sertanejos e decidiu alertar a polícia.

- Querem levá a gente prá delegacia, Marcelino, mas o coroné disse que vai intercedê por nós.

- Entaoes bamo obedecê os homi, muié.

Dona Alvina ainda conseguiu dar-lhes algumas peças de roupa antes de serem conduzidos para a delegacia e submetidos a um interrogatório.

Marcelino permaneceu em pé por longos minutos numa pequena sala mal iluminada e de paredes manchadas pela umidade. Enquanto aguardava, mentalmente se preparava para as possíveis perguntas que as autoridades policiais iriam lhe fazer. Pouco depois, entraram no recinto dois sujeitos cujo aspecto e trajas contrastavam enormemente com o estado miserável de Marcelino. Eles usavam ternos claros e um deles carregava um cigarro entre os dedos. Após uma longa e demorada tragada, perguntou ao sertanejo:

- Sua graça?

- Marcelino de Oliveira, dotô. — respondeu o caboclo, com os olhos escondidos em algum ponto do chão sujo da sala.

- Muito bem, seu Marcelino. Agora nos responda: vancê fazia parte do movimento dos fanáticos?

- Não, seu dotô! Eu e minha família vivia no reduto à força. Nós era obrigado senão o Adeodato matava a gente! Ele costumava dar cabo de doze a

cada dia só por desconfiança de tárem bombiando pros peludo. Não poupava nem as muié e as criança! Adeodato era o fio do capeta, seu dotô!

O discurso de Marcelino de responsabilizar Adeodato pela sua participação no movimento rebelde e atribuir ao comandante supostas crueldades praticadas no reduto também foi utilizado por outros interrogados como forma de escapar às punições. Isto fez com que a figura do último comandante caboclo sofresse um processo de demonização.



Figura 75 - Rebeldes recém-capturados, dentre eles muitas mulheres e crianças. Foto do arquivo do Exército.

Depois do interrogatório, Marcelino e sua família voltaram à fazenda do coronel Marcondes e submeteram-se novamente à vida de simples empregados que tinham antes. Não foram poucas as vezes que Marcelino negou com olhos escorregadios e pernas trêmulas a um ou mais interlocutores curiosos sobre a sua participação na chamada Guerra do Contestado. E não

foram poucas também as noites em que despertou assustado por terríveis pesadelos que insistiam em lembrá-lo do seu passado como valente Par de França...

Já Benedito da Cruz, outro combatente rebelde, resolveu se esconder no mato com sua mulher Rosalva. Certa manhã, enquanto vagavam em busca de alimento, eles acabaram sendo capturados pelo piquete vaqueano de Pedro Ruivo. Foram levados a um paiol, assim como outros sertanejos rebeldes capturados. Muitos estavam fracos ou doentes e mal podiam manter-se em pé.

Benedito observou que os vaqueanos tinham uma espécie de lista de pessoas e estavam separando-as do grupo maior. Dois vaqueanos então caminharam em sua direção. Benedito sabia que, como par de França, ele era um dos procurados. O caboclo então beijou a sua mulher como se despedindo dela e falou:

- Chegô minha hora, Rosarva. Cuide do nosso fio que vai nascê e não perca a fé em João Maria.

Os vaqueanos se aproximaram dele e um deles disse:

- Este vai pro açougue! – e arrastou Benedito ignorando completamente as súplicas de Rosalva.

- Não levem meu marido!!

O grupo apartado de 81 prisioneiros foi conduzido à sombra de um frondoso pinheiro. Ordenaram que eles formassem uma fila e permanecessem de costas. Benedito permaneceu calmo, ao contrário dos demais que choravam e

suplicavam por suas vidas. Ele olhou para cima, para as pinhas daquela árvore e falou baixinbo:

- Pelo visto, vai dá muito pinhão neste ano.

A certa distância, os vaqueanos apontaram suas armas para eles e os fuzilaram. Os corpos então foram queimados em grandes fogueiras de grimpas de pinheiro.

Esta cena se reproduziu inúmeras vezes naquele período. Os vaqueanos, financiados pelos vingativos coronéis, tornaram-se verdadeiros caçadores de caboclos rebeldes e iniciaram um processo de perseguição e morte por toda a região contestada.



Figura 76 – Os vaqueanos atuaram no processo de extermínio dos caboclos rebeldes, principalmente no período pós-guerra.

Foto de Claro Jansson.

Apesar de derrotado, das dificuldades e suplícios de passar dias e dias no mato e, a cada instante, ter que esconder-se dos piquetes vaqueanos, Adeodato não conseguia esquecer sua amada Mariazinha. Onde ela estava? O que aconteceu a ela? Estava bem? Decidiu ir à casa de Pedro Alonso, padrinho da jovem.

Pedro Alonso estava capinando em uma pequena roça, perto de sua casa, quando avistou Adeodato aproximar-se. Ele estava abatido e maltrapilho, mas ainda permanecia cuidadoso e alerta.

- Adeodato?

- Buenas, seu Pedro. Tem um prato de comida? Tô sem comê faiz três dia.

- Tenbo sim. Fique me esperando naquele capão ali que eu vô arranjà alguma coisa prá vancê!

Pouco depois, Pedro Alonso apareceu na mata trazendo um prato de comida e uma colher. O homem observava Adeodato comer em fartas colheradas. Ele estava realmente faminto. Então o ex-chefe rebelde lhe perguntou:

- E Mariazinha?

- Não vi mais a moça. Dizem que os soldado levaram na garupa.

Adeodato permaneceu paralisado por alguns segundos. Pedro Alonso notou que seus olhos se encheram de água. Nem mesmo a brutalidade da guerra conseguiu fazê-lo esconder a tristeza de estar separado, provavelmente para sempre, da sua amada.

- *Agora que armoçó, qué um mate?*

- *Não, seu Pedro. Vô tomá meu rumo! Deus lhe pague!*

Semanas mais tarde, quando o inverno lançava suas primeiras geadas por sobre o planalto catarinense, um menino chamado Joaquim avistou Adeodato cozinhando feijão em uma velha panela de ferro armada sobre uma fogueira feita na clareira da mata. O menino reconheceu-o e contou a seu pai, Simão Pinto, que chamou um colega e, bem armados, aventuraram-se em capturar o mais temível dos rebeldes. Foram à clareira onde Adeodato tinha sido visto, mas não o encontraram.

- *Cadê o bandido que não achamos mais?* – exclamou Simão.

- *O bandido tá aqui!* – respondeu Adeodato, saindo detrás de um arbusto.

Ele rendeu-se pacificamente e foi levado à vila de Canoinhas. Não demorou para o jornal local estampar em primeira página: “O demônio está encarcerado; é ele mesmo em carne e osso”. Após ser interrogado, foi conduzido sob forte escolta para a cadeia de São Francisco, pois as autoridades temiam que dali ele pudesse escapar.

Da pequena janela gradeada da prisão, Adeodato acompanhava o ruído das carroças, dos transeuntes e dos veículos motorizados que transitavam pelas ruas de São Francisco. Aqueles sons lembravam-no o quanto ele estava sozinho e longe de casa. Sentiu uma profunda tristeza e, para aliviá-la, começou a cantarolar e improvisar uma décima, como costumava fazer quando adolescente.

Ele então ouviu os passos de dois homens caminharem pelo estreito corredor da prisão e pararem diante de sua cela suja e mal iluminada. O caboclo permaneceu na mesma posição: recostado na parede e voltado para a pequena janela. Um deles era o carcereiro e o outro um jornalista de nome Manoel Paes de Assunção que veio de Florianópolis especialmente para entrevistá-lo.

- Tu se chamas Adeodato? – perguntou Assunção, enfiando o rosto entre as grades.

- Desde que nasci. – respondeu o caboclo, voltando-se para os olhos curiosos de seu interlocutor.

- Vá com calma, chefe. Dizem que esse sujeito aí é degenerado. Todo cuidado é pouco. – avisou o carcereiro, afastando Assunção das grades.

Mas o jornalista não conseguiu esconder a surpresa causada pela aparência de Adeodato, pois naquela época vigorava uma teoria do criminologista italiano Cesare Lombroso que, segundo ela, certos traços físicos revelariam as tendências criminosas ou não de um indivíduo. E assim ele descreveu Adeodato posteriormente no jornal de Florianópolis:

“Nós, que esperávamos nesse instante o semblante perverso e hediondo de um bandido, cujos traços fisionômicos estivessem a denotar a sua filiação entre os degenerados e os desclassificados do crime, víamos, pelo contrário, diante de nós, um mancebo em todo o vigor da juventude, de uma compleição física admirável,

esbelto, fronte larga, lábios finos, o superior vestido de um buço pouco denso, cabelos negros, olhos de castanhos pequenos e brilhantes, dentes claros, perfeitos e regulares, ombros largos, estatura mediana, tez acabocladada e rosto levemente alongado.”

Fonte: Jornal O Estado (Florianópolis) de 12/08/1916.



Figura 77 – Única foto de Adeodato, já na prisão de Florianópolis. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 133.

De São Francisco, o prisioneiro foi enviado de navio à capital. A notícia de que Adeodato viajava para Florianópolis a bordo do navio a vapor "Max" fez com que o trapiche de Rita Maria ficasse abarrotado de gente ansiosa por ver de perto o famoso rebelde. A polícia, porém, foi ao encontro do vapor e trouxe o preso em uma lancha, desembarcando-o no Trapiche da Praia de Fora, local hoje conhecido como avenida Beira-Mar Norte.

Dias depois, as autoridades policiais organizaram um interrogatório no qual estavam presentes muitas pessoas ligadas à imprensa. Era grande a expectativa de todos em ver o famoso líder sertanejo.

Enfim entrou Adeodato na ampla sala onde ele prestaria depoimento ao chefe de polícia. O caboclo estava acompanhado por outros dois policiais. Usava uma roupa de brim suja, estava descalço e com barba de uma semana. Apesar de estar naquelas condições, o sertanejo novamente impressionou a sua plateia.

Ele postou-se com as mãos cruzadas sobre seu tórax avantajado e voltou-se para o delegado. Os presentes permaneceram por alguns segundos observando aquele homem de cor bronzada, cabelos negros vívidos e porte atlético que fez muitos associarem-no a um guerreiro guarani.

Ao iniciar-se o interrogatório, uma inesperada áurea de tranquilidade dominou o semblante do caboclo enquanto ele respondia às perguntas. Procurou não revelar as pessoas que apoiaram o movimento nem aquelas que lhe ajudaram a se refugiar da polícia. Porém, após ouvir Adeodato confirmar as

mortes de sua mulher, do negro Germano e de outros líderes caboclos adversários, o delegado resolveu lhe perguntar:

- O senhor mandou também matar crianças?

Á esta pergunta, Adeodato reagiu de forma diferente. Num tom que oscilou entre a tristeza e a indignação, ele rebateu:

- Sempre agradei as criança. Nunca matei ou mandei matá!

Após outros cansativos interrogatórios, Adeodato foi mandado a Curitiba e julgado numa rápida seção no dia 9 de novembro de 1916. Como não tinha advogado, o juiz escolheu, meia hora antes do julgamento, o capitão Cornélio de Haro Varela, coincidentemente amigo de coronel Albuquerque. Logo depois de receber a sentença que o condenava a trinta anos de reclusão pelo ataque a Rio Bonito, Adeodato levantou um dos braços para o alto e gritou cheio de sarcasmo:

- Trinta anos de cadeia! Eu vô cantá!

Por medida de segurança, decidiram mandá-lo para Lajes onde ele permaneceu em um cubículo com outros dois presos comuns. Não era raro ouvir a voz grave e poderosa de Adeodato ecoando pelas paredes do presídio e cantando décimas improvisadas que denunciavam em tom irônico a política de extermínio praticada pelas forças legais no período do pós-guerra:

Prá tirá os mar do mundo

Tinha feito uma jura

*Ajudei nosso Governo
A quem amo por ternura
Acabei com deiz mir pobre
Que livreí da escravatura
Liquidei todos faminto
E os doente sem mais cura*

Mas as décimas de Adeodato não serviram apenas como desabafo. O seu canto forte encobria os ruídos que seus companheiros faziam ao utilizarem talheres para cavar ao redor de uma enorme pedra que compunha uma das paredes da cela. Um trabalho lento de remoção que durou meses.

Numa noite de tempestade, aproveitando-se novamente do barulho produzido pelos ventos e trovoadas, Adeodato e seus dois companheiros de cela enfim retiraram a enorme pedra da parede, que pesava cerca de 70 quilos, e escaparam pelo buraco. Adeodato seguiu para a região do Serrito, mas foi recapturado por uma escolta de oito soldados da polícia militar. Removeram-no novamente para a cadeia pública de Florianópolis a fim de cumprir o resto da pena.

Na manhã do dia 23 de janeiro de 1923, Adeodato percebeu que a porta de sua cela não fora trancada. Cuidadoso, o caboclo forçou-a e ela abriu. Colocou sua cabeça para fora e viu que o corredor estava vazio. Pé após pé, ele caminhou até chegar à porta principal. Ao lado dela, pendurado na parede,

um cassete. Armou-se dele e pela fresta da porta descobriu que apenas um soldado guardava a saída. Adeodato ergueu ameaçadoramente o cassete e avançou sobre o sentinela.

Fazendo uso das habilidades que tinha com o facão, desferiu vários golpes no soldado que fugiu aos berros. Adeodato pôde sentir o espírito do combatente sertanejo novamente tomar conta de seu corpo. Aquilo lhe deu certa satisfação.

Dando continuidade a fuga pelo corredor central da penitenciária, o prisioneiro investiu contra outro sentinela que cuidava das armas e arrancou-lhe um fuzil mauser. Naquele instante, surgiram a sua frente três praças e um capitão, alertados de sua fuga. Sem hesitar, Adeodato puxou o gatilho. Destino ou parte de uma armadilha, o fato era que seu fuzil não tinha munição.

Isto deu tempo suficiente para que os soldados pudessem reagir e disparar contra Adeodato. Dois tiros perfuraram seu tórax. Quem os desfechou foi o oficial do dia, o Capitão Trogílio Antônio de Melo. Gravemente ferido, Adeodato caiu ao chão. Foi levado à enfermaria, mas morreu no final daquele mesmo dia.

Enquanto recebia os primeiros atendimentos, foi ainda capaz de observar os raios quentes de sol e a brisa abafada entrarem pela pequena janela gradeada. Não era o mesmo sol e o mesmo vento de sua amada terra de dias frios e recoberta de araucárias. Lembrou-se então de sua cabocla

Mariazinha. Para onde foi levada? Ela estava bem? Adeodato fechou seus olhos e procurou as palavras para compor uma décima de amor que jamais fora ouvida...

Tobias e Ana

“Aí viemos pro sertão, passando a dor da morte”.

Ainda estava escuro. Os primeiros raios de sol despontavam por detrás dos morros. Tonhão do Diabo estava cansado, mas orgulhoso e feliz. Foi tratado como herói pelo exército da República e era dono de gado e terras que o tornavam um dos mais ricos fazendeiros do Paraná. Não via a hora de chegar a sua bela estância em Porto dos Estácios e finalmente possuir Ana, a polaca de olhos azuis que ele desejou como sua mulher desde a época em que era um simples peão de fazenda.

Entretanto, seu estado de êxtase mental foi interrompido quando ele e seu grupo de vaqueanos ouviram tiros nos arredores da casa principal de sua propriedade, onde Ana era mantida aprisionada. A galope rápido, o grupo aproximou-se da residência.

O silêncio que agora reinava na estância não escondeu o que ocorreu minutos atrás, antes do sol raiar. Num primeiro momento, Tonhão pensou em entrar na casa e ver como estava Ana, mas seus instintos logo o advertiram da presença de inimigos no interior de sua morada. Apenas com gestos, ordenou que os vaqueanos cercassem a casa e ficassem a postos. Viu vários corpos de seus capangas espalhados pela propriedade. Um deles, entretanto, ainda se mexia. Tonhão apeou de seu cavalo e cuidadosamente se aproximou

do moribundo com o objetivo de saber quem atacou seus capangas e ainda estava em sua propriedade.

- Quem são os mardito que atacaram a fazenda? – perguntou Tonhão, sustentando a cabeça do homem perto de seu ouvido.

- Uns polaco e o... par de França...o Tobias. – balbuciou o infeliz, antes de perder a consciência.

- Tobias...- grunhiu o líder vaqueano, erguendo-se lentamente diante daquela casa que agora escondia seu maior inimigo e a mulher que mais amava. Um vulto surgiu em uma das janelas e disparou contra ele. Tonhão do Diabo se esquivou da bala que acabou atingindo fatalmente um dos seus capangas. Os outros, por instinto, responderam imediatamente ao ataque atirando contra a casa. Teve início um novo tiroteio. Com a vantagem de estarem protegidos dentro da casa, Tobias e seus companheiros conseguiram abater outros vaqueanos.

- Parem, seus belau! Vão acabá matando a minha muié!! – berrou o líder dos vaqueanos e, voltando-se novamente para a casa, prosseguiu:

– Sei que veio aqui prá buscá a polaca, Tobias. Mais a casa tá cercada, não tem como escapá! Entaonces, te desafio prá um duelo mano a mano. Aquele que vencê, fica com a prenda! O que me diz?

Momentos depois, a porta da frente se abriu e de lá surgiu a figura de Tobias com sua velha espingarda pica-pau nas mãos. Naquele mesmo

instante, apareceram os irmãos de Ana nas duas janelas frontais da casa, empunhando seus rifles winchesters.

- Tá certo! Mas antes, mande seus capanga amontoá as arma na varanda e ficá na frente da casa onde eu possa vê eles!

- Façam o que o piação disse! – gritou o líder dos vaqueanos, sem demonstrar hesitação.

Um a um, os homens de Tonhão deixaram suas armas no chão da longa varanda e se reuniram a poucos metros atrás do seu líder, formando uma sinistra plateia.

- E tem mais uma coisa, nossa peleia vai sé de facção!

- Por mim tudo bem, piação. É vancê que vai morré memo! – respondeu Tonhão, soltando uma gargalhada gutural que foi logo acompanhada pelas dos vaqueanos.

- Ria enquanto pode, fio do tinboso! – disse o jovem caboclo, lançando sua espingarda sobre a pilha de armas e, com a mão direita, desembainhou da cinta seu facção de briga.

Ana não se conteve e, ignorando as ordens de Tobias e de seus irmãos, surgiu em uma das janelas. Começou a chorar e balançar constantemente a cabeça, não acreditando no que estava testemunhando.

O combate teve início. Nos primeiros instantes, Tobias e Tonhão do Diabo apenas se estudaram. Tobias sustentava firmemente seu facção de

madeira com ambas as mãos. Seus olhos oscilavam o foco entre o rosto e as mãos do adversário procurando, dessa forma, antever algum ataque.

Tonhão do Diabo empunhava sua bela espada de metal, presente dado por um oficial do exército pelos seus valorosos préstimos à República. Com um sorriso no canto da boca, encarava Tobias enquanto girava sua espada e a trocava habilmente de mão. Ele começou a se movimentar lenta e suavemente, como uma ave pantaneira, descrevendo um pequeno círculo ao redor do seu adversário.



Figura 78 – Simulação de um duelo entre dois sertanejos após sua rendição às forças do governo, em 1915. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 119.

Mas o período de avaliação terminou. Tobias foi o primeiro a desferir uma série de golpes contra o vaqueano. O homem recuou, conseguiu se defender das primeiras investidas, mas Tobias habilmente girou o corpo e conseguiu passar o facão pelo peito do vaqueano, chegando a arrancar-lhe parte da camisa. Tonhão levou a mão ao tórax, assustado, porém terminou com um sorriso ao mostrar a todos que o facão não foi capaz de ferir o seu corpo.

Tobias esmoreceu. Ana ergueu a cabeça para os céus, pedindo uma intervenção divina. Os irmãos dela começaram a falar sobre uma possível fuga pelos fundos da casa. Os vaqueanos entreolharam-se impressionados e cochicharam entre eles que a história de Tonhão ser protegido por forças malignas era verdadeira.

- Agora é minha vez! – disse Tonhão do Diabo.

O ataque feroz do vaqueano teve início. Tobias sentiu todo o peso da lâmina de aço contra o seu facão de madeira. Os golpes variavam bastante, mas Tobias conseguia bloqueá-los e, sempre que possível, revidava. O entrevero continuou daquela forma por vários minutos até que Tonhão do Diabo chutou o rapaz e, aproveitando-se do momentâneo desequilíbrio, feriu-lhe a perna esquerda.

O rapaz soltou um grito de dor e deu alguns passos para trás. Procurou estancar o sangue pressionando o corte com uma das mãos enquanto mantinha a guarda da melhor forma possível.

O vaqueano deu outra gargalhada, pois sentiu que a luta chegava ao fim. Ana, temendo a morte de Tobias, gritou para ele:

- Acredite em vancê! A fé é que vai te ampará, meu amor!

O rapaz pegou em seu patuá preso ao pescoço e pediu ajuda a João e a José Maria. Fechou os olhos por alguns segundos e, como por encanto, retornou ao velho galpão onde conhecera José Maria. Desta vez, o monge estava sozinho, sentado em um banquinho de imbuia, fumando com seu pequeno cachimbo de madeira vermelha.

- Se aproxegue, meu fño. — disse o homem, calmamente.

- Monge Zé Maria, acho que chegô a hora da minha morte. — disse o rapaz, ajoelhando-se diante dele.

- Uma das coisa mais forte nos home é a sua fé, Tobias. Não tem mar, ódio ou injustiça que dure quando se tem fé e coraje no coração. Lute pelo que vancê acredita! Lute com fé!

A imagem do monge foi gradativamente desaparecendo e, quando Tobias voltou a abrir seus olhos, encarou a espada brilhante de seu inimigo erguer-se novamente contra ele. Bloqueou mais uma investida do vaqueano e, com a outra mão, reuniu suas forças e deu-lhe um soco na boca. Tonhão recuou alguns passos, atordoado. Um fio de sangue brotou do seu lábio inferior e escorreu pelo queixo. Levou alguns segundos para acreditar que fora incapaz de se esquivar de um simples soco e, o pior, terminar ferido.

- Prá cima dele, Tobias! — gritaram Pedro e Miguel.

O antigo Par de França lançou-se sobre o inimigo com uma fúria e determinação jamais vistos. Não restou outra opção a não ser Tonhão do Diabo defender-se desesperadamente dos golpes de facão e recuar a ponto dos dois entrarem na casa principal da fazenda. Ana, Pedro e Miguel testemunharam o líder dos vaqueanos ter a sua espada arrancada das mãos e cair no chão, derrotado.

Ao encarar Tobias prestes a dar-lhe o golpe fatal, Tonhão do Diabo tratou de recitar, num ritmo cada vez mais rápido, palavras estranhas que não pertenciam a nenhuma língua falada pelos homens. Possuídos por uma força sobrenatural, os móveis e então toda a casa começou a estremecer.

- Saiam daqui! Agora! – gritou Tobias para Ana e seus irmãos.

Alguns lampiões acesos, presos às paredes, desprenderam-se e quebraram no chão liberando querosene o suficiente para dar início a um incêndio que logo se alastrou pelo rancho, cercando os dois duelistas.

- O rancho tá tomado pelo capeta! – berraram alguns vaqueanos, ao verem uma fumaça negra escapar pelas portas e janelas.

- Temo que sarvá o Tobias! – gritou Ana, nos braços de Miguel que a impedia de voltar para a casa.

- Eu faço isso, mana! – respondeu Pedro, precipitando-se para o interior do rancho dominado pelas labaredas que o consumiam rapidamente. Momentos depois, o polaco reapareceu na varanda, levando Tobias sobre os ombros. Para alívio de Ana, ele ainda estava vivo, apenas inconsciente.

Nenhum dos vaqueanos, por outro lado, quis salvar seu comandante. Eles acharam o resgate arriscado demais e tiveram medo de serem surpreendidos pelas forças do mal. Permaneceram imóveis, testemunhando o grupo de Tobias afastar-se rapidamente dali enquanto o rancho era reduzido a escombros fumegantes.

Horas depois, os capangas do Antônio do Diabo começaram a discutir sobre o que fariam de suas vidas a partir daquele dia. Muitos falaram até em partilhar o numeroso e cobiçado gado que havia na estância já que Tonhão estava morto e há muito tempo não tinha contato com sua família.

Ainda reunidos em frente do que restou da casa principal, eles acabaram escutando estranhos ruídos vindos debaixo dos escombros. De repente, uma mão enegrecida ergueu-se dentre a madeira queimada. Era a mão de Tonhão do Diabo!

- O homi tá vivo! — exclamaram os vaqueanos. Apressaram-se em retirá-lo dos escombros que ainda cobriam seu corpo.

- Seus bosta! Deixaram eles fugi! — foram as primeiras palavras de Tonhão, depois de sobreviver incredivelmente àquele incêndio.

O grupo liderado por Tobias chegou a uma encruzilhada. Tobias parou repentinamente, dando a entender que não seguiria com os demais pela estrada que os conduziria até Rio dos Bugres.

- Não vai vortá com nós, Tobias?

- *Eu fui um Par de França, Miguel. Tem muito coroné querendo me dá uma gravata vermelha. É mió eu ir prá bem longe daqui. – fez uma pequena pausa e perguntou, estendendo o braço – Vem comigo, Aninha?*

Ana não respondeu, mas fez com que seu cavalo ficasse ao lado do de Tobias.

- *É bem capaiç do Tonhão ter se safado da morte mais uma vez. E, se isso acontecer, ele e seus capanga vão percurá por Aninha na casa dela! Mió vancêis muda de lugar! – advertiu Tobias.*

- *O pai já tava pensando em i imhora de lá. Agora, tem mais um motivo!*

- *Avise o José prá donde vancêis vão. Anssim a gente pode se visitá mais tarde. – disse Ana.*

Os irmãos de Ana se despediram e continuaram o caminho para casa. Meses depois, Pedro resolveu trabalhar na serraria da Lumber e acabou liderando, juntamente com José, as duas greves dos operários que ocorreriam em 1917 e em 1919. Os grevistas exigiam a saída do médico da empresa, Oswaldo de Oliveira, pois era acusado de ocultar ou alterar as provas necessárias ao pagamento dos seguros de acidentes aos trabalhadores acidentados da Lumber. Além disso, devido ao elevado número de acidentes na serraria, os grevistas reivindicavam também maior segurança tanto na serraria como nos locais de extração da madeira. Muitos foram torturados e perseguidos pela polícia e diretoria da empresa, mas não deixaram de lutar por uma vida melhor. Era apenas o capítulo mais recente de uma longa tradição de luta por direitos e justiça.



Figura 79 - Greve dos empregados da Lumber em 1917. In: CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987, p 147.

Quanto a Tonhão do Diabo, embora tivesse escapado mais uma vez da morte, ficou furioso ao saber que tinham levado a sua amada. Entre berros e palavrões, ele ordenou que se organizassem piquetes e vasculhassem cada palmo da região, pois Tobias, Ana e seus irmãos não deveriam estar muito longe. Semanas depois, o próprio Tonhão liderou um grupo e voltou à casa dos pais de Ana, mas havia outras pessoas morando lá. Apesar de todo o seu esforço, não encontrou nenhuma pista que o levasse até ela e, frustrado, acabou desistindo.

Sabe-se que Tonhão ganhou respeito da comunidade local e passou a ser chamado de coronel Antônio Zumman. Chegou a casar-se com a filha de

outro rico fazendeiro e teve cinco filhos. Morreu rico e poderoso, mas nunca viveu um verdadeiro amor.

Já o falso frei, Dorvalino, foi realmente em direção ao mar e se estabeleceu em São Francisco do Sul, litoral catarinense. Casou-se com uma açoriana chamada Maria Augusta Vieira e com ela teve três filhos. Recomeçou sua vida como um simples quitandeiro e, com o passar do tempo e muito trabalho, tornou-se dono de um respeitável mercado.

Costumava ler artigos e livros a respeito da Guerra do Contestado, mas acabava indignado, pois os sertanejos rebeldes eram sempre retratados como bárbaros, jagunços e fanáticos. Certa vez, foi à capital, Florianópolis, tentar publicar seu diário que apresentava outra versão dos fatos ocorridos durante o conflito, mas sua obra foi rejeitada pela imprensa da época e Dorvalino, frustrado, acabou desistindo.

Mas o tempo e várias coincidências fizeram com que o velho diário caísse nas mãos de um de seus descendentes, um jovem aluno do curso de História, chamado Matias. Este reconheceu o valor histórico dos fatos narrados pelo seu bisavô e realizou o sonho de Dorvalino, ao publicar uma obra que marcaria uma nova fase de estudos sobre a Guerra do Contestado.

Tobias e Ana resolveram descer a serra. Foram migrando de fazenda em fazenda, ele trabalhando como peão e ela como cozinheira, em busca de terras devolutas onde pudessem ficar longe das feridas e perigos do pós-guerra. Naquela época, eles tiveram dois filhos: Sebastião e, um ano depois, Joaquim.

Por volta de 1920, o casal adentrou no sertão do Faxinal, localizado a oeste do atual município de Vitor Meireles, na divisa com Itaiópolis. “Era um sertão de azulá” – exclamava Tobias, mas eles conseguiram se adaptar e improvisaram seu primeiro rancho com papuã, pau lascado e xaxim baiano.

Mais tarde, Tobias derrubou um pinheiro. Com as tabuinhas feitas da árvore, ele pôde fazer uma casa melhor. A seguir, o caboclo conseguiu pregos e usou-os nas tábuas da casa. Agora sim, podiam dormir tranquilamente sem se preocupar com os perigos da mata. Fizaram uma rocinha na qual plantavam milho, feijão, abóbora, batata eaipim. A carne vinha dos animais silvestres.

Tobias costumava caçar veado, cutia, porco do mato, anta e macaco. Certa tarde, o caboclo decidiu levar seus filhos para prosseguir os ensinamentos sobre a arte de caçar no mato. De repente, os três ouviram um piar longo. Os meninos apontaram para o céu, na direção de um gavião que plainava suavemente no ar. Tobias reconheceu a ave e sorriu. Ela costumava trazer boas novas.

Minutos depois, eles avistaram outras famílias de caboclos que, assim como Tobias, afastaram-se gradativamente da região do Contestado. Tobias os recebeu carinhosamente e os convidou para erguerem seus ranchos nas proximidades de sua casa. O caboclo não cabia em si de tanta alegria, pois via o nascimento de uma comunidade que, embora longe do planalto catarinense,

poderia manter vivas suas tradições e, principalmente, a sua fé em João e José Maria.

Assim como as personagens do seu Maneco, dona Conceição, dos jovens Tobias, José e do bandido Antônio do Diabo, inúmeros caboclos que habitavam a região do Contestado durante o período de 1912 a 1916 tiveram suas vidas profundamente transformadas por uma nova ordem econômica que se impôs de forma brutal e não respeitou usos, costumes e crenças há muito tempo estabelecidos pelos moradores sertanejos.

A formação dos redutos e posteriormente as investidas contra as forças do governo foram as respostas encontradas pelos sertanejos rebeldes na tentativa de defender as suas terras e o seu modo de vida. São, portanto, exemplos que devem servir de inspiração a todos aqueles que desejam lutar por um país mais justo, igualitário e verdadeiramente democrático.



*Figura 80 – Escultura feita pelo artista José (Mano) Alvim na cidade de Irani - SC. Símbolo visual do Movimento do Contestado.
Fonte: www.panoramio.com*

Bibliografia consultada

BORELLI, Romário José. **O Contestado** / Romário José Borelli. – Curitiba: Orion Editora, 2006.

CARVALHO, Setembrino de. **Memórias: Dados para a História do Brasil**. Rio de Janeiro, 1950.

CONTESTADO. [Florianópolis]: Fundação Catarinense de Cultura [Rio de Janeiro]: Fundação Roberto Marinho, 1987.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (Campanha de Canudos)**. / Euclides da Cunha – São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2004.

DLACON, Todd A. **Millenarian Vision, Capitalist Reality – Brazil's Contestado Rebellion, 1912 – 1916**. / Todd A. Diacon. – Duke and London: Duke University Press, 1991.

ESPIG, Márcia Janete. **Os Doze Pares de França no Movimento do Contestado**. *Revista História Catarina, Lajes*, n. 18, Abril, 2010 4.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos.** / José Fraga Fachel. – Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFPR – GS; UFSC, 1995.

FELIPPE, Euclides J. **O Último Jagunço** / Euclides J. Felipe. – Curitiba, SC: Universidade do Contestado, 1995.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916)** / Paulo Pinheiro Machado. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

_____. **Os Caminhos da Guerra do Contestado.** *Revista História Catarina, Lajes*, v. 2, n. 2, Jan/Mar, 2007 1.

MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuza** / Pedro Martins. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado, 1912-1916.** 3. Ed. – São Paulo: Ática, 1981.

SCHÜLER SOBRINHO, Octacílio. **Taipas: origem do homem do contestado** / Octacílio Schüler Sobrinho, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

STULZER, Aurélio. **A Guerra dos fanáticos: 1912 a 1916: a contribuição dos franciscanos.** Vila Velha, ES: [s.n.], 1982. 162 p.

THOMÉ, Nilson. **Capitão Potiguara – herói para o Exército e vilão para o Contestado.** Revista História Catarina, Lajes, n. 17, p. 48-55, mar 2010 3.

_____. **Os Iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado** / Nilson Thomé. Florianópolis: Insular, 1999.

_____. **Uma nova História para o Contestado** / Nilson Thomé. Caçador: Universidade do Contestado / Museu do Contestado, 2004.

TOKARSKI, Fernando. **Dicionário de regionalismos do sertão do Contestado** / Fernando Tokarski: Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. *O tamboreiro de Pedras Brancas / Fernando Tokarski. – Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2009.*

TOMPOROSKI, *Alexandre Assis. O pessoal da Lumber: um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910-1929. Florianópolis, (Mestrado em História) - UFSC, 2006.*

_____. *O Polvo e seus tentáculos: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto Contestado, 1910 – 1940 – tese (Doutorado em História). UFSC. Florianópolis, 2013.*

TONON, *Eloy. Os monges do Contestado: Permanências, predições e rituais no imaginário / Eloy Tonon – Palmas: Kaygangue, 2010.*

VALENTINI, *Delmir José. Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado. / Delmir José Valentini – Caçador (SC): Universidade do Contestado – UnC, 1998.*